

VIAGENS DE GULLIVER

Jonathan Swift

InfoLivros.org



SINOPSE DE AS VIAGENS DE GULLIVER

As Viagens de Gulliver é uma sátira de Jonathan Swift, publicada em 1726. É um clássico da literatura mundial que narra as aventuras que Gulliver viveu involuntariamente como médico de navio.

No total, ele faz quatro viagens nas quais entra em civilizações muito peculiares, como os liliputianos e sua curiosa organização política, ou os Houyhnhnms, cavalos racionais e altamente inteligentes. Embora durante muito tempo tenha sido considerado um livro para jovens, seu conteúdo altamente crítico da sociedade inglesa da época nos leva a concluir que este não é o caso.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [As Viagens de Gulliver por Jonathan Swift em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Gulliver's Travels Author Jonathan Swift](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Los viajes de Gulliver Autor Jonathan Swift](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Voyages de Gulliver Auteur Jonathan Swift](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

PRIMEIRA PARTE

VIAGEM A LILIPUTE

CAPÍTULO I

Naufraga e salva-se a nado chegando ao país de Lilipute - P
rendem -no e conduzem -no para o interior.

MEU pai, cujas propriedades, situadas na província de Nottingham, eram medíocres, tinha cinco filhos; era eu o terceiro. Mandou-me e ele para o colégio Emmanuel, em Cambridge, aos quatorze anos. Permaneci aí três anos, que aprendi com utilidade. Com o, porém, a minha educação fosse muito dispendiosa, puseram-me com o aprendiz em casa do Sr. James Bates, famoso cirurgião de Londres, onde fiquei até aos vinte e um. Meu pai, de tempos a tempos, enviava-me algumas pequenas quantias, que aprendi em aprender pilotagem e outros ramos de matemáticas mais precisos aos que manifestam o desejo de viajar pelo mar, pois eu supunha ser essa a minha vida futura.

Deixando a companhia do Sr. Bates, voltei para casa de meu pai, e, tanto dele como de meu tio John e de outros parentes, consegui arranjar a quantia de quarenta libras esterlinas por ano para a minha subsistência em Leyde. Entreguei-me e apliquei-me ao estudo da medicina durante dois anos e sete

m eses, convencido de que tal estudo, algum dia, me seria útil nas minhas viagens.

Pouco depois do meu regresso de Leyde, pela boa recomendação do meu excelente professor, o Sr. Bates, consegui emprego de cirurgião no Andorinha, no qual embarquei por três anos e meio, sob as ordens do comandante Abrahão Panell. Entretanto, viajei pelo Levante e proximidades.

Quando voltei, resolvi fixar residência em Londres, e o Sr. Bates animou-me a tomar essa resolução, recomendando-me aos seus clientes. Aluguei parte de um palacete situado no bairro Old-Jewry e pouco depois espousei Maria Burton, segunda filha de Eduardo Burton, negociante da rua de Newgate, a qual me trouxe quatrocentas libras esterlinas de dote.

Mas, passados dois anos, o meu querido professor, senhor Bates, faleceu e, faltando o meu protetor, a minha clientela principiou a diminuir. A minha consciência não me consentia imitar o modo de proceder da maior parte dos cirurgiões, cuja ciência é deveras semelhante à dos procuradores: esta a razão por que, consultando minha mulher e alguns dos meus íntimos, resolvi fazer nova viagem por mar.

Fui, depois, cirurgião em dois navios, e muitas outras viagens que fiz, durante seis anos, às Índias orientais e ocidentais, aumentaram um pouco a minha fortuna.

Empreguei os meus ócios em ler os melhores autores antigos e modernos, levando sempre comigo certo número de livros, e, quando vinha à terra, não descurava de notar os usos e costumes dos povos, aprendendo, simultaneamente, a língua do país, o que se me tornava fácil, visto possuir boa memória.

Tendo sido pouco feliz numa das minhas últimas viagens, aborreci-me do mar e deliberei meter-me em casa com minha mulher e meus filhos. Mudei de residência e fui de Old-Jewry para a rua de Fetter-Lane e, daí, para Wapping, na esperança de praticar com os marinheiros, mas tal não aconteceu.

Depois de, baldadamente, ter esperado três anos que os meus negócios melhorassem, aceitei vantajoso partido, que me foi oferecido pelo capitão Guilherme e P. Richard, que ia partir no Antílope, em viagem para o mar do Sul. A 4 de Maio de 1699,

em barcám os em Bristol e a nossa viagem foi, a princípio, muito feliz.

Ociosos se tornamos a achar o leitor com a enorme enorização das nossas aventuras por esses mares; basta apenas dizer-lhe que, ao passarmos pelas Índias orientais, fomos acometidos por um temporal de tamanha violência que nos lançou para o noroeste da terra de Van Diemen. Por uma observação que fiz, notei que estávamos a 30,2 de latitude meridional. Da tripulação haviam morrido doze homens em virtude do exaustivo trabalho e da má alimentação. A 5 de Novembro, que era o princípio do estio naqueles países, o tempo estava um pouco escuro, e os marinheiros avistaram uma rocha que se achava afastada do navio apenas o comprimento de um cabo; mas o vento era tão forte, que fomos impelidos diretamente contra o escolho, onde chocamos num momento. Eu e mais cinco companheiros saltamos para uma lancha e, à força de remar, conseguimos livrar-nos do navio e do escolho. Navegamos, assim, perto de três léguas, mas por fim o cansaço não nos deixou mais remar; completamente extenuados, deixamos-nos levar ao sabor das vagas e em breve uma nortada rijá virou-nos a lancha.

Desconheço qual tivesse sido a sorte dos meus com panheiros de lancha, nem dos que se salvaram do escolho, ou ainda dos que ficaram no navio, mas desconfio que pereceram todos; quanto a mim, nadei ao acaso e fui levado para terra pelo vento e pela maré. De vez em quando estendia as pernas a ver se encontrava fundo; por fim, estando quase exausto, tomei pé. Por então, o tempo já era ruim. Com o declive era um tanto insensível, caminhei perto de meia légua pelo mar, antes que pusesse pé em terra firme. Andei quase um quarto de légua sem avistar casa alguma, nem encontrar vestígios de habitantes, embora esse país fosse muito povoado. O cansaço, o calor e o meio quartinho de água quente que beberei ao deixar o navio, tinham-me dado sono. Deitei-me na relva, que era de uma finura extrema, e pouco depois dormi profundamente. Dormi durante nove horas seguidas. Ao cabo desse tempo, acordei, tentei levantar-me, mas em vão o fiz. Vi-me deitado de costas, notando também que as pernas e os braços estavam presos ao chão, assim como os cabelos. Cheguei a observar que muitos cordões delgadíssimos me rodeavam o corpo, das axilas às coxas. Só podia olhar para cima; o sol começava a aquecer e a sua forte claridade feria-me a vista. Ouvei um confuso rumor em torno de mim, mas na posição em que me encontrava só podia olhar para o sol. Em breve, porém, senti-me over-se qualquer coisa em cima da minha perna

esquerda, coisa que me avançava suavemente sobre o peito, e me subia quase ao queixo. Qual não foi o meu espanto quando enxerguei uma figurinha humana que pouco mais teria de seis polegadas, empunhando um arco e uma flecha, e com uma aljava às costas! Quase ao mesmo tempo os meus olhos viram mais uns quarenta da mesma espécie. Desatei de repente a soltar gritos tão horríveis, que todos aqueles animáculos fugiram aterrorizados, e mais tarde soube que alguns caíram de cima do meu corpo, com tal precipitação, que ficaram gravemente feridos. Apesar disso, tornaram daí a pouco, e um deles teve o arrojo de chegar tão perto, que vi a minha cara; levantou as mãos e os olhos com ar de admiração, e, por fim, com voz esganiçada mas nítida, exclamou: Hekinah Degul, palavras que os outros repetiram muitas vezes, mas cujo sentido me não foi lícito desvendar.

Entretanto, conservava-me admirado, inquieto, perturbado, e o leitor ponha-se no meu caso e veja se não era de fato uma situação crítica.

Por fim, forçando-me a readquirir liberdade, tive a sorte de arrancar do chão as estacas que prendiam à terra o meu braço direito, porque, soerguendo-me um pouco, dei por que me

tinham preso e cativo. Ao mesmo tempo, com um forte repelão, que me causou extrema dor, alarguei um pouco os cordões que prendiam os meus cabelos do lado direito, (cordões mais finos do que os meus próprios cabelos) de modo que me encontrei em condições de dar à cabeça um movimento livre.

Então, aqueles insetos humanos puseram-se em fuga, soltando agudíssimos gritos. Assim que cessou aquele ruído, ouvi um deles exclamar: Fogo fônico, e, em seguida, senti a mão cravada de mais de cem flechas, que me picavam como se fossem agulhas. Deram depois nova descarga para o ar, assim como nós na Europa atiram os bombas, e, ainda que não as visse, é de supor que algumas caíssem parabólicamente sobre o meu corpo e sobre minha cara, que eu diligenciava tapar com a mão direita. Assim que terminou aquela granizada de flechas, tentei novamente libertar-me; mas uma outra descarga, maior do que a primeira, se fez ouvir, enquanto outros tentavam ferir-me às lançadas; por felicidade, trazia vestida uma impenetrável roupa de pele de búfalo. Pensei que o melhor era conservar-me quieto e naquela posição até à noite; nesse instante, libertando o meu braço esquerdo, poderia pôr-me completamente em liberdade, e, com respeito aos habitantes, era com razão que me supunha de uma força igual aos mais poderosos exércitos que viessem atacar-me, desde que seus componentes fossem do tamanho

daqueles que vira até então. Outra, porém, era a sorte que me aguardava.

Quando me viram tranqüilo, deixaram de me assediar com flechas; mas,

pelo rumor que ouvi, compreendi que o seu número aumentava consideravelmente e, perto de duas toesas, defronte do meu ouvido esquerdo, senti um ruído durante mais de uma hora como de pessoas que trabalhavam. Por fim, voltando um pouco a cabeça para esse lado, tanto quanto me permitiam as estacas e os cordões, vi um tablado erguido pelo meio do chão, onde quatro desses homenzinhos poderiam caber, e uma escada que lhes dava acesso; daí, um deles, que parecia ser pessoa de importância, dirigiu-me um longo discurso, de que não percebi palavra. Antes de principiar, exclamou três vezes: Langro Dehul san. Estas palavras foram, em seguida, repetidas e explicadas por sinais para que eu as compreendesse. Depois, cinquenta homens avançaram e cortaram os cordões que seguravam a parte esquerda da minha cabeça, o que deu ensejo a que eu pudesse movê-la livremente para a direita e observar a cara e o gesto daquele que falava. Pareceu-me ser de meia idade e, de estatura maior do que os três que acompanhavam, um dos quais, que tinha o aspecto de pajem, lhe segurava a cauda da boca, enquanto os outros dois perm

aneciam de pé, aos lados, para o am parar. Pareceu-me bom orador e conjecturei que, segundo as regras da arte, misturava na sua arenga períodos cheios de am eações e de prom essas. Respondi em poucas palavras, ou, melhor exprimindo, por um pequeno número de sinais, mas de um modo cheio de submissão, erguendo a mão esquerda e os dois olhos ao sol, com o que a tom á-lo por testemunha de que morria de fome, pois já não comia havia algum tempo. O meu apetite era, de fato, tão violento, que não pude deixar de fazer ver a minha impaciência, (talvez contra os preceitos da civilidade), levando várias vezes a mão à boca para dar a perceber que carecia de alimento.

O Hurgo, (é assim que entre eles se designa um fidalgo, com o mais tarde soube), percebeu-me às maravilhas. Desceu do tablado e deu ordem para que encostassem a mim muitas escadas de mão pelas quais subiram mais de cem homens, que se dirigiram para a minha boca, carregados de cestos cheios de viandas. Notei que havia carnes de diversos animais, mas não pude distingui-las pelo sabor. Eram quartos parecidos com os de carneiro, e magnificamente preparados, mas menores do que as asas de uma cotovia; enguli-os aos dois e aos três com seis pães. Forneceram-me tudo isso, dando grandes mostras de assombro e de admiração da minha estatura e do meu prodigioso apetite. Fazendo-lhes um outro sinal para lhes dar a

entender que me faltava de beber, conjecturaram, pela maneira por que comia, que uma pequena quantidade de bebida me não satisfaria; e, como eram um povo interessante, levantaram com muita agilidade um dos maiores tonéis de vinho que possuíam, vieram -no rolando até a minha mão e destaparam -no. Bebi-o de um trago e com grande prazer. Trouxeram -me outro, que levou o mesmo caminho, e fiz-lhes vários sinais para que me trouxessem mais alguns.

Depois de me terem visto praticar todas aquelas maravilhas, soltaram gritos de alegria e desataram a dançar, repetindo muitas vezes, como a princípio haviam feito: Hekinah Degul. Pouco depois ouvi uma aclamação geral com freqüentes repetições das palavras: P eplom Selan, e senti ao lado esquerdo muita

gente alargando-me os cordões, de tal maneira que me encontrei em estado de me voltar e de satisfazer o desejo de urinar, função que efetuei com grande admiração do povo que, adivinhando o que ia fazer, fugiu impetuosamente para a direita e para a esquerda, a fim de evitar o dilúvio. Alguns tempo antes tinham-me caridosamente untado o rosto e as mãos com uma pomada de aroma agradável que, em pouquíssimo tempo, me curou das picadas das flechas. Estas circunstâncias, reunidas às bebidas que me deram, predisuseram-me para

dormir; o sono durou oito horas seguidas, em virtude do imperador ter ordenado aos médicos que me deitassem drogas soporíficas no vinho.

Enquanto dormia, o imperador de Lilipute, (tal era o nome desse país), ordenou que me conduzissem ao lugar em que se encontrava. Esta resolução parecerá talvez arrojada e perigosa, e estou certo de que soberano algum da Europa a levaria a bem; no entanto, a meu ver, era um desejo igualmente prudente e perigoso, porque, no caso em que esse povo tivesse tentado matar-me com as suas lanças e as suas flechas enquanto dormia, seria imediatamente despertado à primeira sensação de dor, o que excitaria a minha cólera e aumentaria as minhas forças a tal ponto, que me encontraria em estado de quebrar o resto dos cordões e, após isso, com o meu e não pudessem resistir, seriam todos esmagados por mim.

Fizeram trabalhar à pressa cinco mil carpinteiros e engenheiros para construir um carro: era uma viatura com o tamanho de três polegadas, com sete pés de comprimento por quatro de largura, e com vinte e duas rodas. Assim que o deram por concluído, conduziram-no ao lugar em que me encontrava. Apesar da dificuldade, porém, estava em

levantar-me e colocar-me naquele carro. Com esse fito, fincaram no chão oitenta varas, tendo cada uma a dois pés de altura; cada uma a delas era unida, na ponta, de uma a roldana pela qual passavam cordas muito fortes, da grossura de uma a gaita, com ganchos que iam prender-se em cintos que os operários haviam colocado em volta do pescoço, das mãos, das pernas e de todo o corpo. Novecentos homens dos mais robustos foram empregados a puxar as cordas por meio de um elevado número de polés ligadas às varas, e, por essa forma, em menos de três horas, fui levantado, colocado e ligado à máquina. Sei tudo isso pela narração que depois me fizeram, porque, enquanto durou aquela manobra, dormia eu profundamente. Quinhentos cavalos, dos maiores que existiam nas cavaliças imperiais, tendo cada um a altura de quatro polegadas e meia, foram atrelados ao carro, e arrastaram-no na direção da capital, que ficava à distância de um quarto de légua.

Tinha já quatro horas de caminho, quando fui subitamente acordado por um acidente deveras ridículo. Os condutores haviam parado para arranjar qualquer coisa, e uns três habitantes do país tiveram a curiosidade de examinar o meu rosto enquanto dormia; e, avançando cautelosamente até à minha cara, um deles, capitão dos guardas, enfiou a aguda ponta da alabarda na minha venta esquerda, o que me fez com ichão no nariz,

acordou-me e obrigou-me a espirrar três vezes. Caminhávamos durante o resto do dia e acampávamos à noite, com quinhentos

guardas, metade com arcos e metade com flechas, prontos a descarregá-las ao primeiro movimento que eu fizesse.

No dia seguinte, ao romper do sol, continuávamos a nossa rota e chegávamos ao meio-dia a cem toesas das portas da cidade. O imperador e toda a corte saíram para nos ver; mas os oficiais não consentiram que Sua Majestade arriscasse a sua pessoa em subir para o meu corpo, com muitos outros o haviam feito.

No sítio em que o carro parou, havia um antigo templo, tido com o maior de todo o império, que, segundo o preconceito daquela gente, fora profanado com um crime de homicídio, e, por esse motivo, era empregado para diversos usos. Ficou resolvido que eu ficaria alojado naquele vasto edifício. A porta grande, que dava para o norte, tinha aproximadamente seis palmos de altura e quase três de largura; aos lados, havia uma pequena janela de seis polegadas. À esquerda, os serralheiros do imperador aplicaram noventa e uma correntes, parecidas com as que as damas da Europa costumam usar nos relógios, e

quase tão grossas; e com trinta e seis cadeados me prenderam a perna esquerda. Em frente do templo, do outro lado da estrada, à distância de vinte pés, havia um a

torre que devia ter uns cinco pés de altura; era aí que o soberano devia subir com muitos dos principais senhores da sua corte para, com o mesmo ente, ver-me e à sua vontade. Conta-se que mais de cem mil habitantes saíram da cidade, atraídos pela curiosidade, e, apesar dos meus guardas, não foram menos de dez mil, suponho eu, os que, por diversas vezes, subiriam com escadas acima do meu corpo, se se não publicasse um decreto do conselho do Estado proibindo que tal coisa se fizesse.

Não é possível imaginar-se o barulho e o espanto do povo, quando me viu de pé e a caminhar: as correntes que me prendiam o pé esquerdo tinham pouco mais ou menos seis pés de comprimento, e davam-me liberdade de ir e vir, descrevendo um semicírculo.

CAPÍTULO II

O imperador de Lilipute, acompanhado de muitos dos seus cortesãos, veio visitar o autor na sua prisão - Descrição da personalidade e do traje de Sua Majestade - Sábios nomeados para ensinar o idioma do país ao autor - São-lhe concedidas algumas graças em virtude da sua conduta pacífica - As algibeiras são-lhe revistadas.

A primeira vez que o imperador, a cavalo, me veio visitar, ia-lhe sendo funesta, porque, ao ver-me, o cavalo, espantado, encabritou-se; o príncipe, porém, que é um excelente cavaleiro, firmou-se bem nos estribos até que a sua comitiva correu e lhe segurou o freio ao cavalo. Sua Majestade, depois de pôr o pé em terra, examinou-me por todos os lados com grande admiração, mantendo-se sempre, contudo, por precaução, fora do alcance da minha corrente.

A imperatriz, as princesas e os príncipes de sangue, acompanhados de muitas damas, sentaram-se a alguma distância em cadeiras de braços.

O imperador é o homem mais alto de toda a sua corte, o que o faz temido de todos os que o olham. As feições do seu rosto são fortes e másculas; lábio austríaco, nariz aquilino e tez esverdeada; é de corpo bem feito, e membros proporcionados; tem graça e majestade em todos os seus movimentos. Tinha já passado a flor da sua mocidade, tendo vinte e oito anos e três quartos, e já reinara sete, aproximadamente. Para o contemplar mais à minha vontade, mantinham e deitado de lado, de maneira que o meu rosto estivesse paralelo ao seu, enquanto ele se conservava a toa e meia longe de mim. Depois disso, tive-o muitas vezes à minha mão e por essa circunstância não é fácil enganar-me e me descrevê-lo. O seu traje era simples, mas europeu, mas asiático; mas cingia-lhe a cabeça um ligeiro elmo de ouro, ornado de jóias e de um magnífico penacho. Em punhava a espada para se defender, caso eu quebrasse as minhas cadeias. Esta espada devia ter o tamanho de três polegadas; o punho e a bainha eram de ouro e cheios de diamantes. A sua voz era áspera, mas clara e distinta, e podia ouvi-lo à vontade, e bem o reme conservasse de pé. As damas e os cortesãos vinham todos soberbamente trajados, de modo que o lugar ocupado por toda a corte parecia a meus olhos como que uma bela saia estendida no chão e bordada com figuras de ouro e prata. Sua Majestade imperial concedeu-me a honra de falar comigo muitas vezes: e eu sempre lhe respondi, sem que nos entendêssemos os um ao outro. Ao cabo de duas horas, a

corte retirou-se e deixaram -m e num erosa guarda para im pedir a im pertinência e, quiçá, a m aldade da populaça, que sentia grande im paciência em am ontoar-se em torno de m im , para m e ver de perto. Alguns tiveram o arrojo e a tem eridade de m e alvejar com flechas, uma das quais m e ia tirando o olho esquerdo. O coronel, porém , m andou prender os seis m ais teimosos desta canalha e não julgou pena m ais conveniente para aquele delito do

que entregá-los às m inhas m ãos bem am arrados e tolhidos. Tom ei-os, pois, com a m ão direita e m eti-os todos cinco na algibeira do gibão; quanto ao sexto, fingi querer enguli-lo vivo. O pobre diabo soltava gritos horríveis, e o coronel, juntamente com alguns oficiais, estava sobressaltado, principalm ente quando viu que eu sacava de um canivete. Mas depressa lhe fiz cessar todo o espanto porque, com uma calma suave e humana, cortei rapidam ente as cordas que o prendiam e o coloquei no chão com a m áxima delicadeza, e ele logo fugiu em desabalada carreira. Tratei os outros pela m esma forma, tirando-os da algibeira, um por um . Notei, com satisfação, que os soldados e o povo tinham ficado m uito com ovidos com aquele gesto de humanidade, que foi relatado à corte de um m odo vantaj oso para m im e que m e deu honra.

A notícia da chegada de um homem prodigioso e grande espalhou-se em todo o império e atraía grande número de pessoas ociosas e curiosas, de maneira que as aldeias ficaram quase despovoadas e o cultivo das terras ficaria abandonado, o que seria uma enorme calamidade para o país, se Sua Magestade imperial não providenciasse com a publicação de decretos. Decretou, pois, que todos aqueles que já o tinham visto, voltassem imediatamente para suas casas e não tornassem a aparecer, senão mediante uma licença especial. Essa medida deu enormes lucros aos empregados das secretarias do Estado.

Entretanto, o imperador convocara diversas vezes os conselhos, para deliberar sobre o partido que era preciso tomar a respeito de mim. Soube mais tarde que a corte se tinha visto em sérios embaraços. Receavam que eu quebrasse as correntes e me pusesse em liberdade; diziam que o meu sustento, porque causava uma enorme despesa, viria a produzir carestia e escassez de víveres; por vezes eram de opinião que me deixassem morrer de fome ou então que me atravessassem com flechas envenenadas; refletiram, porém, que a infecção de um corpo como o meu poderia produzir uma epidemia na capital e em todo o império. Enquanto deliberavam, muitos oficiais do exército dirigiram-se para a

porta da antecâmara, onde se reunia o conselho, e logo que dois foram introduzidos, deram conta do meu com portamento com respeito aos seis criminosos, a que já me referi, o que causou uma impressão tão favorável no espírito de Sua Magestade e de todo o conselho, que uma comissão imperial foi logo enviada para obrigar todas as aldeias, a quatrocentas e cinquenta toesas em redor da cidade, a entregar todas as manhas seis bois, quarenta carneiros e outros víveres para meu sustento, com uma quantidade proporcional de pão e de vinho, além de outras bebidas. Esses gêneros seriam pagos com letras do tesouro, que Sua Magestade me andava entregar. Este príncipe tinha apenas de rendimento o das suas terras, e só em ocasiões muito especiais é que criava impostos aos seus súditos, que eram obrigados a acompanhar-lo à guerra à sua própria custa.

Foram designadas seiscentas pessoas para me servirem, as quais tiveram uma gratificação especial para seu passado e tendas muito cómodas, levantadas aos lados da minha porta para residirem.

Também foi ordenado que trezentos alfaiates me fizessem uma roupa à moda do país; que seis homens de letras, dos mais notáveis do império, fossem encarregados de me ensinar a língua e, enfim, que os cavalos do imperador e os da nobreza, fariam muitas vezes exercícios na minha presença para se

costumarem à minha estatura. Todas estas ordens foram pontualmente cumpridas. Fiz grandes progressos no conhecimento da língua de Lilipute. Entretanto, o imperador deu-me a honra de frequentes visitas e também quis auxiliar os meus professores a me instruírem.

As primeiras palavras que aprendi foram para lhe dar a perceber que tinha grande vontade de que me concedesse liberdade, o que todos os dias lhe repetia de olhos. A sua resposta foi que era preciso esperar por algum tempo; que era um assunto que não podia resolver sem ouvir a opinião do seu conselho e que, primeiro, era necessário que eu promettesse, sob juramento, observar uma inviolável paz para com ele e com os seus súditos, e que enquanto esperasse, seria tratado com toda a delicadeza possível. Aconselhou-me a alcançar, pela minha paciência e pelo meu bom comportamento, a sua estima e a do seu povo. Pedi-me que lhe não ficasse querendo mais, se ordenasse a certos oficiais que me revistassem, porque era muito natural que eu trouxesse comigo armas perigosas e prejudiciais à segurança do Estado. Respondi-lhe que estava pronto a despir a roupa e a despejar todas as algibeiras na sua presença. Observou-me que, conforme às leis do império, era preciso que fosse revistado por dois oficiais; que sabia muito bem que tal ato não se devia executar sem meu consentimento,

porém que formava tão bom conceito da minha generosidade e da minha retidão, que confiaria sem receio aqueles indivíduos nas minhas mãos; que tudo o que se me tirasse, me seria restituído fielmente, quando saísse do país, ou que seria indenizado segundo o valor que eu próprio desse.

Quando vieram os dois com issários para me revistar, tomei esses dois cavalheiros nas minhas mãos. Meti-os primeiramente nas algibeiras do gibão, e, depois, em todas as outras. Vinham me unidos de penas, tinta e papel, e de tudo o que viram, fizeram um minucioso inventário; e, assim que concluíram, pediram-me que os pusesse no chão para que fossem dar conta ao imperador do que haviam visto.

Este inventário era assim concebido:

"Em primeiro lugar, na algibeira direita do gibão do grande Homem em Montanha (que assim traduzi as palavras Quimbus Flestrin), após uma minuciosa busca, apenas encontrámos um pouco de fazenda grosseira, demasiado grande para servir de tapete na principal sala de recepção de Vossa Magestade. Na algibeira esquerda, achámos um grande cofre de prata com uma tampa de metal, que nós, com issários, não

pudem os levantar. Pedimos ao citado Homem em Montanha que o abrisse e, entrando um de nós, enterrou-se em pó até ao joelho e esteve a espirrar durante duas horas, e outro, sete minutos. Na algibeira direita do colete, encontrámos um prodigioso mazo com a grossura aproximada

de três homens, amarrado com um cabo muito forte, de substâncias brancas e delgadas, pegadas umas às outras, com grandes figuras negras, que nos pareceram ser de escrita. Na algibeira direita, havia uma grande máquina chata, armada com dentes muito compridos que pareciam a paliçada que há em volta do palácio de Sua Magestade. Na algibeira grande do lado direito do alçapão, (conforme interpretei a palavra ranfalo, pela qual queriam indicar os meus calções), vimos um grande pilar de ferro, lizo, ligado a uma grossa peça de madeira, maior do que o pilar, e de um lado desse pilar havia outras peças de ferro em relevo, que seguravam uma pedra talhada em cunho; não sabemos o que isso era, e na algibeira direita havia ainda uma outra máquina do mesmo gosto.

"Na algibeirinha do lado direito, havia muitas rodelas de metal vermelho e branco e de uma grossura diferente; algumas das rodelas brancas, que nos pareceram ser de prata, eram de tal diâmetro e peso, que eu e meu colega tivemos certa dificuldade em levantá-las. Item, dois sabres de algibeira, cuja

lãm ina se encaixava em um a ranhura do punho e tinha um fio m uito cortante; estavam m etidos num a grande caixa ou estojo o. Havia ainda duas algibeiras a revistar, que eram duas aberturas talhadas no alto do alçapão, m as m uito j untas em virtude do seu ventre, que as com prim ia. De fora do bolsinho direito pendia um a grande corrente de prata, com um a m aravilhosa m áquina na extrem idade. P edim oslhe que tirasse para fora do bolso tudo o que estava preso à corrente, e pareceu-nos ser um globo parte de prata e parte de m etal transparente. P elo lado transparente vim os certas figuras esquisitas traçadas num círculo; j ulgám os que lhes poderiam os tocar, m as os dedos foram retidos por um a substância lum inosa. Aplic á m os essa m áquina j unto aos nossos ouvidos; fazia um ruído contínuo, sem elhante ao de um m oinho d' água, e conj ecturam os que, ou é qualquer anim al desconhecido, ou, então, a divindade que adora; no entanto, inclinam o-nos m ais para esta últim a opinião, porque nos afirm ou, (se nós assim o com prendem os, pois se exprim ia m uito im perfeitam ente), que raram ente fazia qualquer coisa sem que o consultasse; cham ava-lhe o seu oráculo, e dizia que designava o tem po para todas as ações da sua vida.

"Do bolso esquerdo, tirou um a rede que quase podia servir para pescador, porém que se abria e fechava; encontram os-lhe dentro

muitas rodela m aciaças de um m etal am arelo; se são de ouro verdadeiro, devem ter incalculável valor.

"Assim , tendo, para cum prim ento das ordens de Vossa Maj estade, revistado c uida dosa m e nte todas as suas algibeiras, notám os um cinto em volta do corpo, fabricado com a pele de algum anim al prodigioso, do qual pendia, do lado esquerdo, um a espada do tam anho de seis hom ens; enquanto do lado direito, havia um a bolsa repartida em dois com partim entos, podendo cada um conter três súditos de Vossa Maj estade. Num desses com partim entos, havia globos ou balas de um outro m etal m uito pesado, quase do tam anho da nossa cabeça e que exigia um a forte m ão para as levantar; o outro continha um a porção de certos grãos negros, m as relativam ente pequenos e m uito leves, porque podem os conservar na palm a da m ão m ais de cinqüenta.

"Tal é o inventário exato de tudo o que encontrám os no corpo do Hom em Montanha, que nos recebeu m agnificam ente e com o respeito devido à incum bência de Vossa Maj estade.

"Assinado e selado aos quatro dias da nonagésima lua do feliz império de

Vossa Majestade.

Flessen, Frellock, Marsi, Frellock"

Assim que o inventário acima foi lido na presença do imperador, este ordenou-me, em termos corteses, que lhe entregasse todas aquelas coisas uma a uma. Primeiro, pediu o meu sabre: dei ordem a três mil homens das suas melhores tropas, que o acompanhavam, que o rodeassem a certa distância com arcos e flechas; eu, porém, não dei por esse movimento porque os meus olhos estavam fixos em Sua Majestade. Pedi-me, pois, que desembainhasse o meu sabre, que, em bora um pouco enferrujado pela água do mar, estava muito brilhante. Desembainhei-o, e, em seguida, todas as tropas soltaram grandes gritos. Ordenou-me que o desembainhasse e que o lançasse para o chão tão suavemente quanto pudesse, a seis pés de distância, pouco mais ou menos, das

minhas correntes. A segunda coisa que me pediu foram as colunas de ferro ocas, referindo-se às minhas pistolas; apresentei-as e, por sua ordem, expliquei-lhe, conforme pude, o uso, e, carregando-as só de pólvora, avisei o imperador para não

se assustar, e disparei-as para o ar. O assombro, por esta ocasião, foi maior do que quando foi visto o sabre; caíram todos de costas com o que fulminados por um raio, e até o imperador, que era valente, só pôde refazer-se do susto passado certo tempo. Entreguei-lhe as duas pistolas pelo mesmo processo que já tinha usado com o sabre, com os sacos de chumbo e de pólvora, prevenindo-o de que não aproximasse do lume e o saco de pólvora, se não queria que o seu palácio imperial fosse pelos ares, aviso que deveras o surpreendeu.

Entreguei-lhe também o meu relógio, que lhe despertou grande curiosidade, e ordenou que dois dos seus maiores guardas o levassem aos ombros, enfiado numa vara, com o costume de fazer os carregadores em Inglaterra aos barris de cerveja. Estava admirado com o contínuo ruído que fazia e com o movimento do ponteiro que marcava os minutos; podia, muito à vontade, segui-lo com os olhos, pois que aquele povo tinha uma vista mais penetrante do que a nossa. Pedi aos seus doutores que lhe dissessem o que pensavam a esse respeito, o que deu lugar a respostas muito descontraídas, com o que o leitor facilmente calculará.

Depois entreguei as moedas de cobre e de prata, a bolsa, com umas nove grandes moedas de ouro e algumas mais pequenas; o pente, a caixa de prata, de rapé, o lenço e o jornal. O sabre, as

pistolas, os sacos de pólvora e de chumbo foram transportados para o arsenal de Sua Majestade; o resto, porém, foi deixado ficar no sítio em que me encontrava.

Numa bolsa à parte, e que não foi revistada, estavam os óculos, de que às vezes me servia, por ter a vista fraca, um telescópio, com muitas outras bagatelas, que supus não serem de grande importância, pelo que deixei de mostrar aos comissários, temendo que, apreendendo-me as, as perdessem ou estragassem.

CAPÍTULO III

O autor diverte o imperador e os grandes de um e de outro sexo de forma deveras extraordinária - Descrição das diversões da corte de Lilipute - O autor é posto em liberdade, mediante certas condições.

O imperador quis um dia dar-me espetaculosa diversão, em que aquele povo vai além de todas as outras nações que visitei, quer na destreza, quer na magnificência, mas nada me divertiu tanto com o ver os dançarinos de corda fazerem volteios sobre finíssimo fio, com o comprimento de dois pés e onze polegadas.

As pessoas que executam este trabalho são as que aspiram a grandes empregos e se supõem dignos de se tornarem favoritos da corte; com esse intuito se entregam desde tenra idade a esses nobres exercícios, que convêm principalmente aos indivíduos de elevada categoria. Quando um importante cargo está vago, ou pela morte do que o desempenhava ou por ter caído no desagrado do imperador, (o que acontece freqüentemente), apresentam-se uns seis pretendentes, um requerimento para lhes ser concedida licença de divertirem Sua Magestade e a corte com uma dança na corda, e aquele que saltar a maior altura sem cair, é quem conquista o lugar.

Acontece muitas vezes que se ordena também aos grandes magistrados que dançam, para provarem a sua habilidade e para darem a entender ao imperador que não perderam as suas faculdades. Flimnap, tesoureiro-mor do imperio, passa por ter a habilidade de dar uma cabriola na corda, uma polegada mais alto do que qualquer outro grande da corte; viu por várias vezes dar o salto mortal, (a que dão os nomes de somerset), em uma minúscula tábua presa à corda e que não tem mais grossura do que uma guia ordinária.

Essas diversões dão muitas vezes lugar a funestos desastres, a maioria dos quais é registrada nos arquivos imperiais. Eu próprio vi uns três pretendentes ficarem aleijados; o perigo, porém, é muito maior, quando os próprios ministros recebem ordem para mostrar a sua habilidade, porque, fazendo esforços extraordinários, para serem superiores a si mesmos e para colocarem mal os outros, dão quase sempre perigosas quedas.

Asseguraram-me que, um ano antes da minha chegada, Flimnap teria infalivelmente quebrado a cabeça, se um dos coxins do imperador não tivesse salvado.

Há um outro divertim ento; m as esse é apenas para o im perador, a im peratriz e o prim eiro m inistro. O im perador coloca em cim a de um a m esa três fios de seda, separados uns dos outros, com o com prim ento de seis polegadas; um é carm esim ; outro, am arelo; e o terceiro, branco. Os citados fios constituem prêm ios para aqueles a quem o im perador quer distinguir com um a singular dem onstração de sua m agnificência. A cerim ônia realiza-se na grande sala de recepção de Sua Maj estade, onde os concorrentes são obrigados a dar um a prova do seu engenho; e de ordem tal, que nada de sem elhante eu vi em qualquer outro país do velho ou do novo m undo.

O im perador segura um bastão, com as duas extrem idades voltadas para o horizonte, enquanto os concorrentes, adiantando-se sucessivam ente, saltam por cim a do bastão. Algum as vezes, o im perador segura um a ponta e o prim eiro m inistro outra; e outras vezes só o prim eiro m inistro é quem segura.

Aquele que m elhor realiza o salto, dem onstrando agilidade e leveza, é recom pensado com a seda carm esim ; a am arela é dada ao segundo, e a branca, ao terceiro. Estes fios, de que fazem talabarte, servem -lhes depois de ornam ento e, distinguindo-os do vulgo, dão-lhes grande prosápia.

Tendo um dia o imperador dado ordem a uma parte do seu exército, instalado na capital e nos arredores, para estar pronta à primeira voz, quis divertir-se de uma forma muito singular. Ordenou-me que me conservasse de pé com o um colosso, com os dois pés distanciados um do outro, quanto possível, porém sem que essa posição me incomodasse; depois me andou ao seu general, velho capitão muito experiente, que dispusesse em linha de batalha as tropas e que as fizesse passar em revista pelo meio das minhas pernas: a infantaria a vinte e quatro de frente, a cavalaria a dezesseis, tambores a rufar, bandeiras desfraldadas e lanças em continência. O corpo do exército era constituído por três homens de pé e um de cavalo. Sua Majestade fez saber a todos os seus soldados, sob pena de morte, que observassem, com respeito a mim, durante a marcha, o máximo rigor da ordenança, o que, no entanto, não me pediu que alguns oficiais erguessem a cabeça, olhando-me e quando passavam por debaixo. E, para confessar a verdade, os meus calções estavam em tal estado, que lhes dei razão para desatarem a rir.

Tinha apresentado ou enviado tantos memoriais e requerimentos para a minha liberdade, que, por fim, Sua Majestade expôs o assunto, primeiro ante à mesma do desembargo e

depois ao conselho do Estado, onde houve objeção apenas por parte do ministro Skyresh Bolgolam, que, sem razão alguma, se declarou contra mim; todo o resto do conselho, porém, foi-me favorável, e o imperador apoiou esta opinião. O citado ministro, que era galbet, com o quem diz almirante, merecera a confiança do seu amo por ser hábil nos negócios públicos, mas era de índole áspera e excêntrica. Conseguiu que os artigos respeitantes às condições, em que devia ser posto em liberdade, seriam redigidos por ele. Esses artigos foram trazidos pessoalmente por Skyresh Bolgolam, acompanhado de dois subsecretários e de muitas pessoas de distinção. Disseram-me que me com promettesse, sob juramento, a observá-los, juramento feito primeiro à moda do meu país e, em seguida, à maneira decretada pelas suas leis, que consistia em

conservar o artelho do meu pé direito na mão esquerda, em pôr o dedo grande da mão direita no alto da cabeça e o polegar na ponta da orelha direita. Com o, porém, há talvez curiosidade em conhecer o estilo daquela carta e em saber os artigos preliminares da minha libertação, traduzo, aqui, palavra por palavra, todo o documento.

"GOLBASTO MOMAREN EULAMÉ GURDILO SHEFIN MULLY ULLY GUÉ, meu poderoso imperador de Lilipute, as delícias e o terror

do universo, cujos estados abrangem cinco mil blustrugs (ou sejam, aproximadamente, seis léguas em redor) até os confins do globo, soberano de todos os soberanos, mais alto do que os filhos dos homens, cujos pés oprimem a terra até o centro, cuja cabeça chega ao sol, cujo relance de olhos faz tremeter os olhos dos potentados, carinhoso com o primavera, agradável com o verão, abundante com o outono, terrível com o inverno, a todos os nossos fiéis e amados súditos, saúde. Sua Majestade altíssima propõe ao Homem em Montanha os seguintes artigos, dos quais, com o preliminar, será obrigado a fazer a ratificação por juramento solene:

1. O Homem em Montanha não sairá dos nossos vastos Estados sem nossa permissão escrita e autenticada com o nosso selo grande.

II. Não terá a liberdade de entrar na nossa capital sem nossa ordem expressa, a fim de que os habitantes sejam avisados duas horas antes para permanecerem encerrados em suas casas.

III. O referido Hom em Montanha limitará os seus passeios às nossas estradas principais, evitando passear ou deitar-se em algum prado ou seara.

IV. Passeando pelas aludidas estradas, terá o máximo o cuidado possível em não pisar o corpo de algum dos nossos fiéis súditos, nem os seus cavalos ou carruagens e não agarrará nenhum dos nossos súditos, sem que ele o consinta.

V. Se for necessário que algum dos correios do gabinete faça qualquer jornada extraordinária, o Hom em Montanha é obrigado a levar na algibeira o mencionado correio durante seis dias, uma vez em todas as luas, e trazendo-o de novo, são e salvo, à nossa presença imperial, se tal lhe for requerido.

VI. Será o nosso aliado contra os nossos inimigos da ilha de Blefuscu e fará todo o possível para fazer submergir a esquadra que eles atualmente preparam contra o nosso território.

VII. O dito Hom em Montanha, às horas de descanso, prestará o seu auxílio aos nossos operários, ajudando-os a carregar grandes

blocos de pedra para se concluírem os muros do nosso grande parque e outras construções imperiais.

VIII. Depois de ter feito o solene juramento de observar estes artigos, acima decretados, o dito Homem em Montanha terá uma ração de carne todos os dias e bebida suficiente para sustento de mil e oitocentos e setenta e quatro súditos nossos; terá entrada livre perante a nossa individualidade imperial e outras demonstrações do nosso valimento.

"Dado no nosso paço, em Belfaborac, aos doze dias da nonagésima primeira lua do nosso imperio".

Prestei o juramento e assinei todos aqueles artigos com grande alegria, embora alguns não fossem tão honrosos como eu desejava, mas nisso via-se o efeito da malícia do almirante Skyresh Bolgolam.

Tiraram-me as correntes e fui posto em liberdade. O imperador deu-me a honra de assistir à minha libertação. Agradei humildemente a mercê que Sua Majestade me havia feito,

prostrando-me a seus pés, mas ele me andou que me levantasse, nos termos mais amáveis possíveis.

O leitor decerto pôde notar que, no último artigo do auto da minha libertação, o imperador se comprometera a dar-me uma ração de carne e bebida, que poderia bastar para sustento de mil e oitocentos e setenta e quatro Liliputianos. Algum tempo depois, perguntando a um cortesão, meu amigo particular, a razão que determinara aquele alimento, respondeu-me que os matemáticos de Sua Magestade, tomando a altura do meu corpo por meio de um quadrante e calculando a minha grossura, e, achando-a, em relação à sua, com o mil e oitocentos e setenta e quatro estão para um, inferiram da homogeneidade do seu corpo, que eu devia ter um apetite mil e oitocentas e setenta e quatro vezes maior do que o deles.

Por esta exposição pode o leitor avaliar o notável senso daquele povo e a economia sábia, exata e perspicaz do imperador.

CAPÍTULO IV

Descrição de Mildeno, capital de Lilipute, e do palácio do imperador - Conversa entre o autor e um secretário de Estado relativa aos negócios do imperador - Oferecimento que o autor fez ao imperador de servir nas grandes guerras.

O primeiro requerimento que apresentei, depois de ter alcançado a minha liberdade, foi para obter licença de visitar Mildeno, capital do imperador; o imperador deferiu-o, recomendando-me que não causasse dano algum aos habitantes nem tão pouco às moradias. O povo foi avisado, por uma proclamação, do desejo, de que eu estava possuído, de visitar a cidade.

A muralha que a circundava era da altura de dois pés e meio e da espessura de oito polegadas, pelo menos; de maneira que um carro podia andar por cima e dar a volta à cidade com segurança; era flanqueada de fortes torres distanciadas umas das outras dez pés. Passei por cima da porta ocidental e caminhei vagarosamente e de lado pelas duas ruas principais, levando apenas o colete vestido, receando que as abas do gibão fizessem algum estrago nos telhados e beirais das casas. Ia com o máximo cuidado, para que não acontecesse pisar alguma pessoa que se encontravam pelas ruas, apesar das claras

ordens expressas a toda a gente, para que se fechasse em casa enquanto eu andasse de passeio. Os balcões, as janelas dos primeiros, segundos e terceiros andares, as das águas-furtadas ou trapeiras, e os próprios beirais estavam tão apinhados de espectadores, que vi logo ser enorme a população. Esta cidade forma uma espécie de quadrilátero, tendo cada lanço de muralha quinhentos pés de comprimento. As duas ruas maiores têm cinco pés de largura; as ruas pequenas, onde me não foi possível entrar, têm a largura de doze a dezoito polegadas. A cidade pode comportar quinhentas mil almas. As casas têm três ou quatro andares. As lojas e os mercados são bem sortidos. Em outros tempos, havia boa ópera e excelente comédia; com o, porém, a liberalidade do príncipe não abrangesse os atores, decaíram.

O palácio do imperador, edificado no centro da cidade, onde as duas principais ruas se encontram, é rodeado de uma elevada muralha de vinte e três polegadas que está vinte pés distanciada do edifício.

Sua Majestade deu-me licença para eu transpor de uma perna aquela muralha, a fim de ver o seu palácio por todos os

lados. O átrio exterior é um quadrado de quarenta pés e compreende dois outros átrios.

É no m ais interior que ficam os aposentos de Sua Maj estade, que eu tinha grande desejo de ver. Isso era difícil tarefa, visto com o as portas m aiores tinham

apenas dezoito polegadas de alto por sete de largo. Dem ais, as construções do

átrio exterior elevavam -se a cinco pés do terreno e tornava-se-m e im possível dar um a pernada por cim a delas, sem risco de quebrar a lousa dos telhados, enquanto os m uros m e não dessem cuidado por serem solidam ente construídos com pedras de quatro polegadas de espessura. O im perador, entretanto, tinha grande vontade de que eu visse a m agnificência do seu palácio. Só, porém , ao cabo de três dias, é que m e encontrei em estado de satisfazê-lo, depois de haver cortado com o m eu canivete algum as das m aiores árvores do parque im perial, afastado da cidade cinqüenta toesas aproxim adam ente. Dessas árvores fiz dois tam boretes, com três pés de altura cada um e tão fortes que pudessem aguentar-m e o peso do corpo. Sendo a população novam ente prevenida, tornei a atravessar a cidade e dirigi-m e para o palácio, levando na m ão os tam boretes.

Quando cheguei a um dos lados

do átrio exterior, subi para um tam borete e segurei o outro. Passei este por cima dos telhados e coloquei-o delicadamente no chão, no espaço que havia entre o primeiro e o segundo átrio, que tinha oito pés de largura. Em seguida passei muito com cuidado por cima das construções, servindo-me dos tambores e, quando me encontrei do lado de dentro, tirei com um gancho o tam borete que ficara do lado oposto. Deste modo, consegui chegar até o átrio mais interior, onde,

deitando-me de lado, meti a cara por todas as janelas do primeiro andar, que tinham deixado ficar abertas de propósito, e vi os mais magníficos aposentos que imaginar se possa. Vi também a imperatriz e as jovens princesas nos seus quartos, rodeadas da sua comitiva. Sua Alteza imperial dignou-se sorrir-me e graciosamente deu-me, pela janela, a mão para eu beijar. Não posso enriquecer aqui as curiosidades que se encerravam nesse palácio; reservo isso para obra de maior tom e que está quase pronta a entrar no prelo, contendo uma descrição geral desse império desde a sua fundação, a história dos seus imperadores

durante um longo número de séculos, observações sobre as suas guerras, política, leis, literatura e religião do país, as plantas e os animais que aí se encontram, usos e costumes dos habitantes, com muitos outros assuntos prodigiosamente curiosos

e excessivamente úteis. O meu fim agora é, apenas, referir o que me aconteceu durante uma permanência de quase nove meses naquele maravilhoso império.

Quinze dias depois de haver recuperado a liberdade, recebi a visita de Keldersal, secretário de Estado encarregado das missões particulares, que veio apenas acompanhado de um criado. Deu ordem para que o coche o esperasse a certa distância e pediu-me que lhe concedesse uma hora de audiência. Propôs-me deitar-me no chão para que pudesse ficar à altura dos meus ouvidos; ele, porém, preferiu que o tomasse na palma da mão durante a conversa. Principiou por me felicitar pela minha liberdade, dizendo que podia gabar-se de ter contribuído um pouco para tão feliz resultado. Em seguida acrescentou que, se não fora o interesse que a corte tomara, não seria tão depressa que eu a obteria, prosseguindo:

- Em bora o nosso Estado pareça florescente aos olhos do estrangeiro, o que é certo é que tem os dois grandes males a debelar: de dentro, uma poderosa facção; de fora, a invasão de que estão os ameadados por um formidável

inimigo. Com respeito ao primeiro, preciso é que saiba que há setenta luas existem dois partidos contrários neste império,

sob os nomes de Tram ecksan e Slam ecksan, termos derivados de altos e baixos tacões dos seus sapatos, pelos quais se distinguem. Não falta quem seja de opinião, é fato, que os tacões altos são mais conformes à nossa antiga constituição; apesar disso Sua Magestade resolveu servir-se apenas dos tacões baixos na administração do governo e em todos os cargos que dependem da coroa. Pode mesmo verificar que os tacões de Sua Magestade imperial são, pelo menos, mais baixos um drurr do que os de qualquer outra pessoa da corte. (O drurr é aproximadamente a décima quarta parte de uma polegada). O ódio dos dois partidos - continuou Keldersal - estão em tal grau, que não comem, não bebem juntos, nem se falam. Tem os quase que a certeza de que os Tram ecksans ou tacões altos são em maior número do que nós; a autoridade, porém, está na nossa mão. Contudo, andam os suspeitosos de que sua alteza imperial, o presuntivo herdeiro da coroa, tem alguma inclinação para os tacões altos; pelo menos tivemos ocasião de ver que um dos tacões é mais alto do que outro, o que o faz coxear um pouco. Ora, no meio destas dissensões intestinas, estamos ameaçados de uma invasão pelo lado da ilha de Blefuscu, que é outro grande império do universo, quase tão grande e tão poderoso como este, porque, segundo tem o ouvido dizer, há outros impérios, reinos e Estados no mundo, habitados por criaturas humanas tão grandes e tão altas como nós; os nossos filósofos, porém, põem suas dúvidas e

preferem conjecturar que caístes da lua ou de alguma estrela, porque o que é fato é que meia dúzia de mortais do vosso tamanho consumiria em pouco tempo toda a fruta e todo o gado dos Estados de Sua Majestade Imperial. Demais, os nossos historiógrafos, há seis mil luas, não fazem referência a outras regiões senão aos dois grandes impérios de Lilipute e de Blefuscu. Estas duas poderosas potências têm, com o ía dizendo, andado em penhadas, durante trinta e seis luas, numa guerra muitíssimo acesa, e motivada pelo seguinte: toda gente concorda em que a maneira primitiva de partir os ovos antes de serem comidos, é bater com eles no rebordo de qualquer prato ou copo; mas o avô de Sua Majestade Imperial, em criança, estando para comer um ovo, teve a infelicidade de cortar um dedo, o que deu motivo a que o imperador, seu pai, lavrasse um decreto, em que ordenava aos seus súditos, sob graves penas, que partissem os ovos pela extremidade mais delgada. Este decreto irritou tanto o povo, que consoante narram os nossos cronistas, houve por essa época seis revoltas, em uma das quais um imperador perdeu a coroa. Estas questões intestinas foram sempre fomentadas pelos soberanos de Blefuscu e, quando as sublevações foram sufocadas, os culpados refugiaram-se neste império. Pelas estatísticas que se fizeram, onze mil homens, em diversas épocas, preferiram morrer a submeter-se ao decreto de partir os ovos pela extremidade mais delgada. Foram escritas e

publicadas centenas de volumosos livros acerca deste assunto; mas os livros que defendiam o modo de partir os ovos pela extremidade mais grossa foram proibidos desde logo, e todo o seu partido foi declarado incapaz de exercer qualquer função pública. Durante a ininterrupta série daqueles motins, os imperadores de Blefuscu fizeram freqüentes recriminações por intermédio dos seus baixadores, acusando-nos de praticar um crime, violando um preceito

fundamental do nosso grande profeta Dustrogg, no quinquagésimo quarto capítulo de Blundecral (que é o seu Corão). Isto, porém, foi considerado como uma simples interpretação do sentido do texto, cujos termos eram: que todos os fiéis quebrarão os ovos pela extremidade mais cômoda. Na minha opinião, deve deixar-se à consciência de cada um a resolução de qual seja a extremidade mais cômoda, ou pelo menos, é à autoridade do soberano magistrado que compete resolver. Ora, os partidários da extremidade mais grossa, que se encontravam exilados, viram tanta deferência na corte do imperador de Blefuscu e tanto auxílio e apoio no nosso próprio país, que se seguiu uma guerra sanguinolenta entre os dois impérios, guerra que durou trinta e seis luas, com vários êxitos para cada uma das partes. Nesta guerra perderam os quarenta navios de linha e um grande número de navios com trinta mil dos nossos mais valentes marinheiros e soldados; dá-se com o

certo que a perda sofrida pelo nosso inimigo não foi inferior. Seja com o for, o que é fato é que os de Blefuscu prepararam agora uma temível esquadra, para operar um desembarque nas costas do nosso império. Ora, Sua Majestade imperial, tendo a máxima confiança na vossa coragem, e tendo em altíssimo apreço a vossa força, pediu-me que vos informasse todos estes assuntos, a fim de saber quais as vossas disposições a respeito de semelhante assunto.

Respondi ao secretário, limitando-me a enviar ao imperador as minhas muito humildes homenagens e dando-lhe a entender que estava disposto a sacrificar a vida para defender a sua sagrada personalidade e o seu império contra todas as ameaças e invasões dos seus inimigos. Despediu-se, depois, muito satisfeito com a minha resposta.

CAPÍTULO V

O autor opõe-se ao desembarque dos inimigos, por meio de uma extraordinária estratégia - O imperador concede-lhe um grande título honorífico - O imperador de Blefuscu envia embaixadores a solicitar a paz - Incendeiam-se os aposentos da imperatriz - O autor concorre muito para extinguir o incêndio.

O imperador de Blefuscu é uma ilha situada ao nordeste de Lillipute, e está dele separada apenas por um canal, que tem quatrocentas toesas. Nunca o vira, e com o correr do projectado desembarque, tomou as máximas precauções para não aparecer desse lado, receoso de que fosse descoberto por algum navio do inimigo.

Dei parte ao imperador de um projecto, que elaborara havia pouco tempo, para me tornar senhor de toda a frota inimiga que, segundo o relatório daqueles que haviam sido mandados em reconhecimento, estava no porto, pronta a fazer-se de vela ao primeiro vento favorável. Consultei os mais experientados marinheiros, para que soubessem qual a profundidade do canal, e disseram-me que ao centro, na maré cheia, tinha de profundidade setenta glum gluffs, (que equivalem a seis pés de medida europeia, pouco mais ou menos) e em outros pontos

cinquenta glum gluffs, o máximo. Encam inhei-me e secretamente para a costa nordeste, fronteira a Blefuscu e, deitando-me e detrás de uma colina, assestei o óculo e vi a frota inimiga, que era constituída de cinquenta navios de guerra e um avultado número de transportes. Afastando-me e em seguida, dei ordem para fabricarem grande quantidade de cabos, o mais fortes possível, com barras de ferro. Os cabos deviam ser pouco mais ou menos da grossura de um cordel dobrado, e as barras, do comprimento e grossura de uma agulha de fazer meia. Tripliquei o cabo para o tornar ainda mais forte, e, pela mesma razão, torci juntamente três barras de ferro e a cada uma delas apliquei um gancho. Voltei à costa nordeste, e, metendo debaixo do gibão os sapatos e as meias, entrei no mar. A princípio entrei pela água com a maior presteza possível e depois nadei até o centro das toesas, de maneira a achar pé. Cheguei junto da frota em menos de trinta minutos. Os inimigos ficaram tão aterrados com a minha presença, que saltaram todos dos navios com o rã e fugiram para terra; calculei-lhes o número em trinta mil homens, pouco mais ou menos. Tratei, então, de segurar cada nau pela proa com um gancho preso a um cabo. Enquanto andava nesta faina, o inimigo deu uma descarga de milhares de flechas, muitas das quais me atingiram na cara e nas mãos e que, além da excessiva dor que me produziram, deveras embaraçaram a minha tarefa. O que me dava mais cuidado eram os olhos, que ficariam infalivelmente perdidos se não lembrassem logo de um

expediente: em um a das algibeiras tinha uns óculos; tirei-os e coloquei-os o mais depressa que pude. Armado com este elemento de novo gênero, continuei o meu trabalho, não fazendo caso da contínua granizada de flechas que caía em cima de mim.

Colocados todos os ganchos, principiei a rebocá-los; o trabalho, porém, resultou inútil, visto como os navios estavam ancorados. Puxei logo do canivete e cortei todas as amarras; feito isto, num abrir e fechar de olhos fui sirgando muito à vontade cinqüenta dos maiores navios e arrastei-os comigo.

Os Blefuscudianos, que não podiam adivinhar qual fosse o meu propósito, ficaram igualmente surpreendidos e confusos: não me tinham visto cortar as amarras e julgaram que a minha idéia era deixá-los flutuar ao sabor do vento e da maré, fazendo-os se entrechocarem; quando, porém, viram que eu rebocava toda a esquadra, soltaram gritos de raiva e de desespero.

Tendo caminhado por algum tempo e achando-me fora do alcance das suas flechas, parei um pouco para tirar todas aquelas que se me tinham cravado no rosto e nas mãos; depois, conduzindo a minha presa, tratei de me dirigir ao porto imperial de Lilipute.

O imperador, com toda a sua corte, estava na praia, aguardando o êxito da minha em presa.

Viam ao longe uma armada que se acercava; com o, porém, a água me dava pelo pescoço, não notaram que era eu quem a conduzia até eles.

O imperador julgava que eu tinha perecido e que a esquadra inimiga se aproximava para operar o desembarque; os seus temores, porém, em breve foram dissipados, porque, tendo encontrado pé, vi-me à frente de todas as naus e ouvira-me gritar com toda a força dos meus pulmões: Viva o muito poderoso imperador de Lilipute. Assim que cheguei à terra, este soberano elogiou-me infinitamente e, logo em seguida, me fez nardac, que é o mais honroso título honorífico existente entre eles.

Sua Majestade pediu-me que lhe satisfizesse o desejo de se assenhorear dos outros navios inimigos e de os conduzir aos seus portos. A ambição deste príncipe ficava satisfeita com a posse de todo o império de Blefuscu, para o reduzir a província do seu império e fazê-la governar por um vice-rei; mandou-me atar todos os exilados partidários da extremidade mais grossa e

constranger os seus povos a quebrarem os ovos pela extremidade mais delgada, o que o faria chegar à monarquia universal; tratei de dissuadi-lo dessa idéia, baseando-me em razões políticas e justiceiras e neguei-me energicamente a torná-lo instrumento para oprimir a liberdade de um povo livre, nobre e corajoso. Quando foi apresentado este assunto ao conselho, a parte mais sensata apoiou o meu parecer.

Esta declaração franca e desassombrada era tão oposta aos projetos e à política de Sua Majestade imperial, que era difícil obter perdão para mim; falaram a este respeito no conselho de uma forma muito artificiosa, e os meus inimigos secretos valeram-se disso para me perder. É bem certo que os mais importantes serviços prestados aos soberanos são depressa esquecidos, quando

seguidos de uma recusa em os auxiliar cegamente em suas paixões!

Quanto a três semanas depois da minha memorável expedição, chegou de Blefuscu uma solene embaixada, trazendo propostas de paz. O tratado em breve ficou concluído em condições deveras vantajosas para o imperador de Lilipute. A embaixada era constituída por seis fidalgos, com uma comitiva de quinhentas

pessoas, e pode dizer-se sem exagero que a sua entrada correspondeu à grandeza de seu amo e à importância da negociação.

Depois de feito o tratado, Suas Excelências, tendo sabido secretamente os bons serviços que prestara ao país pelo modo por que falei ao imperador, fizeram-me uma cerimonia onerosa visita. Principiaram por me fazer os maiores elogios acerca do meu valor e da minha generosidade, e convidaram-me, em nome de seu amo, para ir viver em Blefuscu. Agradei-lhes e pedi-lhes que apresentassem os meus mais humildes respeitos à Sua Majestade blefuscuiana, cujas brilhantes virtudes eram universalmente conhecidas. Prometi visitar Sua Majestade antes de regressar ao meu país.

Passados alguns dias, pedi licença ao imperador para fazer os meus cumprimentos ao grande soberano de Blefuscu; respondeu-me, com a maior frieza, que fosse quando me apetecesse.

Esqueci-me de dizer que os embaixadores me haviam falado por intermédio de um intérprete, visto que as línguas dos dois países são muito diferentes uma da outra. Qualquer das nações

gaba a antigüidade, a beleza e a força do seu idioma e despreza o outro.

No entanto, o imperador, orgulhoso da vantagem que obtivera sobre os Blefuscuídeos pela tomada da sua esquadra, obrigou os embaixadores a apresentarem as suas credenciais e a fazerem a sua alocução em língua liliputiana, e, com o verdade, seja dito que, em virtude do tráfico e do comércio que existem entre os dois países, da recepção mútua dos exilados e do costume em que os Liliputianos estão de mandar a flor de sua nobreza a Blefuscu, a fim de se educar e aprender os seus exercícios, há poucas pessoas de distinção no império de Lilipute e também pouquíssimos negociantes ou marinheiros nas praças marítimas que não falem as duas línguas.

Por então, tive o ensejo de prestar à Sua Magestade imperial assinalado serviço.

Fui acordado certa ocasião, - devia ser perto de meia-noite - com os gritos de um tumulto, que se juntara à porta de minha casa; ouvi freqüentemente a palavra *burgum*. Alguns cortesãos, abrindo passagem por entre o tumulto, imploraram-me que, sem detença, me dirigisse ao palácio, e que lavrava

incêndio nos aposentos da imperatriz, por descuido de uma das suas aias que adormecera lendo um poema blefuscuano. Levantei-me imediatamente e dirigi-me ao palácio com certo custo, para que não pisasse ninguém na minha passagem, o que consegui. Quando cheguei, vi que já se tinham aplicado as escadas às paredes dos quartos e estavam bem fornecidos de baldes; a água, porém, ficava muito longe. Esses baldes deviam ter talvez o tamanho de dedos, e o pobre povo acarretava-os com a máxima solicitude. O incêndio lavrava já com bastante intensidade e aquele magnífico palácio seria infalivelmente reduzido a cinzas, se, por uma extraordinária presença de espírito, me não ocorresse de repente uma idéia. Na noite precedente, tinha bebido em grande quantidade um certo vinho branco chamado glimgrim, importado de uma província de Blefuscu e que tem grandes propriedades diuréticas. Desatei então a urinar em tal abundância e dirigi o jato com tanto acerto e tão apropositadamente que, dentro de três minutos, o fogo estava completamente apagado e o resto daquele soberbo edifício, que custara somas imensas, ficou preservado de tal incêndio.

Não sabia se o imperador veria com bons olhos o serviço que acabava de prestar-lhe, porque, consoante às leis fundamentais da nação, era um crime capital e digno da pena de morte

orte verter águas nas proximidades do palácio imperial; fiquei, porém, tranqüilo, quando soube que Sua Majestade dera ordem ao grão juiz para me enviar cartas de agradecimento; disseram-me, depois, que a imperatriz, experimentando um grande terror pelo ato que praticara, fora transportada para o lado mais afastado do átrio e se resolvera a nunca mais habitar os aposentos que eu ousara me acular com

CAPÍTULO VI

Os costumes dos habitantes de Lilipute - Sua literatura - Suas leis e maneiras de educar os filhos.

Ainda que eu reserve a descrição deste imperio para um trabalho à parte, julgo um dever, dar, dele, aqui, ao leitor, uma ideia geral. Com a estatura ordinária daquela gente pouco maior é do que seis polegadas, há uma proporção exata em todos os outros animais, assim como nas árvores. Por exemplo: os cavalos e os bois maiores regulam entre quatro e cinco polegadas, aproximadamente; os patos são quase do tamanho de um pardal; quanto aos insetos, esses eram quase invisíveis para mim; a natureza, porém, soube ajustar a vista dos habitantes de Lilipute a todos os objetos que lhes são destinados. Para fazer conhecer bem quanto o seu olhar é penetrante, com respeito aos objetos que lhes ficam próximos, basta dizer que vi uma vez com prazer um cozinheiro hábil deitando uma cotovia que não era maior do que uma mosca vulgar, e uma rapariga a enfiar um fio de seda invisível numa agulha também invisível.

Servem-se de caracteres e de letras, e o seu modo de escrever é notável, não o fazendo nem da esquerda para a direita, como na Europa; nem da direita para a esquerda, como os Árabes; nem de

cim a para baixo, com o na China; nem de baixo para cim a com o os Caucasianos, mas obliquam ente e de um a outro ângulo do papel, com o as senhoras em Inglaterra.

Enterram os mortos de cabeça para baixo, porque imaginam que, dentro de onze mil luas, todos os mortos devem ressuscitar; que, por essa época, a Terra, que julgam plana, se voltará de baixo para cim a e que, por esse meio, no momento da ressurreição, seriam encontrados de pé. Os sábios, entretanto, reconhecem o absurdo daquela opinião, mas permanece o uso antigo, baseado nas idéias do povo.

Têm leis e costumes singularíssimos, que eu talvez tentasse justificar, se não fossem contrários aos da minha querida pátria. A primeira, de que farei menção, diz respeito aos denunciadores. Todos os crimes contra o Estado são punidos nesse país com extremo rigor; se o acusado, porém, prova evidentemente a sua inocência, o acusador é logo condenado a uma ignominiosa morte e todos os seus bens confiscados em prol do inocente. Se o acusador é pobre, o imperador, do seu tesouro particular, indeniza o acusado de todas as perdas e danos.

A fraude é considerada com o um crime maior do que o roubo; esta a razão por que é sempre punida com a morte, visto com o existe o princípio de que o cuidado e a vigilância, com um espírito vulgar, podem garantir os bens de um indivíduo contra as tentativas dos ladrões, mas a probidade não tem defesa contra a astúcia e a maldade.

Em bora eu considere os castigos e as grandes recompensas como os eixos em que gira o governo, ousou dizer que a máxima de castigar e recompensar não é observada na Europa com a mesma sensatez como no império de Lilipute. Todo aquele que pode apresentar provas bastantes de que observou fielmente as leis do seu país durante setenta e três luas, tem o direito de pretender certas regalias, consoante ao seu nascimento e a sua posição, com certa quantia tirada de um fundo destinado a esse fim; alcança até o título de snipall, ou de legítimo, que é apenas ao seu nome; esse título, porém, não passa aos descendentes. Estes povos vêm com o um prodigioso defeito político entre nós que todas as nossas leis sejam amedecedoras e que a infração seja punida com os mais severos castigos, enquanto a sua observância não dá direito a recompensa alguma; por este motivo representam a justiça com seis olhos, dois adiante, dois atrás e um de cada lado (para simbolizar a circunspeção), segurando na mão direita um saco cheio de ouro, e em

punhando na esquerda um a espada em bainhada, para demonstrar que está mais disposta a premiar do que a punir.

Na escolha que fazem dos súditos para desempenharem cargos públicos, olham mais para a probidade do que para o talento. Com o governo é necessário ao gênero humano, crêem que a Providência nunca teve em mira fazer da administração dos negócios públicos uma ciência complicada e misteriosa, acessível apenas a um limitado número de espíritos raros e sublimes, desses três ou quatro prodígios, que aparecem lá de séculos a séculos; mas julgam que a verdade, a justiça, a temperança e as restantes virtudes estão ao alcance de toda gente e que a prática dessas virtudes, acompanhada de alguma experiência e bons intuitos, tornam quem quer que seja apto para servir ao seu país, em bora muito raquítico e muito tacanho.

Persuadindo-se de que os talentos superiores estão longe de suprir as virtudes morais, dizem eles que os empregos não poderiam ser confiados a mais perigosas mãos do que às dos grandes talentos que não possuem virtude alguma, e que os erros nascidos da ignorância de um ministro probo não têm tantas conseqüências funestas para o bem do seu povo, com as obscuras práticas desse ministro, cujas tendências fossem

depravadas, cujas intenções fossem criminosas ou predispostas a fazer o mal impunemente.

Aquele dos Liliputianos que não acreditar na providência divina é declarado incapaz de exercer qualquer cargo público. Com os soberanos se julgam, muito justamente, delegados da Providência, os Liliputianos supõem que nada há mais absurdo nem mais incoerente do que o procedimento de um príncipe que se serve de gente sem religião, que nega essa suprema autoridade de que se considera depositário e da qual, de fato, recebe a que possui.

Referindo-me a estas leis e às seguintes, apenas falo das leis originais e primitivas dos Liliputianos. Sei que, pelas modernas leis, estes povos caíram em um grande excesso de corrupção; prova-o o vergonhoso uso de obter os mais elevados em pregos dançando na corda e os lugares de distinção os que saltam à vara larga. Note o leitor que esse indigno uso foi introduzido pelo pai do atual imperador.

Entre aquele povo, a ingratidão é tida com o um crime enorme, com o em outro tempo foi, segundo refere a história, aos

olhos de algum as nações virtuosas. Dizem os Liliputianos que todo indivíduo que se torna ingrato para com o seu benfeitor, deve ser necessariamente inimigo de todos os outros homens.

Julgam os naturais de Lilipute que o pai e a mãe não devem ser encarregados da educação dos filhos, e há, em todas as cidades, colégios públicos, para onde todos os progenitores, exceto camponeses e operários, são obrigados a mandar os filhos de ambos os sexos, para serem educados e instruídos. Assim que atingem a idade de vinte luas, supõem-nos dóceis e capazes de aprender. As escolas são de diversas espécies, consoante à diferença de sexo ou de sangue. Professores hábeis educam as crianças para um modo de vida conforme a sua ascendência, os seus próprios dotes de espírito e as suas tendências.

Os seminários para os filhos de nobres têm professores sérios e eruditos. O vestuário e subsistência dos rapazes são simples. Inspiram-lhes princípios de honra, de justiça, de coragem, de modéstia, de religião e de amor pela pátria. Até à idade dos quatro anos são vestidos pelos homens; dessa idade em diante, são obrigados a se vestirem sós, em bora sejam de nobre estirpe. Só têm licença para brincar na presença do professor e por esse

sistem a evitam funestas im pressões de doidice e de vício que cedo com eçam a corrom per os costum es e as tendências da m ocidade. Os pais podem visitá-los duas vezes por ano. A visita pode durar apenas um a hora, com a liberdade de beij ar o filho à entrada e à saída; um professor, que assiste sem pre a essas visitas, não consente que falem em segredo com as crianças, que as lisonj eiem , nem lhes dêem confeitos ou bolos.

Nos colégios para o sexo fem inino, as m eninas nobres são educadas quase com o rapazes, com um a diferença: é que são vestidas por criadas, m as sem pre na presença de um a professora, até que cheguem aos cinco anos, idade em que principiam a vestir-se sem auxílio de ninguém .

Quando se sabe que as aias ou criadas graves entretêm as raparigas com histórias extravagantes, contos insípidos ou capazes de lhes causar m edo, (o que é uso corrente das governantas em Inglaterra), são açoitadas publicam ente três vezes por toda a cidade, presas durante um ano e por fim exiladas para o ponto m ais deserto do país. Assim as raparigas e os rapazes, entre aquele povo, envergonham -se de ser covardes e tolos; desprezam todo o ornam ento exterior e só têm em consideração a com postura e o asseio. Os seus exercícios

são menos violentos do que os dos rapazes e não as fazem aplicar tanto. Entretanto, aprendem ciências e belas-letras. Há um provérbio que diz que a mulher, devendo ser uma companhia sem pregradável ao marido, carece de ornar o espírito que nunca envelhece.

Ao contrário dos Europeus, os Liliputianos pensam que nada demanda mais cuidado e aplicação do que a educação das crianças. É fácil gerá-las, dizem eles, tão fácil como semear e plantar, mas conservar certas plantas, fazê-las crescer bem, precavê-las contra os rigores do inverno, contra os ardores e tempestades de verão, contra os ataques dos insetos, de, em suma, fazer-lhes dar frutos em abundância, é o resultado da atenção e do cuidado de um hábil jardineiro.

Escolhem o professor que tenha o espírito mais bem formado do que espírito sublime, mais origem do que ciência.

Não podem suportar os professores que atordoam incessantemente os ouvidos dos discípulos com gramáticas com binações frívolas, discussões pueris, observações e que, para lhes ensinar a antiga língua, que pouca relação tem com a que se

fala hoje, lhes enchem o espírito de regras e exceções e põem de lado o uso e o exercício para lhes atulhar o cérebro de princípios supérfluos e preceitos dificultosos; querem que o professor se familiarize dignamente com os seus alunos, porque não há nada mais contrário à boa educação do que o pedantismo e a fingida seriedade; segundo eles, devem mais baixar-se do que elevar-se perante eles, em bora não deixem de o considerar algo difícil, pois que muitas vezes é preciso mais esforço e vigor e sempre mais atenção para descer sem perigo do que para subir.

São de opinião de que os professores devem aplicar-se mais a formar o espírito das crianças para as lutas da vida do que a enriquecê-lo com conhecimentos curiosos, quase sempre inúteis. Ensinam-lhes, pois, logo, a ser prudentes e filósofos, a fim de que, mesmo na idade dos prazeres, saibam gozá-los filosoficamente. Não será ridículo - perguntam eles - só conhecer-lhes a natureza e o verdadeiro uso quando já se encontram inaptos, aprender a viver quando a vida está quase passada e principiar a ser homem quando se está prestes a deixar de o ser? Dão-se recomendações para a confissão sincera e ingênua dos erros, e os que melhor sabem raciocinar sobre os seus próprios defeitos, obtêm honras e mercês. Querem que sejam curiosos e façam muitas perguntas acerca de tudo o que ouvem, e são punidos severamente aqueles

que, em presença de uma coisa extraordinária e notável, demonstram pouca admiração ou curiosidade.

Recomenda-se-lhes que sejam muito fiéis, muito submissos, muito dedicados ao príncipe, mais de uma dedicação geral e de dever não particular, que fere muitas vezes a consciência e sem prejuízo a liberdade, e que expõe a grandes fatalidades.

Os professores de História empenham-se menos com o trabalho de ensinar

a seus discípulos a data de tal ou tal acontecimento, do que a descrever-lhes o carácter, as boas, as más qualidades dos reis, dos generais e dos ministros;

julgam que pouco lhes pode interessar em que ano ou mês tal batalha foi travada; mais decerto lhes interessa saber quanto os homens, em todas as épocas, são bárbaros, brutais, injustos, sanguinários, sempre dispostos a expor a vida sem necessidade e a atentar contra a dos outros sem motivo; quanto os combates desonram a humanidade e quão fortes devem ser para chegar a esta funesta extremidade; consideram a história do espírito humano a melhor de todas, e ensinam menos os discípulos a reter os fatos, do que a julgá-los.

Querem que o amor das ciências se limite e que cada um escolha o gênero de estudo que mais convenha à sua tendência e ao seu talento; fazem tanto caso de um homem que estuda demasiado com o de um homem que com e demais, persuadidos de que o espírito tem as mesmas indisposições que o estômago. Só o imperador é que possui uma vasta e numerosa biblioteca. Quanto aos particulares que possuam grandes bibliotecas, são considerados como asnos carregados de livros.

Naquele povo, a filosofia é muito alegre e não consiste, como nas nossas escolas, em ergotismos; ignoram o que seja barroco e burlesco, categorias, termos de primeira e de segunda intenção e outras dificultosas tolices da dialética, que são tão úteis para o raciocínio como para a dança. A filosofia deles consiste em estabelecer princípios infalíveis que levem o espírito a preferir o estado medíocre de um homem honesto ao bem-estar do rico e ao fausto de um financeiro, e às conquistas de um general vitorioso ao vencerem em si próprios a força das paixões. A filosofia de que usam habituou-os a um viver austero, fugindo de tudo quanto costumava os sentidos à voluptuosidade, tudo o que torna a alma dependente do corpo, enfraquecendo-lhe a liberdade. De resto, a virtude é sempre apresentada como uma coisa fácil e agradável.

Exortam -nos a que escolham com segurança um modo de vida, fazendo o possível para lhes fazer tomar aquele que melhor convenha às suas naturais tendências, pouco se importando com as faculdades paternas, de maneira que, por vezes, o filho de um lavrador chega a ser ministro de Estado, enquanto o filho de um fidalgo se torna simples comerciante.

O valor que este povo consagra à física e às matemáticas é simplesmente com a mira de que essas ciências sejam vantajosas para a vida e para os progressos das artes aplicadas.

Geralmente, dão-se pouco o trabalho de conhecer todas as partes do universo, preferindo gozar a natureza sem examinar, a discorrer sobre a ordem e o movimento dos corpos físicos. Quanto à metafísica, têm-na com o um a fonte de visões e de quimeras.

Em geral com a linguagem afetada e a preciosidade do estilo, tanto na prosa como no verso, e entendem que é do mesmo modo importante o querer uma pessoa salientar-se, seja pela maneira

de se exprimir, seja pela maneira de trajá-lo. Autor que ponha de parte o estilo puro, claro e sério, para usar de uma gíria obsoleta, recheada de extraordinárias metáforas, é corrido e apupado nas ruas com o se fora um tipo de carnaval.

Naquele povo, cuidam do corpo e da alma ao mesmo tempo, porque, tratando-se de fazer homens, cumpra não lhes formar uma coisa sem a outra. É, consoante dizem, uma parelha de cavalos que é necessário guiar em passo certo. Segundo eles, desenvolvendo uma criança simplesmente o físico, fica ignorante e estúpida; cultivando-lhe somente o espírito, fica desgraciosa e raquítica.

Aos mestres é proibido castigar os alunos corporalmente; castigam-nos apenas privando-os de alguma coisa que apreciem, envergonhando-os e, principalmente, não lhes dando lições durante três dias, o que os apoquentaria extraordinariamente, pois que, abandonando-os a si próprios, assim lhes demonstram que não são dignos de que os instrua.

A dor física produzida pelo castigo corporal serve apenas para os tornar tímidos, defeito muito prejudicial, de que nunca se curam .

CAPÍTULO VII

Recebendo o autor aviso que iam processá-lo pelo crim e de lesam aj estade, foge para Blefuscu.

Antes de m e referir à m inha saída do im pério de Lilipute, parece-m e talvez conveniente inform ar o leitor de um a intriga secreta que se teceu contra m im .

Estava pouco ao corrente do m anej o da corte, e a m inha situação negara- m e disposições necessárias para ser astucioso cortesão, ainda que m uitos de hum ilde condição com o eu tenham conseguido as graças da corte e em pregos rendosos; no entanto, não tinham decerto escrúpulos em questões de brio e pundonor. Fosse com o fosse, o que é fato é que, quando m e dispunha a sair para visitar o im perador de Blefuscu, um a individualidade de alta influência e consideração no palácio, e a quem eu prestara serviços de certa im portância, veio procurar-m e secretam ente à casa, durante a noite. Chegou de cadeirinha, sem se fazer anunciar, e despediu os m oços.

Meti a cadeirinha, com sua excelência dentro, na algibeira do gibão e, dando ordem ao meu criado que fechasse a porta, coloquei a cadeirinha em cima da mesa e sentei-me ao lado. Feitos os cumprimentos de praxe, notando o aspecto contristado e inquieto do meu hóspede, perguntei-lhe qual o motivo por que assim estava. Pediu-me que o ouvisse com a máxima atenção sobre um assunto que dizia respeito à minha honra e à minha vida e principiou:

- Informo-o de que há pouco foram convocados vários conselhos privados por sua causa e que, há dois dias, Sua Majestade tomou uma desagradável solução.

Decerto não ignora que Skyresh Bolgolam (galbet ou almirante-mor) nunca deixou de ser seu mortal inimigo, desde que o senhor se encontra aqui. Não sei a que atribuir tal antipatia; o que sei é que o ódio lhe aumentou desde a sua expedição contra a esquadra de Blefuscu: com o almirante, sentiu-se despeitado com o bom êxito. Este cavalheiro, de cominação com Flimnap, tesoureiro-mor, o general Limtoc, o camareiro-mor Lalcon e o supremo magistrado Balmaff, redigiu uma série de artigos para o processar com o réu de lesa-majestade e com o autor de vários outros crimes.

Este exórdio chocou-me e de tal maneira, que ia interrompê-lo, quando me pediu que não proferisse palavra e que o ouvisse. Em seguida, continuou:

- Grato pelos serviços que me prestou, procurei informar-me de todo o processo e obtive cópia de todos os artigos. É uma coisa que põe a minha cabeça em perigo, mas que faço para o servir.

ARTICULADO DA ACUSAÇÃO PROMOVIDA CONTRA QUIMBUS FLESTRIN (O HOMEM MONTANHA)

"Art. 1.º - Visto que, por uma lei decretada no império de Sua Majestade Cabine Deffar Piune, é ordenado que qualquer indivíduo que verta águas no recinto do palácio imperial seja sujeito às penas e castigos do crime de lesa-majestade, e que, apesar disso, o citado Quimbus Flestrin, por uma violação feita à lei, sob pretexto de apagar o fogo havido nos aposentos da querida esposa de Sua Majestade imperial, apagara maliciosa, traiçoeira e diabólicamente, despejando a bexiga, o referido fogo havido nos aludidos aposentos, tendo entrado para esse efeito no recinto do citado palácio imperial;

"Art. 2.o - Que havendo o mencionado Quim bus Flestrin conduzido a armada imperial de Blefuscu, e tendo-lhe seguidamente Sua Majestade imperial ordenado que se assenhoreasse de todas as outras terras do mencionado império de Blefuscu, e reduzi-lo a simples província que pudesse ser governada por um vice-rei do nosso país, e fazer perecer e matar todos os exilados partidários dos ovos quebrados pela extremidade mais grossa, o mencionado Flestrin, com o traidor rebelde à Sua Fidelíssima Majestade imperial, apresentara um requerimento para ser dispensado do citado serviço, sob o pretexto frívolo de uma repugnância em meter-se a obrigar as consciências e a oprimir a liberdade de um povo inocente;

Art. 3.º - Que certos embaixadores de Blefuscu, tendo vindo há pouco pedir a paz à Sua Majestade imperial, o mencionado Flestrin, com o súdito desleal, ajudara, socorrera, livrara de apuros e obsequiara os citados embaixadores, ainda que os reconhecesse com o ministro de um príncipe que acabara de mostrar-se recentemente inimigo declarado de Sua Majestade imperial e numa guerra aberta contra a sobredita Majestade;

"Art. 4.º - Que o mencionado Quim bus Flestrin, contra o dever de um súdito fiel, se dispunha agora a fazer uma viagem à corte

de Blefuscu, para a qual recebera apenas um a licença verbal de Sua Maj estade imperial, e, sob o pretexto da dita licença, se propunha temerária e perfidamente a fazer a citada viagem, livrar de apuros e auxiliar o imperador de Blefuscu."

- Ainda existem outros artigos - acrescentou ele - mas os mais importantes são aqueles que acabo de citar-lhe. Nas diversas deliberações sobre este assunto, é preciso confessar que Sua Maj estade fez ver a sua moderação, a sua suavidade e a sua equidade, considerando muitas vezes os seus serviços e tratando de atenuar os seus crimes. O tesoureiro e o almirante foram de opinião que devia sofrer morte cruel e ignominiosa, lançando fogo à sua casa durante a noite, e o general devia esperá-lo com vinte mil homens armados de flechas envenenadas, para o ferir no rosto e nas mãos. Ordens secretas deviam ser dadas a alguns dos seus criados para espalharem um líquido venenoso nas suas camisas, líquido que depressa rasgaria a própria carne, fazendo-o morrer entre excessivos tormentos. O general concordou, de maneira que, durante certo tempo, a maioria dos votos foi contra si; Sua Maj estade imperial, porém, resolvido a salvar-lhe a vida, conseguiu o sufrágio do camareiro-mor. Entretanto, Redresal, primeiro secretário dos negócios secretos do Estado, recebeu ordem do imperador para dar a sua opinião, o que fez em conformidade à de Sua Maj estade, e decerto justificou bem

a estima que o senhor lhe consagra: reconheceu que os crimes com etidos eram grandes, contudo mereciam esta indulgência; disse que a amizade que havia entre ambos era tão conhecida, que talvez o pudesse julgar prevenido a seu favor; que, no entanto, para obedecer ao mandado de Sua Majestade, ponderando os seus serviços e seguindo a suavidade do seu espírito, queria poupar-lhe a vida e contentar-se em tirar-lhe os olhos. Julgava com submissão que, por esta forma, a justiça podia ficar de algum modo satisfeita, e todos aplaudiram a clemência do imperador, tão bem com o processo

equitativo e generoso daqueles que tinham a honra de ser seus conselheiros; que a perda da vista não lhe poria obstáculo à força corporal, com a qual podia ainda

ser útil a Sua Majestade; que a cegueira serve para aumentar a coragem, ocultando-nos os perigos; que o espírito se torna mais recolhido e mais apto para a descoberta da verdade; que o temor que mostrou pelos seus olhos era a maior

dificuldade que teve a vencer ao assenhorear-se da esquadra inimiga, e que seria bastante que visse pelos olhos dos outros, pois que os mais poderosos príncipes

não vêm de outro modo. Esta proposta foi recebida desfavoravelmente por toda a assembleia. O almirante Bolgolam, todo aceso, ergueu-se e, arrebatado de furor, disse

que estava admirado de que o secretário ousasse ser de opinião que

se conservasse a vida a um traidor; que os serviços que o senhor havia prestado eram, consoante às verdadeiras máximas do Estado, enormes crimes; que, quem era capaz de apagar de repente um fogo regando com urina o palácio de Sua Magestade, (o que não podia recordar sem horror), poderia, de outra vez, pelo mesmo modo, inundar o palácio e toda a cidade, tendo uma bomba disposta para esse efeito; e que a mesma força que o fizera arrastar toda a esquadra inimiga poderia servir para a reconduzir, ao primeiro descontentamento, ao sítio de onde a havia tirado; que havia motivos fortíssimos para pensar que o senhor era no íntimo partidário da extremidade mais grossa, e porque a traição principia no coração antes de transparecer nos atos, com o partidário da extremidade mais delgada, declarou-o formalmente traidor e rebelde, e insistiu em que devia ser morto sem mais delongas. O tesoureiro foi do mesmo parecer. Fez ver a que extremo tinham sido reduzidas as finanças com a despesa do seu sustento, o que era uma coisa incomportável; que o expediente proposto pelo secretário, de lhe tirar os olhos, longe de ser um remédio contra o mal, aumentaria segundo todas as aparências, com o que parece pelo uso vulgar que há em cegar certas aves que, depois dessa operação, com os olhos ainda e engordam rapidamente; que Sua Sagrada Magestade e o

conselho, que eram seus juizes, estavam conscienciosamente persuadidos do seu crime, o que era uma prova mais do que suficiente para o condenar à morte, sem recorrer a provas formais requisitadas pela letra rígida da lei. Sua Majestade imperial, porém, não estando absolutamente resolvido a dar consentimento à sua morte, disse graciosamente que, visto com o conselho julgava a perda da sua vista um castigo muito leve, podia acrescentar-se um outro. E o secretário, que é seu amigo, pedindo

submisamente para ser ouvido ainda, e responder ao que o tesoureiro objectara com referência à grande despesa que Sua Majestade fazia por sua causa, disse que Sua Excelência, que dispunha das finanças do imperador, poderia facilmente remediar esse mal diminuindo na sua mesa pouco e pouco e que, por esse meio, falta de quantidade suficiente de alimento, o senhor se tornaria fraco e lânguido, perderia o apetite e, em breve, a vida. Assim, pela grande amizade que o secretário lhe consagra, este assunto foi liquidado amigavelmente; foram dadas ordens terminantes para que fosse mantido o segredo do desejo de o fazer

ocorrer lentamente de fome. A sentença lavrada para lhe serem vasados os olhos foi registrada no arquivo do conselho, ao que pessoa alguma se opôs, exceção feita do almirante Bolgolam. Dentro de três dias, o secretário terá ordem para vir a sua casa,

onde lerá os artigos de acusação na sua presença e, em seguida, fazê-lo sabedor da grande clemência e graça de Sua Majestade e do conselho, condenando-o apenas à perda da vista, pena a que Sua Majestade tem a certeza de que se sujeitará com o reconhecimento e humildade convenientes. Vinte cirurgiões de Sua Majestade virão depois e executarão a operação pela acertada descarga de muitas flechas bastante agudas nas meninges dos seus olhos, quando estiver deitado no chão. É a si que compete tomar as convenientes precauções que a prudência lhe sugira. Quanto a mim, para afastar qualquer suspeita, é preciso que volte tão secretamente com o vim.

Sua Excelência deixou-me e fiquei só, entregue a inquietações. Era um uso introduzido por esse príncipe e pelo seu ministério, (pelo que me asseguram, muito diferente do uso dos primitivos tempos), que, depois da corte haver ordenado um suplício para satisfazer o ressentimento do soberano ou a maldade de um favorito, o imperador devia fazer um discurso a todo o seu conselho, falando da sua brandura e da sua clemência com as qualidades reconhecidas de toda a gente. O discurso do imperador a meu respeito depressa correu por todo o país, e nada inspira tanto terror ao povo como esses elogios da clemência imperial, porque se tinha notado que, quanto mais rasgados eram esses elogios, mais o suplício era, ordinariamente

ente, cruel e injusto. E, com respeito a mim, preciso é confessar que, não sendo pelo meu nascimento, nem pela minha educação, destinado a ser homem de corte, percebia tão pouco desses assuntos, que não podia decidir se a sentença lavrada contra mim era branda ou rigorosa, justa ou injusta. Nem sequer pedi licença para apresentar a minha defesa: preferia ser condenado sem ser ouvido, porque, tendo visto em outros tempos vários processos idênticos, sempre notei que terminavam consoante às instruções dadas aos juizes e conforme à vontade dos acreditados e poderosos acusadores. Tive certo desejo de resistir, pois que, estando em liberdade, nem todas as forças deste império conseguiriam nada de mim e podia facilmente, à pedrada, bater e arrasar a capital; repeli, porém, esse projeto com horror, lembrou-me do juramento que prestara a Sua Majestade, dos favores que me havia concedido e da dignidade de nardac, em que fora investido. Demais, não tinha tão cheio o espírito dos sentimentos da corte, que me persuadissem de que os rigores de Sua Majestade me permitiriam liquidar todas as obrigações que lhe devia.

Por fim, tomei uma resolução, que, conforme as aparências, será censurada por algumas pessoas justiceiras, porque, confesso, foi uma grande temeridade e um péssimo procedimento da minha parte ter querido conservar os olhos, a liberdade e a vida, contra a vontade da corte. Se conhecesse m

elhor a índole dos príncipes e dos ministros de Estado, que depois observei em muitas outras cortes, e o seu método de tratar acusados menos criminosos do que eu, submetter-me-eia sem custo a um castigo tão suave; mas, levado pelo fogo da mocidade, e tendo antecipadamente obtido licença de Sua Majestade imperial para ir à corte de Blefuscu, dei-me pressa, antes de expirado o prazo de três dias, em mandar um a carta ao meu amigo secretário, pela qual o fazia ciente da resolução que tomara de partir nesse mesmo dia para Blefuscu, mediante a licença que me fora concedida, e, sem aguardar resposta, dirigi-me para a costa da ilha, onde estava a esquadra. Apossei-me de um grande navio de guerra, prendi-lhe um cabo à proa e, levantando as âncoras, despi-me, coloquei a roupa (e a manta que trazia no braço) sobre o navio, que trouxe atrás de mim, e ora andando, ora nadando, cheguei ao porto real de Blefuscu, onde o povo tanto tempo esperara por mim. Deram-me dois guias para me levar à capital, que tem o mesmo nome. Conservei-os nas mãos até chegar a cem toesas das portas da cidade e pedilhes que avisassem da minha chegada um dos secretários de Estado, e lhe fizessem saber que aguardava as ordens de Sua Majestade. Com a resposta recebi, uma hora depois, a notícia de que Sua Majestade, acompanhado de toda a comitiva, vinha receber-me. Adiantei-me cinquenta toesas, e o rei e a comitiva apearam-se de suas montadas; a rainha e suas aias saíram dos seus coches, e não notei que a minha presença

os assustasse. Deitei-me no chão para beijar as mãos do rei e da rainha. Disse a Sua Majestade que viera, cumpriminho a minha promessa e com licença do imperador me apresento, para ter a honra de visitar tão poderoso príncipe, e para lhe oferecer todos os serviços que dependessem de mim e que não fossem contrários aos deveres contraídos com o meu soberano, sem aludir, porém, ao meu desvalimento.

Não enfasiarei o leitor com os pormenores da minha recepção, que foi consoante à generosidade de tão grande príncipe, nem com os incômodos por que passei à margem de uma casa ou de uma cama, sendo obrigado a dormir no chão em brulhado na minha cama.

CAPÍTULO VIII

O autor, por um feliz acaso, encontra meio de deixar Blefuscu e após algumas dificuldades volta à sua pátria.

Três dias depois da minha chegada, passeando eu a minha curiosidade pela encosta da ilha que olha para o nordeste, descobri, a meia légua de distância no mar, qualquer coisa que me pareceu um barco, de quilha para o ar. Descalcei os sapatos e as meias e, caminhando pela água perto de cinquenta toesas, reparei

em que o objeto se aproximava com a força da maré e conheci então que era uma escaler que, pelo que calculei, podia ter sido desligado de um navio em virtude de alguma tempestade; por essa circunstância tornei apressadamente à cidade e pedi a Sua Magestade que me cedesse vinte dos maiores navios, que lhe haviam ficado da derrota da sua esquadra, e três mil marinheiros, sob as ordens de um vice-almirante. Os citados navios fizeram-se de vela e seguiram o seu rumo, enquanto eu me dirigia pelo caminho mais curto à encosta, onde primeiramente descobri o escaler. Notei que a maré o tinha aproximado mais

da terra. Quando os navios se me juntaram, despi-me, meti-me na água e

avancei até cinquenta toesas do escaler, depois do que me vi obrigado a nadar até que o atingisse; os marinheiros lançaram-me um cabo, no qual amarei uma das extremidades a um buraco na proa do escaler e a outra extremidade a um navio de guerra; não pude, porém, continuar a minha viagem, porque perdi o pé. Pus-me então a nadar atrás do escaler e a empurrá-lo com uma das mãos, de

maneira que a favor da maré me encaminhei de tal modo para a margem, que pude pôr o queixo fora da água e achar pé.

Descansei durante uns três minutos e, em seguida, impeli ainda o escaler até que a água me desse pelas axilas e então a maior fadiga já tinha passado; agarrei outros cabos trazidos num dos navios e liguei-os primeiramente ao escaler e depois a nove dos navios que me

esperavam; com o vento era de feição e os marinheiros me auxiliaram, procedi de maneira que chegassem os vinte toesas da margem, e com o mar recuou, alcancei o escaler a pé enxuto e, com o auxílio de dois homens, de cordas e

de máquinas, consegui virá-lo, notando que poucas avarias tinha sofrido.

Levei dez dias para fazer entrar o escaler no porto de Blefuscu, onde se acumulou grande multidão, cheia de pasmo pela presença de tão prodigiosa embarcação.

Disse ao rei que a minha boa estrela me fizera encontrar aquele escaler para me transportar a qualquer outro ponto, de onde poderia regressar ao meu torrão natal, e pedi a Sua Majestade que desse ordem para pôr aquela em embarcação em estado de servir e me concedesse licença para abandonar os seus Estados o que, após sentidas reclamações, me foi concedido.

Estava eu sobremaneira surpreendido de que o imperador de Lilipute, depois da minha partida, não tivesse feito quaisquer diligências para me encontrar; soube, porém, que Sua Majestade imperial, ignorando que eu fora conhecedor dos seus desígnios, imaginara que eu tinha ido a Blefuscu apenas com o intuito de cumprir a minha promessa, conforme a licença que dele obtivera, e que regressaria em breve; mas, por fim, a minha ausência deu-lhe cuidado e, tendo conferenciado com o tesoureiro e o resto do conluio, foi enviada uma pessoa de distinção com uma cópia dos artigos do processo contra mim. O mensageiro tinha instruções para representar ao soberano de Blefuscu a grande brandura de seu amor, que se contentava em punir-me com a perda da minha vista; que me subtraíra à j

ustança e que, se eu não regressasse no prazo de dois dias, seria despojado do meu título de nardac e declarado réu de alta traição. O embaixador acrescentou que, para manter a paz e a amizade entre os dois países, esperaria que o rei de Blefuscu desse ordem para me fazer reconduzir a Lilipute, ligado de pés e mãos, para ser punido com o traidor.

O rei de Blefuscu, tendo solicitado três dias para deliberar sobre este assunto, enviou uma resposta muito sensata e muito prudente. Observou que, quanto a restituir-me ligado, o imperador não ignorava que isso era uma coisa impossível; que, embora eu lhe tivesse arrebatado a esquadra, estava muito reconhecido para comigo em virtude de alguns bons serviços que lhe prestara, com relação ao tratado de paz; ademais, que em breve se veriam livres de mim, porque encontrara na margem um prodigioso navio capaz de me levar em barcado; que deu a ordem para que o preparassem consoante às minhas indicações e aproveitando o meu auxílio, de maneira que esperava, no prazo de algumas semanas, que os dois países ficariam livres de tão insuportável fardo.

O embaixador regressou a Lilipute com esta resposta, e o soberano de Blefuscu referiu-me tudo o que se havia passado,

oferecendo-me ao mesmo tempo, mas em segredo e confidencialmente, a sua graciosa proteção, se quisesse ficar ao seu serviço. Ainda que acreditasse na sua sincera proposta, resolvi nunca mais entregar-me nas mãos de nenhum príncipe, nem de nenhum ministro, quando podia passar sem eles; esta a razão por que, depois de ter manifestado a Sua Majestade o meu justo reconhecimento pelas suas simpáticas intenções, pedi-lhe, humildemente, que me desse licença para me retirar, dizendo-lhe que, visto a boa ou má estrela me haver proporcionado um barco, decidira me entregar ao oceano, antes de que houvesse rompimento de hostilidades entre aqueles dois poderosos soberanos. O rei não se mostrou ofendido com este meu discurso, e soube mesmo que bastante contente tinha ficado com a minha decisão, e bem assim a maior parte dos seus ministros.

Estas considerações levaram-me a partir um pouco mais cedo do que projetara, e a corte, que anelava pela minha saída, contribuiu para isso com solicitude. Quinhentos operários foram empregados no fabrico de duas velas para o meu barco, segundo as ordens, dobrando-se em treze o mais grosso tecido que havia lá, e acolchoando-o. Entreguei-me à tarefa de fazer cordas e cabos,

juntando dez, vinte ou trinta dos mais fortes que eles tinham .
Uma grande pedra, que tive a sorte de encontrar perto da praia,
após aturadas pesquisas, serviu-me de âncora; e gordura de
trezentos bois serviu-me para encebar o meu escaler e para
outros usos. Tive um trabalho insano em cortar as maiores
árvores para fazer remos e mastros, no que, contudo, fui
auxiliado pelos carpinteiros dos navios de Sua Majestade.

Decorrido perto de um mês, quando tudo estava a postos, fui ter
com o rei para receber as suas ordens e, simultaneamente, fazer
as minhas despedidas. O rei, acompanhado da família e corte,
saiu do palácio. Deitei-me de bruços para ter a honra de lhe beijar
a mão, que me estendeu muito graciosamente, assim com o
a rainha e os jovens príncipes. Sua Majestade presenteou-me
e com cinquenta bolsas contendo duzentos spruggs cada uma,
com o seu retrato em tamanho natural, que me dei logo nas
minhas luvas para não se estragarem .

Embarquei a bordo do escaler cem bois e trezentos carneiros,
com pão e bebidas em proporção e certa quantidade de carne
cozida, tanta quanto os quatrocentos cozinheiros me haviam
podido fornecer. Tratei de obter seis vacas e seis touros vivos, e
igual número de ovelhas e cordeiros, com o fito de os levar ao mar

eu país, para fazer procriar a espécie; forneci-m e tam bém de feno e trigo. Não m e faltou vontade de levar com igo seis naturais do país, m as o rei não consentiu, e, além de m e passarem um a m inuciosa busca às algibeiras, Sua Maj estade fez- m e dar a m inha palavra de honra de que não levaria nenhum dos seus súditos, ainda que consentissem nisso ou m o pedissem .

P reparadas as coisas deste m odo, fiz-m e ao m ar no vigésim o quarto dia de Setem bro de 1701, pelas seis horas da m anã, e, depois de ter navegado quatro léguas para o norte, notei que estava o vento de sudoeste; às seis da tarde descortinei um a ilhota que se prolongava aproxim adam ente m eia légua para o norde ste . Segui avante e lancei ferro do lado da costa da ilhota, que estava abrigada do vento e m e pareceu desabitada. Bebi alguns refrescos e fui de sc a nsa r. Dorm i perto de seis horas, porque o dia com eçou a despontar duas horas depois de eu ter acordado. Alm opei, e, com o o vento estava de feição, levantei ferro e segui o m esm o rum o do dia anterior, guiado pela m inha agulha portátil. Era m eu desígnio, caso m e fosse possível, aproar a um a das ilhas que, com razão, supunha situadas ao nordeste da terra de Van Diem en.

Nesse dia nada descobri; mas no imediato, pelas três horas da tarde, depois de ter navegado, segundo os meus cálculos, perto de vinte e quatro léguas, enxerguei um navio que se dirigia para o sudoeste. Larguei o pano todo e, ao cabo de meia hora, o navio, que me tinha avistado, arvorou o seu pavilhão e disparou um tiro de canhão. É difícil patentear a alegria que experimentei com a esperança de tornar a ver novamente o meu país e os queridos entes que lá deixara. O navio ferrou as velas e veio ao meu encontro, das cinco para as seis horas da tarde de 26 de Setembro. Fiquei louco de contentamento ao ver o pavilhão inglês. Meti as vacas e os carneiros na algibeira do gibão e subi para

bordo com a minha pequena carga de víveres. Era um navio mercante inglês, que regressava do Japão pelos mares do norte e do sul, com andamento pelo capitão João Bidell, de Depford, honrado homem e excelente marinheiro.

Havia a bordo perto de cinquenta homens, entre os quais encontrei um antigo camarada meu, Pedro Williams, que falou elogiosamente de mim ao capitão. Esta boa criatura proporcionou-me magnífico acolhimento e pediu-me que lhe dissesse de onde vinha e para onde me dirigia, o que fiz em poucas palavras; julgou, porém, que a fadiga e os perigos que eu tinha corrido me haviam transtornado a cabeça, pelo que

tirei logo da algibeira as vacas e os carneiros, o que deu lugar a um a grande adm iração de seu lado, provada, assim , a veracidade do que acabava de narrar. Mostrei-lhe as m oedas de ouro, que m e dera o rei de Blefuscu, e bem assim o retrato em tam anho natural e m uitas outras curiosidades do país. Dei-lhe duas bolsas com duzentos spruggs e prom eti que, chegando à Inglaterra, lhe faria presente de um a vaca e de um a ovelha prenhes.

Não im portunarei o leitor com os porm enores da m inha viagem ; aproám os às Dunas em 13 de Abril de 1702. Um a única fatalidade m e aconteceu: os ratos do navio arrebataram -m e um a das ovelhas. Desem barquei o resto do m eu gado com excelente saúde e soltei-o a pastar no canteiro de um j ardim , onde se j ogava bola, em Greenwich.

Durante o pouco tem po que m e deixei ficar em Inglaterra, am ealhei um razoável pecúlio em m ostrar os m eus anim ais a várias pessoas de im portância e até à gente do povo, e, antes de em preender a m inha segunda viagem , desfiz-m e deles por seiscentas libras esterlinas. Após o m eu últim o regresso, em vão procurei a raça que j ulgava consideravelm ente aum entada, principalm ente os carneiros; esperava que tudo aquilo

revertesse em favor das nossas manufaturas de lã pela finura dos velos.

Piquei apenas dois meses em companhia de minha mulher e dos meus: a insaciável paixão de ver terras estranhas não consentia que estivesse muito tempo sedentário. Entreguei a minha mulher mil e quinhentas libras esterlinas e alojé-a numa bela casa em Redriff; levei comigo o resto dos meus bens, uma parte em dinheiro e outra em mercadorias, com o intuito de aumentá-los. Meu tio John deixara-me umas terras perto de Epping, que rendiam trinta libras esterlinas e eu alugara a longo prazo os Touros Negros, em Fotherlane, que me davam o mesmo rendimento. Por este processo, não corria o risco de deixar minha família na necessidade de recorrer à caridade da paróquia. Meu filho John, a quem dei o nome de meu tio, aprendia latim e freqüentava o colégio; minha filha Isabel, casada atualmente e com filhos, consagrava-se ao trabalho de agulha. Despedi-me de minha mulher e de meus filhos e, apesar de bastantes lágrimas choradas de parte a parte, embarquei corajosamente a bordo do *À ventura*, navio mercante, de trezentas toneladas, com andamento pelo capitão João Nicolau. de Liverpool.

SEGUNDA PARTE

VIAGEM A BROBDINGNAG

CAPÍTULO I

O autor, depois de haver suportado um grande temporal, em barca num escaler para se dirigir à terra e é agarrado por um dos seus naturais - Com o foi tratado - Esboço sobre o país e o seu povo.

TENDO sido condenado pela natureza e pela fortuna a uma agitada existência, dois meses depois da minha chegada, como já referi, tornei a deixar a minha terra natal e embarquei nas Dunas, em 20 de Junho de 1702, a bordo do navio À ventura, cujo capitão, João Nicolau, da província de Cornualha, partia para Surate. Tivemos o vento favorável até às alturas do Cabo da Boa Esperança, onde lançámos os ferros para fazer aguada. Encontrando-se o nosso capitão atacado de uma febre intermitente, só pudemos sair do Cabo em fins de Março.

Tornámos então a fazer-nos de vela e a nossa viagem decorreu bem até o estreito de Madagascar; chegando, porém, ao norte

desta ilha, os ventos, que nesses mares sopram sem pre entre norte e oeste, desde o princípio de Dezembro até princípio de Maio, começaram em 29 de Abril a soprar muito violentamente do lado de oeste, o que durou vinte dias seguidos, e nesse prazo foram os impelidos um pouco para o oriente das ilhas Molucas sobre três graus ao norte da linha equinocial, o que o nosso capitão descobriu pelo cálculo feito no segundo dia de Maio, quando o vento amainou; sendo, porém, muito experimentado na navegação desses mares, deu-nos ordem para nos prepararmos para sofrer uma terrível tempestade, que não tardou a desencadear. Principiou a levantar-se

um pé de vento chamado monção. Temendo que o vento se tornasse demasiado forte, ferramos a vela de estai e pusemos-nos de capa para ferrar a mezena; o tempo, porém, aumentava, e fizemos amarrar os canhões e ferramos a mezena. O navio estava ao largo, e pareceu-nos que o melhor partido a tomar era ir de vento em popa. Amarramos a mezena e esticamos as escotas; o leme estava voltado ao vento e o navio governava bem. Largamos a vela grande, mas ficou rasgada com a violência do tempo. Em seguida, arriamos a grande verga, a fim de desmantilhar e cortamos todas as cordagens e o cadernal que a segurava. No mar encapelado as vagas entrecrocavam-se. Tiramos as malaguetas e ajudamos o timoneiro, que não podia governar só.

Não quisem os arriar o m astro da gávea, porque o navio aguentava-se m elhor correndo com o tem po e estavam os persuadidos de que prosseguiria o seu rum o m esm o com o m astro içado.

Vendo que nos encontrávam os m uito ao largo depois da tem pestade, largám os a m ezena e a vela grande e navegám os com vento da alheta; em seguida largám os o velacho, a vela de estai e a gávea. O nosso rum o era este- nordeste, e o vento era de sudoeste. Am arrám os a estibordo e desam arrám os de barlavento, braceám os as bolinas e pusem os o navio m ais perto do vento, a todo o

pano. Durante este tem poral, que foi seguido desse im petuoso vento, de este- sudoeste, fom os im pelidos, segundo os m eus cálculos, para quinhentas léguas aproxim adamente para o Oriente, de m odo que o m ais velho e o m ais experim entado dos m arinheiros não nos soube dizer em que parte do m undo estavam os. Entretanto, os nossos víveres não faltavam, o navio não abrira água e a nossa tripulação gozava boa saúde; a ração de água, porém, era m uito dim inuta. Pareceu-nos, pois, m ais conveniente continuar a m esm a rota, em vez de voltarm os ao norte, o que talvez nos tivesse levado até às paragens da Grande Tartária que ficam m ais para nordeste e no m ar Glacial.

A 16 de Junho de 1703, um gageiro descobriu terra do alto do jooanete; a 17, vim os claram ente um a grande ilha ou um continente, (pois não soubem os qual das duas coisas era), ao lado direito do qual havia um a pequena língua de terra, que entrava pelo m ar e um a enseada dem asiado baixa para poder receber um navio com m ais de cem toneladas. Lançám os ferro a um a légua dessa enseada; o nosso capitão m andou doze hom ens da sua equipagem bem arm ados na chalupa, com recipientes para água, caso pudessem encontrar. P edi-lhe licença pa r aacom panhar a esse país e fazer as descobertas que pudesse. Quando desem barcám os, não encontrám os nem ribeira, nem fontes, nem vestígio algum de habitantes, o que forçou nossa gente a costear a m argem para procurar água doce j unto do m ar. Quanto a m im , passei só e cam inhei aproxim adam ente um a m ilha dentro dessas terras, que percebi logo serem apenas um a região estéril e cheia de rochedos. P rincipiei a aborrecer-m e, e, não vendo coisa algum a que pudesse satisfazer a m inha curiosidade, tornei tranqüilam ente para a enseada, quando vi os nossos hom ens na chalupa, que pareciam tentar, à força de rem os, salvar a vida, e notei ao m esm o tem po que eram perseguidos por um hom em de tam anho descom unal. Ainda que entrasse pelo m ar dentro, a água apenas lhe chegava aos j oelhos e dava espantosas pernadas; os nossos hom ens, porém , tinham o avanço de quase m eia légua e com o o m ar neste ponto era cheio de rochedos, o hom enzarrão não pôde

alcançar a chalupa. Por minha parte, desatei a fugir tão rapidamente quanto as pernas me permitiam, e trepei até ao cum e de um a escarpada montanha, que me proporcionou o meio de avistar uma parte da região. Achei-a muito bem cultivada; mas o que a princípio me surpreendeu foi o tamanho da erva, que me pareceu ter mais de vinte pés de altura.

Tom ei por uma estrada que se me afigurou para os habitantes uma pequena vereda que atravessava um campo de cevada. Por aí caminhei durante algum tempo, mas eu nada podia ver, porque o tempo da ceifa estava próximo e os trigos tinham a altura de quarenta pés. Caminhei seguramente uma hora antes de que conseguisse chegar ao extremo desse campo, que era defendido por uma sebe alta, de uns cento e vinte pés; quanto às árvores, essas eram tão grandes, que não lhes pude calcular a altura.

Tentei encontrar alguma abertura na sebe, quando enxerguei um dos habitantes em um campo próximo, do mesmo tamanho daquele que vira no mar perseguindo a chalupa. Afigurou-se-me tão alto como um campanário vulgar, e cada pernada ocupava o espaço de cinco toesas. Fui tomado de grande terror e corri a ocultar-me no trigo, de onde o vi parar j

unto de um a abertura da sebe, lançando a vista para um e outro lado e chamando com uma fortíssima e ressonante voz, como se partisse de um porta-voz; o som era tão forte e tão elevado, que a princípio julguei ser um trovão. Logo sete homens da sua estatura se encaminharam para ele, todos de foicinha em punhada e cada foicinha era do tamanho de seis foices das usadas na Europa. Estes homens não estavam tão bem vestidos como o primeiro e pareciam criados. Apenas receberam ordem, dirigiram-se para o campo em que eu estava, para ceifar o trigo. Afastei-me deles o mais que foi possível; mas movia-me com extrema dificuldade, porque os colmos de trigo eram algumas vezes muito distantes uns dos outros, de maneira que quase sempre tornava impossível caminhar naquela espécie de mata. Contudo, dirigi-me para um sítio do campo, onde a chuva e o vento tinham acamado o trigo; fui-me, então, totalmente impossível ir mais além, porque os caules estavam tão entrelaçados, que não havia meio de atravessá-los e as barbas das espigas caídas eram tão fortes e tão agudas, que me picavam através da veste, penetrando-me na carne. Entretanto, percebi que os ceifadores distavam de mim umas cinquenta toesas. Sentindo-me completamente exausto e reduzido ao desespero, deitei-me entre dois sulcos e desejava aí acabar os meus dias, representando-se-me a minha viúva desolada, com meus filhos órfãos e deplorando a minha

loucura, que me fizera em preender essa segunda viagem contra a vontade de todos os meus amigos e parentes.

Nesta terrível agitação, não podia deixar de pensar no país de Lilipute, cujos habitantes me haviam considerado com o maior prodígio que até então aparecera no mundo, onde era capaz de arrastar só com uma das mãos toda uma esquadra e de praticar outras maravilhosas, cuja memória será eternamente conservada nas crônicas daquele império, em bora a posteridade não queira acreditar, ainda que confirmadas por uma nação inteira. Refleti que minha ortificação não seria para mim parecer tão miserável aos olhos da nação, onde agora me encontrava, com o que seria um liliputiano entre nós; no entanto, olhava isto com o a menor das minhas fatalidades, porque é coisa para notar que os entes humanos são ordinariamente mais selvagens e mais cruéis em proporção ao seu tamanho e, assim refletindo, que podia eu esperar senão ser um manjar na boca do primeiro daqueles enormes bárbaros que me apanhasse? De fato, os filósofos têm razão, quando dizem que não há grande nem pequeno senão por comparação. Talvez os Liliputianos encontrassem alguma nação menor em relação a eles, com o que me pareceram, e quem sabe se esta prodigiosa raça de mortais não seria uma nação liliputiana em relação à de qualquer outro país, que não descobrimos ainda?

Mas, aterrado e confuso, com o estava, não fiz então todas estas observações filosóficas.

Um dos ceifeiros, acercando-se a cinco toesas do sulco em que estava deitado, fez-me recuar que, dando-me mais um passo, me esmagasse com o pé ou me cortasse em dois com a foicinha; foi por isso que, vendo-o prestes a levantar o pé e a caminhar, comecei a soltar gritos de piedade tão fortes quanto o terror de que estava possuído e consentiu. Considerou-me algum tempo com a circunspeção de um homem que tenta agarrar um pequeno animal perigoso, de forma que não seja arranhado nem mordido, com o que eu próprio fizera algumas vezes na Inglaterra com respeito a um a doninha. Por fim, ousou tomar-me pelas nádegas e ergueu-me a toesa e meia da sua vista, a fim de examinar o meu rosto mais atentamente. Adivinhei-lhe a intenção e resolvi não fazer a menor resistência, enquanto ele me suspendia no ar a mais de sessenta pés do chão, ainda que me apertasse cruelmente as nádegas, receando que lhe escorregasse por entre os dedos. Tudo o que ousei fazer foi limitar-me a olhar para o céu, e pôr as mãos em atitude suplicante e a proferir algumas palavras num tom muito humilde e muito triste, em conformidade com o estado em que me encontrava então, porque a todo o momento me arreceava de que me esmagasse com o de ordinário esmagam os certos

animais daninhos que querem os matar; ele, no entanto, pareceu contente com a minha voz e os meus gestos e principiou a olhar-me e com o um objeto curioso, ficando bastante surpreendido ouvindo-me e falar.

Entretanto, não podia deixar de gemer e de chorar, e, voltando a cabeça, fazia-lhe perceber, tanto quanto podia, quanto me magoava o seu índice e o polegar. Pareceu ter compreendido a dor que eu sentia, porque, erguendo uma aba do seu gibão, me colocou carinhosamente dentro dela e correu logo ao lado, que era o único lavrador, o mesmo que eu tinha visto no campo havia pouco.

O lavrador pegou em um pedacinho de palha quase da grossura de uma bengala de uso comum, e com essa palhinha ergueu as abas do meu casaco, tomando-as, pelo que me pareceu, por uma espécie de cobertura com que a Natureza me dotara; soprou os cabelos para melhor me ver o rosto; chamou os criados, perguntou-lhes, segundo supus, se já alguma vez tinham visto algum animal parecido comigo. Depois, colocou-me com a máxima cautela no chão com as quatro patas, mas eu me levantei logo e caminhei com gravidade, de um lado para o outro, para dar a entender que não tinha em mente fugir. Sentaram-se

todos em volta de mim, para melhor examinar os meus movimentos. Tirei o chapéu e cumprimentei-me ao lavrador, lancei-me a seus pés, levantei as mãos e a cabeça, e proferi algumas palavras o mais forte que pude. Tirei da algibeira uma bolsa cheia de ouro e apresentei-lha humildemente. Recebeu-a na palma da mão e chegou-a muito perto dos olhos para ver o que era e em seguida virou-a e revirou-a com a ponta de um alfinete que tirou da manga, mas nada percebeu. Nisto, fiz-lhe sinal para que pusesse a mão no chão e, tomando a bolsa, abri-a e espalhei todas as moedas de ouro na sua mão. Tinha seis moedas espanholas de quatro pistolas cada uma, sem contar umas trinta moedas menores. Vi-o olhar o dedo mínimo na língua e levantar uma das moedas maiores e logo outra; pareceu-me, porém, ignorar completamente o que era; indiquei-lhe que as tornasse a guardar na bolsa e que a metesse na minha algibeira.

O lavrador ficou então persuadido de que eu era uma criatura pensante;

dirigi-me a palavra ao judeu, mas o timbre da sua voz aturdi-me os ouvidos como se fora uma azenha; no entanto, as palavras eram claras. Respondi o mais alto que pude em várias línguas e muitas vezes aplicou o ouvido a uma toesa de mim, mas em vão. Depois, mandou a sua gente voltar para o seu

trabalho, e, puxando pelo lenço, dobrou-o em dois e colocou-o na mão esquerda que pusera no chão, fazendo-me sinal para que saltasse para dentro, o que pude fazer com facilidade, porque não tinha mais que um pé de espessura. Pareceu-me e dever obedecer, receando cair, deitei-me e ao com prido no lenço, em que me envolvi e, por essa maneira, fui levado até à sua casa. Aí, chamou a mulher e apresentou-me a; ela, porém, soltou horríveis gritos e recuou com o fazem as mulheres em Inglaterra ao ver um sapo ou uma aranha. Entretanto, quando, ao cabo de certo tempo, reparou em todos os meus modos e em como eu compreendia os sinais que o marido me fazia, começou a tratar-me com mais ternura.

Estava próximo o meio-dia e então um criado pôs o jantar na mesa. A refeição era, conforme o uso com um do lavrador, constituída de carne cozida dentro de um prato com o diâmetro aproximado de vinte e quatro pés. A família com punha-se do lavrador, da mulher, de três filhos e de uma velha avó. Assim que se sentaram, o dono da casa colocou-me a pequena distância dele, em cima da mesa que tinha uns trinta pés de altura. Coloquei-me o mais afastado possível do rebordo, com medo de dar uma queda. A mulher cortou um bocadinho de carne, em seguida pôs em um prato de madeira que pôs diante de mim. Fiz-lhe uma reverência muito humilde e, fazendo uso do m

eu garfo e da minha faca, com ecei a com er, o que lhes causou grande satisfação. A dona da casa mandou a criada buscar um pequeno cálice que tinha capacidade para dez canadas; depois, encheu-o de um líquido. Ergui o cálice com grande dificuldade e, com um modo muito respeitoso, bebi à saúde dela, exprimindo-me em inglês o mais alto que me foi possível, o que fez com que os assistentes dessem tão grandes gargalhadas que quase fiquei surdo. Este líquido tinha um pouco o sabor da cidra e não era desagradável. O lavrador fez-me sinal para que me colocasse ao lado do seu prato de madeira; mas, caminhando muito depressa, tropecei numa côdea de pão e caí de bruços, sem que, contudo, me magoasse. Levantei-me e logo, notando que aquela boa gente estava muito contristada, agarrei o meu chapéu e, fazendo-o voltear sobre a cabeça umas poucas de vezes, soltei três vivas para provar que não tinha sofrido dano algum; ao encaminhar-me, porém, para o meu camarão, (este é o nome que doravante lhe vou dar), o filho mais novo, que estava sentado mais perto dele, e que era um aldo, tendo pouco mais ou menos dez anos, agarrou-me pelas pernas e levantou-me a tamanha altura, que todo eu estremeci. O pai livrou-me das suas mãos e ao mesmo tempo assobiou-lhe com tanta força o ouvido esquerdo, que seria capaz de deitar abaixo um regimento de cavalaria européia, e mandou-o sair da mesa; tendo, porém, que o pequeno me ficasse com zanga, pois sei bem o que são rapazes, sempre mais e prontos a fazer

perversidades a aves, a gatos, a cães e a coelhos, lancei-m e de j oelhos e pedi instantem ente ao pai, indicando-lhe o filho, que o desculpasse. O pai acedeu e o rapazinho retornou a seu lugar; então, dirigi-m e para ele e beij ei-lhe a m ão.

A m eio do j antar, o gato favorito da m inha am a saltou-lhe para o colo. Ouvi atrás de m im um ruído sem elhante ao de doze fabricantes de m eias trabalhando, e, voltando a cabeça, notei que era o gato que m iava. P areceu-m e três vezes m aior do que um boi, quando lhe exam inei a cabeça e um a das patas, enquanto a am a lhe dava de com er e lhe fazia festas. A ferocidade do focinho deste anim al de sc onc e rtou-m e com pletam ente, em bora estivesse a respeitável distância da m esa, a uns cinqüenta pés pelo m enos, e em bora a m inha am a segurasse o bichano com m edo que m e saltasse; m as não houve novidade e o gato poupou- m e.

Meu am o postou-m e a toesa e m eia do gato e com o sei que, sem pre que se foge de um anim al feroz ou se m ostra m edo, o anim al persegue-nos infalivelm ente, resolvi portar-m e convenientem ente j unto do bichano e andei resolutam ente um as dezoito polegadas, o que o fez recuar com o se tivesse m edo de m im . Os cães não m e assustaram tanto. Entraram uns quatro, e, entre eles, um m astim do tam anho de quatro elefantes e um galgo m ais alto, m as m enos corpulento.

Ao fim do jantar, entrou a ama de leite, trazendo ao colo uma criança de um ano que, assim que me viu, soltou gritos tão fortes, que não me custava nada acreditar se ouvissem da ponte de Londres até Chelsea. A criança, olhando-me com o se fora um boneco ou uma bugiganga, chorava, porque me queria para brincar. Mãe pegou em mim e entregou-me nas mãos da criança, que me levou à boca; ao ver-me em tal situação, dei tantos gritos, que a criança, assustada, deixou-me cair, e teria infalivelmente quebrado a cabeça se a mãe não me aparasse no avental. A ama, para sossegar o pequeno, deu-lhe um guizo do tamanho de uma pipa, cheio de pedregulhos, e preso, por meio de uma corda, à cintura do pequeno. Isso porém não o sossegou, tendo a ama de recorrer ao extremo remédio e que foi dar-lhe de mamar. Forçoso é confessar que nunca vi coisa que mais nojosa causasse do que os peitos da cidadã ama, não sabendo mesmo o que possa com pará-los.

Isto fez-me lembrar os peitos das damas inglesas, que tão encantadores são e que nos aparecem tais com o são, porque são proporcionais à nossa vista e à nossa estatura; entretanto, o microscópio, ao examinando-os, faz-nos aparecer muitos sítios, que escapam à vista desarmada, tornando-os extremamente feios. Pois os peitos da ama obedeciam a estas regras. Assim foi

que, em Lilipute, um a m ulher m e dizia que lhe parecia m uito feio, que descobria na m inha pele grandes buracos, que os pêlos da barba eram dez vezes m ais ásperos do que as cerdas do porco e a m inha tez, com posta de diversas cores, não podia ser m ais desagradável, ainda que sej a louro e passe por possuir um a bonita carnação.

Depois do j antar, m eu am o m andou cham ar os ceifeiros e, pelo que lhe percebi pela voz e pelos gestos, encarregou a m ulher de ter grande cuidado com igo. Sentia-m e bastante cansado e com grande vontade de dorm ir; percebendo isso, m inha am a m eteu-m e na sua cam a e tapou-m e com um lenço branco, m as m uito m ais largo do que a vela de um navio.

Dorm i duas horas e sonhei que estava em casa ao lado de m inha m ulher e de m eus filhos, o que tornou m aior a m inha aflição quando, ao acordar, m e encontrei só num enorm e quarto de duzentos a trezentos pés de com prido por duzentos de alto e deitado num a cam a com a largura de dez toesas. Minha am a saíra para tratar dos serviços da casa e tinha-m e deixado fechado. A cam a ficava à altura de quatro toesas do chão; contudo, certas necessidades naturais forçavam -m e a descer, e não m e atrevi a cham ar; em bora o tentasse, seria em vão, pois

um a voz com o a minha, e estando a tão grande distancia, com o a que havia do quarto em que eu estava, à cozinha, onde se encontrava a família, não era fácil de ouvir. Entretanto, dois ratos treparam ao longo dos cortinados e desataram a correr pela cama; um aproximou-se da minha cara e tão assustado fiquei, que me levantei logo em punhando um sabre para me defender. Estes terríveis animais tiveram a insolência de me atacar por dois lados, mas furei a barriga de um, enquanto o outro fugiu. Após esse feito, deitei-me para descansar um pouco e tornar a mim. Estes animais eram do tamanho de um cão de fila, mas infinitamente mais ágeis e mais ferozes, de maneira que, se tivesse tirado o cinturão e posto debaixo de mim antes de me deitar, teria sido infalivelmente devorado pelos ratos.

Pouco depois, a minha ama entrou no quarto e, vendo-me cheio de sangue, pegou em mim. Apontei-lhe o rato morto, sorrindo e fazendo outros sinais, dando-lhe a entender que não estava ferido, o que lhe causou certa alegria. Tentei fazer-lhe com preceito que desejava muito ir para o chão, o que ela fez, mas o acanhamento não me permitiu exprimir de outra maneira, que não fosse apontando para a porta e fazendo muitas mesuras. A bondosa mulher percebeu, ainda que com certa dificuldade, e, tomando-me pela mão, levou-me até ao jardim, onde me deixou. Afastando-me umas cem toesas e,

fazendo sinal para que me não olhasse, ocultei-me entre duas folhas de azedas e aí fiz o que o leitor facilmente adivinhará.

CAPÍTULO II

Retrato da filha do lavrador - O autor é levado a um a cidade onde havia um a feira, e, em seguida, à capital - Porm enores da sua viagem .

A citada senhora tinha um a filha de nove anos, criança m uito inteligente e esperta para a sua idade. A m ãe de com binação com ela, lem brou-se de m e preparar, para passar a noite, a cam a da boneca, antes que anoitecesse. Meteram a referida cam a num a gaveta da m esinha de cabeceira e colocaram esta gaveta em cim a de um a prateleira, suspensa na parede, por causa dos ratos; e foi essa a cam a em que dorm i durante a m inha perm anência em casa de tão bondosas criaturas. Era tão hábil esta pequena, que, depois de m e vestir e despir-m e diante dela um as duas vezes, soube vestir-m e e despir-m e, quando lhe aprazia, em bora fosse só por obediência, que lhe eu dava sem elhante trabalho; fez-m e seis cam isas e outras espécies de roupa branca, do m ais fino pano que fora possível encontrar-se, (e que, em boa verdade, era m uito m ais grosso do que o tecido para velas de navio), e ela própria as lavava. A m inha lavadeira arm ara-se tam bém em professora, ensinando-m e o idioma do seu país. Quando eu apontava para qualquer coisa, dizia-m e logo

o nome e que tinha, de maneira que, dentro em pouco, fiquei apto para pedir o que queria; era de muito boa índole; deu-me o nome de Grildrig, palavra que significa aquilo a que os Latinos chamam homúnculos, os italianos homuncelino e os ingleses manikin. É a ela que devo a conservação da minha existência. Estávamos sempre juntos; eu chamava-lhe Glumdalclitch, ou estrazinha, e seria um indício de negra ingratidão se alguma vez esquecesse os cuidados e a afeição que me proporcionava. De todo o coração, desejo que um dia esteja em condições de retribuí-los, em lugar de ser talvez a inocente, mas a funesta, causa da sua desventura, com o que tive ocasião de verificar.

Corria então por todo o país que o meu animal encontrara no campo um animal, do tamanho de, talvez, um splacnuck (animal da região que devia ter seis pés) e com a mesma configuração de um ente humano; que imitava o homem nas suas menores ações e parecia falar uma espécie de linguagem, que lhes era própria; que já aprendera muitos vocábulos do idioma deles; que caminhava direito sobre os dois pés, era dócil e tratável, acudia logo que o chamavam, fazia tudo quanto lhe ordenavam, tinha os membros delicados e uma tez mais branca e mais fina do que a filha de um fidalgo aos três anos de idade. Um lavrador, seu vizinho e seu íntimo amigo, veio fazer-lhe uma visita para verificar a veracidade do boato que corria. Mandaram-me e logo chamar; colocaram-me em cima da mesa, por onde caminhei,

com o m e ordenavam . Desem bainhei e em bainhei a espada;
cum prim entei o am igo do m eu am o; perguntei-lhe, na língua do
seu país, com o ia de saúde, dei-lhe as boas vindas, enfim , segui
todas as indicações da m inha pequena professora. Este hom em
, a quem a avançada idade cansara a

vista, pôs os óculos para m e ver m elhor; essa ação fez-m e soltar
um a grande gargalhada. As pessoas da fam ília, que descobriram
o m otivo da m inha alegria, tam bém desataram a rir; o alvej ado,
porém , era tão gebo e tão palerm a, que não se m elindrou com
isso. Tinha a aparência de um avarento e isso foi confirm ado pelo
estúpido conselho que deu a m eu am o, para que m e fizesse ver
por dinheiro em qualquer dia de feira, na cidade próxim a,
afastada da nossa casa m ais de vinte e duas m ilhas. Pareceu-m
e que falavam a m eu respeito, pois o faziam em segredo, durante
algum tem po, e outras vezes olhavam para m im e apontavam -
m e.

No dia seguinte, de m anhã, Glum dalclitch, a m inha j uvenil am a,
confirm ou as m inhas suspeitas, contando-m e toda a conversa
que tivera com a m ãe. A pobre pequena m eteu-m e no seio e
bastantes lágrim as chorou; receava que m e acontecesse algum
mal; que m e pisassem , m e estropeassem , ou, talvez, hom ens
rústicos e brutais m e esmagassem , quando m e segurassem .
Com o notasse que era de índole m odesto e m uito delicado

em tudo quanto respeitava à minha honra, apouquentava-se por me ver exposto por dinheiro à curiosidade do mais baixo povo; dizia que o pai e a mãe lhe tinham prometido que Grildrig seria tudo para ela, porém que via perfeitamente que queriam enganá-la, com o que no ano anterior lhe haviam feito, quando lhe fingiram dar um cordeiro, que, tornado carneiro, foi vendido a um magarefe. Quanto a mim, posso dizê-lo com verdade, senti menos pesar do que a minha pequena dona. Concebi grandes esperanças, que nunca me abandonaram, de que um dia recuperaria a liberdade e, com respeito à ignomínia de ser transportado de um lado para o outro, com o animal raro, pensei que tal desgraça nunca poderia ser repreensível e não atingiria a minha honra, quando chegasse à Inglaterra, porque o próprio rei da Grã-Bretanha, se estivesse em idênticas circunstâncias, teria a mesma sorte.

Meu amigo, conforme a opinião do amigo, meteu-me em um caixote e, no dia da feira, conduziu-me para a cidade próxima com a filha. O caixote era todo tapado e apenas tinha alguns buracos para deixar entrar o ar. A minha amiga tinha tido o cuidado de colocar debaixo de mim o colchão da cama da sua boneca; entretanto, fui rudemente sacudido durante a viagem, que, no entanto, foi apenas de meia hora. O cavalo andava quarenta pés aproximadamente cada passo, e trotava

de tal maneira, que a oscilação era a mesma de um navio por ocasião de temporal; o caminho era um pouco mais com prido do que de Londres a Saint-Albans. O meu dono apeou-se do cavalo numa estalagem, onde costumava ficar e, depois de conversar um pouco com o estalajadeiro e fazer alguns preparativos necessários, alugou um grultred, ou pregoeiro público, para chamar a atenção de toda a cidade para um animal raro, que se poderia ver por indicação da Águia-Verde, que era menor do que um splacnuck e parecido, em todas as partes do seu corpo, com uma criatura humana, que podia pronunciar muitas palavras e fazer uma infinidade de frases retumbantes.

Fui colocado sobre uma mesa na maior sala da estalagem, que tinha quase trezentos pés quadrados. A minha pequena dona antinha-se de pé em um

tamborete muito perto da mesa, para tomar conta de mim e dar-me instruções sobre o que deveria fazer. O meu dono, para evitar a multidão e a desordem, não consentiu que entrassem mais de trinta pessoas de cada vez para me verem. Andei por um lado e outro em cima da mesa, seguindo as indicações da menina. Dirigiu-me algumas perguntas, que tinham resposta ao meu alcance e respondi o melhor e o mais alto que me foi possível. Voltei-me várias vezes para todos os circunstantes e fiz mimilcumprimentos. Tomei um dedal cheio de vinho, que Glum

dalclitch m e dera com o copo, e bebi à sua saúde. Desem bainhei a espada e fiz o m olinete à m aneira dos esgrimistas de Inglaterra. A m inha dona deu-m e um a haste de palha, fazendo exercícios nela com o funãm bulo, que aprendera na m inha m eninice. Nesse dia, fui m ostrado durante doze vezes e obrigado a repetir sem pre a m esm a coisa, até que estivesse quase m orto de fadiga, de aborrecim ento e de desgosto.

Aqueles que m e viram fizeram tais referências a m eu respeito, que o povo quis forçar as portas para entrar.

Meu am o, tendo em vista os seus próprios interesses, não deixou que pessoa algum a m e tocasse, salvo a filha, e, para m e colocar m ais ao abrigo de qualquer acidente, enfileirara bancos em volta da m esa, a um a distância que m e punha fora do alcance do espectador. No entanto, um pequeno e m au estudante arrem essou-m e à cabeça um a noz, e por pouco que m e não alcança; foi arrem essada com tanta força que, se o golpe lhe não falhava, ter-m e-ia feito saltar os m iolos, pois era quase tão grande com o um m elão; tive, porém, o prazer de ver que o estudantinho foi posto fora da sala.

Meu am o fez anunciar que, no dia seguinte, havia ainda de mostrar-me; entretanto, arranjam-me um modo de condução mais cômodo, visto que ficara derreadíssimo com a primeira viagem, e com o espetáculo que dera durante oito horas consecutivas não me podia ter nas pernas e quase estava sem voz. Para concluir, quando estava de volta, os fidalgos das vizinhanças, ouvindo falar de mim, foram ter à casa do meu amo. Houve um dia em que apareceram mais de trinta com as mulheres e os filhos, porque nesse país, assim como na Inglaterra, há muitos fidalgos ociosos e mandriões.

Meu amo, vendo o proveito que podia tirar de mim, resolveu deixar-me ver nas mais importantes cidades do reino. Tendo-se fornecido das coisas mais necessárias para uma viagem longa, depois de ter regulado os seus negócios particulares, e de se haver despedido da mulher, a 17 de Agosto de 1703, aproximadamente dois meses depois da minha chegada, partimos em direção à capital, situada no centro deste império, a quinhentas léguas de distância da nossa moradia. Meu amo fez sentar a filha na garupa, por detrás dele. Levou-me em uma caixa presa em volta do corpo, metida no pano mais fino que ela pôde encontrar.

A vontade de meu amo era fazer-me ver pelo caminho, em todas as

idades, vilas e aldeias um pouco importantes, e percorrer até os solares da nobreza que pouco o desviassem do seu caminho. Fizem os jornadas pequenas, apenas de oitenta ou cem léguas, porque Glum dalclitch, de propósito, para me evitar fadiga, queixou-se de que já estava moída com o andamento do cavalo. Muitas vezes me tirava da caixa para tomar um pouco de ar. Atravessam os uns seis rios mais largos e mais profundos que o Nilo e o Ganges, e quase não havia ribeiro que não fosse maior do que o Tâmesa na ponte de Londres. Demorámo-nos três semanas nessa viagem e fui exibido em dezoito grandes cidades, sem contar várias aldeias e muitos solares de província.

Ao vigésimo sexto dia de Outubro, chegámos à capital, chamada na sua língua Lorbrulgrud ou o Orgulho do Universo. Meu amo alugou um aposento na principal rua da cidade, pouco afastado do palácio real, e distribuiu, conforme costumava, programadas, contendo uma minuciosa e atraente descrição da minha pessoa e das minhas habilidades. Alugou uma grande sala de trezentos a quatrocentos pés de largura, onde colocou uma mesa com sessenta pés de diâmetro, em cima da qual eu devia desempenhar o meu papel; fê-la cercar de paliçadas, para evitar que eu caísse. Foi em cima desta mesa que me exibiu dez

vezes por dia, com grande espanto e satisfação de todo o povo. Então, sabia eu falar sofrivelmente a sua língua e entendia perfeitamente tudo quanto diziam de mim; além disso, aprendera o seu alfabeto e podia, embora com certo custo, ler e explicar os livros, porque Glum dalclitch dera-me lições em casa do pai e nas horas de descanso no decorrer da viagem; trazia um livro na algibeira, um pouco maior do que um volume e de atlas, livro para uso das crianças, e que era uma espécie de catecismo resumido; servia-se dele para me ensinar as letras do alfabeto e dava-me a interpretação das palavras.

CAPÍTULO III

O autor é mandado para a corte; a rainha com ele o apresenta ao rei - Discute com os sábios de Sua Majestade - Repararam-lhe um aposento - Torna-se favorito da rainha - Mantém a honra do seu país - As suas questões com o anão da rainha.

O trabalho e o cansaço, durante alguns dias, abalaram a minha saúde, porque, quanto mais me eu am o ganhava, mais se tornava insaciável. Perdera completamente o apetite e quase me tornara um esqueleto. Meu am o, dando por isso e julgando que pouco tempo teria de vida, resolveu fazer-me valer o mais possível. Enquanto assim raciocinava, um sardal, ou escudeiro do rei, veio dar ordem a meu am o para me levar imediatamente à corte, para divertir-me da rainha e de todas as damas. Algumas dessas damas já me haviam visto e relataram coisas estupendas acerca da minha pequena figura, do meu gracioso garbo e da minha fina inteligência. Sua Majestade e a comitiva ficaram extremamente encantadas com as minhas maneiras. Ajoei-me e pedi graciosamente vênias para lhe beijar o real pé; esta princesa, porém, apresentou-me o seu dedo mínimo, que abrangei com os meus dois braços e onde pousei, com o máximo

respeito, os meus lábios. Dirigiu-me perguntas gerais com referência ao meu país e às minhas viagens, ao que respondi o mais distintamente que me

foi possível, empregando poucas palavras; perguntou-me se ficaria satisfeito em viver na corte; fiz uma grande reverência até tocar na mesa em que me haviam colocado, e respondi humildemente ser escravo do meu amo, porém que, se isso apenas dependesse de mim, ficaria encantado em consagrar a minha vida ao serviço de Sua Majestade: em seguida, perguntou ao meu amo se queria vender-me. Ele, que supunha que a minha vida não ia além de um mês, ficou radiante com a proposta e fixou o preço da minha venda em mil peças de ouro, que imediatamente lhe foram entregues. Pedi então à rainha que, visto haver-me tornado escravo de Sua Majestade, me concedesse a mercê de que Glumdalclitch, que fora sempre cheia de atenções e cuidados para comigo, fosse admitida em honra do seu serviço e continuasse a ser minha governanta. Sua Majestade concedeu-me isso e bem assim o lavrador, que bem contente se mostrou por ver a filha na corte. Quanto à pobre pequena, não podia ocultar a sua alegria. Meu amo retirou-se e disse-me, ao partir, que me deixava em um bom lugar, ao que apenas redargui com uma cavalheiresca vênia.

A rainha notou a frieza com que acolhera o meu primo e a despedida do lavrador e perguntou-me o motivo. Tomei a

liberdade de responder a Sua Majestade que só devia ao meu antigo amor a obrigação de me não haver esmagado com o meu pobre animal inofensivo, achado casualmente nos seus campos; que essa boa ação estava bem paga pelo proveito que tirara, mostrando-me por dinheiro e pela importância que recebera pela minha venda; que a minha

saúde estava muito abalada pela minha escravatura e pela obrigação contínua de entreter e divertir a população a todas as horas do dia e que, se meu amor não me julgasse a vida em perigo, Sua Majestade não me teria adquirido; com o, porém, não tencionava doravante ser tão infeliz sob a proteção de tão boa e tão nobre princesa, ornamento da natureza, admiração do mundo, delícias dos seus súditos e fênix da criação, esperava que as apreensões que sofrera com o meu último amor ficariam sem efeito, pois já achava a minha vida reanimada pela influência da sua augustíssima presença.

Tal foi a súmula do meu discurso, proferido com diversos barbarismos e muitas vezes hesitante.

A rainha, que bondosamente desculpou os defeitos da minha arenga, ficou surpreendida por encontrar tanto espírito e tão bom senso em um pequeno animal; tomou-me nas mãos e

levou-me imediatamente ao rei, que estava encerrado no seu escritório. Sua Majestade, príncipe muito sério e de rosto severo, não reparando bem à primeira vista na minha figura, perguntou finalmente à rainha desde quando se tornara protetora de um splacnuck (pois me tomara por este inseto). A rainha, porém, que tinha infinito espírito, colocou-me delicadamente sobre a secretária do rei e ordenou-me dissesse eu próprio quem era. Fi-lo em poucas palavras e Glumdalclitch, que ficara à entrada do escritório, não podendo estar muito tempo sem mim, entrou e explicou a Sua Majestade que eu fora encontrado num campo.

O rei, mais sábio do que ninguém dos seus Estados, fora educado no estudo das filosofias e principalmente nas matemáticas. Entretanto, quando viu de perto a minha estatura e o meu aprumo, antes que eu principiasse a falar, imaginou que poderia ser uma artificiosa máquina com um engenho que faz mover os espetos de assar, ou, melhor, um relógio inventado e executado por um hábil artista; mas, quando notou raciocínio nos sons que emitia, não pôde ocultar o seu espanto.

Mandou chamar três famosos sábios que estavam, então, de serviço na corte (segundo o admirável costume desse país).

Esses cavalheiros, depois de terem examinado de perto o meu talhe com a máxima exatidão, discutiram diferentemente a meu respeito. Eram todos de opinião que não podia ser produto que seguisse as leis ordinárias da natureza, porque era destituído da faculdade natural de conservar a minha vida, quer pela agilidade, quer pela facilidade de trepar a uma árvore, quer pelo poder de cavar a terra para fazer buracos onde pudesse ocultar-me, como os coelhos. Os meus dentes, que examinaram detidamente, fizeram-nos conjecturar que era um animal carnívoro.

Um desses filósofos foi mais longe; disse que eu era um embrião, um aborto; essa opinião, contudo, foi rejeitada pelos outros dois, que observaram que os meus membros eram perfeitos e completos na sua espécie e que tinha vivido muitos anos, o que pareceu evidente na minha barba, cujos pêlos descobriram com um microscópio. Não quiseram afirmar que eu fosse anão porque a minha pequenez estava fora de toda a comparação, e porque o anão favorito da rainha, o menor que até então se vira nesse reino, tinha quase trinta pés de altura. Após grande discussão, concluíram unanimemente que eu não passava de um *replum sealcath*, o que, sendo interpretado literalmente, queria dizer *lusus naturae*, decisão muito conforme com a filosofia moderna da Europa, cujos professores, desprezando o velho

subterfúgio das causas ocultas, a favor das quais os sectários de Aristóteles tentam mascarar a sua ignorância, inventaram esta maravilhosa solução de todas as dificuldades da física. Admirável progresso da ciência humana!

Feita esta conclusão decisiva, tomou a liberdade de proferir algumas palavras: Dirigi-me ao soberano e protestei a Sua Majestade que vinha de uma região em que a minha espécie se encontrava em muitos milhares de indivíduos de ambos os sexos, em que os animais, as árvores e as casas eram proporcionais ao meu tamanho, e onde, por conseguinte, podia sentir-me em condições de defender-me e encontrar o meu sustento, as minhas necessidades e as minhas comodidades, do mesmo modo que qualquer súdito de Sua Majestade. Esta resposta fez sorrir desdenhosamente os filósofos, que replicaram que o lavrador me ensinara bem e que eu sabia a lição na ponta da língua. O rei, que tinha um espírito mais esclarecido, despedindo os sábios, mandou chamar o lavrador que, por felicidade, ainda não saíra da cidade. Tendo-o, pois, interrogado particularmente, e em seguida acarreado comigo e com a pequena, Sua Majestade principiou a acreditar que o que eu dissera podia muito bem ser verdade. Rogou à rainha que desse ordem para que tivessem comigo um cuidado muito especial, e foi de opinião que me deixassem continuar sob a

tutela de Glum dalclitch, ao notar que tinham os um a grande afeição mútua.

A rainha ordenou ao seu carpinteiro que fizesse uma caixa que me pudesse servir de quarto de dormir, conforme o modelo que eu e Glum dalclitch lhe fornecêssemos. Este homem, que era um artífice muito hábil, fez-nos, em três semanas, um quarto de madeira com dezesseis pés de largo e doze de alto, com janelas, uma porta e dois aposentos.

Um outro operário excelente, que se tornara célebre pelas curiosas bugigangas que fabricava, lembrou-se de me fazer duas cadeiras de um material parecido com marfim, e duas mesas com um armário, para eu guardar as minhas roupas; em seguida, a rainha mandou procurar pelos mercadores as mais finas fazendas para me fazer uma roupa.

Esta princesa gostava tanto de me ouvir conversar, que não podia jantar sem mim. Tinha uma mesa colocada sobre aquela em que Sua Majestade comia, com uma cadeira em que me sentava. Glum dalclitch permanecia de pé sobre um tapete, perto da mesa, para poder tomar conta de mim.

Certo dia, o príncipe, ao jantar, quis ter o prazer de conversar comigo,

fazendo-me perguntas concernentes a costumes, religião, leis, governo e literatura da Europa, a que eu respondi o melhor que pude. O seu espírito era tão apurado e o seu juízo tão seguro, que fez reflexões e observações muito sensatas sobre tudo quanto lhe disse; referindo-se a dois partidos, que dividem a Inglaterra, perguntou-me se eu era whig ou tory; depois, virando-se para o seu ministro, que se postara por detrás dele, em punhando um bastão branco tão alto com o mastro do Soberano Real, disse:

- Com toda a grandeza humana pouco vale, pois que vis insetos têm tam bém ambição pelas classes e distinções entre si! Têm pequenos farrapos que envergam, tocas, gaiolas, caixas, a que chamam palácios e solares; equipagens, librés, títulos, empregos, funções, paixões, com o nós. Entre eles amam-se, odeiam-se, enganam-se, traem-se, com o aqui.

Era assim que filosofava Sua Magestade, na ocasião em que lhe falara na Inglaterra, e eu sentia-me confuso e indignado de ver a minha pátria, a senhora das artes, a soberana dos mares, o

árbitro da Europa, a glória do Universo, tratada com tanto desprezo.

Não havia nada que me ofendesse e me incomodasse mais do que o anão da rainha, que, sendo de uma estatura até então não vista naquele país, se tornou de extrema insolência na presença de um homem muito maior do que ele. Olhava-me com ar altivo e desdenhoso e zombava incessantemente da minha pequena estatura. Vinguei-me, apenas, tratando-o com o irmão. Um dia, durante o jantar, o malévolo anão, aproveitando o ensejo, em que não pensava em coisa alguma, tomou-me pelo meio do corpo e deixou-me cair num prato de leite, de saparecendo logo. Fiquei apenas com as orelhas de fora e, se não fora um excelente nadador, decerto morreria afogado. Glumdalclitch, nessa ocasião, estava casualmente na parte oposta do aposento. A rainha ficou tão consternada com este acidente, que lhe faltou presença de espírito para me acudir; a minha pequena governanta, porém, correu logo em meu auxílio e tirou-me habilmente do prato, depois de eu ter bebido mais de meia canada de leite. Meteram-me na cama; entretanto, só sofri o desaire de perder a roupa, que ficou toda manchada. O anão foi castigado e eu senti certo prazer em assistir a esse castigo.

Vou agora fazer ao leitor uma ligeira descrição desse país, tanto pelo que pude conhecê-lo, como pelo que dele percorri. Toda a extensão do reino é aproximadamente de três mil léguas de comprimento e de duas mil e quinhentas de largura; daqui concluo que os nossos geógrafos da Europa se enganam, quando julgam que apenas há mar entre o Japão e a Califórnia. Imaginei sempre que devia haver daquele lado um grande continente, para servir de contrapeso ao grande continente da Tartária. Devem, pois, corrigir-se os mapas e juntar esta vasta extensão do país à parte nordeste da América; e para isso estou disposto a auxiliar os geógrafos com as minhas luzes. Este reino é quase uma ilha, terminada ao norte por uma cadeia de montanhas que tem pouco mais ou menos trinta milhas de altitude, e de onde não é fácil a aproximação por causa dos vulcões, que são em grande número no cimo.

Os mais sábios ignoram que espécie de mortais habita além dessas montanhas, nem mesmo se lá existem habitantes. Não há porto algum nesse reino, e os locais da costa onde os rios vão perder-se no mar, são tão cheios de rochedos altos e escarpados, e o mar está ordinariamente tão agitado, que não há quase ninguém que se aventure a ele, de maneira que esses povos são excluídos de todo o comércio com o resto do mundo.

undo. Nos grandes rios pululam sem pre excelentes peixes; assim , raram ente se pesca no oceano, porque os peixes do m ar são do m esm o tam anho dos da Europa e, com relação a eles, não m erecem ser pescados; daí a evidência de que a natureza, na produção de plantas e anim ais de talhe enorm e, se lim ita com pletam ente a este continente, e, sob este ponto de vista, recorro aos filósofos. No entanto, apanham -se às vezes, na costa, baleias com que aquele povo se sustenta e se delicia. Vi um a dessas baleias, tão grande, que um hom em daquela região m al a podia levar às costas. Às vezes, por curiosidade, trazem -nas em cestos a Lorbrulgrud; vi um pedaço num prato à m esa do rei.

A região é m uito povoada, porque contém cinqüenta e um a cidades, perto de cem burgos cercados de m uralhas, e bem im portante núm ero de aldeias e lugarej os. P ara satisfazer a curiosidade do leitor, bastará talvez dar a descrição de Lorbrulgrud. Esta cidade fica situada sobre um rio que a atravessa e a divide em duas partes quase iguais. Contém m ais de oitenta m il casas e perto de seiscentos m il habitantes; tem de com prim ento três glonglus (que são cerca de cinqüenta e quatro m ilhas inglesas) e dois e m eio de largo, segundo a m edida que tom ei sobre o m apa real, levantado por ordem do rei,

que foi estendido no chão de propósito para eu ver, e tinha cem pés de comprimento.

O palácio do rei é um edificio bastante irregular; é antes um amontoado de edificios, que têm perto de setenta milhas de circuito; os principais aposentos têm a altura de duzentos e quarenta pés, tendo largura proporcional.

Cederam um coche para Glum dalclitch e para mim, a fim de vermos a cidade, as praças e os monumentos. Suponho que o coche era quase um quadrado como a sala de Westminster, não, porém, tão alto. Um dia, fizemos parar o coche em diversas lojas, onde os mendigos, aproveitando o ensejo, se amontoaram junto das portinholas e me patentearam os mais horrorosos espetáculos que foi dado ver a olhos ingleses. Com o serem disformes, estropiados, sujos, cheios de chagas, de tumores que à minha vista pareciam enormes, peço ao leitor que ajúze da impressão que essas miserias me causaram e me poupe o descrevê-los.

As aias da rainha pediam muitas vezes a Glum dalclitch que as visitasse nos seus aposentos e que fosse eu com ela, para terem o prazer de me ver de perto e tocar-me. Diversas vezes me

despiam e me punham nu dos pés à cabeça, para melhor examinarem a delicadeza dos meus membros. Nesse estado, gabavam -

me, me etiam -me às vezes no seio e faziam -me me as carícias; nenhum a delas, porém, tinha a pele tão macia com o Glum dalclitch.

Estou persuadido de que não tinham más intenções; tratavam -me sem cerimônia, com o mesmo a criatura sem raciocínio, despiam -se à vontade e tiravam a própria camisa na minha presença sem tomar as precauções que a decência e o pudor exigem. Estava, entretanto, colocado em cima das cômodas, defronte delas e era obrigado, em bora constrangido, a vê-las com plena nudez. E digo constrangido, porque, na verdade, essa vista não me dava tentação alguma nem o menor prazer. A sua pele parecia-me áspera, pouco unida e de diferente coloração, com manchas aqui e ali, do tamanho de pratos; os seus compridos cabelos caídos pareciam pedaços de fitas; nada digo acerca de outros sítios do corpo, donde é preciso concluir que a beleza das mulheres, que tanta emoção nos causa, não passa de uma coisa imaginária, pois que as mulheres da Europa se assemelhariam a essas mulheres a que acabo de aludir, se os nossos olhos fossem microscópicos. Suplico ao belo sexo do meu país que não se embeleze com esta

m inha observação. É coisa de pouca monta para as belas, serem feias a olhos pe ne tra nte s que nunca verão. Os filósofos sabem bem o que isto é; quando, porém, olham um a beleza, vêm -na com o toda a gente e j á não são filósofos. A rainha, que conversava muitas vezes comigo acerca de minhas viagens por mar procurava todos os ensejos possíveis para me distrair, quando me via melancólico. Perguntou-me, certo dia, se tinha destreza para manejar um a vela ou um remo, e se um pouco de exercício nesse gênero não conviria à minha saúde. Respondi que conhecia muito bem dos dois, porque, em bora o meu emprego particular fosse o de cirurgião, isto é, médico da armada, fui, muitas vezes, obrigado a trabalhar com o marinheiro, mas ignorava com o isso se fazia neste país, onde o barco menor era igual a um navio de guerra de primeira ordem entre nós; demais, um navio proporcionado à minha estatura e às minhas forças não poderia flutuar durante muito tempo naquelas águas, e não poderia governá-lo. Sua Majestade disse-me que, se eu quisesse, o seu carpinteiro de navios faria um pequeno barco e me escolheria um lugar próprio, em que eu pudesse navegar. O carpinteiro de navios, seguindo as minhas indicações, construiu, no prazo de dez dias, um pequeno navio com todas as suas cordagens, capaz de conter com odam ente oito europeus. Assim que o deu pronto, a rainha ordenou ao construtor que fizesse um tanque de madeira, com o comprimento de trezentos pés, a largura de cinqüenta e a

profundidade de oito, o qual era bem alcatroado para im pedir que a água saísse; foi colocado no chão, ao longo da parede, numa sala exterior do palácio: tinha um a torneira perto do fundo para deixar sair a água de tem pos a tem pos, e dois criados podiam - no encher em m eia hora. Foi aí que rem ei para m eu divertimento, tanto com o para divertir a rainha e as suas dam as, que sentiram grande prazer em ver a m inha agilidade e j eito. Algumas vezes içava a vela e o m eu único trabalho era governar o lem e, enquanto as dam as faziam vento com os leques; quando se encontravam cansadas, alguns paj ens im peliam e faziam andar o navio com o seu sopro, enquanto eu m ostrava a m inha destreza a estibordo e a bom bordo, conform e m e a pe te c ia . Quando acabava, Glum dalclitch guardava o navio no seu quarto e suspendia-o de um prego para secar.

Durante este exercício aconteceu-me um dia um acidente que m e ia custando a vida, porque um dos paj ens colocou o m eu navio no tanque, e um a m ulher da com itiva de Glum dalclitch levantou-me m uito delicadam ente para m e m e te r no navio; m as, escorregando-lhe pelos dedos, cairia infalivelm ente da altura de quarenta pés para a coberta, se não fosse detido por um grande alfinete, que estava preso no avental dessa m ulher. A cabeça do alfinete passou por entre a cam isa e o cós das calças

e assim fiquei suspenso no ar pelos fundilhos, até que Glum dalclitch veio em meu auxílio.

Doutra vez, um dos criados, cuja função consistia em me levar a água ao meu tanque de três em três dias, foi tão desastrado que deixou cair à água uma enorme rã, sem que desse por isso.

A rã esteve oculta até o momento em que me barquei; então, vendo que tinha onde pousar-se, trepou para o navio e fê-lo inclinar de tal maneira que me vi obrigado a fazer contrapeso do lado oposto, para evitar que o navio submergisse, e depois, usando dos remos, forcei-a a sair.

Vou agora narrar o maior perigo que corri neste reino. Glum dalclitch tinha-me fechado à chave no seu quarto, saindo para negócios ou para fazer alguma visita. Era no verão e as janelas do quarto e bem assim as janelas e a porta dos meus aposentos encontravam-se abertas; enquanto estava sentado tranqüila e melancolicamente perto da mesa, ouvi qualquer coisa entrar pela janela e andar aos pulos de um lado para outro. Ainda que ficasse um pouco assustado, tive coragem de olhar para fora, sem porém me levantar da cadeira; vi então um animal a pular e

a saltar para todos os lados, o qual, por fim, se aproximou da minha caixa; este animal, que era um macaco, olhando para dentro e em todas as direções, causou-me tal terror que não tive a presença de espírito suficiente para permanecer debaixo da cama, com o que podia fazer com grande facilidade. Depois de muitas caretas e cabriolas, descobriu-me, estendendo uma das mãos pela abertura da porta, com o costume de fazer um gato que brinca com um rato, em bora mudasse muitas vezes de lugar para me pôr a salvo, agarrou-me pelas bandas do colete, (que era de fazenda desse país, muito espessa e muito forte) e puxou-me para fora. Agarrou-me com a mão direita e segurou-me com a outra segura uma criança que vai amamentar, do mesmo modo que eu vi fazer à mesma espécie de animal com um gato da Europa. Quando me debatia, apertava-me com tanta força, que me pareceu que o melhor partido a tomar era ficar sossegado e ceder a tudo quanto lhe aprouvesse. Tenho alguns motivos para crer que me tomou por um pequeno macaco, porque, com a outra mão, afagava-me o rosto. Foi repentinamente interrompido por um ruído à porta do aposento, com o se alguém tentasse abri-la; de súbito, saltou pela janela por onde tinha entrado, e daí, para os beirais, caminhando sobre as três mãos e segurando-me com a quarta, até que atingiu um telhado que ficava contíguo ao nosso. Nesse instante ouvi que Glumdalclitch soltava estridentes gritos. A pobre moça estava

num grande desespero e toda essa parte do palácio ficou sobressaltada; os criados correram em busca de enxadas; o macaco foi visto por muitas pessoas sentado na beirada de um edifício, segurando-se com o braço a boneca numa das mãos e dando-lhe de comer com a outra, metendo-se na boca algum das carnes que tinha apanhado, e batendo-se, quando eu não queria comer, o que era motivo de galhofa para a gentinha que me via debaixo, no que tinha razão porque, salvo para mim, a coisa tinha sua graça. Alguns atiraram pedras na esperança de fazer descer o macaco, mas foram logo proibidos disso pelo receio que tinham de me partir a cabeça.

As escadas foram montadas e muitos homens subiram nelas. Logo o macaco, aterrado, deixou o campo livre e largou-se sobre um beiral. Então, um dos lacaios da minha dona, excelente rapaz, subiu e, metendo-se na algibeira das calças, fez-me descer com segurança.

Estava quase sufocado com as porcarias que o macaco me tinha metido nas goelas; a minha querida dona, porém, deu-me um vomitório que me aliviou. Estava tão fraco e tão moleto pelos apertões deste animal, que fui obrigado a recomeçar a cama, onde permaneci durante quinze dias. O rei e toda a corte me

andaram perguntar por mim todos os dias. O m acaco foi condenado à morte e foi lavrado um decreto em que se proibia a posse de um animal deste gênero nas imediações do palácio. Da primeira vez que, depois de estar completamente restabelecido, me apresentei ao rei para lhe agradecer todos os seus cuidados, deu-me a honra de chamear-me muito a respeito deste caso; perguntou-me quais tinham sido os meus pensamentos e reflexões, enquanto estive nas mãos do m acaco; que gosto tinham os alimentos que me dera, e se o ar fresco, que respirara no telhado, me não aguçara o apetite. Desejei muito saber o que faria em tal situação no meu país. Disse a Sua Majestade que na Europa não havia m acacos, à exceção de dois que tinham trazido de países estrangeiros, e que eram tão pequenos que ninguém podia temê-los e que, com respeito àquele enorme animal, (era, de fato, tão grande como um elefante), se o medo me houvesse dado tempo para pensar nos meios de recorrer à minha espada, (e proferindo estas palavras, tomei um ar altivo e levei a mão ao punho da espada), quando me teui a mão no meu quarto, talvez lhe fizesse tal ferimento que o obrigasse a retirar-se mais depressa do que viera. Pronunciei estas palavras num tom enérgico, como uma pessoa ciosa de sua honra e que tem sentimentos. No entanto, o meu discurso apenas produziu uma gargalhada, e todo o respeito devido a Sua Majestade por parte daqueles que o rodeavam, não pôde retê-los, o que me fez refletir sobre a tolice de um

homem que tenta dignificar-se em presença dos que estão fora de todos os graus de igualdade ou de com paração para com eles; e, entretanto, o que então me aconteceu, vi repetir-se muitas vezes em Inglaterra, onde um homemzinho se orgulha, se faz valer, finge de fidalgo e ousa tomar ares importantes com os grandes do reino, porque tem algum talento.

Fornecia todos os dias à corte matéria para algum ridículo, e Glum dalclitch,

embora me estimasse com grandes extremos, era bastante maliciosa para informar a rainha das asneiras que eu às vezes fazia, supondo que, referindo-as, podia fazer rir Sua Alteza.

Tendo-me um dia, por exemplo, apeado do coche em passeio, acompanhado por Glum dalclitch, levado por ela dentro da caixa, desatei a andar; havia excremento de vacas pelo caminho; quis, para demonstrar a minha agilidade, saltá-lo; por infelicidade, porém, saltei mal e caí exatamente no meio, de maneira que fiquei todo sujo. Tiraram-me dali a custo e um dos lacaios limpou-me o melhor que pôde com um lenço. A rainha foi depressa sabedora daquela impertinente aventura e os lacaios divulgaram-na por toda parte.

CAPÍTULO IV

Diversas idéias do autor para agradar ao rei e à rainha - O rei inform a-se acerca da Europa, de que o autor lhe faz um relatório - As observações do rei sobre este assunto.

Eu costumava ir ter com o rei, quando ele se levantava, uns três dias por semana, e encontrava-me lá muitas vezes quando o barbeavam, o que, a princípio, me fazia tremeter: a navalha do barbeiro era quase duplamente do tamanho de uma foice. Sua Majestade, consoante era uso do seu país, só se barbeava duas vezes por semana. Certo dia pedi ao barbeiro alguns pêlos da barba de Sua Majestade. Tendo-me feito presente deles, peguei num pedaço de madeira e, fazendo-lhe alguns buracos com o bico de uma agulha, preendi, aí, com tal habilidade, os pêlos, que fiz um pente, o que foi um grande auxílio, porque o meu estava todo partido e quase inútil e não fui capaz de encontrar na região um operário que os soubesse fabricar.

Lembro-me de uma diversão que procurei para mim por essa mesma ocasião. Pedi a uma das criadas graves da rainha, que guardasse os finos cabelos que caíssem da cabeça de Sua Alteza quando a penteassem, e que me os desse. Juntei uma considerável porção e, então, aconselhando-me com o meu

arceneiro que recebera ordem para fabricar tudo quanto eu lhe pedisse, dei-lhe instruções para fazer duas poltronas do tamanho das que se encontravam na minha caixa e de fazer-lhes pequenos buracos com uma sovela delgada.

Quando os pés, os braços, as travessas e os espaldares ficaram prontos, comecei a fazer o fundo com os cabelos da rainha, que passei pelos buracos e fiz delas cadeiras parecidas com as de cana de que nos serviam em Inglaterra. Tive a honra de presentear com elas a rainha, que as meteu num armário com o meu nome e curiosidade.

Quis um dia que me sentasse numa dessas cadeiras, mas eu excusei-me, protestando que não era tão temerário nem tão insolente que aplicasse o assento sobre os respeitáveis cabelos que tinham, noutro tempo, ornado a cabeça de Sua Alteza. Como era dotado de jeito para a mecânica, fiz, em seguida, com esses cabelos, uma pequena bolsa bem talhada, com o comprimento aproximado de duas varas, com o nome de Sua Alteza tecido em letras douradas, que dei a Glum dalclitch, com o consentimento da rainha.

O rei, que deveras apreciava a música, dava muitas vezes concertos, a que eu assistia sentado na caixa; o ruído, porém, era tão grande, que quase não era possível distinguir os acordes. Tenho a certeza de que nem os tambores nem as trombetas de um exército real, rufando e soando perto dos meus ouvidos ao

mesmo tempo, poderiam igualar aquele ruído. Eu costumava fazer colocar a caixa longe do sítio em que estavam os concertistas, de fechar as portas e as janelas e de correr os cortinados: com essas precauções, não achava desagradável a música.

Aprendi, na minha mocidade, a tocar cravo, Glum dalclitch possuía um no seu quarto, onde, duas vezes por semana, ia um professor para ensinar. Deu-me um dia a fantasia para deliciar o rei e a rainha com uma ária inglesa tocada neste instrumento; isso, porém, pareceu-me extremamente difícil, porque o cravo tinha quase sessenta pés de comprimento e as teclas eram da largura aproximada de um pé, de maneira que, com os meus dois braços estendidos, não podia atingir mais do que cinco teclas e, além disso, para tirar alguns sons, tinha que dar fortes punhadas. No entanto, tive segunda idéia: arranjei dois bastões quase com a grossura de uma agulha de meia vulgar e forrei as extremidades dos bastões com pele de rato, para bater sobre as

teclas e delas tirar alguns sons; coloquei-me e num banco fronteiro para onde subi e então desatei a correr com toda a presteza e agilidade possível sobre essa espécie de estrada, batendo aqui e ali sobre o teclado, servindo-me dos bastões com toda a força, de maneira que acabei por tocar uma giga inglesa com grande contentamento de Sua Majestade. Forçoso é, porém, confessar que nunca fiz exercício mais violento nem mais fatigante.

O rei, com o qual já disse, era um príncipe cheio de espírito, e dava muitas vezes ordem para que me trouxessem na caixa e colocassem-me na secretária do seu escritório. Então pedia-me para que tirasse uma das cadeiras para fora da caixa e me sentasse de modo que ficasse no nível do seu rosto. Desta forma, frequentemente, com ele falei. Certo dia, tomei a liberdade de dizer a Sua Majestade que o desprezo que ele concebera pela Europa e pelo resto do mundo não estava em harmonia com as excelentes faculdades de espírito que o distinguiam; que a inteligência nada tinha com o tamanho do corpo; que, pelo contrário, haviam os observado, no nosso país, que os indivíduos de elevada estatura não eram, em geral, os mais engenhosos; que, entre os animais, as abelhas e as formigas gozavam da reputação de terem mais indústria, artifício e sagacidade; e, finalmente, que, em boca dele pouca importância

ligasse à minha figura, contudo esperava poder prestar grandes serviços a Sua Majestade. O rei ouviu-me e com grande atenção e principiou a olhar-me e de outro modo e a não avaliar a minha inteligência pelo meu tamanho.

Ordenou-me então que lhe fizesse uma exata relação do governo da Inglaterra, porque, ainda que os príncipes estejam ordinariamente prevenidos a favor das suas máximas e dos seus usos, ficaria bem satisfeito por saber se haveria alguma coisa no meu país que lhe fosse útil imitar. Imagine o meu querido leitor qual não seria o meu desejo em possuir o engenho e a língua de Demóstenes e de Cícero, para ser capaz de descrever dignamente a minha pátria, Inglaterra, e traçar dela uma ideia sublime.

Principiei por dizer a Sua Majestade que os nossos Estados eram constituídos

por duas ilhas que formavam três poderosos reinos governados por um único soberano, sem que figurassem em linha de conta as nossas colônias na América. Alarguei-me e deverei sobre a fertilidade do nosso território e sobre a variedade do nosso clima. Em seguida, descrevi a constituição do Parlamento inglês, com posto, em parte, de uma corporação ilustre chamada Câmara

ara dos Pares, pessoas de nobre sangue, antigos proprietários e senhores das mais belas terras do país. Disse do extremo cuidado que havia na sua educação com relação às ciências e às armas para os tornar capazes de serem conselheiros natos do reino, de terem parte na administração do governo, de serem membros da mais elevada categoria da magistratura, de que não havia apelo, e da sua pátria, pelo seu valor, com portamento e fidelidade; que esses senhores eram o ornamento e o estêo do reino, dignos sucessores dos seus antepassados, cujas honras haviam obtido com o reconhecimento de uma virtude insigne e que nunca se vira a sua posteridade degenerar; que a esses senhores estavam agregados santos homens, que tinham o seu lugar entre os bispos, cujo cargo particular era velar pela religião e por aqueles que a pregam ao povo; que se buscavam e se escolhiam no clero os mais santos e os mais sábios homens para serem investidos nessa eminente dignidade.

Acrescentei que a outra parte do Parlamento era uma assembleia respeitável denominada Câmara dos Comuns, composta de nobres, escolhidos livremente, e até deputados pelo povo, unicamente por causa das suas luzes, dos seus talentos e do seu amor pela pátria, a fim de representar o saber de toda a nação. Disse que esses dois corpos formavam a mais augusta

assem bléia do universo que, de acordo com o príncipe, dispunha de tudo e regulava, de certo modo, o destino de todos os povos da Europa.

Em seguida, desci aos arcanos da justiça, onde tinham assento veneráveis intérpretes da lei, que decidiam as diferentes contestações dos particulares, que puniam o crime e protegiam a inocência. Não deixei de falar da sábia e econômica administração das nossas finanças e de me esplanar sobre o valor e as expedições dos nossos guerreiros de mar e de terra. Comentei o número do povo, contando também que havia milhões de homens professando diversas religiões e diferentes partidos políticos entre nós. Não omiti nem os nossos jogos, nem os espetáculos, nem nenhuma outra particularidade que eu supusesse dar honra ao meu país, e terminei com uma pequena narração histórica das últimas revoluções da Inglaterra, desde há cem anos para cá, pouco mais ou menos.

Esta conversa durou cinco audiências, cada uma delas de grande número de horas, e o rei ouviu tudo com a máxima atenção, escrevendo o extrato de quase tudo o que lhe dizia e marcando, ao mesmo tempo, os pontos sobre que tencionava interrogar-me.

Assim que concluí estes meus longos discursos, Sua Majestade, num a sexta audiência, examinando os seus extratos, apresentou-me muitas dúvidas e grandes objeções acerca de cada assunto. Perguntou-me quais eram os meios vulgares em pregados para cultivar o espírito da nossa juvenil nobreza; quais as medidas que se tomavam, quando uma casa nobre se extinguia, o que podia dar-se de tempos a tempos; quais as qualidades precisas aos que deviam ser criados com os novos pares; se o capricho do príncipe ou uma importante quantia dada de propósito a uma dama da corte e a um favorito, ou um desejo de fortalecer um partido de oposição ao bem público, não eram nunca motivos para essas promoções; qual era o grau de ciência que os pares possuíam acerca das leis do seu país, e com o que se tornavam capazes de decidir em último recurso dos direitos dos seus compatriotas; se eram sempre isentos de avareza e preconceitos; se os santos bispos de que eu falara, alcançavam sempre esse alto cargo pela sua ciência sobre matérias teológicas e pela santidade da sua vida; se nunca tiveram fraquezas; se nunca tinham intrigado enquanto padres, se não tinham sido outrora esmoleres de um par, por intermédio do qual conseguiam ser elevados a bispos e se, neste caso, não seguiam sempre, cegamente, a opinião do par e não serviam a sua paixão ou o seu preconceito na assembleia do Parlamento.

Quis saber com o se procedia para a eleição daqueles que chamara de com uns; se um estranho, com um a bolsa recheada de ouro, não podia, algum as vezes, ganhar o sufrágio dos eleitores à força do dinheiro, fazer-se preferido ao seu próprio senhor, ou aos mais importantes e mais distintos da nobreza na vizinhança; por que é que havia tamanha paixão em se ser eleito para a assembléia, pois que esta eleição dava ensejo a uma grande despesa e não rendia coisa alguma; que era preciso, pois, que os eleitos fossem homens de um completo desinteresse e de uma eminente e heróica virtude, ou, ainda, que contassem ser indenizados e reembolsados com usura pelo príncipe e pelos ministros, sacrificando por eles o bem público. Sua Magestade apresentou-me, sobre esta matéria, dificuldades extraordinárias, que a prudência me não permitte repetir.

Acerca do que lhe disse dos arcanos da justiça, Sua Magestade quis ser esclarecido em minutíssimos pontos. Estava bem no caso de satisfazê-lo, pois em outros tempos quase ficara arruinado com um longo processo em estado de ser julgado; se ficava muito caro um pleito; se os advogados tinham liberdade para defender as causas evidentemente injustas; se nunca se havia notado que o espírito partidário e de religião tivesse feito

pende a balança; se esses advogados tinham algum conhecimento dos primeiros princípios e das leis gerais de equidade, ou se não se contentavam em saber as leis arbitrárias e os costumes locais do país; se eles e os juizes tinham o direito de interpretar e comentar as leis a seu modo; se os pleiteantes e as sentenças não estavam algumas vezes em contradição uns com outros na mesma espécie.

Depois, comecei a interrogar-me sobre a administração das finanças, e disse-me que eu tinha desprezado esse assunto, porque não fizera subir senão a cinco ou seis milhões por ano os impostos; que, no entanto, a despesa do Estado ia muito além e excedia muitas vezes a receita.

Não podia, dizia ele, conceber como é que um reino ousava despender além do seu rendimento e com os seus bens como um particular. Perguntou-me quais eram os nossos credores e se nós teríamos com que lhes pagar; se mantinhamos a seu respeito as leis da natureza, da razão e da equidade. Estava admirado da enorme enorização que lhe fizera das nossas guerras e das despesas excessivas que exigiam. Era preciso, certamente, dizia ele, que nós fôssemos um povo bem irrequieto e bem questionador ou que tivéssemos muitos vizinhos.

- Que têm vocês a deslindar - acrescentava ele - fora das ilhas? Possuem aí outro negócio que não seja o comércio? Devem pensar em fazer conquistas? E não lhes basta tomar conta dos portos e das costas?

O que deveras o assombrou, foi saber que tinham os um exército no seio da paz e no meio de um povo livre. Disse que, se fossem os governados com o nosso próprio consentimento, não podia imaginar que tivessem os medos e contra quem nos haviam os de bater. Perguntou-me se a casa de um particular não seria melhor defendida por ele próprio, pelos filhos e pelos criados do que por uma cáfila de patifes e de gatunos tirados ao acaso da escória do povo, com salário diminuto, e que poderiam ganhar cem vezes mais.

Riu muito da minha extravagante aritmética, (com o que aprouve chamar), quando computei o número dos nossos habitantes, calculando as diferentes seitas que vivem entre nós, com relação à religião e à política.

Notou que, entre as diversões da nobreza, eu mencionara o jogo. Quis saber em que idade era essa diversão ordinariamente praticada e por quanto tempo, e se algumas vezes não se

alterava a fortuna dos particulares e lhes não fazia com ete ações baixas e indignas; se hom ens vis e corruptos não podiam , algum as vezes, pela sua habilidade nesse m ister, adquirir grandes riquezas, ter m esm o os nossos pares em um a espécie de dependência, acostum á-los a viver em m ás com panhias, desviá-los inteiram ente da cultura do seu espírito e do cuidado dos seus negócios particulares e forçá-los pelas perdas que podiam causar, ensiná-los talvez a servir-se dessa m esm a habilidade infam e que os arruinara.

Ficara extrem am ente adm irado com a narrativa que lhe fizera da nossa história do últim o século, que não passava, segundo ele, de um encadeam ento horrível de conj urações, de rebeliões, de chacinas, de m orticínios, revoluções, de exílios e dos m ais horrendos defeitos que a avareza e o espírito de facção, a hipocrisia, a perfídia, a cruzada, a raiva, a loucura, o ódio, a inveja, a m aldade e a am bição podiam engendrar.

Sua Maj estade em um a outra audiência teve o trabalho de recapitular a substância de tudo quanto eu dissera, com parou as perguntas que m e dirigira com as respostas que lhe dera; depois, tom ando-m e nas suas m ãos, e afagando-m e carinhosam ente,

expressou-se por estas palavras, que nunca esquecerei assim com o não esquecerei o modo por que as pronunciou:

-Meu querido amigo Grildrig, fizeste um panegírico bem extraordinário acerca do teu país; provaste à evidência que a ignorância, a preguiça e o vício podem ser, às vezes, as únicas qualidades de um homem de Estado; que as leis são esclarecidas, interpretadas e aplicadas o melhor possível por indivíduos cujos interesses e rapacidade os levam a corrompê-las, a embriagá-las e a iludi-las. Noto entre vós a constituição de um governo que, no seu princípio, foi talvez suportável, porém que o vício desfigurou por completo. Não me parece até, por tudo quanto me disseste, que uma única virtude seja requerida para alcançar alguma função ou algum lugar importante. Vejo que os homens não são enobrecidos pela virtude; os sacerdotes, não avançam pela piedade ou pela ciência; os soldados, pelo seu comportamento ou pelo seu valor; os juizes, pela sua integridade; os senadores, pelo amor da pátria, nem os homens de Estado pelo seu saber. Mas quanto a ti, que passaste a maior parte da vida em viagens, quero crer que não tenhas enfeitado dos vícios do teu país; mas, por tudo o que me referiste a princípio, e pelas respostas que te obriguei a dar às minhas objeções, suponho que a maioria dos teus compatriotas é a mais perniciosa casta de insetos que a natureza jamais suportou que rastejasse sobre a superfície da terra.

CAPÍTULO V

Zelo do autor pela honra da sua pátria - Faz um a vantajosa proposta ao rei,

que a rejeita - A literatura deste povo é im perfeita e limitada - As suas leis, os seus assuntos militares e os seus partidários de Estado.

O amor pela verdade não permitiu que eu calasse esta minha conversa com o rei; este mesmo amor, porém, não me deixou tão bem que me abstivesse de falar, quando vi o meu querido país tratado com tal vilipêndio. Iludido habilmente a meu respeito das suas perguntas e dei a cada coisa a mais favorável forma que pude, porque, quando se trata de defender a minha pátria e de manter a sua glória, exalto-me, quando vejo que não há razão; então, nada omito para ocultar os seus defeitos e deformidades e para colocar a sua virtude e beleza na posição mais vantajosa. Foi o que me esforcei por fazer nas diversas conferências que tive com o judicioso monarca; por desgraça, perdi o meu trabalho.

No entanto, necessário é desculpar um rei que vive completamente separado do resto do mundo e que, por conseguinte,

ignora os usos e costumes das outras nações. Esse defeito de conhecimentos será sempre a causa de muitos preconceitos e de uma certa maneira limitada de pensar, e que as idéias de virtude e de vício de um príncipe estrangeiro e isolado fossem tidas como regras e como máximas a seguir.

Para confirmar o que acabo de dizer e para fazer ver os desgraçados efeitos de uma educação limitada, relatarei, aqui, uma coisa que, com certo custo, se acreditará. Com o fim de alcançar as boas graças de Sua Majestade, dei-lhe conta de uma descoberta feita há uns quatrocentos anos, um pequeno pó negro que uma pequeníssima centelha podia acender num instante, de tal maneira que seria capaz de fazer ir pelos ares montanhas, com um ruído maior do que o do trovão; que certa quantidade deste pó, sendo metida num tubo de bronze ou de ferro, conforme a sua grossura, fazia sair uma bala de chumbo ou de ferro com tão grande violência e tanta velocidade, que nada era capaz de sustar a sua força; que as balas assim lançadas de um tubo fundido e expelidas pela inflamação da quele pequeno pó, quebravam, voltavam, davam cabo de batalhões, de esquadrões, arrasavam as mais fortes muralhas, deitavam por terra as mais elevadas torres e faziam soçobrar os maiores navios; que esse pó, metido num globo de ferro expelido por certa máquina, queimava, esmagava casas e lançava em todas

as direções estilhaços que fulm inavam tudo quanto encontrassem ; que conhecia a com posição desse m aravilhoso pó, onde só entravam coisas vulgares e de preço econômico e que até poderia ensinar aos seus súditos o segredo, se Sua Maj estade quisesse; que, por m eio deste pó, Sua Maj estade derrubaria as m ais fortes m uralhas da m ais potente cidade do seu reino, se algum a vez se sublevasse e ousasse resistir-lhe.

O rei, assom brado com a descrição que lhe fiz dos terríveis efeitos do m eu pó, parecia não poder com preender com o um inseto im potente, fraco, vil e rasteiro, im aginara tão horrível coisa, e de que ousava falar de form a tão fam iliar, que parecia olhar com o bagatelas a carnificina e desolação que produzia tão pernicioso invento.

- Era preciso - dizia ele - que o seu inventor fosse um gênio m au, inim igo de

Deus e das suas obras.

Respondeu que, em bora nada lhe agradasse m ais do que as novas descobertas, quer na natureza, quer nas artes, preferia perder a coroa a fazer uso de tão funesto segredo, proibindo-m e, sob pena de perder a vida, de divulgá-lo a qualquer dos seus súditos; doloroso efeito da ignorância e da tacanhez de espírito

de um príncipe sem educação. Este monarca, ornado com todas as qualidades que alcançam a veneração, o amor e a estima dos povos, de espírito forte e penetrante, de grande prudência, de profunda ciência, dotado de admiráveis talentos para o governo, quase adorado pelo seu povo, encontra-se estupidamente incomodado por um capricho excessivo e extravagante, de que nunca fizeram os idólatras na Europa, e deixa fugir uma ocasião que lhe vem parar às mãos para se tornar o senhor absoluto da vida, da liberdade e dos bens de todos os seus súditos.

Não digo isto com o intuito de rebaixar as virtudes e as luzes deste príncipe, a quem, não ignoro, esta narrativa há-de desacreditar no espírito de um leitor inglês; mas asseguro que este defeito não provinha senão da ignorância. Esses povos não tinham ainda reduzido a política a uma arte, com os nossos sublimes espíritos da Europa.

Lembro-me de que, numa conversa que certo dia tive com o rei, disse-lhe que havia entre nós um grande número de volumes escritos acerca da arte de governar, e Sua Majestade formou a esse respeito uma opinião muito baixa do nosso espírito, acrescentando que desprezava e detestava todo o mistério, todo o requinte e toda a intriga nos processos de um príncipe ou de

um ministro de Estado. Não podia compreender o que eu queria dizer com os segredos de gabinete.

Quanto a ele, resumira a ciência de governar em estreitíssimos limites, reduzindo-a ao senso comum, à razão, à justiça, à brandura, à rápida decisão dos processos civis e criminais e a outras práticas semelhantes ao alcance de toda a gente e que não merecem referência. Por fim, arriscou este estranho paradoxo que, se alguém pudesse fazer crescer duas espigas ou dois bocados de erva num pouco de terra onde antes só havia um, mereceria mais do gênero humano e prestaria um serviço mais essencial ao seu país do que toda a raça dos nossos sublimes políticos.

A literatura deste povo é muitíssimo limitada e consiste apenas no conhecimento da tradição oral, da história, da poesia e das matemáticas; preciso é,

porém, confessar que são excelentes nestes quatro gêneros.

O último dos citados conhecimentos só é aplicado por eles a tudo quanto seja útil, de maneira que o melhor da nossa matemática seria muito pouco apreciado por eles. Com respeito a

entidades metafísicas, abstrações e categorias, foi-me impossível fazer que as compreendessem.

Nesse país não é permitido decretar uma lei que empregue mais palavras do que as letras existentes no alfabeto, que é composto de vinte e duas apenas; há até muito poucas leis que tenham tais dimensões. São todas expressas em termos claros e simples, e esses povos não são nem muito vivos, nem muito engenhosos para lhes achar algum sentido; e, além disso, é crime capital escrever um comentário sobre qualquer lei.

Posso desde remotíssimos tempos a arte de imprimir, tão bem como os chineses; as suas bibliotecas, porém, não são grandes; a do rei, que é mais numerosa, é constituída por milhares apenas, enfileirados numa galeria de duzentos pés de comprimento, onde tive a liberdade de ver todos os livros que me aprouvesse. O livro que tive, a princípio, curiosidade de ler, foi colocado em cima de uma mesa sobre a qual me puseram; então, voltando o rosto para o livro, com o rosto pelo alto da página; passeava por cima dele, para a direita e para a esquerda, cerca de dez passos, conforme o comprimento das linhas, e recuava à medida que caminhava na leitura das páginas. Começava a ler outra página pelo mesmo processo, depois do que a virava, o

que com dificuldade pude fazer com as minhas duas mãos, porque o papel era tão espesso e tão seco com o papelão. O seu estilo é claro, másculo e suave, mas nunca florido, porque não sabem entre si multiplicar as palavras inúteis e variar as expressões. Percorri muitos dos seus livros, principalmente aqueles que diziam respeito à história e à moral; entre outros, li com prazer um velho tratado que estava no quarto de Glumdalclitch e que se intitulava: Tratado da fraqueza do gênero humano e que apenas era estimado pelas mulheres e pelas classes menos elevadas. Entretanto, tive a curiosidade de saber o que um autor desse país podia dizer sobre semelhante assunto. Este escritor fazia ver muito extensamente quanto o homem está pouco em situação de se pôr ao abrigo das injúrias da atmosfera e da fúria dos animais ferozes; quanto era ultrapassado por outros animais, quer em força, quer em velocidade, quer na previdência, quer na indústria. Mostrava que a natureza se tinha degenerado nos últimos séculos e que estava a declinar.

Ensinava que as próprias leis da natureza revelavam absolutamente que tinham os sido, a princípio, de uma estatura maior e de uma complexão mais vigorosa, para não serem os sujeitos a uma súbita destruição pela queda de uma telha de cima de uma casa, ou de uma pedra arremessada pela mão de

um a criança, ou para não nos afogarmos em algum rio. Desses raciocínios, o autor tirava diversas aplicações úteis à conduta da vida. Quanto a mim, não podia deixar de fazer reflexões sobre esta moral e sobre a tendência universal que têm todos os homens de se queixar da natureza e de exagerar os seus defeitos.

Estes gigantes tinham-se com os pequenos e fracos. Que somos nós, europeus? Esse mesmo autor dizia que um homem não passava de um verme e da terra e de um átomo e que a sua pequenez devia sempre humilhá-lo. Ai! que sou eu - dizia de mim para mim - eu, que estou abaixo de nada em comparação desses homens que se consideram tão pequenos e tão insignificantes!

Nesse mesmo livro fazia-se ver a vaidade do título de alteza e grandeza, e quanto era ridículo que um homem, que tinha mais de cento e cinquenta pés de altura, ousasse dizer-se alto e grande. Que pensariam os príncipes e os soberbos senhores da Europa - pensava eu então - se lessem este livro, eles que, com cinco pés e algumas polegadas, pretendem, sem cerimônia, que se lhes dê o tratamento de alteza e de grandeza? Mas, por que é que não exigiam também os títulos de grossura, largura e espessura? Aos homens teriam podido inventar um termo geral para compreender todas essas dimensões e fazer-se chamar vossa extensão. Responder-se-me-á, talvez, que as palavras alteza e

grandeza se relacionam com a alma e não com o corpo; mas, se assim é, por que não tomar títulos mais próprios e mais condizentes com um sentido espiritual? Por que não se fizeram trair por vossa sabedoria, vossa penetração, vossa previdência, vossa liberalidade, vossa bondade, vosso bom senso, vosso belo espírito? É preciso confessar que, com estes títulos teriam sido muito belos e muito honrosos, teriam também semeadado muita amargura nos cumprimentos dos inferiores, não havendo nada mais divertido do que um discurso cheio de contradições.

A medicina, a cirurgia, a farmacopéia são muito cultivadas nesse país. Entrei, certo dia, num vasto edifício, que julguei ser um arsenal cheio de balas e canhões: era a loja de um boticário; as balas eram pílulas e os canhões, seringas. Com parativamente, os nossos maiores canhões são, em verdade, modestas colubrinhas.

Com relação à sua milícia, diz-se que o exército do rei é composto de cento e seis mil homens de pé e de trinta e dois mil de cavalo, se lícito é dar-se esse nome a um exército constituído de negociantes e lavradores, cujos comandantes não são senão seus pares e a nobreza sem recompenha nem soldo algum. São,

de fato, bastante perfeitos nos seus exercícios e têm um a disciplina magnífica, o que não é para admirar, visto que os lavradores são comandados pelos seus próprios senhores e os burgueses pelos principais da sua própria cidade, eleitos à maneira de Veneza.

Tive curiosidade de saber por que este príncipe, cujos Estados são inacessíveis, julgava necessário ensinar ao seu povo a prática da disciplina militar; mas depressa soube a razão, quer pelas conversas que entabulei sobre este assunto, quer pela leitura das suas histórias; porque, durante muitos séculos, foram atacados pela doença a que tantos outros governos estão sujeitos: o patíbulo e a nobreza, disputando muitas vezes pelo poder, o povo pela liberdade e o rei pelo domínio arbitrário. Estas coisas, ainda que prudentemente tem peradas pelas leis do reino, têm ocasionado a criação de facções, ateados paixões e causado guerras

civis, a última das quais foi felizmente sufocada pelo avô do príncipe reinante, e a milícia, então estabelecida no reino, foi mantida desde então para prevenir novas desordens.

CAPÍTULO VI

O rei e a rainha fazem uma viagem à fronteira, onde o autor os acompanha - Porém enorme maneira por que saí desse país para regressar à Inglaterra.

Tinha sempre presente no espírito que algum dia recuperaria a minha liberdade, ainda que não pudesse adivinhar por que meio, nem formar projeto algum com a enorme probabilidade. O navio, que me tinha trazido e que soçobrara nessas paragens, era o primeiro barco europeu que, ao que se sabe, conseguira aproximar-se daí, e o rei dera ordens muito terminantes para que, se algum outro aparecesse, fosse puxado para terra e toda a tripulação e passageiros fossem metidos numa carroça de lixo e levados para Lorbrulgrud.

Estava muito empenhado em encontrar uma mulher da minha estatura com a qual eu pudesse multiplicar a espécie; no entanto, creio que preferiria morrer a fazer criação de desgraçados entes, destinados a ser engaiolados, assim com os canários, e a ser, depois, vendidos por todo o reino a pessoas de elevada estirpe, como os pequeninos animais curiosos. Era, na verdade, tratado

com grande bondade; era o favorito do rei e da rainha e as delícias de toda a corte; mas estava numa situação que não convinha à dignidade da minha natureza humana. A princípio, não podia esquecer os preciosos penhores que deixara em minha casa. Desejava bastante encontrar-me entre povos com os quais pudesse entabular conversa com o de igual para igual, e ter a liberdade de andar pelas ruas e pelos campos sem receio de ser pisado ou esmagado com o um a rã ou ser o joguete de algum cãozinho; a minha libertação, porém, chegou mais depressa do que esperava e de uma forma extraordinária, que vou referir fielmente com todos os pormenores desse admirável acontecimento.

Havia dois anos que vivia nesse país. No princípio do terceiro, Glum dalclitch e eu fazíamos os partes da comitiva régia numa viagem que o rei e a rainha realizaram pela costa meridional do reino. Levavam-me, de ordinário, na minha caixa de viagem, que era um aposento muito cômodo, com a largura de doze pés. Tinham, por minha ordem, colocado uma almofada suspensa de cordões de seda aos quatro cantos superiores da minha caixa, a fim de que sentisse menos as sacudidas do cavalo, sobre o qual um criado me levava na sua frente. Ordenara ao marceneiro que fizesse na tampa uma abertura com um pé quadrado para

deixar entrar o ar, de maneira que, quando eu quisesse, pudesse abri-la e fechá-la por meio de uma correção.

Quando chegamos ao termo da nossa viagem o rei achou conveniente passar alguns dias numa vivenda que possuía perto de Flanflasnic, cidade situada a dezoito milhas inglesas da beira-mar. Glum dalclitch e eu estávamos os deveras fatigados, e eu até um pouco constipado; mas a pobre pequena estava tão doente que era obrigada a permanecer sem pre no quarto. Tive vontade de ver o oceano. Fiz-me parecer mais doente do que realmente me sentia e pedi que me dessem liberdade para respirar o ar do mar com um pajem com quem eu simpatizava muito e a quem, noutro tempo, fora confiado. Nunca esquecerei a repugnância com que Glum dalclitch consentiu nisso, nem a ordem severa que deu ao pajem para ter cuidado comigo, nem as lágrimas que chorou, com o se tivesse o pressentimento do que me devia acontecer. O pajem conduziu-me, pois, na caixa, afastando-se quase meia légua da região, para os rochedos à beira-mar. Disse-me, então, que me pusesse no chão e, levantando o caixilho de uma das minhas janelas, com ecei a olhar tristemente para o mar. Pedi então ao pajem que, tendo vontade de dormir alguns instantes na cama, me deixasse fazer, pois isso me aliviaria. O pajem fechou bem a janela, com receio de que eu sentisse frio; depressa adormeci. Tudo o que posso

conjecturar é que, enquanto dormia, o pajem, julgando que nada tinha a recear, trepou pelos rochedos em busca de ovos das aves marinhas, tendo-o visto da janela a procurá-los e apanhá-los. Fosse com o fosse, o que é certo é que fui subitamente acordado por um violento solavanco que a minha caixa sofreu, que me senti no ar e, em seguida, arrebatado com prodigiosa rapidez. O primeiro solavanco quase me fez saltar fora da maca, mas, depois, o movimento tornou-se mais suave. Gritei com todas as forças dos meus pulmões, mas debalde. Olhei por entre os vidros e só vi nuvens. Ouvia por cima da cabeça um terrível ruído, semelhante ao bater de asas. Então, com receio de conhecer a perigosa situação em que me encontrava e a suspeitar que alguma águia tivesse segurado o cordão da minha caixa com o bico, no desejo de a deixar cair sobre algum rochedo, como a tartaruga na casca e, em seguida, tirá-la para fora e devorá-la, porque a sagacidade e o olfato desta ave permitem-lhe descobrir a sua presa a grande distância, ainda que muito oculto estivesse na caixa que tinha apenas a espessura de duas polegadas.

Ao cabo de certo tempo, notei que o ruído e o bater de asas aumentavam muito e que a caixa se movia para um lado e para outro como a tabuleta im pelida pelo vento; ouvi violentas pancadas que eram dadas na águia e depois, de repente, senti-m

e cair perpendicularmente durante mais de um minuto, mas com incrível velocidade. A minha queda acabou por um terrível solavanco que retiniu na minha cabeça com o a nossa catarata do Niágara, depois do que fiquei às escuras durante um minuto e então a minha caixa principiou a elevar-se, de maneira que pude ver o sol por cima da minha janela. Percebi, então, que caíra no mar e que a caixa flutuava. Supus, e suponho ainda, que a águia que arrebatara a minha caixa fora perseguida por duas ou três águias e constrangida a deixar-me e cair, enquanto se defendia das outras, que lhe disputavam a presa. As chapas de ferro, colocadas por baixo da caixa, conservaram o equilíbrio e impediram que se quebrasse e esmagasse ao cair.

Oh! com o desejo que Glum Dalclitch me socorresse nesse súbito acidente que tanto me afastara dela! Posso, na verdade, dizer que, no meio das minhas desgraças, lá me estava e tinha saudades da minha pequena dona, e pensava no desgosto que sentiria com a minha perda e no sentimento da rainha. Estou certo

de que poucos viajantes há que se tenham encontrado em situação tão triste com a aquela em que então me encontrava, esperando a todo o instante que a minha caixa se partisse ou pelo menos se voltasse ao primeiro golpe de vento e fosse submergida pelas vagas; um vidro partido, e estava com

pletam ente perdido. Não havia nada que pudesse fazer senão conservar-me à minha janela, que estava munida pelo lado de fora de arames muito fortes que a protegiam contra os acidentes que podem ocorrer em uma viagem. Vi a água entrar na minha caixa por algumas fendazinhas, que tratei de tapar o melhor possível. Ah! não tinha força para levantar a tampa da minha caixa, o que, se pudesse, faria, e aí me colocaria de preferência a ficar encerrado nessa espécie de porão.

Nesta crítica situação, ouvi, ou julguei ouvir, uma espécie de ruído ao lado da caixa; depressa comecei a imaginar que era puxada e de alguma forma rebocada, porque, de tempos em tempos, sentia como um esforço, que fazia subir as ondas até à altura das janelas, deixando-me quase às escuras. Alimentei, então, algumas fracas esperanças de salvação, ainda que não pudesse imaginar de onde ela me viria. Subi para as cadeiras e aproximei a cabeça de uma pequena abertura que havia na tampa da caixa, e desatei a gritar com toda força e a pedir socorro em todas as línguas que sabia. Em seguida, apanhei o lenço e a bengala que tinha e, fazendo-a sair pela abertura, manejei-a muitas vezes no espaço, a fim de que, se algum barco ou navio estivesse próximo, os marinheiros pudessem conjecturar que dentro daquela caixa estava um desgraçado mortal.

Não notei que tudo isso tivesse dado algum resultado, mas as constatei que a minha caixa caminhava sem parar para a frente. Ao cabo de uma hora senti que chocava contra alguma coisa dura. Tem início a princípio que fosse um rochedo e fiquei muito alarmado com o caso. Ouvei, então, claramente, bulha sobre a tampa da caixa, com o a de um cabo; depois, fui içado a pouco e pouco quase três pés acima do que estava anteriormente; ao notar isso, ergui ainda a bengala e o lenço, gritando por socorro até ficar rouco. Com a resposta, ouvi grandes aclamações repetidas três vezes, que me causaram transportes de alegria que não podem ser compreendidos senão por aqueles que os sentem; ao mesmo tempo ouvi andar sobre a tampa e alguém, chamando pela abertura, em inglês, perguntou:

- Está alguém aí?

- Sim! - respondi - Sou um pobre inglês reduzido pela fortuna à maior calamidade que até agora qualquer criatura tenha sofrido. Em nome de Deus, salve-me desta enxovia.

Ao que a voz me redarguiu:

- Tranquelize-se, que nada tem a recear; a caixa está segura ao navio, e o carpinteiro vem já para fazer um buraco e tirá-lo daí.

Respondi que isso era desnecessário e demorava muito tempo; que bastava

que qualquer tripulante pusesse o dedo no cordão a fim de levar a caixa para fora do mar, e colocá-la a bordo. Alguns dos que me ouviam falar assim, imaginavam que era um pobre insensato; outros riam; eu entretanto não me lembrei brava que estava tratando com homens da minha estatura e da minha força. Apareceu o carpinteiro e, dentro de poucos minutos, fez uma abertura na tampa, com a largura de três pés, e deu-me uma pequena escada pela qual subi. Entrei ao navio em um estado de grandíssima fraqueza.

Os marinheiros ficaram espantados e formularam muitas perguntas, a que não tive coragem de responder. Imaginava verme entre pigmeus, tanto os meus olhos se haviam habituado aos objetos monstruosos que acabara de deixar; mas o capitão, M. Thomas Viletcks, homem de probidade e de mérito, oriundo da província de Salop, reparando em que eu estava caindo de fraqueza, mandou-me entrar para o seu quarto, deu-me um cordial para me fortalecer e fez-me deitar na sua cama,

aconselhando-me a que repousasse, pois carecia bastante de descanso. Antes que adormecesse, disse-lhe que possuía preciosos móveis dentro da minha caixa, uma soberba cama, uma cama de campanha, duas cadeiras, uma mesa, um armário; que o meu quarto era tapetado ou, para melhor dizer, estofado de seda e algodão; que, se quisesse mandar algum homem da sua tripulação rebuscar o meu quarto, abri-lo-ia na sua presença e lhe mostraria os móveis. O capitão, ouvindo-me e aqueles absurdos, julgou que eu estava louco; no entanto, para me ser agradável, prometeu mandar fazer o que lhe pedia e, subindo ao convés, mandou alguns dos seus homens revistar a caixa.

Dormi durante algumas horas, mas continuei entesobressaltado pela idéia da região que deixara e do perigo que correra. Contudo, ao despertar, achei-me muito bem disposto. Eram oito horas da noite e o capitão ordenou que me dessem de ceiar imediatamente, supondo que jejuara durante muito tempo. Tratou-me com extrema bondade, notando, todavia, que eu tinha os olhos desvairados. Quando nos deixaram sós, pediu-me que lhe narrasse as minhas viagens e lhe explicasse por que acidente eu fora abandonado naquela grande caixa à mercê das ondas. Disse-me que, por volta do meio-dia, olhando pelo óculo, a descobrira de muito longe e a tomara por um

pequeno barco, que queria apanhá-lo, em vista de querer comprar bolacha que lhe faltava; que, ao aproximarse, conhecera o seu erro e mandara o escaler para verificar o que era; que os seus homens tinham voltado verdadeiramente aterrados, jurando que haviam visto uma casa flutuante; que rira do seu disparate e que ele próprio em barcaram no escaler, ordenando aos seus marinheiros que trouxessem um cabo; que, como o tempo estava sereno, depois de terem dado em volta da grande caixa, rodeando-a por várias vezes, deparou com a janela; que ordenara então à sua gente que remasse e se aproximasse desse lado e, que ligando um cabo a uma das argolas da janela, fizera-a rebocar; que virou a bengala e o lenço pela abertura e que imaginara que alguns desgraçados estivessem encerrados nela. Perguntei-lhe se ele ou a sua tripulação não tinham visto aves prodigiosas no ar, na ocasião em que me descobriram, ao que redarguiu que, falando sobre esse assunto com os marinheiros, enquanto dormia, um deles lhe dissera ter observado três águias que

tomavam o rumo do norte; porém não tinha notado que fossem maiores do que o vulgar, o que é fácil de supor, visto a enorme altura a que voavam, e não pôde tam-bém adivinhar o motivo por que lhe formulavam semelhante pergunta. Em seguida, perguntei ao capitão a que distância supunha estar de terra; respondeu-me que, pelos melhores cálculos que pudera fazer,

estávam os afastados cem léguas. Garanti-lhe que estava completamente enganado em quase metade, porque não tinha deixado o país de onde eu vinha, senão duas horas antes que eu caísse ao mar; esta minha observação fê-lo voltar a crer que o meu cérebro estava avariado, e aconselhou-me que tornasse a deitar na cama, num quarto que de antemão me mandara preparar. Afirmei-lhe que me sentia bem disposto depois da refeição e com a sua amável companhia, e que estava no pleno uso das minhas faculdades mentais e tão perfeitamente como antes.

Retomou a sua costumada seriedade e pediu-me para lhe dizer francamente se eu não tinha a consciência perturbada por algum crime que tivesse cometido e que fosse punido por ordem de algum príncipe, e exposto nessa caixa, como por vezes acontece aos criminosos de certos países, que são abandonados à mercê das ondas num navio sem velas e sem víveres; que embora se sentisse arrependido por haver recolhido a bordo tal celerado, dava a sua palavra de honra que me desembarcaria, com segurança, no primeiro porto que tocasse; acrescentou que as suas suspeitas haviam aumentado em virtude de alguns discursos muito absurdos, que fizera a princípio a alguns marinheiros, e, depois, a ele mesmo, com

relação à minha caixa e ao meu quarto e bem assim pelos meus desvairados olhos e estranha atitude.

Pedi-lhe que ouvisse com paciência a narrativa da minha vida; historiei-lha muito fielmente desde a última vez que deixara a Inglaterra até o momento em que me descobrira; e, com a verdade aberta sem preconceito nos espíritos inteligentes, este honesto e digno fidalgo, que possuía bom senso e não era completamente destituído de letras, ficou satisfeito com a minha boa fé e sinceridade; mas, além disso, para confirmar tudo quanto eu dissera, pedi-lhe que desse ordem para trazerem o meu armário, cuja chave estava em meu poder; abri-o à sua vista e fi-lo examinar todas as curiosas coisas executadas no país de onde eu saíra de uma forma tão estranha. Entre outros objetos, havia o pente que eu fabricara com os pêlos das barbas do rei e um outro da mesma matéria, ao qual servia de guarnição uma aparada unha do dedo polegar do mesmo soberano; havia uma carta de agulhas e de alfinetes com o comprimento de pé e meio; um anel com que um dia a rainha me presenteara de uma forma muito cativante, tirando-o do dedo e enfiando-mo no pescoço, com o se fora um colar. Pedi ao capitão que aceitasse aquele anel com o testemunho de reconhecimento pelos favores dispensados, o que ele recusou terminantemente. P

or fim , disse-lhe que exam inasse atentam ente as calças que eu usava e que eram feitas de pele de rato.

O capitão ficou m uito satisfeito com tudo o que lhe contei e disse-m e que esperava, quando do nosso regresso à Inglaterra, que eu escrevesse a relação das

m inhas viagens e a publicasse em volum e. Respondi que j ulgava haver j á m uitos livros de viagens; que as m inhas aventuras não passariam de um sim ples rom ance e de um a ridícula ficção; que a m inha relação conteria apenas descrições de plantas e de anim ais extraordinários, de leis, de costum es e usos extravagantes; que essas descrições eram m uito vulgares e que j á estavam fartos delas; e que, não tendo outra coisa a dizer com respeito às m inhas viagens, não valia a pena dar-m e o trabalho de descrevê-las. No entanto, agradeci-lhe a lisonj eira opinião que form ava a m eu respeito.

P areceu-m e adm irado de um a coisa: de eu falar tão alto, perguntando-m e se o m onarca e a soberana desse país eram surdos. Respondi-lhe que era um a coisa a que m e habituara havia m ais de dois anos e que, por m eu lado, adm irava a sua voz e a da sua gente, que parecia falar-m e sem pre ao ouvido, m as que apesar disso, podia ouvi-los m uito bem ; que, quando

falava nesse país, era com o um homem que fala da rua para outro que está no alto de um campanário, exceto quando era colocado sobre um armazém ou equilibrado na mão de qualquer indivíduo. Declarei-lhe que notara outra coisa e era que, a princípio, ao entrar no navio, quando os marinheiros se mantinham de pé junto de mim, pareciam-me infinitamente pequenos; que, durante a minha permanência nesse país, não podia ver-me ao espelho, desde que os meus olhos se haviam habituado a objetos grandes, porque a comparação que fazia tornava-me desprezível a mim próprio. O capitão disse-me, enquanto ceávamos, que tinha notado que eu examinava as coisas com uma espécie de assombro e que algumas vezes lhe parecia que fazia esforços para não soltar uma gargalhada; que, em tais momentos, não sabia como aceitar o caso, mas que o atribuía a um desarranjo mental. Redargui que estava assombrado por haver sido capaz de me conter ao ver os pratos da grossura de uma moeda de prata de três soldos, uma perna de carneiro que era uma simples isca, um copo tão grande como uma casca de noz e, assim sucessivamente, continuei a descrever todo o resto dos seus móveis e das suas coisas, comparativamente; porque, embora a rainha me tivesse dado para meu uso tudo quanto era necessário num tamanho proporcionado à minha estatura, o que é certo é que as minhas idéias estavam completamente entregues ao que via em volta de mim, e fazia com todos os homens que examinavam continuam

ente os outros sem se examinarem a si próprios e sem prestarem atenção à sua pequenez. O capitão, referindo-se ao velho rifão inglês, disse-me que eu tinha mais olhos do que barriga, pois que reparara que não comia com grande apetite; e continuando a agradecer, acrescentou que daria com prazer cem libras esterlinas para ter o gosto de ver a minha caixa no bico da águia e, em seguida, cair de tão grande altura no ar, o que certamente seria um caso muito interessante e digno de ser transmitido aos séculos vindouros.

O citado capitão, que regressava de Tonquin, fazia-se de vela para Inglaterra, e fora impellido para o nordeste, a quarenta graus de latitude, e cento e quarenta e três de longitude; com o, porém, se levantasse um vento de monção dois dias depois da minha estada a bordo, fomos levados para o norte durante muito tempo; e, costeando a Nova Holanda, fizemos no rumo de oeste-

nordeste e depois de sudoeste, até termos dobrado a Cabo da Boa Esperança. A nossa viagem foi muito feliz, mas eu pouparei ao leitor a sua descrição. O capitão aprobeu a uns dois portos e fez chegar aí o seu escaler para trazer víveres e tomar água; quanto a mim, não saí de bordo senão quando aportamos às Dunas. Isso deu-se, creio, que a 3 de Junho de 1706, quase nove meses depois da minha libertação. Ofereci os meus móveis para

garantia do pagamento da minha passagem ; o capitão, porém , protestou, dizendo nada querer receber. Despedimo-nos muito afetuosamente e fiz-lhe prometer que iria visitar-me em Redriff. Aluguei um cavalo e um guia por algum dinheiro que o capitão me emprestou.

Durante esta viagem , notando a pequenez das casas, das árvores, do gado e dos habitantes, julguei-me ainda em Lilipute: recei pisar os viajantes que encontrava e muitas vezes gritei para os fazer afastar do caminho, de maneira que em várias ocasiões corri o risco de ficar com a cabeça partida por causa da minha impertinência.

Quando cheguei à minha casa, que reconheci a custo, um dos criados abriu-me a porta e eu baixei a cabeça para entrar, com receio de dar alguma cabeçada; essa porta parecia-me um postigo. Minha mulher correu logo para me beijar, mas curvei-me até a altura dos seus olhos, temendo que não chegasse à boca. Minha filha saltou-me para os olhos a fim de me pedir a bênção, mas só pude distinguir-lhe as feições quando se levantou, estando desde muito acostumado a estar de pé, com a cabeça e os olhos erguidos para cima. Considerei todos os meus criados e uns dois amigos que ali se

encontravam com o pigmeus e a minha com o um gigante. Disse a minha mulher que ela tinha sido muito frugal, porque eu achava que ela própria estava reduzida, assim como a filha, a coisa nenhuma. Num a palavra, procedi de maneira tão estranha que todos formaram de minha a mesma opinião que o capitão formara quando me viu a bordo, e concluíram que eu ensandecera. Porém enorizo estas coisas para tornar conhecido o grande poder do hábito e do preconceito.

Em pouco tempo me habituei à mulher, à família e aos amigos; minha mulher opinou que eu não tornaria a embarcar; no entanto, a minha á estrela ordenou precisamente o contrário, como o leitor poderá verificar pelo seguinte. Entretanto, é aqui que finda a segunda parte das minhas mal-aventuradas viagens.

TERCEIRA PARTE

VIAGEM A LAPÚCIA, AOS BALNIBARBOS, A LUGGNAGG, A GLUBBDUDRIB E AO JAPÃO

CAPÍTULO I

O autor em preende terceira viagem - É aprisionado pelos piratas - Maldade de um holandês - Chega a Lapúcia.

HAVIA pouco mais de dois anos que permanecia em minha casa, quando o capitão Guill Robinson, da província de Cornualha, comandante do Boa Esperança, navio de trezentas toneladas, veio procurar-me. Fora outrora

cirurgião de um navio de que ele era capitão, numa viagem ao Levante, e fui sempre muito bem tratado. O capitão, tendo conhecido da minha chegada, fez-me uma visita em que patenteou a alegria que sentira ao ver-me e de perfeita

saúde; perguntou-me se eu me resolvera a ficar definitivamente em casa e disse-me que projetava fazer uma viagem às Índias Orientais, para onde contava partir dentro de dois meses. Insinuou-me ao mesmo tempo que sentiria muito prazer

em que eu continuasse a ser o médico de bordo; que teria um outro cirurgião e dois enfermeiros comigo; que receberia soldo dobrado; e, depois de provar que o conhecimento que eu tinha do mar era pelo menos igual ao seu, me levaria com o se fosse o imediato.

Enfim, teve palavras tão elogiosas, pareciam e tão bondoso, que me deixei levar, tendo ademais, apesar das desgraças passadas, uma grande paixão pelas viagens. A única dificuldade que previa era obter o consentimento de minha mulher que, no entanto, me deu de boa vontade, decerto em vista das vantagens que seus filhos podiam auferir daí.

Fizemos-nos de vela em 5 de Agosto de 1708 e aportamos ao forte de S. Jorge em 1 de Abril de 1709, onde permanecemos os três semanas para refrescar a nossa tripulação, que, na maior parte, estava doente. Daí, dirigimos-nos a Tonquin, onde o nosso capitão resolveu demorar-se algum tempo, porque a maior parte das mercadorias que tinha vontade de adquirir só lhe podia ser entregue alguns meses depois. Para se desforrar um pouco das despesas da demora, adquiriu um barco carregado de diferentes espécies de mercadorias, de que os Tonquineses fazem um comércio ordinário com as ilhas próximas, e, em barcando aí quarenta homens, em que incluía três da região, fez-me seu

capitão e deu-me plenos poderes durante dois meses, enquanto ele negociava em Tonquin.

Ainda não havia três dias que nos tínhamos feito ao mar quando rebentou uma violenta tempestade que nos impeliu durante cinco dias para nordeste e em seguida para este. O tempo serenou um pouco, mas o vento de oeste continuava a soprar com força.

Ao décimo dia, dois piratas perseguiram-nos e logo nos aprisionaram, porque o meu navio estava tão carregado que singrava muito lentamente, sendo-nos por completo impossível manobrar de maneira a nos defender.

Os dois piratas abordaram e entraram no nosso navio à frente dos seus homens; encontrando-nos, porém, de bruços, com o que eu ordenara, contentaram-se em ligar-nos e, fazendo-nos guardar, principiaram a visitar o navio.

Notei entre eles um holandês que parecia ter certa autoridade, conquanto fosse apenas a do comando. Pelos nossos modos

conheceu que eram os ingleses e, falando-nos na sua língua, disse-nos que nos iam ligar a todos costas com costas e lançar-nos ao mar. Com o eu falasse muito bem holandês, declarei-lhe quem eram os e solicitei-lhe, em consideração do nome e com um de cristãos e de cristãos reformados, de vizinhos, de aliados, que intercedesse por nós junto do capitão. As minhas palavras deram apenas com o resultado irritá-lo; redobrou as ameaças e, voltando-se para os companheiros, falou-lhes em língua japonesa, repetindo muitas vezes a palavra cristãos.

O maior navio desses piratas era comandado por um capitão japonês, que falava um pouco a língua holandesa; dirigiu-se-me e, após algumas perguntas, a que humildemente respondi, assegurou-me que nos pouparia a vida. Fiz-lhe um grande cumprimento e, virando-me, então, para o holandês, disse-lhe que estava bastante admirado de ter encontrado mais um anidade num idólatra do que num cristão. Em breve, porém, tive de me arrepender das palavras que proferira, porque esse miserável réprobo, tendo tentado em vão persuadir os dois capitães a que me lançassem ao mar (no que não quiseram consentir por causa da promessa que um deles me havia feito), obteve que fosse ainda mais rigorosamente tratado do que se me matassem. Haviam dividido a minha gente pelos dois navios e pelo barco; quanto a mim, decidiram abandonar-me à sorte, num

batel com dois remos, uma vela e víveres para quatro dias. O capitão japonês redobrou a dose e tirou das suas próprias provisões esse caridoso aumento; não quis até que me expoliassem. Desci, pois, para esse barquinho, enquanto o brutal holandês me dirigia do alto da cobertura todas as injúrias e imprecações que a sua linguagem podia fornecer.

Quase uma hora antes de sermos vistos pelos dois piratas, tomara altura, e vi que nos encontrávamos a quarenta e seis graus de latitude e a cento e oitenta e três de longitude. Quando me vi um pouco afastado, descobri com um óculo diferentes ilhas ao sudoeste. Então, içei a vela, pois o vento estava de feição, com desejo de aproar à meia próxima dessas ilhas, o que me deu tarefa para três horas. Esta ilha não era mais do que uma rocha, onde encontrei muitos ovos de pássaros; então, usando do meu fuzil, lancei fogo a algumas raízes e a alguns junco marítimos para poder cozer os ovos, que foram nessa noite todo o meu sustento, estando resolvido a poupar as minhas provisões tanto quanto me fosse possível. Passei a noite nessa rocha, deitado no chão sobre as urzes que me serviram de cama, e dormi muito bem.

No dia seguinte, fiz-me de rumo para outra ilha e depois para uma terceira e

para uma quarta, servindo-me às vezes dos remos; mas, para não me açar o leitor, direi apenas que ao cabo de cinco dias atingi a última ilha que vi, e que ficava ao sudoeste da primeira.

Esta ilha estava mais afastada do que eu imaginava e só pude chegar lá passadas cinco horas. Dei uma volta com o bote antes de poder aproar. Pondo pé em terra numa pequena baía, que era três vezes mais larga do que o meu barquinho, notei que toda a ilha não passava de um grande rochedo, com alguns intervalos em que nasciam relva e ervas muito odoríferas. Tomei as minhas pequenas provisões e, depois de haver comido um pouco, guardei o resto numa cova, de que havia grande número. Apanhei alguns ovos no rochedo e arranquei certa quantidade de junco marítimo e ervas secas, a fim de me acender no dia seguinte para cozinhar os meus ovos, porque tinha comigo o meu fuzil, a isca e uma lente. Passei toda a noite na cova, onde colocara as minhas provisões; as minhas camas eram essas ervas destinadas para o lume. Dormi pouco, porque estava mais inquieto do que cansado.

Considerarei que era impossível não morrer num lugar tão miserando. Achei-me tão com balido com estas reflexões, que não tive coragem para me levantar e, antes de me sentir com forças para sair do meu esconderijo, o sol já ia muito alto; fazia um tempo magnífico e o sol estava tão ardente que era obrigado a desviar dele o rosto.

De repente, porém, escureceu de maneira diferente do que costumava acontecer quando passa uma nuvem. Voltei-me para o sol e vi um grande corpo opaco e móvel entre mim e o astro, que parecia andar de um lado para o outro. Este corpo suspenso, que se me afigurava ficar a duas milhas de altura, ocultou-me o sol durante sete minutos; porém não pude observar a causa daquela escuridão. Quando este objeto chegou mais perto do sítio em que me encontrava, pareceu-me ser de uma substância sólida, cuja base era plana, unida e luzente pela reverberação do ar. Detive-me em um montículo, quase a duzentos passos da margem, e vi esse corpo descer e aproximar-se de mim, a uma milha de distância talvez. Tomei, então, o meu telescópio, e descobri grande número de pessoas em movimento, pessoas que me olhavam e se olhavam umas para as outras.

O instinto natural da vida fez-me e nascer alguns sentimentos de alegria e de esperança, pois que esta aventura poderia ajudar-me e a sair do desgraçado estado em que me encontrava; ao mesmo tempo, porém, o leitor não pode imaginar a estupefação que me causou a vista daquela espécie de ilha aérea, habitada por homens que tinham a arte e o poder de a levantar, de a baixar e de a fazer andar à sua vontade; não tendo, contudo, o espírito de filosofar sobre tão estranho fenómeno, contentei-me em observar para que lado é que a ilha girava, porque me pareceu parar algum tempo. Entretanto, aproximei-me do lado em que eu estava e pude descortinar muitos terraços grandes e escadarias de espaço a espaço para comunicarem umas com outras.

Sobre o terraço mais baixo, vi muitos homens que pescavam aves à linha e outros que olhavam. Fiz-lhes sinal com o chapéu e com o lenço; e, quando os vi mais perto, gritei com toda a força dos meus pulmões. Tendo, então, olhado com a máxima atenção vi uma enorme multidão apinhada no ponto que me ficava em frente. Descobri, pelas suas posições, que me viam, em bora me não tivessem respondido. Reparei, então, nuns seis homens que subiam apressadamente ao cumé da ilha, e supus que fossem enviados a algumas pessoas de autoridade para receberem ordens sobre o que deviam fazer nesta ocasião.

A multidão dos insulares aum entou e, em menos de meia hora, a ilha aproximou-se de tal maneira, que mediam apenas uns cem passos de distância entre ela e mim. Foi, então, que adotei várias posições humildes e com oventes e dirigi várias súplicas; não obtive resposta alguma; os que pareciam estar mais próximos, a julgar pelas suas roupas, eram pessoas de distinção.

Por fim, um deles fez ouvir a sua voz numa linguagem clara, polida e muito suave, cujo timbre se aproximava do italiano; foi tão bom em italiano que respondi, imaginando que o som e a acentuação desta língua seriam mais gratos aos seus ouvidos do que qualquer outro idioma. Este povo compreendeu o meu pensamento; assim, fizeram-me sinal para que descesse do rochedo e que me encaminhasse para a margem. Então, da ilha volante, baixando-se a uma altura conveniente, deitaram-me de cima do terraço uma corrente com uma pequena cadeira suspensa, sobre a qual me sentei, sendo, num momento, içado por meio de um cadernal.

CAPÍTULO II

Carácter dos Lapucianos - Opinião a respeito dos seus sábios, do seu rei e da corte - Recepção que foi feita ao autor - Os receios e as inquietações dos habitantes - Carácter das mulheres lapucianas.

Assim que cheguei, encontrei-me rodeado de uma multidão que me observava admirada e que eu contemplei do mesmo modo, não tendo visto nunca tão singular raça de mortais tanto no rosto, com os hábitos e nas maneiras; inclinavam a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda; tinham um olho voltado para dentro e outro para o sol. As suas roupas eram semeadas de figuras do sol, da lua e das estrelas e cheios de rabecas, de flautas, de harpas, de trombetas, de guitarras, de alaúdes e de muitos outros instrumentos musicais desconhecidos na Europa. Vi em torno deles muitos criados armados de bexigas, ligadas com um alho na ponta de um pequeno pau, onde havia certa quantidade de ervilhinhas e seixinhos; batiam de tempos a tempos com essas bexigas na boca ou nas orelhas daqueles que lhes ficavam mais próximos e não pude perceber o motivo de tal hábito. A inteligência deste povo parecia tão distraída e tão mergulhada em profunda meditação, que ninguém podia falar nem

estar com atenção ao que se lhe dizia sem o auxílio daquelas ruidosas bexigas, com que se lhe batia na boca ou nas orelhas, para o despertar. Esta era a razão por que as pessoas que possuíam certos meios, mantinham um criado, que lhes servia de monitor e sem o qual nunca saíam.

A ocupação deste personagem, quando duas ou três pessoas se encontravam juntas, consistia em bater habilmente com a bexiga na boca daquele a quem se dirigia o discurso. O monitor acompanhava sem preo seu amo quando ele saía, e era obrigado a dar-lhe, de quando em quando, com a bexiga nos olhos, porque, sem isso, os seus grandes devaneios pô-lo-iam muitas vezes em perigo de cair em algum precipício, ou de bater com a cabeça em algum poste, de empurrar os outros na rua, ou de ser lançado em algum riacho.

Fizeram-me subir ao cum e da ilha e entrar no palácio do rei, onde vi Sua Majestade num trono, cercado de personagens da primeira distinção. Em frente do trono estava uma grande mesa cheia de globos, esferas e de instrumentos matemáticos de toda espécie. O rei não deu pela minha entrada, em bora a multidão que me acompanhasse fizesse bastante alarido; estava, então, entregue à solução de um problema, e parámos defronte dele durante uma hora precisa, à espera de que Sua Majestade acabasse a sua operação. Havia junto dele dois pajens em

punhando bexigas, e um deles, quando Sua Maj estade concluiu o trabalho, bateu-lhe docemente e com respeito na boca, enquanto o outro lhe bateu na orelha direita. O rei pareceu, então, despertar com o que em sobressalto e, circunvagando a vista por mim e pela gente que me rodeava, recordou-se do que lhe haviam dito acerca da minha chegada, poucos momentos antes; dirigiu-me algumas palavras e logo um homem, armado de uma bexiga, se aproximou de mim e bateu-me com ela na orelha direita; fiz-lhe, porém, sinal de que era desnecessário ter esse trabalho, o que deu ao rei e a toda a corte uma elevada idéia acerca da minha inteligência. O soberano fez-me algumas perguntas, a que respondi sem que um e outro nos prendessem os. Em seguida me conduziu a uma aposento onde me serviram o jantar. Quatro pessoas de distinção me deram a honra de se sentar perto de mim; tivemos dois serviços, cada um de três pratos. O primeiro era composto de uma perna de carneiro cortada em triângulo equilátero; de uma peça de boi sob a forma de um romboide e de um chouriço de sangue sob a de um cicloide. O segundo serviço foi constituído por dois pratos sem elhando rabecas, salsichas e lingüiças, que pareciam flautas e oboés, e um fígado de veado que tinha a aparência de uma harpa. Os pães, que nos serviram, tinham a configuração de cones, de cilindros e de paralelogramos.

Depois do jantar, um homem veio ter comigo da parte do rei, com uma caneta, tinta e papel, e fez-me compreender, por sinais, que tinha ordem de me ensinar a língua do país. Estive com ele perto de quatro horas, durante as quais escrevi em quatro colunas um grande número de palavras com a tradução em frente. Ensinou-me também algumas frases curtas, cujo sentido me deu a conhecer, dizendo-me o que elas significavam. O meu professor mostrou-me em seguida, num dos seus livros, a figura do sol, da lua, das estrelas, do zodíaco, dos trópicos e dos círculos polares, dizendo-me o nome de tudo isso, assim como de toda a espécie de instrumentos de música, com os termos desta arte relativos a cada instrumento. Quando acabou a lição, compus para meu uso particular um pequeno e bonito dicionário de todos os vocábulos que aprendera e, em poucos dias, graças à minha feliz memória, soube sofrivelmente a língua lapuciana.

Na manhã seguinte com pareceu um alfaiate, que me tirou medidas. Os alfaiates dessa região exercem o seu mister de maneira diferente da dos outros países da Europa. Tirou primeiramente medida da altura do meu corpo com um quadrante e depois com régua e compasso, tendo medido a circunferência e toda a proporção dos membros superiores, fez o cálculo em um papel e, ao fim de seis dias, trouxe-me uma roupa muito mal feita;

desculpou-se, dizendo-me que tivera a infelicidade de enganar-se nos cálculos.

Nesse dia, Sua Majestade ordenou que fizessem avançar a sua ilha para Lagado, que é a capital do seu reino em terra firme, e depois para certas cidades e aldeias, a fim de receber os requerimentos dos seus súditos. Para esse efeito deixou cair uma porção de cordéis com uma bola de chumbo na extremidade, com o fim de que o seu povo atasse aí os seus requerimentos, que eram puxados depois e que no ar davam a aparência de papagaios.

Os conhecimentos que eu possuía acerca de matemáticas auxiliaram-me muito para compreender o seu modo de falar e as metáforas, extraídas na sua

maioria das matemáticas e da música, porque sei também um pouco desta arte. Todas as suas idéias não passavam de linhas e de figuras, e até a sua galanteria era toda geométrica. Se, por exemplo, queriam gabar a beleza de uma donzela, diziam que os seus dentes brancos eram belos e perfeitos paralelogramos; que as sobrancelhas eram um segmento encantador, ou uma bela porção de círculos; que os olhos formavam uma admirável elipse; que o colo era ornado de dois globos acíntotas. O seno, a tangente, a linha reta, a linha curva, o cone, o cilindro, a oval, a

parábola, o diâmetro, o raio, o centro, o ponto, são entre eles termos que entram na linguagem do amor.

As casas eram pessimasmente construídas; e a razão é que nesse país se despreza a geometria prática com o útil e a coisa vulgar e mecânica. Nunca vi povo tão tolo, tão mesquinho e tão inábil em tudo quanto se relacione com as ações humanas e o modo de proceder. São, além disso, os piores argumentadores do mundo, sempre dispostos a contradizer, exceto quando pensam com justiça, o que lhes acontece raramente, e, então, calam-se; não sabem o que seja imaginativa, invenção, retratos, e não têm sequer termos na sua língua que exprimam estas coisas. Deste modo todas as suas obras, incluindo as poesias, parecem teoremas de Euclides.

Muitos deles, principalmente aqueles que se dedicam à astronomia, caem na astrologia judiciária, em bora não se atrevam a confessá-lo publicamente; mas o que eu encontrei de mais surpreendente, foi a tendência, que tinham, para a política, e a curiosidade pelos acontecimentos; falavam continuamente dos negócios de Estado e faziam sem cerimônia alguma o seu juízo acerca de tudo quanto se passava nos gabinetes dos príncipes. Notei, muitas vezes, o mesmo carácter nos nossos matemáticos

áticos europeus, sem nunca ter podido encontrar a menor analogia entre os matemáticos e a política, salvo se se imagina que, assim como um círculo menor tem tantos graus como o círculo maior, aquele que se encontra apto para raciocinar sobre um círculo traçado num papel, possa do mesmo modo fazê-lo sobre a esfera do mundo; porém não será antes o defeito natural de todos os homens, que se dão o prazer de falar e de raciocinar sobre o que menos percebem ?

Este povo parece sempre inquieto e assustado. Aquilo que não conseguiu nunca impedir o repouso dos outros homens é o contínuo assunto das suas queixas e dos seus temores; ficam apreensivos com a alteração dos corpos celestes; por exemplo: que a terra, pelas contínuas aproximações do sol, não seja por fim devorada pelas chamas deste terrível astro; que esse archote da natureza não se encontre pouco e pouco coberto de crosta pela espuma e não venha a apagar-se completamente para os mortais; temem que o próximo cometa que, consoante os seus cálculos, aparecerá dentro de trinta e um anos, com uma pancada da sua cauda fulmine a terra e a reduza a cinzas; receiam ainda que o sol, à força de espalhar os raios por toda parte, venha a gastar-se e a perder completamente a sua substância. São estes os receios e as inquietações que lhes tiram

o sono e os privam de toda a espécie de prazeres; assim , logo que se encontram de manhã,

as primeiras palavras que trocam entre si é referindo-se a ele, perguntando com o passa, e em que estado nasceu e desapareceu no ocaso.

As mulheres desta ilha são muito vivas; desprezam os maridos e são muito amigas com os estrangeiros, de que há sempre um considerável número na comitiva da corte; é também entre eles que as damas da corte escolhem os seus amantes. O que há de desagradável nisto, é que elas costumam entregar-se sem reboço algum e com certa segurança, porque os maridos estão tão absorvidos nas suas especulações geométricas, que se lhes acaricia as mulheres na sua presença sem que eles dêem por isso, contanto que o seu monitor lá não esteja para lhes bater com a bexiga.

As donzelas e as mulheres casadas sentem grande desgosto em viverem encerradas naquela ilha, em bora seja o mais delicioso ponto da terra e vivam entre riqueza e magnificências. Podem ir para onde quiserem , na ilha, mas não podem correr a pé e dirigir-se à capital, onde lhes é proibido ir sem autorização do rei, o que nunca conseguiram obter porque os maridos

têm experim entado algum as vezes o desgosto de não as tornar a ver. Ouvi contar que um a alta dam a da corte, casada com o prim eiro m inistro, o hom em m ais perfeito e rico da corte, que a am ava loucam ente, veio a Lagado sob o pretexto de que estava doente, e aí perm aneceu oculta durante alguns m eses até que o soberano a m andou procurar; foi encontrada num estado lam entável, num a péssim a casa, tendo em penhado os seus vestidos para m anter um lacaio velho e feio que todos os dias a espancava; livraram -na dele m uito contra vontade sua e, ainda que o m arido a recebesse com bondade, fazendo-lhe m il carícias e dando- lhe vãs repreensões sobre o seu procedim ento, pouco depois tornou a fugir com todas as j óias e pedrarias, para ir ter novam ente com esse indigno am ante; e nunca m ais se ouviu falar nela.

O leitor talvez tom e esta narrativa por um caso europeu, ou m esm o inglês; peço-lhe, porém , que considere que os caprichos da espécie fem inina não se lim itam apenas a um a parte do m undo, nem a um clim a único; em qualquer ponto do globo terrestre são os m esm os.

CAPÍTULO III

Fenômeno explicado pelos filósofos e astrônomos modernos -
Os Lapucianos são grandes astrônomos - De como o rei logra
apaziguar as sedições.

Solicitei licença do soberano para ver as curiosidades da ilha;
concedeu-me e ordenou a um dos seus cortesãos que meacom-
panhasse. Quis principalmente saber em que consistia o segredo
natural ou artificial que causava os diversos movimentos de que
vou dar ao leitor uma nota exata e filosófica.

A ilha volante é perfeitamente redonda; o seu diâmetro é de
sete mil e oitocentos e sete toesas e meia, isto é, quase quatro
mil passos, e, por conseguinte, contém aproximadamente dez
mil acres. O fundo desta ilha ou a superfície inferior, tal como
parece a quem a vê por baixo, é como um largo diamante,
polido e talhado regularmente, que reflete a luz a quatrocentos
passos. No subsolo há muitos minerais, situados seguindo a fila
ordinária das minas, e por cima existe um terreno fértil de dez a
doze pés de profundidade.

A inclinação das partes da circunferência para o centro da superfície superior é a causa natural de todas as chuvas e orvalhos que caem na ilha serem conduzidos por pequenos regatos para o meio, onde se juntam em quatro grandes tanques, tendo cada um deles quase meia ilha de circuito. Aduzentos passos de distância do centro desses tanques, a água é continuamente atraída e evaporada pelo sol durante o dia, o que impede o extravasamento. De mais, com o poder real erguer a ilha acima da região das nuvens e dos vapores terrestres, pode, quando lhe apraz, impedir a queda da chuva e do orvalho, o que não está no poder de nenhum outro potentado da Europa, que, não dependendo de pessoa alguma, depende sempre da chuva e do bom tempo.

No centro da ilha existe um buraco com perto de vinte e cinco toesas de diâmetro, pelo qual descem os astrônomos a um largo zimório que, por este motivo, é chamado Flandona gagnole, ou Cava dos Astrônomos, situada a uma profundidade de cinquenta toesas acima da superfície superior do diamante. Nesta cava havia vinte lâmpadas sempre acesas que, pela reverberação do diamante, espalham uma grande luz por todos os lados. Este local é guarnecido de sextantes, de quadrantes, de telescópios, de astrolábios e de outros instrumentos astronômicos; a maior curiosidade, porém, de

que depende até o destino da ilha, é uma pedra magnética de prodigioso tamanho, talhada em forma de naveta de tecelão.

Tem o comprimento de três toesas e, na sua maior espessura, mede pelo menos toesa e meia. Este ímã está suspenso por um grosso eixo giratório de diâmetro, que passa pelo meio da pedra, sobre a qual gira, e que está colocado

com tanta precisão que um fraco impulso pode fazê-la mover; está rodeada por um círculo de diâmetro com a configuração do cilindro cavado, com quatro pés de profundidade, com muitos pés de espessura e com seis toesas de diâmetro, colocado horizontalmente e mantido por oito pedestais, todos de diâmetro, tendo cada um a altura de três toesas. Do lado côncavo do círculo há uns entalhes profundos de doze polegadas, em que estão colocadas as extremidades do eixo, que gira quando é preciso.

Força alguma pode deslocar a pedra, porque o círculo e os pés do círculo são de uma só peça com o corpo do diâmetro que forma a base da ilha.

É por meio deste ímã que a ilha se levanta, se baixa e muda de lugar; porque, em relação a este ponto da terra em que reside o monarca, a pedra é unida, em um dos seus lados, de um poder atrativo e no outro de um poder repulsivo. Assim, quando o ímã está voltado para a terra pelo seu pólo amigo, a ilha desce; mas, quando o pólo inimigo está voltado para a mesma terra, a ilha sobe. Quando a posição da terra obliqua, o movimento da ilha é igual, porque, nesse ímã, as forças agem sempre em linha paralela à sua direção; é pelo movimento oblíquo que a ilha é conduzida às diferentes partes dos domínios do soberano.

Este monarca seria o príncipe mais absoluto do universo, se pudesse arranjar ministros que lhe obedecessem em tudo, mas estes, possuindo terrenos em baixo, no continente, e considerando que o furor dos príncipes é passageiro, não se importam de causar prejuízo a si próprios oprimindo a liberdade dos seus compatriotas.

Se alguma cidade se revolta ou recusa pagar impostos, o rei tem duas maneiras de dominá-la. A primeira e mais moderada é estacionar a sua ilha por cima da cidade rebelde e das terras próximas; dessa maneira priva a região do sol e do orvalho, o

que causa doenças e mortandade; mas, se o criminoso merecer, atira-lhes grandes pedras do alto da ilha, de que só podem livrar-se refugiando-se nos celeiros e nos subterrâneos, onde passam o tempo a beber enquanto os telhados das suas casas são despedaçados. Se continuam teimeramente na sua teimosia e na sua revolta, o rei recorre então ao último remédio, que é deixar cair a ilha a pluma sobre as suas cabeças, o que esmagará todas as casas e todos os habitantes. No entanto, o príncipe raramente lança mão desse método extremo, que os ministros não se atrevem a aconselhar-lhe, visto que esse violento processo os tornaria odiosos ao povo e prejudicaria também a eles, que possuem os seus bens no continente, porque a ilha só pertence ao rei, que também apenas possui a ilha com o domínio.

Há ainda uma outra razão mais forte pela qual os reis deste país fogem sem premeditação de aplicar esse último castigo, salvo num caso de absoluta necessidade; é porque, se a cidade que se quer destruir fica situada perto de alguns rochedos altos (porque os há neste país, assim como em Inglaterra, perto das grandes cidades que foram expressamente construídas junto dessas rochas, para se preservarem das cóleras régias) ou se tem grande número de campanários e pirâmides de pedra, a ilha real, com a sua queda, podia quebrar-se. São principalmente

os cam panários que o rei tem e o povo sabe isso perfeitamente. Assim, quando Sua Majestade está de verdade agastado, faz sem pre descer a ilha muito suavemente, com medo, diz ele, de se agarrar ao seu povo, mas, no íntimo, o que mais tem e é que os cam panários lhe quebrem a ilha. Nesse caso, os filósofos supõem que o ímã não poderia parar a mais e cairia fatalmente.

CAPÍTULO IV

O autor deixa a ilha de Lapúcia e é levado aos Balnibarbos - A sua chegada à capital - Descrição desta cidade e arredores - É recebido com bondade por um grão-senhor.

Em bora não possa dizer que fui maltratado nesta ilha, é contudo verdade que me e supus pouco atendido e um tanto desprezado. O príncipe e o povo só se dedicavam a curiosidades, a matemáticas e à música; sobre este assunto estava

eu muito abaixo deles e faziam-me justiça dando-me pouca importância.

Por outro lado, depois de ter visto todas as curiosidades da ilha, sentia grande vontade de sair dali, estando muito cansado daqueles aéreos insulares. É verdade que me excediam em ciências, que muito estimava, e de que possuía algumas luzes; mas estavam tão absorvidos nas suas especulações que nunca me encontrara em tão triste companhia. Só me entretinha com mulheres, (que entretenimento para um filósofo matemático!) com operários, com monitores, com os pajens da corte e gente de várias espécies, o que aumentou o desprezo que me tinham; mas, de fato, podia proceder de outro modo? Aqueles eram os únicos com quem eu podia me entender; os outros não falavam.

Havia na corte um grão-senhor, favorito do soberano e que, por esse único motivo, era tratado com respeito, sendo contudo considerado por todos como um homem muito ignorante e estúpido. Passava por ser honrado e probo, porém não tinha ouvidos para a música e era um completo negação para matemáticas, tanto que nunca pudera aprender os mais fáceis problemas de aritmética. Este cavalheiro tratou-me com as mais cativantes provas de estima; deu-me muitas vezes a honra de visitar-me, desejando informar-se dos negócios da Europa e conhecer os usos, costumes, leis e ciências das diferentes nações em que me demorara; ouvia-me sempre com a máxima atenção e fazia magníficas observações a respeito de tudo quanto lhe dizia. Dois monitores acompanhavam-no profundamente, mas só se servia deles na corte e nas visitas de cerimônia; quando estavam os juntos, mandava-os retirar.

Pedi a este alto personagem que intercedesse por mim junto de Sua Majestade para eu me despedir, e ele concedeu-me essa mercê com prazer, com o que teve a bondade de dizer-me, e fez-me muitos e vantajosos oferecimentos que no entanto recusei, patenteando o meu vivo reconhecimento.

A 16 de Fevereiro, despedi-me de Sua Majestade, que me ofereceu um considerável presente, e o meu protetor deu-me um diamante, com uma carta de recomendação para um elevado personagem seu amigo, residente em Lagado, capital de Balnibarbo. Estando a ilha suspensa sobre uma montanha, desci do

último terraço da ilha pelo mesmo processo por que subira.

O continente chama-se Balnibarbo, e a capital, como já disse, tem o nome de Lagado. A princípio, foi uma grande satisfação para mim o ver-me em terra firme e não no ar. Dirigi-me para a cidade sem custo nem estorvo algum, vestindo como os habitantes e sabendo muito bem a língua para a falar.

Encontrei sem dificuldade a moradia da pessoa a quem ia recomendado. Apresentei-lhe a carta do elevado personagem e fui muito bem recebido. Esta personagem, que era uma pessoa importante balnibarba e que se chama Munodi, deu-me um belo alojamento em sua casa, onde permaneci durante a minha estada nesse país e onde fui muito bem tratado.

Na manhã do dia seguinte àquele em que cheguei, Munodi fez-me entrar no seu coche para me mostrar a cidade, que é grande como a Londres; as casas, porém, eram estranhamente

construídas, e a maior parte delas estava em ruínas; o povo, coberto de andrajos, andava com passo precipitado, tendo um olhar feroz. Passámos por uma das portas da cidade e avançámos uns três mil passos no campo, onde vi grande número de lavradores que trabalhavam na terra com muitas espécies de instrumentos; não pude, contudo, perceber o que faziam; não via em parte alguma coisa que se parecesse com ervas ou com sementes. Pedi ao meu guia que me explicasse o que pretendiam todas aquelas cabeças e aquelas mãos ocupadas na cidade e no campo, não vendo dali resultado algum, porque, na verdade, nunca encontrara terra tão mal cultivada, nem casas em tão mau estado, um povo tão pobre e tão miserável.

O senhor Munodi fora muitos anos governador de Lagado, mas, pela intriga dos ministros, fora demitido com grande pezar do povo. No entanto, o rei estimava-o como um homem que tinha intenções retas, mas não possuía o espírito de corte.

Quando critiquei livremente o país e os seus habitantes, não me respondeu outra coisa senão que eu não permaneceria tempo suficiente entre eles para ajuizar, e que os diferentes povos do mundo tinham usos diversos; em pregou outros lugares-com uns semelhantes; mas, quando regressámos a casa perguntou-me

que tal achava o seu palácio, que absurdos notava nele e que tinha a dizer das roupas e maneiras dos seus criados. Podia afoitamente formular aquelas perguntas a respeito do palácio porque era regular, magnífico e polido. Respondi que a sua grandeza, a sua prudência e as suas riquezas o haviam tornado isento de todos os defeitos que haviam feito os outros loucos e mendigos; disse-me que, se fosse com ele à sua casa de campo, que ficava a vinte milhas, teria muito prazer em falar comigo sobre esse assunto. Retorqui a sua excelência que faria tudo o que desejasse; partimos, pois, no dia seguinte de manhã.

Durante a nossa viagem, fiz-me observar os diferentes métodos dos lavradores para semear as suas terras. Contudo, salvo em alguns sítios, não descobrira em todo o país nenhuma esperança de seara, nem mesmo nenhum

rasto de cultura; tendo, porém, andado ainda três horas, o cenário mudou completamente. Achámo-nos em um magnífico campo. As casas dos lavradores estavam um pouco afastadas e muito bem construídas; os campos eram fechados e encerravam vinhas, searas de trigo, campinas, e não me lembro de ter visto coisa tão agradável. O fidalgo, que observava o meu silêncio, disse, então, suspirando, que era aí que comecavam as suas terras; que, contudo, os seus compatriotas o troçavam e o desprezavam por não saber dirigir os seus trabalhos.

Chegám os por fim ao seu palacete, que era de nobre estrutura; as fontes, os jardins, as alamedas, as avenidas, os caramanchões estavam dispostos com critério e com gosto. Não regateei louvores a tudo o que vi, mas Sua Excelência só pareceu dar por isso depois de cear.

Então, com o nos encontrávamos os sóis, disse-me, com ar muito triste, que não sabia se lhe seria preciso, em breve, deitar abaixo as suas casas do campo e da cidade, e destruir todo o seu palácio para o reconstruir conforme o gosto moderno; mas temia passar por ambicioso, por singular, por ignorante, por caprichoso e talvez desagradar às pessoas ricas; que eu não deixaria de ficar admirado quando soubesse algumas particularidades que desconhecia.

Declarou-me que havia quase quatro anos, certas pessoas tinham ido a Lapúcia, quer para tratar de negócios, quer por distração, e que, passados cinco meses, haviam voltado com algumas luzes sobre matemáticas, mas cheias de espíritos voláteis recolhidos nessa região aérea; que essas pessoas, ao regressar, tinham começado a reprovar o que se passava no país inferior e resolvido colocar as ciências e as artes em

novas bases; que para isso haviam obtido cartas-patentes para erigir uma academia de engenheiros, ou seja de pessoas e de sistemas; que o povo era tão fantástico, que existia uma academia dessa gente em todas as grandes cidades; que, nessas academias ou colégios, os professores tinham achado novos métodos para agricultura e arquitetura, e novos instrumentos e manufaturas, por meio dos quais um só homem poderia produzir tanto com o dez, e um palácio podia ser construído numa semana com materiais tão sólidos, que duraria eternamente sem haver necessidade de reparação; todos os frutos da terra deviam nascer em todas as nações, cem vezes maiores do que presentemente, com uma infinidade de outros admiráveis projetos.

- É pena - continuou ele - que nenhum desses projetos fosse aperfeiçoado até agora, que em pouco tempo todo o campo fosse devastado miseravelmente, que a maior parte das casas tenha caído em ruínas e que todo o povo, nu, morra de frio, de sede e de fome. Com isto tudo, longe de desanimarem, sentem-se cada vez com maior coragem no prosseguimento dos seus sistemas, levados a pouco e pouco pela esperança e pelo desespero.

Acrescentou que, para o que era dele, não sendo um espírito em preendedor, contentara-se em agir conforme o método antigo, de viver em casas construídas pelos seus antepassados e de fazer com o eles faziam, sem inovações; que as poucas pessoas de distinção que haviam seguido o seu exemplo, tinham sido olhadas com desprezo e se tinham até tornado odiosas, criaturas mal intencionadas, inimigas das artes, ignorantes, mais republicanos, preferindo a sua comodidade e a sua mole preguiça ao bem geral do país.

Sua Excelência acrescentou que ele não queria tirar, com arrazoados, o prazer que teria quando fosse visitar a academia dos sistemas; que desejava simplesmente que observasse uma construção arruinada do lado da montanha; que o que via, a meia milha do seu palácio, era um moinho, que a corrente de um grande rio fazia mover, o que bastava para a sua casa e para um grande número dos seus vassallos; que havia aproximadamente sete anos uma companhia de engenheiros viera propor-lhe o arrasamento do moinho e a construção de um outro no sopé da montanha, no cumé da qual seria construído um reservatório para onde a água podia ser levada por meio de tubos e máquinas, de maneira que o vento e o ar no alto da montanha agitasse a água e a tornassem mais fluida, e que o peso desta, ao descer, faria, com a sua

queda, m over o m oinho com m etade da corrente do rio; disse-
m e que, não se tendo dado bem na corte, porque não tinha
até agora adotado nenhum dos novos sistemas, e apertado
por muitos amigos, aceitara o projeto; que, porém, depois de
ter trabalhado durante dois anos, a obra resultará má e os
empregados haviam fugido.

Alguns dias depois, desejei ver a academia dos sistemas e Sua
Excelência quis ter a amabilidade de me dar um guia para me
acompanhar; tomava-me talvez por um grande admirador de
novidades, por um espírito curioso e crédulo. No fundo, eu tinha
sido na mocidade homem de projetos e de sistemas, e ainda hoje
é tudo o que é novo e arrojado me agrada extremamente.

CAPÍTULO V

O autor visita a academia e descreve-a.

A instalação desta academia não é um único e simples corpo de habitação, mas uma série de diversas edificações ocupando dois lados de um largo.

Fui magnificamente recebido pelo porteiro, que me disse logo que, naquelas edificações, cada quarto encerrava um engenheiro, quando não mais, e que havia perto de quinhentos quartos na academia.

O primeiro mecânico que avistei pareceu-me um homem magríssimo: tinha a cara e as mãos cheias de gordura, a barba e o cabelo crescidos, com uma roupa e uma camisa cor da pele; entregava-se, havia oito anos, a um curioso projeto, que consistia, segundo ele, em recolher os raios do sol, a fim de os encerrar em frascos hermeticamente fechados, os quais podiam servir para aquecer o ar quando os estios fossem pouco quentes; declarou-me que outros oito anos seriam suficientes para fornecer aos jardins dos ricos proprietários raios de sol por preço módico; lam entou-se, porém, de que os seus fundos

fossem parques e pediu-me e lhe desse algum a coisa para o animar.

Passa a um outro quarto, mas depressa voltei as costas, não podendo suportar o mau cheiro. O meu guia obrigou-me a entrar, dizendo em voz baixa que tomasse cautela em não ofender um homem que disso se sentiria; assim, nem sequer funguei. O engenheiro que habitava este quarto era o mais antigo da academia; o rosto e a barba eram de cor pálida e amarela e as mãos e a roupa estavam cobertas de uma nauseante gordura. Quando lhe fui apresentado, abraçou-me e muito estreitamente, delicadeza que teria dispensado. A sua ocupação, desde a sua entrada na academia, consistia em fazer tornar os excrementos humanos à natureza dos alimentos de onde eram tirados pela separação das partes diversas e pela depuração da tintura que o excremento recebe do fel e causa mau cheiro. Entregavam-lhe todas as semanas, da parte da companhia, um prato cheio de m atérias, do tamanho quase de um barril de Bristol.

Vi um outro ocupado em calcinar gelo, para extrair dele, consoante dizia, magnífico salitre, do qual fazia pólvora para

canhão; mostrou-me um tratado concernente à maleabilidade do fogo, tratado que estava com intenção de publicar.

Em seguida, vi um arquiteto muito engenhoso, que imaginara um método irracional para construir casas começando pelo telhado e acabando pelos alicerces, projeto que me justificou magnificamente pelo exemplo de dois insetos: a abelha e a aranha.

Havia um homem, cego de nascença, que tinha sob as suas ordens muitos aprendizes cegos com o ele. O seu emprego consistia em apontar cores para os pintores. Este professor ensinava a distingui-las pelo tato e pelo cheiro. Fui bastante infeliz em achar então muito pouco instruídos, e o próprio professor não era mais hábil.

Subi a um aposento, onde se encontrava um grande homem que descobriu o segredo de lavrar a terra com porcos, e poupar assim as rações dos cavalos, dos bois, a charrua e o lavrador. O seu método é este: no espaço de um acre de terreno, enterrava-se, de seis em seis polegadas, certa quantidade de bolotas, de tâmaras, de castanhas e outros frutos que os porcos apreciam ; depois

largavam - se seiscentos ou mais destes suínos que, com as mãos e o focinho, punham, em muito pouco tempo, a terra em estado de ser semeada e estrumavam-na também, restituindo-lhe o que tinham retirado. Por fatalidade, havendo feito a experiência, e além disso achando o sistema caro e difícil, o campo quase nada produzira. Não duvidava, contudo, de que o invento fosse de grandes consequências e de verdadeira utilidade.

Num aposento fronteiro residia um homem que tinha idéias contrárias no tocante ao mesmo assunto. Pretendia fazer marchar uma charrua sem bois e sem cavalos, mas com a ajuda do vento e, para esse efeito, construía uma charrua com mastro e velas; sustentava que, pelo mesmo processo, faria andar carros e carroças, e que, com o consequência, se poderia fazer o serviço de posta pondo-lhes velas, tanto por mar com o por terra; que, em vista de haver vários ventos no mar, não era difícil fazer a mesma coisa em terra.

Passei a um outro quarto, que estava todo atapetado com teias de aranha, onde mal havia espaço para dar passagem ao operário. Assim que este me viu, exclamou:

- Tom e cuidado, não dê cabo das minhas teias!

Conversei com ele e fui-me dizendo que era uma coisa lamentável a cegueira que os homens tinham tido até agora em relação aos bichos da seda, enquanto tinham à sua disposição tantos insetos domésticos, de que não faziam uso algum e que, no entanto, eram preferíveis a essas lagartas, que só sabiam fiar, ao passo que a aranha sabia fiar e tecer. Acrescentou que o uso das teias de aranha pouparia ainda, com a continuação, as despesas da tintura, o que eu conceberia muito facilmente quando me tivesse feito ver um grande número de moscas de encantadoras e variiegadas cores, com que ele alimentava as suas aranhas; que era certo que as suas teias tomariam, infalivelmente, a cor daquelas moscas e que, como as havia de numerosas espécies, esperava também ver em breve teias capazes de satisfazer, pelas cores, todos os diversos gostos dos homens, logo que pudesse encontrar um certo alimento suficientemente glutinoso

para as suas moscas, a fim de que os fios da aranha adquirissem maior força e solidez.

Vi depois um célebre astrônomo, que tinha imaginado colocar um quadrante na ponta do grande campanário da casa da câmara

ara, aj ustando de tal m aneira os m ovim entos diurnos e anuais do sol com o vento, que pudessem concordar com o m ovim ento da ventoinha.

Senti, durante alguns m om entos, um a ligeira cólica, quando o m eu guia m e fez entrar m uito a propósito no quarto de um grande m édico, que se tornara celebérrim o pelo segredo de curar a cólica de um m odo com pletam ente m aravilhoso. Tinha um grande fole, cuj o tubo era de m arfim ; era insinuando diversas vezes esse tubo no ãnus, que pretendia, por essa espécie de clister de ve nto, atrair todos os gases interiores e purgar assim as entranhas atacadas de cólica. Fez a sua operação num cão que, por fatalidade, m orreu im ediatam ente, o que desconcertou deveras o nosso doutor e m e tirou a vontade de recorrer ao seu rem édio.

Depois de ter visitado o edifício das artes, passei a um outro corpo da casa, onde estavam os fatores dos sistem as em relação às ciências. Entrám os prim eiro na escola de linguagem , onde nos encontrám os com três acadêm icos que discutiam j untos o m odo de em belezar a língua.

Um deles era de opinião, para abreviar o discurso, que se reduzissem todas as palavras a simples monossílabos e se banissem todos os verbos e participios.

O outro ia mais longe e propunha um modo de abolir todas as palavras, de maneira que se discutisse sem falar, o que seria favorável ao peito, porque está claro que, à força de falar, os pulmões se gastam e a saúde se altera. O expediente, por ele achado, era trazer cada qual consigo todas as coisas de que quisesse tratar. Este novo sistema, dizia-se, seria seguido, se as mulheres se lhe não tivessem oposto. Muitos espíritos superiores desta academia não deixavam, no entanto, de conformar-se com essa maneira de exprimir as coisas, o que só se tornava embaraçoso quando tinham de falar em diversos assuntos, porque então era-lhes preciso trazer às costas enormes fardos, salvo se eles tivessem dois criados bastante robustos para se pouparem esse trabalho; supunham que, se esse sistema se generalizasse, todas as nações poderiam facilmente compreender-se (o que seria de grande comodidade) pois não se perderia muito tempo em aprender línguas estrangeiras.

Daí, entrámos na escola de matemática, cujo professor ensinava aos seus discípulos um método que os europeus

teriam trabalho em imaginar: cada teorema, cada demonstração era escrita numa obreira, com uma certa tinta de tintura cefálica. O aluno, em jejum, era obrigado, depois de ter comido essa obreira, a abster-se de beber e de comer durante três dias, de maneira que, digerida a obreira, a tintura cefálica pode subir ao cérebro e levar envolvido nela

o teorema ou a demonstração. Este método, de fato, não obtivera grande êxito até agora, mas era porque, ao que se dizia, se tinha enganado um pouco no quantum sufficit, isto é, na medida da dose, ou porque os alunos, mais e indóceis, faziam simplesmente enção de comer a obreira, ou ainda porque iam muito depressa à sentina, ou comiam às escondidas durante os três dias.

CAPÍTULO VI

Continua-se a descrição da academia.

Não fiquei muito satisfeito com a escola de política, que depois visitei. Estes doutores pareceram-me e pouco sensatos, e a presença de tais indivíduos teve o efeito de-me tornar-me elancólico. Estes homens extravagantes sustentavam que os grandes deviam escolher para seus favoritos aqueles em que vissem mais sabedoria, mais capacidade, mais virtude, e ter sempre em vista o bem público, recomendar o mérito, o saber, a habilidade e os serviços; diziam ainda que os príncipes deviam depositar sempre a sua confiança nas pessoas mais capazes e mais experimentadas, e outras asneiras e quimeras, de que os príncipes não formaram opinião até agora, o que-me confirmou a verdade deste admirável conceito de Cícero: que nada há tão absurdo como o que avança algum filósofo.

Todos os outros membros da academia, porém, em nada se pareciam com estes originais, a quem acabo de aludir. Vi um médico com um espírito sublime, que possuía a fundo a ciência do governo; tinha consagrado os seus serões a descobrir as causas das doenças de um Estado e a achar remédios para curar

o m au tem peram ento daqueles que adm inistram os negócios públicos.

- Sabe-se - dizia ele - que o corpo natural e o corpo político têm entre si um a perfeita analogia, pois qualquer deles pode ser tratado com os m esm os rem édios. Os que estão à testa dos negócios têm m uitas vezes as seguintes doenças: estão cheios de hum ores em m ovim ento, que lhes enfraquecem a cabeça e o coração, e causam -lhes algum as vezes convulsões e contrações de nervos na m ão direita, um a fom e canina, indigestões, gases, delírios e outras espécies de m ales.

Para os curar, o nosso grande m édico propunha que, quando os que superintendem nos negócios do Estado estivessem dispostos a se reunir em conselho, se lhes tom asse o pulso e por isso se tentaria conhecer a natureza da doença; que depois, a prim eira vez que se reunissem , se enviariam , m om entos antes de principiar a sessão, boticários com rem édios adstringentes, paliativos, purgativos, cefalálgicos, histéricos, apofegm áticos, acústicos, etc., consoante ao gênero do m al e repetindo sem pre o m esm o rem édio em todas as sessões.

A execução deste projeto demandaria grande despesa e seria, segundo penso, muito útil nestes países em que os Parlamentos metem o nariz nos negócios do Estado; procuraria a unanimidade, acabaria com as diferenças, abriria a boca aos mudos, fechá-la-ia aos deputados, acalmaria a impetuosidade dos juvenis senadores, entusiasmaria a frieza dos velhos, despertaria os estúpidos e adormeceria os atabalhoados.

E porque ordinariamente se queixam de que os ministros têm em ória curta e infeliz, o mesmo doutor queria que qualquer que tivesse negócios com eles, depois de haver exposto o assunto em poucas palavras, tivesse a liberdade de lhes dar um piparote no nariz, um pontapé na barriga ou espetar um alfinete nas nádegas, e tudo isso com o fim de impedir de esquecer-se do negócio de que lhe falara; de maneira que se pudesse repetir de tempos a tempos o mesmo cum primis até que o assunto fosse despachado, deferido ou indeferido, por completo.

Queria também que cada senador, na assembleia geral da nação, depois de haver dado a sua opinião e ter dito tudo quanto seria necessário para a manter, fosse obrigado a concluir a proposta contraditória, porque, infalivelmente, o resultado dessas assembleias seria muito favorável ao bem público.

Vi dois acadêmicos a discutir com calor o meio de criar impostos sem que os povos murmurassem. Um, sustentava que o melhor método seria impor uma taxa sobre os vícios e as paixões dos homens, e que cada um seria coletado segundo o juízo e a estima dos seus vizinhos. O outro acadêmico era de um sentimento inteiramente oposto e pretendia, pelo contrário, que era preciso coletar as belas qualidades de corpo e de espírito de que cada um se orgulhava, e coletá-lo mais ou menos segundo os seus graus, de maneira que seriam os seus próprios juizes e fariam a sua declaração. A maior taxa seria imposta sobre os cultores de Vênus, os favoritos do belo sexo, proporcionalmente aos favores que tivessem recebido, e devia reportar-se ainda, sobre este assunto, à sua própria declaração. Era preciso também coletar fortemente o espírito e o valor, segundo a confissão que cada um fizesse das suas qualidades; mas com respeito à honra, probidade, saber, modestia, isentavam-se essas qualidades de qualquer taxa, visto que, sendo muito raras, não dariam lucro algum; que não se encontraria ninguém que não quisesse confessar que as encontrava no seu próximo e que quase ninguém teria o arrojo de as atribuir a si próprio.

Do mesmo modo se deviam coletar as senhoras em proporção da sua beleza, dos seus atrativos e das suas graças, conforme ao seu próprio juízo, com o que se fazia com relação

aos homens; mas pela fidelidade, sinceridade, bom senso e bondade natural das mulheres, visto que disso não se ufanam, nada deviam pagar, pois tudo o que pudesse receber-se daí não bastaria para cobrir as despesas do governo.

A fim de reter os senadores no interesse da coroa, um outro acadêmico político era de opinião ser necessário que o príncipe fizesse jogar todos os em pregos em rifas, de maneira, contudo, que os senadores, antes de jogarem, fizessem juramento e dessem caução de que se conformariam em seguida, conforme às intenções da corte, quer ganhassem ou não; porém que os recusados teriam depois o direito de ocupar qualquer lugar vago que houvesse mais tarde. Estariam sempre cheios de esperanças, não se queixariam de falsas promessas que lhes seriam dadas e só confiariam na fortuna, cujos ombros são sempre mais

fortes do que os do ministério.

Um outro acadêmico mostrou-me um escrito contendo um curioso método para descobrir as conspirações e as intrigas, que era examinar os alimmentos dos indivíduos suspeitos, a ocasião em que os comem, o lado para o qual se deitam na cama e a mão com que limpam o traseiro; observar-lhes os excrementos

e aj uizar, pelo cheiro e pela cor, dos pensamentos e dos projetos de um homem, tanto mais que, na sua opinião, os pensamentos não são nunca mais ponderados, nem o espírito se encontra tão recolhido, como quando se está no retrete.

Ajuntava que, quando, para fazer sim plesmente experiências, havia algum as vezes pensado no assassinio de um homem, tinha então encontrado os seus excrementos muito amarelos e que, quando pensava em revoltar-se e incendiar a capital, achara-os de um a cor muito negra.

Arrisquei-me a acrescentar algum as palavras ao sistema desse político; disse-lhe que seria bom antes sem pre um núcleo de espiões e delatores que se protegeriam e aos quais se daria sem pre um a certa importância em dinheiro proporcional ao valor da sua denúncia, quer fundada, quer não; que, por esse meio, os súditos viveriam no receio e no respeito; que esses delatores e acusadores seriam autorizados a dar o sentido que lhes aprouvesse aos escritos que lhes caíssem nas mãos; que poderiam, por exemplo, interpretar assim os termos seguintes:

Um crivo: um a alta dam a da corte.

Um cão coxo: um a descida, um a invasão. A peste: um exército em pé de guerra.

Um bolônio: um favorito.

A gota: um grão-sacerdote. Um pinico: um a assem bléia. Um a vassoura: um a revolução.

Um a ratoeira: um em prego financeiro. Um esgoto: a corte.

Um chapéu e um cinto: um a am ante. Um a cana partida: o tribunal.

Um tonel vazio: um general.

Um a chaga aberta: o estado dos negócios públicos.

Poder-se-ia ainda observar o anagrama de todos os nomes citados num escrito; para isso, porém, eram necessários homens da mais elevada penetração e do gênio mais sublime, principalmente quando se tratasse de descobrir o sentido político e misterioso das letras iniciais. Assim: N poderia significar um a conspiração; B um regimento de cavalaria; L um a esquadra. Além disso,

transpondo-se as letras, poder-se-ia descobrir num escrito todos os ocultos desejos de um partido descontente. Por exemplo: lê-se numa carta escrita a um amigo: Seu irmão Tomás sofre de hemorróidas; o hábil decifrador desvendará, na assim

ilação destas palavras indiferentes, um a frase que fará com
preender que está tudo preparado para um a sedição.

O acadêmico agradeceu-m e deveras o ter-lhe com unicado
estas pequenas observações, e prometeu fazer m enção honrosa
de m eu nom e no tratado que ia publicar sobre esse assunto.

Nada vi no país que pudesse reter-m e m ais tempo, de m aneira
que com ecei a pensar no m eu

CAPÍTULO VII

O autor deixa Lagado e chega a Maldonada - Faz um a pequena viagem a

Glubbdudrib - Com o é recebido pelo governador.

O continente de que este reino faz parte estende-se, pelo que pude aj uizar, a este para um a região desconhecida da Am érica, a oeste para a Califórnia e, ao norte, para o oceano P acífico. Não fica a m ais de m il e cinqüenta léguas de Lagado. Este país, que tem um porto célebre e grande com ércio com a ilha de Luggnagg, fica situado a noroeste, quase a vinte graus de latitude setentrional e a cento e quarenta de longitude. A ilha de Luggnagg fica ao sudoeste do Japão, de que está afastada cerca de cem léguas. Há um a estreita aliança entre o im perador do Japão e o rei de Luggnagg, o que dá vários ensej os de ir de um a outro. P or tal m otivo resolvi tomar esse cam inho para voltar à Europa. Aluguei duas m ulas com um guia, para levar a m inha bagagem e indicar-m e o cam inho. Despedi-m e do m eu ilustre protetor, que tanta bondade m e dem onstrara e, ao partir, recebi dele um m agnífico presente.

Durante a m inha viagem não se deu aventura alguma que m ereça ser relatada. Quando cheguei ao porto de Maldonada,

que é um a cidade quase do tam anho de P ortsmouth, não havia navio algum no porto pronto a partir para Luggnagg. Travei alguns conheci mentos. Um fidalgo distinto disse-me que, em vista de não haver navio algum para Luggnagg senão daí a um mês, faria bem em dar um passeio até Glubbdudrib, que ficava apenas a um as cinco léguas para sudoeste; ele me esm o ofereceu-se para me acom panhar com alguns amigos seus e forneceu-me um barco.

Glubbdudrib, segundo a sua etim ologia, significa Ilha dos Feiticeiros ou Mágicos. É quase três vezes tão larga com o a ilha de Wight e é fertilíssim a. Esta ilha está sob o poder do chefe de um a tribo toda ela com posta de feiticeiros, que só se ligam entre si, sendo sem pre príncipe o mais antigo da tribo. Este príncipe ou governador possui um palácio magnífico e um parque com perto de três mil acres, cercados de um muro de pedras talhadas de vinte pés de altura. Ele e toda a família são servidos por criados de um a espécie muito extraordinária. Pelo conheci mento que possui de necrom ancia, tem o poder de evocar os espíritos e obrigá-los a servi-lo durante vinte e quatro horas.

Quando abordám os a ilha, deviam ser um as onze horas da manhã. Um dos dois fidalgos que me acom panhavam foi ter com

o governador e disse que um estrangeiro desejava ter a honra de
cumprimenter sua alteza. Este cumprimento foi bem acolhido.
Entraram os no átrio do palácio e passaram os por entre um a sebe de
guardas, cujas armas e atitudes deveras me assustaram ;
atravessamos as salas e encontramos um a infinidade de criados
antes de que conseguíssemos chegar

aos aposentos do governador. Depois de havermos feito
três profundas reverências, mandou que nos sentássemos
em pequenos taboletes, que ficavam junto do trono. Com o
compreendia a língua dos Balnibarbos, dirigiu-me a algumas
perguntas acerca das minhas viagens e, para me provar que
queria tratar-me sem cerimônia, fez sinal com o dedo a toda a
sua gente para que se retirasse e, num instante (o que me adm
irou muito) todos desapareceram com o fumo. Mal tive tempo
para me refazer; o governador, porém, tendo-me dito que nada
tinha a recear e vendo os meus dois com panheiros seguros de si,
comecei a ter ânimo e contei a sua alteza as diferentes
aventuras das minhas viagens, não sem ser, de vez em quando,
perturbado por uma estúpida imaginação, olhando muitas vezes
em torno de mim, para a direita e para a esquerda, e lançando
os olhos para o lugar por onde vira desaparecer os fantasmas.

Tive a honra de jantar com o governador, que nos fez servir por
um novo grupo de espectros. Permancemos na mesa até ao

pôr do sol e, tendo pedido a sua alteza que nos desculpasse de não quererem os passar a noite no seu palácio, retirám o-nos eu e os meus dois amigos, e fomos em busca de uma cama na capital, que fica próxima. Na manhã seguinte, viemos apresentar os nossos respeitos ao governador. Durante os dez dias que permanecemos nesta ilha, vim a familiarizar-me de tal maneira com os espíritos, que, se não tinha perdido de todo o medo, pois me restava algum, cedia à minha curiosidade. Logo depois tive ocasião de satisfazê-la, e por isso o leitor poderá julgar que sou mais curioso ainda do que poltrão. Sua alteza disse-me um dia que nomeasse todos os mortos que me aprovesse, que os faria com parecer e os obrigaria a responder a todas as perguntas que lhes quisesse dirigir, com a condição, contudo, de que só os interrogaria sobre o que se passou no seu tempo e que podia estar bem certo de que me falariam sem preverdade, pois é inútil aos mortos mentir.

Rendi humilde ações de graças a sua alteza e, para me aproveitar dos seus oferecimentos, pus-me a recordar o que em outros tempos lera na história romana. Primeiro, acudiu-me ao espírito a idéia de pedir para ver a famosa Lucrecia, que Tarquínio violou e que, não podendo sobreviver a essa afronta, se suicidara. Logo vi diante de mim uma dama muito formosa, vestida à romana. Tomei a liberdade de perguntar-lhe por que

vingara em si própria o crime e de outrem ; baixou os olhos e respondeu que os historiadores, com receio de a darem por fraca, a haviam enlouquecido; em seguida, desapareceu.

O governador fez sinal para que aparecessem César e Bruto. Fiquei atônito de admiração e de respeito à vista de Bruto, e César confessou-me que todas as suas belas ações tinham ficado abaixo da de Bruto, que lhe tirara a vida para livrar Roma da sua tirania.

Tive vontade de ver Homero; apareceu-me e; conversei com ele e perguntei-lhe o que pensava acerca da sua *Iliada*. Declarou-me que ficara surpreendido com os excessivos louvores que lhe teciam havia três mil anos; que o seu poema era medíocre e repleto de tolices; que não tinha agradado no seu tempo senão por

causa da beleza da sua dicção e da harmonia dos seus versos, e que ficara assombrado porque, visto a sua língua estar morta, e ninguém lhe conhecer as belezas, o espírito e as finuras, achava ainda pessoas ociosas ou muito estúpidas, que o admiravam. Sófocles e Eurípedes, que o acompanhavam, tiveram pouco mais ou menos a mesma opinião e troçaram principalmente dos nossos sábios modernos que, obrigados a

reconhecer os disparates das antigas tragédias, quando eram fielmente traduzidas, sustentavam, no entanto, que em grego é que se encontravam as belezas e era preciso saber esse idioma para julgar com segurança.

Quis ver Aristóteles e Descartes. O primeiro confessou-me que nada ouvira de física senão aos filósofos seus contemporâneos, e todos aqueles que tinham vivido entre ele e Descartes; acrescentou que tomara por bom caminho, ainda que fosse muitas vezes enganado, principalmente pelo seu extravagante sistema com respeito à alma dos animais. Descartes tomou a palavra e disse que tinha encontrado alguma coisa e soubera estabelecer muitos bons princípios, porém que não tinha ido muito longe, e que todos aqueles que doravante quisessem percorrer o mesmo trilho, seriam sempre detidos pela fraqueza do seu espírito e obrigados a tatear; que era uma grande loucura passar a vida a procurar sistemas e que a verdadeira física conveniente e útil ao homem era fazer um amontoado de experiências e de se limitar a isso; que tivera por discípulos muitos insensatos, entre os quais se podia contar um certo Spinoza.

Tive a curiosidade de ver diversos mestros ilustres dos últimos tempos, e sobretudo mestros distintos, porque senti sempre

grande veneração pela nobreza. Oh! quantas coisas espantosas não vi, quando o governador fez passar revista dia nte de mim a todo o cortejo de antepassados da m or parte dos nossos m arqueses, condes, fidalgos m odernos! quanto prazer não senti em ver a sua origem e todos os personagens que lhes transm itiram o seu sangue! Vi claram ente o motivo por que certas fam ílias têm o nariz com prido, outras o queixo pontiagudo, outras o rosto abaçanado e as feições horríveis e ainda por que outras têm belos olhos e a tez delicada e loura; por que é que, em certas fam ílias, há m uitos doidos e estouvados, e em outras, m uitos velhacos e gatunos; por que a índole de umas é m á, brutal, baixa e covarde, o que as distingue tanto com os brasões e as librés. Com preendi, finalm ente, a razão por que Plidoro Virgílio dissera acerca de certas castas:

Nec vir fortis, nec fcem ina casta. (1)

O que me pareceu m ais notável foi ver os que, tendo trazido originariam ente o m al im undo a certas fam ílias, tinham feito esse triste legado a toda a sua posteridade. Fiquei ainda surpreendido em notar, na genealogia de certos fidalgos, paj ens, lacaios, professores de dança e de canto, etc.

Conheci claramente a razão por que os historiadores transformaram guerreiros imbecis e covardes em grandes capitães; insensatos e pequenos gênios em grandes políticos; bajuladores e cortesãos em pessoas de bem; ateus em homens cheios de religião; infames devassos em castos, e delatores de profissão em homens verdadeiros e sinceros. Soube de que muitas pessoas inocentíssimas tinham sido condenadas à morte ou banidas da sociedade pela intriga dos favoritos que haviam corrompido os juizes; com o que sucedera que homens de baixa extração e sem merecimento haviam sido guindados aos mais elevados cargos; com o que os alcoviteiros e as ramadeiras tinham muitas vezes abalado os mais importantes negócios e ocasionado no universo os maiores acontecimentos. Oh! com o então fiz uma baixa idéia da humanidade! com o que a prudência e a probidade dos homens me pareceram tão mesquinhas, ao ver a origem de todas as revoluções, o vergonhoso motivo das mais brilhantes em presas, as molas, ou antes, os acidentes imprevistos e bagatelas que os tinham feito vencer.

Descobri a ignorância e a temeridade dos nossos historiadores, que fizeram morrer envenenados certos reis, que ousaram dar a público conversas secretas de um príncipe com o seu primeiro ministro e que têm, segundo se imagina, espionado, para assim

dizer, os gabinetes dos soberanos e as secretárias dos embaixadores, para extrair daí curiosas anedotas.

Foi por isso que soube as causas secretas de alguns acontecimentos, que assombravam o mundo; com o qual a rainha governava um confidente, um confidente um conselho secreto, e o conselho secreto todo um parlamento.

Um general do exército confessou-me que conseguira uma vitória pelo seu feitiço poltrão e pela sua imprudência, e um almirante disse-me que tinha derrotado contra sua vontade uma esquadra inimiga, quando o seu desejo era deixar derrotar a sua. Houve três reis que me declararam que, no seu reinado, nunca tinham reconhecido nem elevado nenhum homem de mérito, salvo uma vez em que o seu ministro o enganou, enganando-se a si próprio sobre este assunto; que nisto haviam tido razão, porque a virtude era uma coisa muito incômoda na corte.

Tive a curiosidade de me informar por que meios um grande número de pessoas havia conseguido elevadas fortunas. Limitei-me a estes últimos tempos, sem tocar, contudo, no tempo presente, com receio de melindrar estrangeiros, (porque não

preciso de advertir que tudo o que tenho dito aqui não respeita à minha querida pátria). Entre esses meios encontrei o preconceito, a opressão, o suborno, a perfídia, o pandarismo e outras idênticas bagatelas, que pouca atenção merecem; mas o pior é que muitos confessaram dever a sua elevação à facilidade que haviam tido, uns por se prestarem às más horríveis devassidões; outros por entregarem as mulheres e as filhas; outros, por traírem a sua pátria e o seu rei e alguns por se utilizarem do veneno. Após estas descobertas, persuado-me de que será perdoado doravante um pouco menos de estima e veneração pela grandeza, que honro e respeito naturalmente, com todos os inferiores devem fazer com relação àqueles a quem a natureza ou a fortuna colocaram numa fila superior.

Lera em alguns livros que os súditos tinham prestado grandes serviços ao seu príncipe e ao seu país. Tive vontade de conhecê-los; disseram-me, porém, que os seus nomes foram esquecidos e que se lembravam agora de alguns apenas, de que os cidadãos haviam feito menção fazendo-os passar por traidores e ladrões. Essas pessoas, pois, cujos nomes haviam esquecido, apareceram-me, todavia, na minha presença, mas com um aspecto humilde e mal vestidos; disseram-me que haviam morrido na miséria e na desgraça e alguns até no patíbulo.

Dentre eles, notei um homem, cujo caso me pareceu extraordinário, que tinha ao seu lado um rapaz de dezoito anos. Declarou-me que fora capitão de navios durante muitos anos e que, no combate naval de Actium, fizera soçobrar a primeira linha, afundara três navios da primeira fila e tomara um do mesmo tamanho, o que fora o único motivo da fuga de Antônio e da completa derrota da sua esquadra; que o rapaz, que estava junto de si, era o único filho, que morrerá e com o combate; acrescentou que, terminada a guerra, veio a Roma para solicitar uma recompensa e pedir o comando de um navio maior, cujo capitão morrerá na batalha; mas, sem lhe atenderem o pedido, esse lugar fora dado a um rapaz que nunca vira o mar, filho de um certo liberto que servira uma das mães antes do imperador; que, voltando ao seu departamento, o acusaram de ter faltado ao seu dever; e que o comando do seu navio fora confiado a um pajem favorito do vicealmirante Púlicola; que fora, então, obrigado a retirar-se para a sua casa, numa terra afastada de Roma e que aí findara seus dias. Desejando saber se esta história era verdadeira, pedi para ver Agripa, que, nesse combate, fora o almirante da esquadra vitoriosa; com o que, e, confirmando a veracidade daquela narrativa, contou-me as circunstâncias que a modestia do capitão omitira.

Com o todos os personagens evocados se apresentaram tais como haviam sido no mundo, vi com mágoa quanto, durante cem anos, o gênero humano se degenerara; quanto a devassidão, com todas as suas conseqüências, alterara os traços fisionômicos, tornara raquíticos os corpos, relaxara os músculos, afrouxara os nervos, apagara as cores e corrompera a carne dos ingleses.

Enfim, quis ver alguns dos nossos camponeses, de quem se louva a simplicidade, a sobriedade, a justiça, o espírito de liberdade, o valor e o amor pela pátria.

Vi-os e não pude deixar de os comparar com os de hoje, que vendem à custa do dinheiro os seus votos na eleição dos deputados ao Parlamento e que, sob este ponto de vista, possuem toda a finura e todo o maneio das pessoas da corte.

CAPÍTULO VIII

Regresso ao autor a Maldonada - Faz-se de vela para o reino de Luggnagg - É

preso à sua chegada e levado à corte - Com o é recebido.

Tendo chegado o dia da nossa partida, despedi-me e de sua alteza o governador de Glubbdudrib e voltei com os meus dois companheiros a Maldonada, onde, depois de ter esperado durante quinze dias, embarquei por fim num navio que se dirigia para Luggnagg. Os dois fidalgos, e ainda umas outras pessoas meus amigos, tiveram a gentileza de me fornecer provisões necessárias para essa viagem e de me conduzir a bordo. Apanhámos um forte temporal e fomos obrigados a governar ao norte para podermos nos afastar de um certo vento

forte, que sopra neste ponto por espaço de sessenta léguas. A 21 de Abril de 1709 entramos no rio de Clumegnig, que é uma cidade com porto de mar ao sudoeste de Luggnagg. Lançámos o ferro a uma légua da cidade e fizemos sinal para aparecer o piloto. Em menos de meia hora vieram dois a bordo, os quais nos guiaram por meio de escolhos e rochedos, que são muito perigosos nesta baía, e na passagem que conduz a uma bacia

onde os navios estão em segurança e que está afastada dos da cidade o com prim ento de um cabo.

Alguns dos nossos marinheiros, fosse por traição, ou por imprudência, disseram aos pilotos que eu era um estrangeiro e um grande viajante. Estes avisaram o comissário da alfândega, que me dirigiu diversas perguntas na língua balnibarbiana, que é compreendida nesta cidade em virtude do comércio e principalmente pela gente do mar e aduaneira. Respondi em poucas palavras e narrei uma história tão verossímil e tão extensa quanto me foi possível; no entanto, julguei conveniente ocultar o meu país e de me intitular holandês, com desejo de ir ao Japão, onde sabia que só os holandeses são recebidos. Disse, pois, ao comissário que naufragara na costa dos Balnibarbos e, tendo chocado com um rochedo, estivera na ilha volante de Lapúcia, de que muitas vezes ouvira falar e que desejava agora dirigir-me ao Japão, a fim de voltar daí ao meu país. O comissário disse-me que era obrigado a prender-me até que recebesse ordens da corte, para onde ia escrever imediatamente e de onde contava receber resposta dentro em quinze dias. Deram-me um alojamento razoável e puseram-me sentinela à porta. Tinha um grande jardim, por onde podia passear, e fui muito bem tratado, à custa do rei. Muitas pessoas vieram visitar-me, excitadas pela curiosidade de ver um homem que vinha de um país muito afastado, do qual nunca tinham ouvido falar.

Tratei com um rapaz do nosso navio para me servir de intérprete. Era natural de Luggnagg; mas, vivendo há largos anos em Maldonada, sabia perfeitamente as duas línguas. Com o seu auxílio, fiquei em condições de conversar com todos os que me dessem a honra de vir visitar-me, isto é, de entender as suas perguntas e eles entenderem as minhas respostas.

A resposta da corte veio ao fim de quinze dias, com o se esperava; trazia uma ordem para ser conduzido com a minha comitiva por um destacamento de cavalaria a Traldragenv ou Trildragdrib, porque, se não estou em erro, se pronuncia das duas maneiras. Toda a minha comitiva consistia nesse pobre rapaz, que me servia de intérprete e que tomara para meu serviço. Fizeram partir adiante de nós um correio, que nos avançou meio dia, para avisar o rei da minha próxima chegada e para pedir a Sua Majestade marcasse o dia e hora em que poderia ter a honra e prazer de lambe-la poeira dos pés do trono.

Dois dias depois da minha chegada tive audiência. Primeiro fizeram-me deitar e arrastar sobre a barriga e limpar o sobrado com a minha língua à medida que adiantava para o trono do

rei; mas, porque era estrangeiro, tiveram a bondade de limpar o sobrado, de maneira que a poeira não podia prejudicá-lo. Era uma graça especial, que não se concedia mesmo às pessoas de primeira categoria, quando tinham a honra de ser recebidas na audiência de Sua Magestade; algumas vezes até se deixava de propósito o sobrado muito sujo e coberto de poeira, quando os que vinham à audiência tinham inimigos na corte. Uma vez vi um fidalgo ter a boca tão cheia de pó e tão suja do que apanhara com a língua, que, quando chegou ao trono, lhe fora impossível articular uma única palavra. Para essa fatalidade não há remédio, porque é proibido, sob graves penas, escarrar ou limpar a boca na presença do rei. Existe mesmo, nessa corte, um outro uso, que não posso aprovar: quando o rei pretende matar algum fidalgo ou algum cortesão de maneira que o não desonre, faz lançar sobre o sobrado um determinado pó cinzento, que está envenenado e não deixa de fazê-lo morrer suavemente e sem ruído ao cabo de vinte e quatro horas; mas, para fazer justiça a este rei, à sua grande doçura e à bondade que tem em dirigir a vida dos seus súditos, é preciso dizer em sua honra que, depois de semelhantes execuções, tem o costume de ordenar muito expressamente o varrer bem o sobrado, de maneira que, se os criados se esqueciam, corriam o risco de descair da sua graça. Vi certo dia condenar um pajem a ser chicoteado por se ter mal voltado desleixado de advertir o varredor de executar a

ordem , o que tinha dado lugar a que um fidalgo, em que se fundavam grandes esperanças, ficasse envenenado; o príncipe, cheio de bondade, quis ainda perdoar ao pajem e poupar-lhe o chicote.

Para tornar a mim, quando cheguei a quatro passos do trono de Sua Majestade, levantei-me nos joelhos e, depois de haver batido sete vezes no chão com a cabeça, pronunciei as palavras seguintes, que na véspera me haviam ensinado de cor:

Iruckpling gloffthrobb squu tserum m blhiop m lashnalt zwin inodbalkuff hshiophad kurdluhasht.

É uma fórmula estabelecida pelas leis deste reino para todos aqueles que são

admitidos em audiência e que pode ser traduzida assim : Possa Vossa Majestade sobreviver ao sol!

O rei deu-me uma resposta que não compreendi, e repliquei com o que me haviam ensinado:

- Fluffedrin y alerick dwuldom prtasrad m irpush.

Frase que, traduzida à letra, significava: A minha língua está na boca do meu amigo.

Dei assim a perceber que desejava servir-me e do meu intérprete; então, mandou entrar o rapaz de quem falei, e, com o seu auxílio, respondi a todas as perguntas que Sua Majestade me dirigiu durante meia hora. Falei em balnibarbiano e o meu intérprete traduzia as minhas palavras para lugnaggiano.

O rei teve muito prazer com a minha conversação e ordenou ao seu bliff- marklub, ou camarista, que mandasse preparar um aposento no seu palácio, para mim e para o meu intérprete, e entregar-me um alim portância por dia para a minha mesa, com um alim bolsa cheia de ouro para os meus divertimentos.

Permaneci três meses nesta corte para obedecer a Sua Majestade, que me cum ulou de algumas habilidades, e me fez oferecimentos muito graciosos para me convidar a estabelecer-me e nos seus Estados; julguei, porém, dever-me agradecer-lhe e pensar antes em voltar para o meu país, para ali acabar meus

dias junto de minha querida mulher, há tanto tempo privada das doçuras da minha presença.

Dos struldruggs ou im ortais.

Os Luggnaggianos são um povo muito delicado e valente e, embora tenham um pouco desse orgulho que é comum a todas as nações do Oriente, são, contudo, probos e educados com respeito a estrangeiros, principalmente com aqueles que são bem recebidos na corte.

Travei conheci então e liguei-me com pessoas de grande conhecimento e de bom aspecto e, com o recurso do meu intérprete, tive com elas conversas agradáveis e instrutivas.

Um deles perguntou-me em certo dia se tinha visto alguns dos seus struldruggs, ou im ortais. Respondi-lhe negativamente e que tinha muita curiosidade em saber como é que podiam ter dado aquele nome a hum anos; disse-me que algumas vezes (embora raramente) nascia numa família uma criança com uma mancha vermelha e redonda, colocada diretamente na sobrancelha esquerda, e que essa feliz mancha a preservava da

morte; que essa mancha era a princípio do diâmetro de uma moeda de prata (a que nós, em Inglaterra, chamamos os three pence) e que depois aumentava e até mudava de cor; que dos doze aos vinte anos era verde, data em que se tornava azul, até aos quarenta, em que se fazia completamente verde e tão grande como um shilling, e depois não mudava; acrescentou que nasciam tão poucas crianças com essa mancha na testa que apenas existiam mil e cem indivíduos de ambos os sexos em todo o reino; que havia quase uns cinquenta na capital e que havia três anos não nascia uma criança dessa espécie, que fosse do sexo feminino; que o nascimento de um indivíduo não era concedido a uma determinada família; que era um presente da natureza ou do acaso, e que os próprios filhos dos struldbruggs nasciam indivíduos como os filhos dos outros homens, sem ter privilégio algum.

Esta narrativa agradou-me extremamente, e à pessoa que me a contava, entendendo a língua dos Balnibarbos, que falava à vontade, testei a minha admiração e a minha alegria com as palavras mais expressivas e mais desusadas. Exclamei, com uma espécie de entusiasmo:

- Feliz nação, cujos filhos ao nascer podem alcançar a immortalidade! Feliz região, em que os exemplos dos tempos passados se mantêm sempre, em que a virtude dos primeiros séculos subsiste ainda, e em que os primeiros homens vivem ainda e viverão eternamente, para dar lições de prudência a todos os seus descendentes! Felizes os sublimíssimos Struldbruggs, que têm o privilégio de não morrer e a quem, por conseguinte, a ideia da morte não intimida, não enfraquece, não quebra.

Demostrei, em seguida, que ficara surpreendido por não ter ainda visto nenhum desses imortais na corte; que, se alguns havia, a gloriosa mancha estava na testa saltaria logo à vista.

- Por que o rei - acrescentei - que é um príncipe tão judicioso, não os emprega no ministério e não lhes confere a sua confiança?

Mas talvez a rígida virtude desses velhos importunasse e ferisse os olhos da sua corte. Ainda que assim fosse, estava resolvido a falar no assunto a Sua Majestade na primeira ocasião que se me deparasse, e quer ele tivesse com o boa minha opinião, quer não, aceitaria em todo o caso o alojamento que teve a

bondade de oferecer-me e nos seus Estados, a fim de poder passar o resto dos meus dias na ilustre companhia desses homens importantes, contanto que se dignassem aturar-me.

Aquele a quem dirigi a palavra, olhando-me então com um sorriso que denotava a minha ignorância, que lhe causava dó, respondeu-me que estava encantado por eu desejar ficar no país, e pediu licença para explicar aos outros o que eu acabava de dizer; fê-lo e, durante algum tempo, conversaram entre si na sua linguagem que eu não compreendia; não pude sequer ler-lhes, nos gestos ou nos olhos, a impressão que o meu discurso causara nos seus espíritos. Por fim, a mesma pessoa que me falara até então, disse-me delicadamente que os seus amigos estavam cativados com as minhas reflexões judiciosas sobre a felicidade e as vantagens da importância, mas desejavam saber que sistema de vida seguiria e quais seriam as minhas ocupações e as minhas vistas, se a natureza me tivesse feito nascer *struldbrugg*.

A essa interessante pergunta retorqui que ia satisfazê-los imediatamente com prazer, que as suposições e as idéias me custavam pouco e que estava habituado a imaginar o que teria feito, se tivesse sido rei, general do exército ou ministro de

Estado; que, com relação à imortalidade, me editara algum as vezes sobre o modo de proceder de que usaria se tivesse de viver eternamente e que, em vista do que me dizia, ia dar largas à minha imaginação.

Disse, pois, que, se tivesse tido a vantagem de nascer struldbrugg, logo que pudesse conhecer a minha felicidade e perceber a diferença que existia entre a vida e a morte, teria, primeiramente, me dedicado à obra, para me tornar rico, e que à força de ser intrigante, subtil e rasteiro, poderia esperar ver-me um pouco à vontade ao cabo de duzentos anos; que, em segundo lugar, me aplicaria muito seriamente ao estudo dos meus primeiros anos, que poderia orgulhar-me de me tornar, um dia, o homem mais sábio do universo; que observaria com cuidado todos os grandes acontecimentos; que examinaria com atenção todos os príncipes e todos os ministros de Estado que se sucedessem uns aos outros; teria tido o prazer de contemplar todos os seus caracteres e de fazer sobre esse assunto as mais belas reflexões do mundo; que teria traçado uma gramática fiel e exata de todas as revoluções da moda e da linguagem, e das mudanças havidas nos costumes, leis, usos e até nos prazeres; que, por esse estudo e por essas

CAPÍTULO IX

Dos struldruggs ou im ortais.

Os Luggnaggianos são um povo muito delicado e valente e, embora tenham um pouco desse orgulho que é comum a todas as nações do Oriente, são, contudo, probos e educados com respeito a estrangeiros, principalmente com aqueles que são bem recebidos na corte.

Travei conheci então e liguei-me com pessoas de grande conhecimento e de bom aspecto e, com o recurso do meu intérprete, tive com elas conversas agradáveis e instrutivas.

Um deles perguntou-me um certo dia se tinha visto alguns dos seus struldruggs, ou im ortais. Respondi-lhe negativamente e que tinha muita curiosidade em saber como é que podiam ter dado aquele nome a hum anos; disse-me que algumas vezes (embora raramente) nascia numa família uma criança com uma mancha vermelha e redonda, colocada diretamente na sobrancelha esquerda, e que essa feliz mancha a preservava da morte; que essa mancha era a princípio do diâmetro de uma moeda de prata (a que nós, em Inglaterra, chamamos os three

pence) e que depois aum entava e até m udava de cor; que dos doze aos vinte anos era verde, data em que se tornava azul, até aos quarenta, em que se fazia com pletamente verde e tão grande com o um shilling, e depois não m udava; acrescentou que nasciam tão poucas crianças com essa mancha na testa que apenas existiam mil e cem imortais de ambos os sexos em todo o reino; que havia quase uns cinqüenta na capital e que havia três anos não nascia uma criança dessa espécie, que fosse do sexo feminino; que o nascimento de um imortal não era concedido a uma determinada família; que era um presente da natureza ou do acaso, e que os próprios filhos dos struldbruggs nasciam imortais como os filhos dos outros homens, sem ter privilégio algum.

Esta narrativa agradou-me extremamente, e à pessoa que me a contava, entendendo a língua dos Balnibarbos, que falava à vontade, testem unheia minha admiração e a minha alegria com as palavras mais expressivas e mais desusadas. Exclamei, com uma espécie de entusiasmo:

- Feliz nação, cujos filhos ao nascer podem alcançar a imortalidade! Feliz região, em que os exemplos dos tempos passados se mantêm sempre, em que a virtude dos primeiros

séculos subsiste ainda, e em que os primeiros homens vivem ainda e viverão eternamente, para dar lições de prudência a todos os seus descendentes! Felizes os sublimes Struldbuggs, que têm o privilégio de não morrer e a quem, por conseguinte, a idéia da morte não intimida, não enfraquece, não quebra.

Dem onstrei, em seguida, que ficara surpreendido por não ter ainda visto nenhum desses imortais na corte; que, se alguns havia, a gloriosa mancha estava caída na testa saltaria logo à vista.

- Por que o rei - acrescentei - que é um príncipe tão judicioso, não os emprega no ministério e não lhes confere a sua confiança?

Mas talvez a rígida virtude desses velhos importunasse e ferisse os olhos da sua corte. Ainda que assim fosse, estava resolvido a falar no assunto a Sua Majestade na primeira ocasião que se me deparasse, e quer ele tivesse com o boa minha opinião, quer não, aceitaria em todo o caso o alojamento que teve a bondade de oferecer-me nos seus Estados, a fim de poder passar o resto dos meus dias na ilustre companhia desses homens imortais, contanto que se dignassem aturar-me.

Aquele a quem dirigi a palavra, olhando-me então com um sorriso que denotava a minha ignorância, que lhe causava dó, respondeu-me que estava encantado por eu desejar ficar no país, e pediu licença para explicar aos outros o que eu acabava de dizer; fê-lo e, durante algum tempo, conversaram entre si na sua linguagem que eu não compreendia; não pude sequer ler-lhes, nos gestos ou nos olhos, a impressão que o meu discurso causara nos seus espíritos. Por fim, a mesma pessoa que me falara até então, disse-me delicadamente que os seus amigos estavam cativados com as minhas reflexões judiciosas sobre a felicidade e as vantagens da imortalidade, mas desejavam saber que sistema de vida seguiria e quais seriam as minhas ocupações e as minhas vistas, se a natureza me tivesse feito nascer *struldbrugg*.

A essa interessante pergunta retorqui que ia satisfazê-los imediatamente com prazer, que as suposições e as idéias me custavam pouco e que estava habituado a imaginar o que teria feito, se tivesse sido rei, general do exército ou ministro de Estado; que, com relação à imortalidade, meditara algumas vezes sobre o modo de proceder de que usaria se tivesse de viver eternamente e que, em vista do que me dizia, ia dar largas à minha imaginação.

Disse, pois, que, se tivesse tido a vantagem de nascer struldbrugg, logo que pudesse conhecer a minha felicidade e perceber a diferença que existia entre a vida e a morte, teria, primeiro, em mente, me dedicado aos negócios, para me tornar rico, e que à força de ser intrigante, subtil e rasteiro, poderia esperar ver-me um pouco à vontade ao cabo de duzentos anos; que, em segundo lugar, me aplicaria muito seriamente ao estudo dos meus primeiros anos, que poderia orgulhar-me de me tornar, um dia, o homem mais sábio do universo; que observaria com cuidado todos os grandes acontecimentos; que examinaria com atenção todos os príncipes e todos os ministros de Estado que se sucedessem uns aos outros; teria tido o prazer de contemplar todos os seus caracteres e de fazer sobre esse assunto as mais belas reflexões do mundo; que teria traçado uma história fiel e exata de todas as revoluções da moda e da linguagem, e das mudanças havidas nos

costumes, leis, usos e até nos prazeres; que, por esse estudo e por essas observações, me tornaria, por fim, um museu de antigüidades, um registro vivo, um tesouro de conhecimentos, um dicionário falante, o orador perpétuo dos meus compatriotas e de todos os meus contemporâneos.

-Nestas circunstâncias, nunca me casaria, - acrescentei - e levaria uma vida de rapaz alegre, livremente, economicamente a fim de que, vivendo sem preocupação, tivesse sem preocupação de viver. Ocupar-me-ia em formar o espírito de alguns rapazes, dando-lhes parte das minhas luzes e da minha longa experiência. Os meus verdadeiros amigos, os confidentes, os meus com panheiros seriam os meus ilustres confrades struldbruggs, de que escolheria uma dúzia de entre os mais velhos, para com eles me ligar mais estreitamente. Não deixaria de frequentar também alguns mortais de merecimento, que me habituaria a ver morrer sem desgosto e sem pesar, pois a posteridade me consolaria da sua morte; poderia até ser para mim um espetáculo bastante agradável, do mesmo modo que um jardineiro sente prazer em ver as tulipas e os cravos do seu jardim nascerem, morrerem e tornarem a nascer. Comunicariam os mutuamente, entre nós struldbruggs, todas as notas e observações que fizessem sobre a causa e o progresso da corrupção do gênero humano. Comporiam os a esse respeito um excelente tratado de moral, cheio de lições úteis e capazes de impedir a natureza humana de degenerar, com o que fizera dia a dia, e pelo que é censurada há dois mil anos. Que espetáculo nobre e encantador não seria ver com os seus próprios olhos as decadências e as revoluções dos impérios, a face da terra renovada, as cidades soberbas transformadas em cidades burguesas ou tristemente amortalhadas nas suas vergonhosas ruínas; as aldeias obscuras

tornadas a habitação dos reis e dos seus cortesãos; os rios célebres transformados em pequenos regatos; o oceano banhando outras praias; novas regiões descobertas; um mundo desconhecido, saindo, por assim dizer, do caos; a barbárie e a ignorância espalhadas pelas nações mais delicadas e mais esclarecidas; a imaginação extinguindo o juízo; o juízo gelando a imaginação; o amor pelos sistemas, pelos paradoxos, pelo empolado, pelas subtilezas e antíteses, sufocando a razão e o bom gosto; a verdade oprimida hoje e triunfante amanhã; os perseguidos tornados perseguidores e os perseguidores, perseguidos por sua vez; os soberbos, abatidos, e os humildes, glorificados; os escravos, os libertos, os mercenários, conseguindo uma fortuna imensa com a administração dos fundos públicos, com as desgraças, fome, sede, nudez e sangue dos povos; enfim, a posteridade desses salteadores públicos reduzida ao nada, de onde a rapina e a injustiça os haviam tirado! Com o, nesta situação de imortalidade, a idéia da morte nunca estaria presente no espírito para me perturbar ou para arrefecer os meus desejos, entregarme-ia a todos os prazeres sensíveis de que a natureza e o raciocínio me permitissem o uso. Contudo, as ciências seriam sem pre o meu primeiro e mais querido cuidado; suponho que, à força de meditar, encontraria por fim as longitudes, a quadratura do círculo, o moto perpétuo, a pedra filosofal e a panacéia

universal; que, numa palavra, levaria todas as ciências e todas as artes à sua última perfeição.

Logo que findei a minha prédica, o único que tinha compreendido voltou-se para a assembleia e fez dela um extrato na linguagem do país; depois de o ouvir, puseram-se a raciocinar juntos durante certo tempo, sem que, no entanto, testem unhassem, ao menos pelos seus gestos e atitudes, desprezo algum pelo que acabava de dizer. Por fim, todos, de comum acordo, pediram por favor e caridade à mesma pessoa que resumira o meu discurso, que me abrisse os olhos e me emendasse os erros.

Disse-me primeiramente que não era o único estrangeiro que olhava com espanto e com inveja a situação dos struldbruggs; que encontrara nos Balnibarbos e nos Japoneses pouco mais ou menos as mesmas exposições; que o desejo de viver era natural do homem; que aquele que tinha um pé para a cova, se esforçava por se manter firme no outro; que o velho mais corcovado imaginava sempre um amanhã e um futuro e apenas encarava a morte com o umbral longínquo e fugidio; mas, na ilha de Luggnagg se pensava de um modo bem diferente, e que o exemplo familiar e a contínua presença dos struldbruggs haviam preservado os habitantes desse insensato amor pela vida.

- O sistema de conduta - continuou ele - que se propunha na suposição de ser imortal e que há pouco traçou, é ridículo e completamente contrário a todo o raciocínio. Supôs, decerto, que, nesse estado, gozaria de uma eterna mocidade, de um vigor e de uma saúde de ferro. Mas, quando perguntámos o que faria se tivesse de viver sempre, supusemos porventura que nunca envelhecesse e a sua pretendida imortalidade fosse uma eterna primavera?

Em seguida, descreveu-me os struldbruggs, dizendo que eram semelhantes aos mortais e com eles viviam até aos trinta anos; que, depois dessa idade, caíam a pouco e pouco em negra melancolia, que costumava sempre até a atingir e aos oitenta; que, por então, não eram apenas sujeitos a todas as enfermidades, a todas as misérias e a todas as fraquezas dos velhos dessa idade, mas a aflitiva ideia da eterna duração da sua miserável caducidade os atormentava a tal ponto que nada podia consolá-los; que não eram simplesmente, com todos os outros velhos, cabeçudos, rabugentos, avarentos, carrancudos, linguareiros, mas gostavam de si próprios, renunciavam às doçuras da amizade, não dispensavam ternura a seus filhos e que, além da terceira geração, já não reconheciam a posteridade; que a inveja e a raiva os devoravam continuam

ente; e que a vista dos sensíveis prazeres de que usufruem os juvenis mortais, os seus divertimentos, os seus amores, os seus exercícios os faziam de certo modo morrer a cada momento; que tudo, até a própria morte dos velhos que pagavam o tributo à natureza, lhes excitava a raiva e os mergulhava no desespero; que, por essa razão, todas as vezes que viam realizar-se um enterro, maldiziam a sua sorte e se queixavam amargamente da natureza, que lhes recusara a doçura de morrer, de acabar a sua aborrecida carreira para entrar num eterno repouso; que já não se encontravam em estado de cultivar o espírito; que a memória enfraquecia; que mal se lembravam do que tinham visto e aprendido na sua mocidade e na idade madura; que os menores miseráveis eram os que tinham entontecido, que tinham perdido completamente a memória e estavam reduzidos ao estado infantil; esses, ao menos, encontravam quem se condoesse deles, dando-lhes todos os recursos de que necessitavam.

- Quando um struldbrugg - acrescentou - se casa com um a struldbrugg, o casamento, conforme as leis do Estado, é dissolvido logo que o mais novo dos dois chegue aos oitenta anos. É justo que desgraçados antes humanos, condenados, contra a vontade e sem o haverem merecido, a viver eternamente, não sejam ainda, para acréscimo de desgraça,

obrigados a viver com um a mulher eterna. O que é mais triste ainda é que, depois de ter atingido esta idade fatal, são olhados com o morto civilmente. Os seus herdeiros apoderam-se dos seus bens; são-lhes dados tutores, ou antes, são despojados de tudo e reduzidos a uma simples pensão alimentícia (lei muito justa em virtude da sórdida avareza com que aos velhos). Os velhos são mantidos por custeio público numa casa chamada: hospital dos imortais pobres. Um imortal de oitenta anos já não pode exercer um emprego ou função alguma; não pode negociar, não pode contratar, não pode comprar nem vender e o seu próprio testamento não é reconhecido em justiça. Quando, porém, atingem noventa anos, ainda é pior: todos os dentes e cabelos caem; perdem o paladar e bebem e comem sem prazer algum; perdem a noção das coisas mais fáceis de reter, e esquecem o nome dos amigos e às vezes o próprio. Torna-se-lhes por este motivo inútil entreterem-se com a leitura, pois que, quando querem ler uma frase de quatro palavras, esquecem as duas primeiras, enquanto lêem as duas últimas. Pelo mesmo motivo lhes é impossível conversar com alguém. Além disto, como a língua deste país está sujeita a freqüentes mudanças, os *struldbruggs* nascidos num século têm muito trabalho em compreender a linguagem dos homens nascidos noutra época, e são sempre estrangeiros na sua pátria.

Tais foram os pormenores que me forneceu a respeito dos imortais desse país, pormenores que me surpreenderam em extremo. Em seguida, mostrou-me uns seis, e confesso que nunca vi nada mais feio e mais desagradável; as mulheres, sobretudo, eram horrorosas; imaginei ver espectros.

O leitor decerto compreenderá que perdi, então, toda a vontade de tornar-me imortal por semelhante preço. Fiquei vexadíssimo com as loucas imaginações a que me entregara sobre o sistema de uma vida eterna neste baixo mundo.

O rei, sabendo da conversa que eu mantivera com aqueles de quem falei, riu muito das minhas idéias sobre a imortalidade e a inveja que eu sentira pelos struldbruggs. Em seguida, perguntou-me muito a sério se eu queria levar comigo dois ou três exemplares deles para o meu país, para curar os meus compatriotas do desejo de viver e do medo de morrer. No íntimo, sentiria muito prazer em que me tivesse feito esse presente; mas por uma lei fundamental do reino é proibido

CAPÍTULO X

O autor parte da ilha de Luggnagg para se dirigir ao Japão, onde em barca em um navio holandês - Chega a Amsterdã e daí passa para a Inglaterra.

Suponho que tudo o que tenho contado acerca dos *struldbruggs* não haja enfastiado o leitor. Creio que não são coisas vulgares, gastas e batidas, que se encontrem em todas as relações de viagens; pelo menos, posso assegurar que nada achei de igual nas que li. Em todo o caso, se são coisas reditas e já conhecidas, peço considerar que viajam antes, sem se copiarem uns aos outros, podem muito bem contar as mesmas coisas, quando visitam os mesmos países.

Com o que existe um grande comércio entre o reino de Luggnagg e o império do Japão, é de crer que os autores japoneses não esquecessem de mencionar nos seus livros os *struldbruggs*. Mas a permanência que fiz no Japão foi muito curta e, por não possuir, além disto, tinteiro alguma da linguagem japonesa, não pude saber ao certo se esse assunto fora tratado nos seus livros. Algum holandês poderá talvez um dia dizer-nos o que há sobre tal assunto.

O rei de Luggnagg, tendo muitas vezes, em bora inútilmente, insistido comigo para ficar nos seus Estados, teve por fim a bondade de me conceder liberdade para sair e fez até a honra de me dar uma carta de recomendação, escrita por seu próprio punho, para Sua Majestade, o imperador do Japão. Ao mesmo tempo presenteou-me com quatrocentas e quarenta e quatro peças de ouro, de cinco mil quinhentas e cinco pérolas e de oitocentos e oitenta e oito mil, cento e oitenta e oito grãos de uma espécie de arroz muito rara. Estas espécies de números, que se multiplicam por dez, agradam muito ao povo desse país.

Em sete de Maio de 1709 despedi-me, com todas as cerimônias, de Sua Majestade, e disse adeus a todos os amigos que deixava na corte. Este príncipe fez-me conduzir por um destacamento dos seus guardas até ao porto de Glanguenstald, situado a sudoeste da ilha. Ao cabo de seis dias encontrei um navio pronto a transportar-me ao Japão; embarquei, e, após a nossa viagem, que durou cinquenta dias, desembarcamos num pequeno porto chamado Xamoschi, ao sudoeste do Japão.

Mostrei primeiramente aos comissários da Alfândega a carta com que tinha a honra de ser apresentado pelo rei de Luggnagg a Sua Majestade nipônica; conheceram logo o

selo de Sua Majestade luggnaggiana, cujo sinete representava um rei amparando um pobre aleijado e ajudando-o a andar.

Os magistrados da cidade, sabedores de que eu era portador daquela augusta carta, trataram-me com o ministro e forneceram-me uma carruagem para me transportar a Yedo, que é a capital do Império. Aí, fui recebido em audiência por Sua Majestade imperial e tive a honra de lhe apresentar a minha carta, que abriu na presença de todos com grande cerimônia, e que Sua Majestade fez logo explicar pelo seu intérprete que lhe pedisse qualquer graça que, em consideração para com o seu muito querido irmão, o rei de Luggnagg, me concederia imediatamente.

Este intérprete, que era ordinariamente empregado nos negócios do comércio com os holandeses, conheceu facilmente pelo meu aspecto que eu era europeu e, por esse motivo, traduziu-me em língua holandesa as palavras de Sua Majestade. Respondi que era negociante da Holanda; que naufragara num mar afastado; que desde então caminhara muito por terra e por mar para chegar a Luggnagg e daí ao império do Japão, onde sabia encontrar os holandeses meus compatriotas que com

erciavam , o que m e podia proporcionar ocasião de voltar para a Europa; suplicava, pois, a Sua Maj estade que m e transferisse com segurança para Nangasac. Tom ei, ao m esm o tem po, a liberdade de pedir-lhe um a outra m ercê; foi que, por consideração para com o rei de Luggnagg, que m e dava a honra de proteger-m e, de m uito boa vontade m e dispensasse da cerim ônia que se fazia praticar aos do m eu país e não m e obrigasse a calcar aos pés o crucifixo, pois viera ao Japão para passar à Europa e não para traficar.

Quando o intérprete expôs a Sua Maj estade nipônica esta derradeira m ercê que pedia, pareceu surpreendido e respondeu que era o prim eiro hom em da m inha terra a quem sem elhante escrúpulo acudia ao espírito, o que o fazia desconfiar de que eu não fosse realm ente holandês, com o eu garantira, e fazia antes suporm e cristão. No entanto, o im perador, gostando da razão que eu alegara e olhando principalm ente a recom endação do rei de Luggnagg, houve por bem , por bondade, condescender à m inha fraqueza e singularidade, contanto que eu guardasse todas as conveniências para salvar as aparências; disse-m e que daria ordem aos oficiais encarregados de fazer observar este uso para que m e deixassem passar, fazendo de conta que não haviam reparado em m im . Acrescentou que era de interesse m eu calar-m e sobre o

caso, porque infalivelmente os holandeses, meus com patriotas, me apunhalariam na viagem se viessem a saber a dispensa que obtivera e o injurioso escrúpulo que tivera em imitá-los.

Dei os meus mais humildes agradecimentos a Sua Majestade por este singular favor, e, assim que algumas tropas estavam prontas para marchar para Nangasac, o oficial teve ordem para me conduzir a essa cidade, com instruções secretas acerca do crucifixo.

Aos nove dias do mês de Junho de 1709, após uma longa e penosa viagem, arribei a Nangasac, onde encontrei uma companhia de holandeses que tinha partido de Amsterdã para negociar em Amboina e que estava pronta para embarcar, no seu regresso, num grande navio de quatrocentas e cinqüenta toneladas. Permancei muito tempo na Holanda, pois fizera os meus estudos

em Leyde e falava muito bem a língua desse país. Dirigiram-me diversas perguntas acerca das minhas viagens, a que respondi conforme me aprouve. Mantive perfeita mente, perante eles, a linha de holandês; citei amigos e parentes nas Províncias Unidas e apresentei-me com o natural de Gelderland.

Estava disposto a dar ao capitão do navio, que era um certo Theodoro Vangrult, tudo quanto lhe apetecesse pedir-me e pela minha passagem ; sabendo, porém , que eu era cirurgião, contentou se com metade do preço vulgar, com a condição de que exerceria a bordo o meu mister.

Antes de embarcarmos, alguns da tropa tinham-me perguntado amavelmente se eu traficava, ao que eu respondi, de um modo geral, que fizera tudo quanto era necessário. Contudo, um patife audacioso lembrou-se de mostrar-me e maldosamente ao oficial japonês, dizendo: não calcou aos pés o crucifixo. O oficial, que tinha secretas ordens para nada exigir de mim , aplicou-me vinte bastonadas dadas nas costas, de maneira que mais ninguém se atreveu, após essa cena, a fazer-me perguntas sobre tal assunto.

Na nossa viagem nada houve que mereça ser referido. Fizemos nos de vela, com vento de feição, e tomamos a água no Cabo da Boa Esperança em 16 de Abril de 1710; desembarcamos em Amsterdã , onde me demorei pouco tempo e onde depressa embarquei para a Inglaterra. Que prazer não foi o meu ao tornar a ver a minha querida pátria, após cinco anos e meio de ausência!

Encam inhei-m e diretam ente para Redriff, onde encontrei m inha
m ulher e m eus filhos de perfeita saúde.

QUARTA PARTE

VIAGEM AO PAÍS DOS HUYHNHNMS

CAPÍTULO I

O autor empreende ainda uma viagem na qualidade de capitão de navio - A sua tripulação insubordina-se, prende-o, acorrenta-o e põe-no em terra num ponto desconhecido - Descrição dos Yahun - Dois Huy hnhnm s vêm ter com ele.

FAZEI cinco magníficos meses na doce companhia de minha mulher e de meus filhos e posso dizer que, então, era feliz, se pudesse verificar que o era; fui, porém, desgraçadamente tentado a fazer ainda nova viagem, principalmente quando me foi oferecido o orgulhoso título de capitão a bordo do Aventura, navio mercante de trezentas e cinquenta toneladas. Entendia muito bem de navegação e, demais, estava cansado do título subalterno de cirurgião de bordo. Não renunciei, contudo, à profissão, e soube exercê-la, quando se me ofereceu ensejo. Portanto contentei-me em levar comigo, nesta viagem, um moço praticante. Despedi-me de minha mulher, que ficava grávida.

Em barcando em Portsmouth, fiz-me de vela a 2 de Dezembro de 1710.

Durante a viagem as doenças levaram-me e parte da tripulação, de maneira que fui obrigado a recrutar gente nos Barbados e nas ilhas de Leward, onde os negociantes, com quem eu comerciava, tinham dado ordem para arribar; cedo, porém, tive ensejo para-me arrepender de ter feito aquele maldito recrutamento, pois a maior parte era constituída por bandidos, que tinham sido piratas. Estes patifes insubordinaram o resto da minha tripulação e todos juntos combinaram apoderar-se de mim e do navio. Certa manhã, pois, entraram no meu camarote, atiraram-se a mim, amarraram-me e amarraram-me e de mim e lançar ao mar se ousasse opor a mim enor resistência. Disse-lhes que a minha sorte estava nas suas mãos e que consentia, antecipadamente, no que eles quisessem. Obrigaram-me a proferir estas palavras sob juramento, e, em seguida, desamarraram-me, contentando-se em me acorrentar em pé à cabeceira da cama e em postarem uma sentinela à porta do meu camarote, com ordem de me fazer saltar os miolos se fizesse alguma tentativa de fuga. O seu projeto era fazer pirataria com o meu navio e dar caça aos espanhóis; para isso, porém, não eram muitos os tripulantes; resolvei, portanto, vender a carga do navio e ir a Madagascar para alimentar a sua gente. Entretanto,

conservavam -m e prisioneiro a bordo do m eu camarote, m uito inquieto com a sorte que m e esperava.

A 9 de Maio de 1711, um tal Jacques Welch entrou e disse-m e que recebera ordem do senhor capitão para m e desembarcar. Quis, m as baldadam ente, conversar com ele e dirigir-lhe algumas perguntas; recusou até dizer-m e o nome daquele a quem tratava por senhor capitão. Fizeram -m e descer para o escaler, depois de m e haverem permitido arranjar o m eu fardo e levar as m inhas coisas.

Deixaram -m e o m eu sabre e tiveram a delicadeza de não m e revistar as algibeiras, onde havia algum dinheiro. Após quase uma légua de navegação, deixaram -m e numa praia. Perguntei aos que m e acompanhavam que região era aquela.

- Por nossa fé - responderam - sabem os tanto com o o senhor, m as tom e cuidado, não vá a m aré surpreendê-lo. Adeus.

Em seguida o escaler afastou-se.

Abandonei a praia e subi a um outeiro para m e sentar e deliberar sobre o caminho que tinha a tomar. Quando m e senti um pouco

descansado, avancei por esses terrenos, resolvido a aproveitar-me e do primeiro meio de salvação que se me oferecesse e resgatar a minha vida, se pudesse, por algumas semelhanças, por alguns braceletes e outras bagatelas, de que os viajantes não deixam de levar-se e de que tinha uma certa quantidade nas algibeiras.

Descortinei grandes árvores, vastas campinas e campos, onde a aveia crescia por todos os lados. Caminhava com precaução, receando ser surpreendido ou receber alguma flechada. Depois de ter andado algum tempo, fui sair em uma estrada, onde se me depararam muitas pegadas de cavalos e algumas vacas. Vi, ao mesmo tempo, grande número de animais no campo e um ou dois da mesma espécie em poleiros numa árvore. A sua figura surpreendeu-me e, tendo-se aproximado alguns, ocultei-me por detrás de um mato para melhor os examinar.

Cabelos com pridos lhes caíam para a cara; o peito, as costas e as patas dianteiras eram cobertas de um espesso pêlo; tinham barba no queixo como os bodes, mas o resto do corpo era pelado e deixava ver uma pele muito cinzenta. Não tinham cauda; estavam ora sentados na relva, ora deitados, ora de pé nas patas traseiras; saltavam, pulavam e trepavam nas árvores

com a agilidade dos esquilos, tendo garras nas quatro patas. As fêmeas eram um pouco menores do que os machos; tinham longos cabelos e apenas uma ligeira penugem em muitos sítios do corpo. Os seios pendiam entre as duas patas dianteiras e algumas vezes rojavam-se pelo chão, quando caminhavam. O pêlo de uns e de outros era de diversas tonalidades: cinzento, vermelho, preto e louro. Finalmente, em nenhuma das minhas viagens vi um animal tão disforme e tão desagradável.

Depois de os haver examinado suficientemente, segui pela estrada, na esperança de que me conduziria a alguma choupana de índios. Tendo caminhado um pedaço, encontrei, a meio da estrada, um desses animais que se encaminhava diretamente para mim. Ao vê-lo, estacou, fez uma infinidade de caretas e pareceu olhar-me com o um animal cuja espécie lhe era desconhecida; depois, aproximou-se e levantou para mim a pata dianteira. Desembainhei o sabre e bati-lhe de leve, não querendo feri-lo, com receio de ofender aqueles a quem estes animais poderiam pertencer. O animal, sentindo-se magoado,

desatou a fugir e a gritar de tal maneira que atraiu a atenção de uns quarenta animais da sua espécie, que correram para mim fazendo horríveis caretas. Corri para uma árvore, onde me encostei, mantendo-me em guarda com o sabre; logo saltaram

aos ramos das árvores e começaram a estercar em cima de mim. Repentinamente puseram-se todos em fuga.

Então, deixei a árvore e continuei o meu caminho, ficando muito surpreendido de que um súbito terror lhes tivesse feito fugir; mas, olhando para a esquerda, vi um cavalo trotando gravemente no meio de um campo; fora a presença deste cavalo que fizera dispersar tão depressa o bando que me assaltara. Aproximando-se de mim, o cavalo estacou, recuou e, em seguida, olhou-me fixamente, parecendo um pouco espantado; examinou-me por todos os lados, andando por várias vezes em volta de mim.

Quis andar para a frente, mas colocou-se diante de mim na estrada, olhando-me atentamente e sem praticar violência alguma. Examinámo-nos mutuamente durante certo tempo; por fim, atrevi-me a colocar-lhe a mão sobre o pescoço, acariciando-o, assobiando e falando à maneira dos palafreiros, quando querem acariciar um cavalo; mas o animal, soberbo, fazendo pouco da minha delicadeza e da minha bondade, carregou a vista e levantou orgulhosamente uma das suas patas dianteiras para me obrigar a retirar a minha mão familiar demais. Ao mesmo tempo, desatou a

relinchar três vezes, mas com uns sons tão variados, que comecei a crer que falava uma linguagem que lhe era própria e que tinha uma espécie de sentido ligado aos seus relinchos.

Imediatamente apareceu um outro cavalo, que com primeiro entrou o primeiro muito delicadamente; ambos se trataram muito bem e começaram a relinchar de cem diferentes modos, que pareciam formar sons articulados; em seguida, deram alguns passos juntos, como se quisessem conferenciar sobre qualquer assunto; iam e vinham, marchando gravemente a par, semelhantes a pessoas que deliberam sobre coisas importantes; no entanto, não tiravam os olhos de cima de mim, como se temessem que eu tentasse a fuga.

Surpreendido por ver animais portarem-se assim, pensei de mim para comigo:

- Visto que neste país os animais raciocinam assim, é porque os homens são de uma superior inteligência.

Esta reflexão incutiu-me tanta coragem que resolvi avançar por essa região até que descobrisse qualquer casa e encontrasse

algum habitante, o que deixara ali os dois cavalos soltos; um deles, porém, que era ruço-malhado, vendo que me ia em bora, com eçou a relinchar junto de mim de maneira tão expressiva que julguei perceber o que ele queria; voltei-me e acerquei-me dele, dissimulando o meu embaraço e a minha perturbação tanto quanto me era possível, porque, no fundo, não sabia em que daria tudo isso.

Os dois cavalos chegaram-se mais perto e puseram-se com o que a examinar-me o rosto e as mãos. O meu chapéu parecia surpreendê-los, assim com o a fazenda da minha roupa. O ruço-malhado pôs-se a gabar a minha mão direita, parecendo encantado, e a minha acieza e a cor da minha pele; mas apertou-me a tanto entre o casco e a ranilha que não pude deixar de gritar com toda a força dos meus pulmões, o que me atraiu muitas outras carícias, cheias de amizade. Os meus sapatos e as minhas meias inquietaram-nos, farejaram-nos e apalparam-nos por diversas vezes e fizeram sobre este assunto muitos gestos parecidos com os de um filósofo que tenta explicar um fenómeno.

Enfim, a atitude e as maneiras desses dois animais pareceram-me tão racionais, tão prudentes, tão judiciosas, que concluí de mim para mim que talvez fossem encantadores que se haviam transformado em cavalos com qualquer desígnio e

que, encontrando um estranho no seu caminho, tinham querido divertir-se um pouco à sua custa, ou tinham ficado atônitos com as suas feições, roupas e maneiras. Foi por isso que tomou a liberdade de falar-lhes nestes termos:

-Senhores cavalos, se são feiticeiros, como tenho motivos para crer, decerto compreendem todas as línguas; assim, tenho a honra de lhes dizer, na minha, que sou um pobre inglês que, por fatalidade, naufraguei nestas costas e peço a um ou a outro que, se são realmente cavalos, me deixem subir para a garupa, a fim de descortinar alguma aldeia ou casa onde possa recolher-me. Com o reconhecimento, ofereço-lhes este punhal e este bracelete.

Os dois animais pareceram ouvir o meu discurso com atenção e, quando acabei, puseram-se a relinchar cada um por sua vez, voltados um para o outro. Compreendi então, claramente, que aqueles relinchos eram significativos e encerravam palavras com que, talvez, se pudesse fazer um alfabeto tão claro como o dos chineses.

Ouvi-os repetir várias vezes a palavra Yahu, de que distinguia o som sem lhe perceber o sentido, ainda que, enquanto os dois

cavalos conversavam , tentasse com preender-lhe o significado. Quando acabaram de falar, desatei a gritar com toda a força: Yahu! Yahu! tentando imitá-los. Isto pareceu surpreendê-los em extremo, e então o ruço-malhado, repetindo duas vezes a mesma palavra, pareceu querer ensinar-me o modo de pronunciá-la. Repeti-a após ele o melhor que me foi possível e quis-me parecer que, em bora estivesse muito longe da perfeição, da acentuação e da pronúncia, tinha, no entanto, feito algum progresso. O outro cavalo, que era baio, ao que me pareceu, quis também ensinar-me uma outra palavra muito mais difícil de pronunciar e que, sendo reduzida à ortografia inglesa, pode ser escrita assim : huy hnhnm . Não me saí tão bem da pronúncia desta como da primeira, mas depois de alguns ensaios já ia melhor, e os dois cavalos notaram que eu era inteligente.

Após alguns momentos de conversa (decerto a meu respeito) despediram-se com o mesmo ceremonial com que se tinham acercado de mim . O baio fez-me

sinal para caminhar adiante dele, o que julguei a propósito fazer enquanto não encontrasse outro guia. Com o caminhar muito vagarosamente, pôs-se a relinchar, huum , huum . Compreendi o seu pensamento e dei-lhe a entender, conforme pude, que estava muito cansado e me custava muito a andar. P

recebendo-o, deteve-se caridosamente para me deixar descansar.

CAPÍTULO II

O autor é levado à habitação de um huy hnhnm ; com o é recebido - Qual era o alim ento dos huy hnhnm s - Em baraços do autor para encontrar com que se alim entar.

Depois de ter palm ilhado quase três m ilhas, chegám os a um sítio onde havia um a grande casa de m adeira m uito baixa e coberta de palha. Com ecei logo a tirar da algibeira as pequenas lem branças, que destinava aos donos desta casa, para ser nela recebido m ais bondosam ente. O cavalo teve a delicadeza de m e fazer entrar, prim eiro, num a grande quadra m uito lim pa, onde, com o único m obiliário, havia um a m angedoura e um a gam ela.

Vi três cavalos com duas éguas, que não com iam , e que estavam sentados nos j arretes. Entretanto, o ruço-m alhado chegou, e, entrando, com eçou a relinchar em tom de dono da casa.

Atravessei com ele duas outras salas planas; na últim a, o guia fez-m e sinal para esperar e passou a outro aposento que ficava próxim o. Im aginei, então, de m im para m im , que era preciso que o dono da casa fosse um a pessoa nobre, pois assim m e fazia esperar em cerim ônia na antecãm ara. Ao m esm o tem po, porém , não podia conceber que um hom em de distinção tivesse um cavalo com o criado de quarto. Tem i, então, estar

doido, e que as minhas fatalidades me tivessem feito perder completamente a inteligência. Olhei atentamente em volta de mim e pus-me a examinar a antecâmara que estava pouco mais ou menos mobiliada com o primeira sala. Abri muito os olhos, fixei fixamente tudo o que me cercava e via sempre a mesma coisa. Belisquei os braços, mordei os lábios, bati nos quadris para acordar, no caso em que estivesse sonhando e, como eram sempre os mesmos objetos que me feriam a vista, deparei que havia ali obra do diabo e alta magia.

Enquanto ia fazendo estas reflexões, o ruço-malhado veio ter comigo e fez-me sinal para que entrasse com ele no aposento, onde vi sobre uma esteira muito asseada e fina uma bonita égua com um potro e uma eguazinha, todos apoiados simplesmente nas suas ancas. A égua levantou-se à minha chegada e, depois de ter-me examinado atentamente as mãos e o rosto, voltou-me o rabo com ar desdenhoso e pôs-se a rincar, pronunciando muitas vezes a palavra Yahu. Compreendi logo, com grande pesar meu, o sentido funesto daquela palavra, porque o cavalo que me introduzira, fazendo-me sinal com a cabeça e repetindo a palavra huum , huum , conduziu-me a uma espécie de pátio onde havia uma outra construção, a alguma distância da casa. A primeira coisa que me saltou à vista foram

três daqueles malditos animais, que, a princípio, tinha visto no campo e de que mais acima fiz menção; estavam presos pelo pescoço e com iam raízes e carne de burro, de cão e de vaca morta (com o depois soube), que seguravam nas garras e dilaceravam com os dentes.

O cavalo-mor mandou então a um cavalinho alazão, que era um dos seus lacaios, que desprendesse o maior desses animais e o trouxesse. Colocaram-nos a ambos de costas para melhor fazer a com paração e foi então que o Yahu foi repetido muitas vezes, o que me deu a entender que aqueles animais se chamavam Yahus. Não posso descrever a minha surpresa e o meu horror, quando, tendo examinado de perto esse animal, notei nele todas as feições e toda a configuração de um homem, com a diferença de que tinha uma cara larga e chata, o nariz esborrachado, os lábios grossos e a boca muito grande; isto, porém, é vulgar a todas as nações selvagens, porque as mães parem os filhos com o rosto voltado para o chão, levam-nos às costas e eles batem-lhes com o nariz nas espáduas. Este Yahu tinha as patas dianteiras parecidas com as minhas mãos, embora fossem unidas de unhas muito grandes e a pele fosse trigueira, rude e coberta de pêlo. As pernas também se pareciam com as minhas, com algumas diferenças. No entanto, as minhas meias e os meus sapatos tinham feito acreditar aos senhores cavalos que a diferença era muito maior. Com respeito ao resto

do corpo, era de fato a mesma coisa, exceto com relação à cor e ao pêlo.

Ainda que assim fosse, aqueles senhores imaginavam que a minha vestimenta era a minha pele, e, por conseguinte, parte integrante do meu ser, de maneira que, por essa circunstância, era muito diferente dos seus Yahun. O lacão alazão, apanhando uma raiz com o casco e a ranilha, veio trazer-me a. Peguei-lhe e, tendo-a saboreado, restituí-lhe imediatamente com a máxima delicadeza possível. Em seguida, foi à moradia dos Yahun e trouxe-me um bocado de carne de burro. Este petisco pareceu-me tão detestável e tão desagradável que nem lhe toquei, indicando, ao mesmo tempo, que me fazia mal ao coração. O alazão atirou-o ao Yahu, que imediatamente o devorou com prazer. Vendo que o sustento dos Yahun me não agradava, lembrou-se de me oferecer do seu, isto é, feno e aveia; abanei, porém, a cabeça, fiz-lhe com preceito que não era iguaria de que gostasse. Então, levando uma das patas dianteiras à boca, de um modo muito surpreendente e contudo muito natural, fez-me sinais para me fazer com preceito que não sabia com o sustentar-me e para me perguntar o que eu queria comer; porém não pude fazer-lhe entender o meu pensamento por sinais, em bora o entendesse, pois não via que ele se encontrasse em condições de poder satisfazer-me.

Entretanto, passou um a vaca, aponte-i-a com o dedo e dei a entender, por um aceno expressivo, que tinha vontade de m ungi-la. Com prenderam - m e e logo m e fizeram entrar em casa, onde deram ordem a um a criada, isto é, à égua, de m e abrir um a sala, onde encontrei um a grande quantidade de vasilhas de leite, alinhadas m uito em ordem . Bebi dele abundantem ente e tom ei a m inha refeição m uito à vontade e com grande coragem .

À hora do m eio-dia vi chegar à casa um a espécie de carruagem , puxada por quatro Yahus. Nessa carruagem um velho cavalo, que parecia pertencer a elevada hierarquia, vinha visitar os m eus hospedeiros e j antar com eles. Re c e be ra m - no m uito delicadam ente e com grandes considerações, j antaram j untos na m elhor sala e, além do feno e da palha que lhe apresentaram prim eiram ente, serviram -lhe aveia fervida em leite. A gam ela em que com iam , colocada ao centro da sala, estava disposta em círculo, pouco m ais ou m enos com o um a prensa de lagar na Norm andia, e dividida em vários com partim entos, em volta dos quais se colocaram sentados sobre as ancas e encostados a fardos de palha. A cada com partim ento com petia um a grade de m anj edoura, de m aneira que cada

cavalo e cada égua comia a sua ração com muito mais decência e limpeza. O potro e a eguazinha, filhos dos donos da casa, assistiam a esse jantar, e parecia que os seus progenitores estavam muito atentos em fazê-los comer. O ruço-malhado ordenou-me que fosse para junto dele e pareceu referir-se a mim durante longo tempo ao seu amigo, que de vez em quando me fitava, repetindo por várias vezes a palavra Yahu.

Alguns momentos antes eu calçara as luvas; o ruço-malhado, tendo notado isso, e não vendo as minhas mãos conforme as havia visto a princípio, fez diversos sinais de admiração e de enleio; tocou-me três vezes com a sua pata e deu-me a entender que desejava que voltasse à primitiva forma. Em seguida descalcei-me, o que fez falar toda a sociedade, à qual inspirei afeição. Depressa lhe senti os efeitos; aplicaram-se em fazer-me pronunciar algumas palavras que ouvia e ensinaram-me os nomes de aveia, leite, fogo, água e muitas outras coisas. Decorei todos esses nomes e foi, então, mais do que nunca, que fiz uso dessa prodigiosa facilidade que a natureza me concedeu para aprender línguas.

Quando acabou o jantar, o cavalo, meu amigo, chamou-me em particular e, por meio de sinais acompanhados de algumas

palavras, fez-me com preender o pesar que sentia por ver que eu não comia, não achando coisa alguma que fosse do meu agrado. Hlunnh, na sua linguagem, queria dizer aveia. Pronunciei esta palavra duas ou três vezes, porque, em bora a princípio tivesse recusado a aveia, depois de haver refletido julguei poder fazer dela uma espécie de alimento, misturando-a com leite. Isso me sustentaria até que se me proporcionasse ensejo oportuno para me escapar e encontrasse indivíduos da minha espécie. Logo o cavalo deu ordem a uma criada, que era uma bonita égua, para que trouxesse uma boa porção de aveia em um prato de madeira. Fiz torrar esta aveia, consoante me foi possível; em seguida, esfreguei-a até que ficasse completamente descascada, depois tratei de a padejar e coloquei-a sobre duas pedras para a esmagar: arranjei água, e fiz dela uma espécie de bolo que cozi e que comi quente, misturado em leite.

A princípio, foi para mim uma iguaria muito insípida (em bora seja um alimento muito usado em alguns pontos da Europa); mas, habituei-me com o tempo e, tendo-me encontrado bastantes vezes na minha vida reduzido a circunstâncias difíceis, não era a primeira vez que percebia que pouco era preciso para contentar as necessidades da natureza e que o corpo a tudo se habitua. Observarei aqui que, enquanto permanei no país dos cavalos, não sofri a menor indisposição.

Verdade é que, algum as vezes, ia à caça dos coelhos e das aves, que apanhava com arm adilhas feitas de cabelos dos Yahun; outras vezes,

colhia ervas, que fazia cozer, ou que com ia com o salada, e, de vez em quando, fa bric a va m anteiga. O que a princípio m e causava desgosto era a falta de sal; acostum ei-m e, porém , a passar sem ele; daqui depreendo que o uso do sal é efeito da nossa intem perança e apenas foi produzido para excitar a beber, porque é bom que se note que o hom em é o único anim al que tem pera com sal tudo o que com e. Quanto a m im , ao deixar este país, tive certo custo em tornar a usá-lo.

Creio que j á falei bastante a respeito do m eu sustento. Se m e alongasse m uito m ais sobre esse assunto, parece-m e que faria o que fez, nas suas relações, a m aioria dos viaj antes, que im agina coisa de grande valia para o leitor saber se tem bom ou m au passadio.

Sej a com o for, suponho que este sucinto porm enor da m inha alim entação era necessário para im pedir que se im aginasse que m e foi im possível alim entar- m e durante três anos de perm anência em tal país e com sem elhantes habitantes.

À tarde, o cavalo, com eu e o mouro, andou-me e dar um quarto a seis passos da casa e separado do alojamento dos Yabus. Estendi alguns fardos de palha e cobri-me com o meu casaco, de maneira que passei uma noite magnífica, dormindo tranquilamente. Nas seguintes passei melhor, com o leitor verá daqui a pouco, quando lhe falar da maneira de viver nesse país.

CAPÍTULO III

O autor entrega-se ao estudo de aprender bem a, língua e o huy hnhnm , seu am o, aplica-se em ensinar-lha - Muitos huy hnhnm s vêm , por curiosidade, visitar o autor - Faz a seu am o um sucinto relato das suas viagens.

Entreguei-m e extrem am ente ao estudo da língua que o huy hnhnm m eu am o, (é assim que o tratarei de hoj e em diante), seus filhos e criados tinham m uita vontade de ensinar-m e. Olharam - m e com o um prodígio e estavam surpreendidos de que um anim al irracional tivesse todas as m aneiras e todos os sinais naturais de um anim al racional. Apontava cada coisa com o dedo e perguntava o nom e, que retinha de m em ória e que não deixava de inscrever no m eu pequeno registro de viagem , quando estava só. Com respeito à acentuação, tentei apanhá-la, apurando atentam ente o ouvido. O alazão, porém , foi um grande auxiliar.

P reciso é confessar que a pronúncia desta língua m e pareceu m uito difícil. Os huy hnhnm s falam , ao m esm o tem po, com a garganta e o nariz; e a sua língua, tanto nasal com o gutural, se aproxim a m uito da dos alem ães, m as é m uifíssim o m ais graciosa e expressiva. O im perador Carlos V fizera esta curiosa

observação; assim , dizia ele, se tivesse de falar com o seu cavalo, falar-lhe-ia em alemão.

O meu amigo sentia-se tão impaciente por me ouvir falar na sua língua para poder conversar comigo e satisfazer a sua curiosidade, que empregava todas as suas horas de descanso em dar-me lições e em ensinar-me todos os termos, todos os rodeios e finuras dessa língua. Estava convencido, com o mais tarde me declarou, de que eu era um Yahu; mas o meu asseio, a minha delicadeza, a minha docilidade, a minha disposição para aprender, admiravam-no: não podia ligar essas qualidades com as de um Yahu, que é um animal grosseiro, sujeito e indócil. O meu vestuário causava-lhe também barulho, imaginando que fazia parte integrante do meu corpo, pois não me despia senão à noite para me deitar, quando todos na casa estavam ferrados no sono, e me vestia de manhã ao levantar, antes de acordarem. Meu amigo tinha vontade de saber qual era o meu país, onde e como adquirira esta espécie de raciocínio, que transparecia de todas as minhas maneiras e, enfim, de conhecer a minha história. Gabava-me de ter aprendido tudo isso, rapidamente, visto o progresso que eu fazia dia a dia na compreensão e na pronúncia da língua. Para auxiliar um pouco a minha memória, formei um alfabeto com todas as palavras que aprendera, e escrevia-as com o termo

o correspondente em inglês por baixo. Depois, não tive dificuldade em escrever na presença de mim e me estre as palavras e frases que aprendia; não podia, contudo, compreender o que eu fazia, porque os huy hnhnm s não faziam idéia alguma do que se ia escrita.

Enfim, ao cabo de dez semanas, encontrei-me em estado de entender diversas vezes as suas perguntas, e três meses depois fiquei bastante habilitado para lhes responder regularmente. Uma das primeiras perguntas que me dirigiu, quando lhe pareceu que eu estava em condições de responder-lhe, foi indagar de que país eu vinha e como aprendera a fazer-me animal racional, não passando de um Yahu, porque os Yahus, com os quais ele me encontrava sem elhanças no rosto e nas patas dianteiras, tinham, dizia ele, uma espécie de conhecimentos, com astúcias e malícias, porém não tinham esta concepção e esta docilidade que notava em mim. Respondi-lhe que vinha de muito longe e tinha atravessado os mares com outros da minha espécie; que viajara numa grande construção de madeira; que os meus companheiros me haviam deixado nas costas deste país, abandonando-me. Foi-me preciso, então, juntar à linguagem muitos sinais para me fazer compreender. Meu amo replicou-me que era certo que me enganava e que eu tinha dito uma coisa que não era, isto é, mentia. (Os huy hnhnm s não possuem na sua língua vocábulos para exprimir a verdade ou a m

entira). Não podia com preender que houvesse terras de além -mar e que um vil rebanho de animais pudesse fazer flutuar sobre esse elemento uma grande construção de madeira e conduzi-la à sua vontade. E acrescentou:

-Ninguém, salvo um huy hnhnm, poderia fazer semelhante coisa. Confiar o governo de uma construção dessas a um Yahu, é obra de insensatos.

Esta palavra huy hnhnm, na sua língua, significava cavalo, e quer dizer, conforme a sua etimologia, a perfeição da natureza. Respondi a meu amigo que me faltavam as expressões, mas, dentro de algum tempo, ficaria em estado de lhe referir coisas, que, decerto, o surpreenderiam. Exortou a senhora égua sua mulher, os senhores seus filhos, o potro e a eguazinha, e todos os seus criados, a concorrer com zelo a aperfeiçoarem-me na língua, e ele próprio, todos os dias, consagrava para esse fim duas a três horas.

Muitos cavalos e éguas de distinção vieram, então, visitar meu amigo, excitados pela curiosidade de ver um extraordinário Yahu, que, pelo que tinham ouvido, falava com o huy hnhnm e fazia brilhar, com as suas manequias, as chispas do seu raciocínio.

Sentiam prazer em dirigir-me e perguntas ao meu alcance, às quais redarguia conforme e podia. Tudo isto contribuía para me fortalecer no uso da língua, de sorte que, ao cabo de cinco meses, compreendia tudo o que me diziam e exprimia-me muito bem sobre a maior parte das coisas.

Alguns huihnhamas, que vinham à casa de meu amo para me ver e conversar comigo, não queriam acreditar que eu fosse um Yahu, porque, diziam, tinha uma pele muito diferente da daqueles animais; não me viam, acrescentavam, uma pele aproximadamente parecida com a dos Yahus senão no rosto e nas patas dianteiras, porém peladas. Meu amo sabia bem o que isso era, porque uma coisa que aconteceu uns quinze dias antes tinha-me obrigado a descobrir-lhe esse mistério, que ocultara sem preter até então com receio de que me tomasse por um verdadeiro Yahu e me pusesse na companhia deles.

Já disse ao leitor que todas as noites, quando toda a casa estava recolhida, o meu costume era despir-me e cobrir-me com o casaco. Certo dia, meu amo andou-me, de madrugada, o seu laçao alazão. Quando entrou no meu quarto, dormia eu profundamente; o meu casaco estava caído e tinha a camisa arregaçada. Acordei com o barulho que ele fez e notei que dava conta do recado com ar inquieto e embaraçado. Foi logo ter com o amo e contou-lhe confusamente o que vira.

Quando me levantei fui dar os bons dias a sua honra (é o termo usado entre os huy hnhm s, que corresponde aos nossos: alteza, grandeza e reverência) . Perguntou-me logo o que havia, o que o seu laçao lhe tinha contado de mim amanhã; que lhe dissera que não era o mesmo acordado que dormindo; que, quando dormia, tinha uma pele que não possuía durante o dia.

Tinha, até essa data, ocultado esse segredo, como já disse, para não ser confundido com a maldita e infame raça dos Yahus; mas, então, foi preciso desvendá-lo, contra minha vontade. Além disso, o meu vestuário e o meu calçado estavam já muito usados, e como precisavam de ser substituídos pela pele de um Yahu, ou de qualquer outro animal, eu previa que o meu segredo não ficaria por muito tempo oculto. Confiei a mim mesmo o que, no país de onde eu vinha, os da minha espécie costumavam cobrir o corpo com o pêlo de certos animais, preparado com arte, quer por decência e com modidade, quer para se precaver contra o rigor das estações; que, pelo que me dizia respeito, estava pronto a fazer-lhe ver claramente o que acabava de dizer; que me ia despir e que só ocultaria o que a natureza nos inibe de mostrar. O meu discurso pareceu admirá-lo; não podia, principalmente, conceber que a natureza nos obrigasse a ocultar o que nos deu.

-A natureza - dizia ele - fez-nos presentes vergonhosos, furtivos e criminosos? Quanto a nós - acrescentou - não coram os com esses dotes e não nos envergonham os de os expor às claras. No entanto - prosseguiu - não quero contrariá-lo.

Despi-me, pois, decentemente, para satisfazer à curiosidade de sua honra, que deu grandes mostras de admiração ao ver a configuração de todas as partes decentes do corpo. Levantou o meu vestuário, peça por peça, tomando-o entre o casco e a ranilha e examinou-o atentamente; gabou-me, acariciou-me e deu várias voltas em torno de mim; em seguida, disse com gravidade que era evidentemente um Yahu, e que não diferia de todos os da minha espécie senão por ter a carne menos dura e mais branca, com uma pele mais macia; que não tinha pêlo na maior parte do corpo; que tinha garras mais curtas e de configuração um pouco diferente, e que afetava andar apenas com as patas traseiras. Não quis ver mais e deixou-me vestir, o que me causou prazer pois já começava a sentir frio.

Demostrei a sua honra quanto me mortificava que me desse seriamente o nome de um animal infame e odioso. Supliquei-lhe que me poupasse uma denominação tão ignominiosa e que recomendasse a mesma coisa a sua família,

aos seus criados e a todos os seus amigos; foi em vão. Pedi-lhe, ao mesmo tempo, a bondade de não dar parte do meu segredo, que lhe confiara, a pessoa alguma, com relação ao meu vestuário, ao menos enquanto não tivesse necessidade de mudá-lo, e que, com respeito ao seu laço alazão, sua honra lhe ordenasse que não desse palavra sobre o que vira.

Prometeu guardar silêncio e o caso permaneceu secreto até que minha roupa ficasse imprestável e me fosse preciso procurar com quem me vestisse, com o direi mais tarde. Ao mesmo tempo exortou-me a que me aperfeiçoasse a inda na língua, porque ficara muito mais admirado de me ouvir falar e raciocinar, do que me ver branco e pelado, e que tinha uma extrema vontade de saber de mim as coisas admiráveis que eu tinha prometido explicar-lhe. Desde então, teve mais empenho em instruir-me. Ia com ele, sem pre que saía, e fazia com que eu fosse tratado bondosamente em toda parte e com todas as considerações, a fim de estar sempre de boa disposição (com o me disse particularmente) e de me tornar mais agradável e mais alegre.

Todos os dias, quando estava com ele, além do trabalho que tinha em ensinar-me a língua, dirigia-me muitas perguntas a meu

respeito, às quais respondia o melhor que me era possível, o que lhe dava já algumas idéias gerais e imperfeitas do que devia dizer-lhe por ordem enorizada e em tais tarde. Seria inútil explicar aqui como consegui travar com ele uma conversação longa, séria e seguida; direi apenas que a primeira conversa teve lugar da forma que passo a expor:

Disse-lhe a sua honra que vinha de um país muito afastado, com o qual já tinha tentado fazer-lhe com prender, a com panhado de quase cinqüenta meus semelhantes; que num navio, isto é, uma construção feita de pranchas, tinham os atravessado o mar. Descrevi-lhe a forma desse navio o melhor que pude e, tendo desdobrado o lenço, fiz-lhe com prender com o vento, que inchava as velas, nos fazia com inhar. Disse-lhe que, por ocasião de uma discussão levantada entre nós, tinha sido desembarcado nas costas da ilha em que atualmente me encontrava; que ficara a princípio muito embaraçado, não sabendo onde estava, até que sua honra tivera a bondade de me livrar da perseguição dos vis Yahus.

Perguntou-me, então, quem tinha construído o tal navio, e como os meus semelhantes do meu país o haviam confiado ao governo de uns animais irracionais. Retorqui que era impossível

responder à sua pergunta e continuar a minha narrativa se não me desse a sua palavra, e se não me promettesse sobre sua honra e sobre a sua consciência, que não se ofenderia com tudo o que lhe dissesse; que, sob esta única condição, prosseguiria a minha narrativa, e lhe exporia com sinceridade as maravilhosas coisas que lhe prometia contar.

Assegurei-me, positivamente, que não se ofenderia com coisa alguma. Então, disse-lhe que o navio fora construído por criaturas parecidas comigo e que, no meu país e em todas as partes do mundo por onde viajava, eram os únicos animais senhores e denominados racionais; que, ao chegar àquela região, ficara extremamente surpreendido por ver os humanos procederem com as pessoas dotadas de raciocínio, do mesmo modo que ele e os seus amigos estavam muito admirados de encontrar provas desse raciocínio numa criatura a quem lhes aprofurava tratar por Yahu, e que de fato se parecia com esses animais pela sua configuração exterior, e não pelas suas qualidades de alma. Acrescentei que, se algum dia o céu permitisse que voltasse ao meu país e publicasse a relação das minhas viagens, e em especial a minha permanência entre os humanos, toda a gente acreditaria que eu diria uma coisa que não era, e que seria uma história fabulosa e impertinente que eu tinha inventado; em suma, apesar de todo o respeito

que ele me merecia, e toda a sua honrada família, e todos os seus amigos, ousava afirmar-lhe que no meu país ninguém acreditaria que um huy hnhnm fosse um animal racional e que um Yahu fosse um animal irracional.

CAPÍTULO IV

Idéias dos huy hnhnm s acerca da verdade e da m entira - As dissertações do autor são censuradas por seu am o.

Enquanto pronunciava as derradeiras palavras, m eu am o parecia inquieto, em baraçado e com o fora de si. Duvidar e não acreditar o que se ouve dizer é para os huy hnhnm s um a operação de espírito a que não estão habituados, e, quando são obrigados a isso, o espírito sai-lhes por assim dizer fora da órbita natural. Recordo-m e até de que, conversando algum as vezes com m eu am o a respeito das propriedades da natureza humana, tal com o existe nas outras partes do m undo, e havia ocasião para lhe falar da m entira e do engano, tinha m uito custo em perceber o que lhe queria dizer, porque raciocinava assim : o uso da palavra foi-nos dado para com unicar uns aos outros o que pensam os e para saberm os o que ignoram os. Ora, se se diz a coisa que não é, não se procede conform e a intenção da natureza; faz- se um abusivo uso da palavra; fala-se e não se fala. Falar não é fazer com preender o que se pensa?

- Ora, quando o senhor faz o que se cham a m entir, dá-m e a com preender o que não se pensa: em vez de m e dizer o que é, não

fala, só abre a boca para articular sons vãos, não me tira da ignorância, aum enta-a.

Tal é a idéia que os huy hnhnm s têm da faculdade de mentir, que nós, homens, possuímos num grau tão perfeito e tão eminente.

Para voltar à conversa particular de que se trata, quando garanti a sua honra que os Yahus eram, no meu país, os animais senhores e donos (o que deveras o admirou) perguntou-me se tinham os huy hnhnm s e qual era o seu estado e emprego. Respondi-lhe que tinham os grande quantidade; que, no verão, pastavam nas campinas e que, durante o inverno, ficavam em suas casas, onde tinham Yahus para os servir, para lhes pentear a crina, para lhes escovar e esfregar a pele, para lhes lavar os pés, para lhes dar de comer.

- Com preendo, - retorquiu ele - isto é, que, em bora os Yahus se gabem de possuir algum raciocínio, os huy hnhnm s são sempre os amos, com o aqui. Prouvesse aos céus apenas que os nossos Yahus fossem tão submissos e tão bons criados com o os do seu país! Mas prossiga, rogo-lhe.

Pedi a sua honra quisesse dispensar-me e de dizer-me mais sobre este assunto, porque não podia, segundo as regras da prudência, da decência e da delicadeza, explicar-lhe o resto.

- Quero saber tudo - tornou. - Continue e não receie desgostar-me.

- Pois bem ! - disse-lhe eu - Visto que o quer em absoluto, vou obedecer-lhe. Os huys hnhms, a que nós damos os nomes e de cavalos, são, entre nós, os mais belos e mais soberbos animais, igualmente vigorosos e leves para corridas. Quando vivem em casas de pessoas de distinção, fazem-lhes passar o tempo a viajar, a correr, a puxar carruagens e têm por eles todas as espécies de atenção e amizade, enquanto são novos e se portam bem ; mas, assim que começam a envelhecer ou a sofrer das pernas, desfazem-se deles logo e vendem-nos aos Yahus, que os empregam em trabalhos rudes, penosos, baixos e vergonhosos, até que morram . Então, esfolam-nos, vendem-lhes as peles, e abandonam os seus cadáveres às aves de rapina, aos cães e aos lobos, que os devoram . Tal é, no meu país, o fim dos mais belos e dos mais nobres huys hnhms. Mas nem todos são bem tratados e felizes, com o aqueles que acabo de citar; há os que habitam , nos seus primeiros anos, em casa dos

lavradores, carroceiros, cocheiros e outros que tais, onde são obrigados a trabalhar, ainda que mal tratados e mal alimentados.

Descrevi, então, a nossa maneira de viajar a cavalo e a equipagem de um cavaleiro. Pintei o melhor possível o freio, a sela, as esporas, o chicote, sem esquecer todos os arreios dos cavalos que puxam uma carruagem, uma carroça ou uma charrua. Acrescentei que se aplicava à extremidade dos pés de todos os nossos escravos uma chapa de certa substância muito dura chamada ferro, para lhes conservar o casco e impedir-lo de partir-se nos caminhos pedregosos.

Meu am o pareceu indignado com esta maneira brutal por que tratam os escravos, no nosso país. Disse-me que estava muito admirado de que tivessem os a ousadia e a insolência de lhes subir para a garupa; que, se o mais vigoroso dos Yachus ousasse, alguma vez, tomar essa liberdade com respeito ao senhor escravo entre os seus criados, seria imediatamente atirado ao chão, pisado, esmagado, feito em nada. Respondi-lhe que os nossos escravos eram em geral domados e educados dos três para os quatro anos, e que, se algum deles fosse insubmisso, rebelde ou renitente, o empregavam logo em

puxar carroças, em lavrar as terras e enchiam -no de pancadas; que os machos destinados à cavalaria ou a puxar carruagens, eram ordinariamente castrados dois anos depois de nascer, para os tornar mais dóceis e mais machos; que eram sensíveis às recompensas e aos castigos, e que, no entanto, eram destituídos de raciocínio, como os Yachus daquela região.

Tive muito trabalho em fazer com preender tudo isto a meu amigo e foi-me preciso usar de muitos circunlóquios para exprimir as minhas idéias, porque a língua dos huy hnhms não é rica e, como têm poucas paixões, têm também poucos vocábulos, porque são as paixões multiplicadas e subtilizadas que formam a riqueza, a variedade e a delicadeza de uma língua.

Impossível se torna descrever a impressão que este discurso causou no espírito do meu amigo, e o nobre agastamento de que foi possuído quando lhe expus a maneira por que nós tratamos os huy hnhms, e particularmente, o nosso uso de os castrar para os tornar mais dóceis e evitar que se procriem. Conveio em que, se houvesse um país em que os Yachus fossem os únicos animais racionais, era justo que eles fossem os senhores, visto como o raciocínio deve ser superior à força. Mas, examinando a configuração do meu corpo, acrescentou que uma

criatura com o eu era muito mal feita para poder ser racional ou pelo menos para se servir do raciocínio na maior parte das coisas da vida. Perguntou-me ao mesmo tempo se todos os Yahus do meu país se pareciam comigo. Respondi-lhe que tinham os poucos mais ou menos a mesma configuração, e que eu passava por bem feito; que os juvenis machos e as fêmeas tinham a pele mais fina e mais delicada, e a das fêmeas era ordinariamente, no meu país, branca com o leite. Replicou-me e que existia, de fato, alguma diferença entre os Yahus do pátio e eu; que era mais limpo e não tão feio com eles; com relação, porém, a vantagens sólidas, os julgava superiores a mim; que os meus pés tanto dianteiros como traseiros eram nus, e que o pouco pêlo que tinha era inútil, pois nem sequer me preservava do frio; que, com respeito aos meus pés dianteiros, não eram precisamente pés, pois que nunca me servia deles para caminhar; que eram fracos e delicados, que os conservava geralmente nus, e que a coisa com que eu os cobria de tempos a tempos não era tão forte nem tão dura como a coisa com que eu tapava os pés traseiros; que não andava com segurança, visto que, se um dos pés traseiros escorregasse, eu cairia imediatamente. Continuou, então, a criticar toda a configuração do meu corpo, a chateza do meu rosto, a proeminência do meu nariz, a situação dos meus olhos, agarrados imediatamente à testa, de maneira que não podia olhar nem para a direita nem para a esquerda sem voltar a

cabeça. Disse que eu não podia com er sem auxílio dos m eus pés dianteiros, que levava à boca, e que era aparentemente por isso que a natureza pusera aí tantas pinturas, a fim de disfarçar esse defeito; que não via que uso pudesse dar a todos esses pequenos m em bros separados com o estavam nas extremidades dos m eus pés traseiros; que eram decerto m uito fracos e m uito tenros para que se cortassem nas pedras e nas arestas, e que precisava, para rem ediar isso, de os cobrir com a pele de qualquer outro anim al; que o m eu c or po nu e pelado estava suj eito ao frio, e que, para m e precaver dele, era obrigado a cobri-lo com pêlos estranhos, isto é, a vestir-m e e despir-m e todos os dias, o que era, segundo a sua opinião, a coisa m ais aborrecida e fatigante do m undo; que, enfim , notara que todos os anim ais do seu país tinham um natural horror aos Yachus, dos quais fugiam , de m aneira que, supondo que nós, no nosso país, havíamos os recebido da natureza o dom do raciocínio, não via com o, com ele, podíamos curar esta intuitiva antipatia que todos os anim ais têm pelos da nossa espécie, e, por conseguinte, com o podem os tirar deles algum préstim o.

- Em sum a - acrescentou - não quero avançar m ais sobre este assunto; deixo-o livre acerca das respostas que m e poderia dar, e peço-lhe sim plesm ente que m e conte a história da sua vida e que m e descreva o país em que nasceu.

Retorqui que estava disposto a satisfazê-lo sobre todos os pontos que lhe interessassem a curiosidade; mas recei-me muito que me fosse impossível explicar-lhe claramente a respeito da matéria de que sua honra não podia conceber idéia alguma, visto que nada tinha notado de parecido no seu país; que, contudo, faria o

que pudesse e que tentaria explicar-lhe por sem elhanças e metáforas, pedindo-me desculpas se me não utilizasse dos termos próprios.

Disse-lhe, pois, que era filho de pais honestos, que nascera numa ilha chamada Inglaterra, que ficava tão afastada, que o mais vigoroso dos homens não poderia fazer a viagem durante o curso anual do sol; que a princípio exercera a cirurgia, que é a arte de curar as feridas; que o meu país era governado por uma fêmea, a quem os homens chamavam de rainha; que a tinha abandonado para tentar enriquecer e conseguir, à volta, que minha família vivesse um pouco desafogada; que, na minha última viagem, fora arvorado em capitão de navio, tendo sob as minhas ordens quase cinqüenta Yachus, a maioria dos quais morrera em trânsito, de maneira que me vira obrigado a substituí-los por outros, recrutados de outras nações diversas; que

o nosso navio estivera duas vezes em perigo de naufragar; da primeira vez por uma violenta tempestade e, da segunda, por ter chocado com um rochedo.

Aqui me eu me interrompi e para me perguntar como poderia conseguir que estrangeiros de diferentes regiões viessem comigo, com o risco de sofrer os perigos de que eu me salvara e as perdas que me tinham atingido. Redargui-lhe que eram todos desgraçados sem razão nem razão e que tinham sido obrigados a deixar o seu país, quer pelo mau caminho que tomavam os seus negócios, quer pelos crimes que haviam cometido; que alguns tinham sido arruinados com demandas, outros pela má vida que levavam, outros pelo jogo; que a maioria era constituída por traidores, assassinos, ladrões, envenenadores, salteadores, perjuros, falsários, receptadores de roubos, fabricantes de moeda falsa, subornadores, soldados desertores e quase todos evadidos das galés; que, em conclusão, nenhum deles se atrevia a voltar à sua pátria, com receio de ser enforcado ou de apodrecer em alguma enxovia.

Durante este discurso me eu me viu-se forçado a interromper-me por várias vezes. Usei de muitos rodeios para lhe dar idéia de todos os crimes que tinham obrigado os meus tripulantes, na

aioria, a deixar o seu país. Não podia perceber com que intenção tinham esses entes cometido tais ações, e o que os havia levado a isso. Para o esclarecer um pouco sobre este assunto, tentei dar-lhe um as luzes acerca do insaciável desejo que possuímos de nos engrandecermos e enriquecermos, e sobre os funestos efeitos do luxo, da intemperança, da maldade e da inveja; mas só lhe pude fazer compreender tudo isso por meio de exemplos e hipóteses, porque não podia conceber que todos esses vícios existissem realmente; deste modo pareceu-me com o uma pessoa cuja imaginação ficasse assombrada com a narrativa de uma coisa que nunca vira e de que nunca ouvira falar, que baixou os olhos e não pôde exprimir por palavras a sua surpresa e a sua indignação.

Estas noções: poder, governo, guerra, lei, punição e muitas outras semelhantes, mal podem representar-se na língua dos hebreus por longas perífrases. Tive, pois, muito trabalho, quando me foi preciso dar a meu amigo uma relação da Europa, e em especial da Inglaterra, minha pátria.

CAPÍTULO V

O autor expõe ao am o o que ordinariam ente acende a guerra entre os príncipes da Europa; explica-lhe,, em seguida, com o os particulares se guerreiam m utuam ente - Retrato dos procuradores e j uízes de Inglaterra.

O leitor, se lhe aprouver, observará que o que vai ler é extraído de m uitas conversas que entabulei diversas vezes, durante dois anos, com o huy hnhnm , m eu am o. Sua honra dirigia-m e perguntas e exigia de m im narrativas porm enorizadas à m edida que m e adiantava no conhecim ento e no m anej o da língua. Expus-lhe, o m elhor que m e foi possível, o estado de toda a Europa; dissertei sobre artes, m anufaturas, com ércio, ciências, e todas as respostas que dava a todas às perguntas, foram assunto de um a inesgotável conversa; m as relatarei aqui apenas a substância dos colóquios que tivemos os a respeito da m inha pátria; e, dando-lhes a m elhor ordem que m e for possível, olharei m enos o tem po e as circunstâncias do que as exatas veracidades. Tudo o que m e inquieta é o trabalho que terei em restituir a graça e a energia dos m agníficos discursos e os raciocínios sólidos de m eu am o; peço, contudo, ao leitor, que m e desculpe a

m inha fraqueza e incapacidade e de levar tam bém em conta a linguagem um pouco defeituosa, na qual sou obrigado a exprimir-m e no atual m om ento.

P ara obedecer, pois, às ordens de m eu am o, certo dia historiei-lhe a últim a revolução havida em Inglaterra pela invasão do príncipe de Orange, e a guerra que esse príncipe am bicioso travou com o rei de França, o m ais poderoso m onarca da Europa, cuja glória estava espalhada por todo o universo e que possuía todas as virtudes régias. Acrescentei que a rainha Ana, que sucedera ao príncipe de Orange, continuaria esta guerra, em que todas as potências da cristandade estavam envolvidas. Disse-lhe que esta guerra funesta tinha podido fazer m orrer até agora quase um m ilhão de Yahus; que tinha com o conseqüência m ais de cem cidades assaltadas e tom adas e m ais de trezentos navios incendiados e afundados.

P erguntou-m e, então, quais eram as causas e os m otivos m ais vulgares das nossas questões, às quais eu dava o nome de guerra. Respon-di-lhe que essas causas eram inúmeras e que lhe citaria apenas as principais.

- Muitas vezes - lhe disse eu - é a am bição de certos príncipes, que nunca julgam ter m uitas terras nem governar m uitos povos.

Algum as vezes, é a política dos ministros, que querem dar em prego aos súditos descontentes. Outras, tem sido a divergência de espíritos sobre a escolha de opiniões. Um imagina que assobiar é um bonito ato; outro, que é um crime; este diz que é preciso vestuário branco; aquele, que é preciso usá-lo preto, vermelho, cinzento; um é de opinião que o chapéu deve ser pequeno e de aba direita; outro, que deve ser grande e de aba caída sobre as orelhas, etc. (Imaginei de propósito estes quimericos exemplos, não querendo explicar-lhe as verdadeiras causas das nossas dissensões com respeito à opinião, visto que teria certo custo e me envergonharia deveras em fazê-lhas com preceito). Acrescentei que as nossas guerras nunca eram mais longas nem mais sangrentas do que quando eram motivadas por essas diferentes opiniões, que esses cérebros escandescidos sabiam fazer valer quer de um lado, quer do outro, e pelas quais se exaltam a ponto de pegar em armas.

Prossegui:

Dois príncipes estiveram em guerra, porque ambos queriam despojar um terceiro dos seus Estados, sem que a isso tivesse direito qualquer deles. Às vezes, um soberano atacava outro com receio de que este o atacasse. Declaram guerra ao seu vizinho,

ora porque é muito forte, ora porque é muito fraco. Muitas vezes esse vizinho possui coisas que nos faltam e a ele faltam coisas que nós possuímos; então, declara-se a guerra para se possuir tudo ou nada. Um outro motivo que dá lugar à guerra num país, é quando este se encontra desolado pela fome, dizimado pela peste, roto pelas facções. Uma cidade está ao agrado de um príncipe e a posse de uma pequena província arredonda o seu Estado? motivo de guerra. Um povo é ignorante, simples, grosseiro e fraco? ataca-se chacinando uma parte e reduzindo a outra à escravidão, e isto com o fim de civilizá-lo. Uma guerra é muito gloriosa, quando um generoso soberano vem em socorro de outro, que o chamou e que, depois de ter expulso o usurpador, se apodera dos próprios Estados que socorreu, mata, põe a ferros ou expulsa o príncipe que lhe implorara auxílio. A consangüinidade, as alianças, os casamentos são outros tantos motivos de guerra entre os príncipes; quanto mais aparentados são, mais próximos estão de ser inimigos. As nações pobres estão esfomeadas; as nações ricas são ambiciosas; ora a indigência e a ambição gostam igualmente das mudanças e das revoluções. Por todas estas razões, vê bem que, entre nós, o motivo de um guerreiro é o mais belo de todos os motivos; o que é um guerreiro? é um Yahu a quem se paga para matar, a sangue frio, os seus semelhantes, que não lhe fazem mal algum.

- Realmente, o que me acaba de dizer acerca das causas vulgares das suas guerras - replicou - me sua honra - dá-me uma elevada idéia do seu raciocínio! Seja ele qual for, é uma felicidade, sendo tão meus, estarem impedidos de causar mal, pois, pelo que me tem dito dos terríveis efeitos dessas guerras cruéis, em que tanta gente pereceu, creio, na verdade, que me tem dito coisas que não são. A natureza concedeu-lhes uma boca chata num rosto chato; assim, não vejo como possam ordenar-se, senão um pouco e pouco. Quanto às garras que têm nos pés dianteiros e traseiros, são tão fracas e tão curtas, que, na verdade, bastaria um dos nossos Yachus para dar cabo de uns doze como o senhor.

Não pude deixar de abanar a cabeça e de sorrir com a ignorância de meu amigo. Como conhecia um pouco a arte da guerra, fiz-lhe uma desenvolvida descrição dos nossos canhões, das nossas colubrinas, dos nossos mosquetes, das nossas carabinas, das nossas pistolas, da nossa pólvora, dos nossos sabres, das nossas baionetas; pintei-lhe o assalto às praças, as trincheiras, os ataques, as sortidas, as minas e as contra-minas, os assédios, as guarnições passadas ao fio da espada; expliquei-lhe as nossas batalhas navais; descrevi-lhe os

nossos maiores navios naufragando com toda a tripulação, outros crivados de balas de canhão, desmantelados e queimados no meio das águas; o fumo, o fogo, as trevas, os clarões, o ruído, os gemidos dos feridos, os gritos dos combatentes, os membros saltando pelo ar, o mar ensanguentado e coberto de cadáveres; em seguida, referi-lhe os nossos combates em terra, onde havia muito mais sangue vertido e onde, num dia, morreram quarenta mil combatentes, de ambas as partes; e, para fazer valer um pouco a coragem e a bravura dos meus queridos combatentes, disse-lhe que os vi uma vez num assédio fazer saltar, com felicidade, uma centena de inimigos, e que tinha visto ainda saltar mais num combate no mar, de maneira que os membros espalhados de todos esses Yahu pareciam cair das nuvens, o que constituía um espetáculo muito agradável à nossa vista.

Ia continuar a fazer ainda alguma excelente descrição, quando sua honra me ordenou silêncio, dizendo:

- A índole do Yahu é tão má, que me custa crer que tudo o que acaba de referir-me não fosse possível desde que eu lhe supusesse uma força e uma habilidade iguais à sua maldade e malícia. No entanto, por muito má ideia que eu formasse

acerca desse animal, não se aproximava daquela de que lhe dera provas. O seu discurso perturba-me o espírito e coloca-me numa situação em que nunca me encontrei; receio que os meus sentidos, aterrorizados com essas horríveis imagens que me traçou, não venha a pouco e pouco a habituar-se a elas. Odeio os Yachus desta região, mas, apesar de tudo, perdôo todas as suas odiosas qualidades, visto com o a natureza assim os formou e não possuem raciocínio para se governar e corrigir-se; porém que uma criatura, que se gaba de possuir este raciocínio, em partilha, seja capaz de cometer ações tão execrandas e de se entregar a excessos tão horríveis, é o que não posso compreender e me faz concluir que o estado dos irracionais ainda é preferível a um raciocínio corrupto e depravado; mas, de fato, o vosso raciocínio é um verdadeiro raciocínio? Não será antes um talento com que a natureza vos dotou para aperfeiçoar todos os vícios? Mas - acrescentou - nada me tem dito com respeito ao assunto a que chamam guerra. Há um ponto que interessa a minha curiosidade. Parece que disse havia nesse bando de Yachus que o acompanhava no seu navio, miseráveis que os processos haviam arruinado e despojado de tudo; e qual era a lei que os pusera naquele triste estado? Além disso, que lei é essa? A sua índole e o seu raciocínio não bastam e não prescrevem claramente o que devem e o que não devem fazer?

Respondi a sua honra que eu não estava absolutam ente versado na ciência da lei; que o pouco conheci ento que possuía de j urisprudência aprendera no convívio de alguns advogados que outrora consultara sobre os m eus negócios; que, no entanto, ia dizer-lhe o que soubesse a tal respeito. Falei-lhe, pois:

- O núm ero daqueles que, entre nós, se dão à j urisprudência e fazem profissão de interpretar a lei, é infinito e ultrapassa o das lagartas. Têm entre si todas as espécies de escalas, de distinções e de nom es. Com o a sua enorm e quantidade torna o ofício pouco lucrativo, para fazer de m aneira que, ao m enos, lhes dê para viver, recorrem à indústria e à chicana. Aprenderam , logo nos prim eiros anos, a arte m aravilhosa de provar, com um discurso retorcido, que o preto é branco e o branco é preto.

- São estes que arruinam e despoj am os outros, com a sua habilidade? - atalhou sua honra.

- São, decerto - repliquei eu - e vou citar- lhe um exem plo, a fim de que m elhor possa aj uizar do que digo. Im agine que o m eu vizinho tem vontade de possuir a m inha vaca; vai logo ter com um procurador, isto é, um douto intérprete de prática da lei, e prom ete-lhe um a recom pensa se puder fazer ver que a m inha vaca não é m inha. Sou obrigado a dirigir-m e tam bém a um

Yahu da m esm a profissão para defender o m eu direito, visto que a lei m e não perm ite que m e defenda a m im próprio. Ora, eu, que tenho certam ente por um lado a j ustiça e o direito, nem por isso deixo de encontrar dois grandes obstáculos; o prim eiro é que o Yahu, ao qual recorri para defender a m inha causa, está, por oficio e espírito profissional, habituado desde a m ocidade a advogar a falsidade, de m aneira que se vê fora do seu elem ento quando lhe digo a verdade nua e não sabe com o desvencilhar-se; o segundo obstáculo é que o m esm o procurador, não obstante a sim plicidade do pleito de que o encarreguei, é obrigado a em brulhá-lo, para se conform ar com o uso dos seus colegas e prolongá-lo o m ais que puder, do contrário acusá-lo-iam de estragar o oficio e dar m au exem plo. Estando as coisas neste pé, só m e restam dois m eios para m e desem baraçar da questão: o prim eiro é ir ter com o procurador da parte contrária e tentar suborná-lo, dando-lhe o dobr o do que esperava receber do seu constituinte; e decerto vossa honra com preende que m e não é difícil fazê-lo pender para um a proposta tão vantaj osa; o segundo m eio, que vai talvez surpreendê-lo, m as é m enos infalível, é recom endar a este Yahu, que m e serve de procurador, pleiteie a m inha causa um pouco confusam ente e faça entrever aos j uizes que a m inha vaca podia não ser m inha, m as do m eu vizinho. Então os j uizes, pouco habituados às coisas claras e sim ples, darão m ais atenção aos subtis argum entos do m eu advogado, acharão

gosto em ouvi-lo e a contrabalançar o pró e o contra e, nesse caso, estarão melhor dispostos a julgar em meu favor do que se ele se limitasse a provar o direito, que me assistisse, em quatro palavras. Uma das máximas dos juizes é que tudo quanto foi julgado, foi bem julgado. Assim, têm o máximo cuidado em conservar num cartório todas as decisões anteriormente tomadas, mesmo as ditadas pela ignorância, e que são o mais manifestamente possível opostas à equidade e à justa razão. Estas anteriores decisões formam o que se chama jurisprudência; são alegadas com o autoridades e não há coisa alguma que não se prove e não se justifique, citando-as. Data de há pouco, contudo, o abandono do abuso que havia em dar tanta força à autoridade das causas julgadas; citam-se sentenças pró e contra, tratase de ver que as espécies nunca podem ser completamente semelhantes e ouvi dizer a um juiz que as sentenças são para aqueles que as alcançam. De resto, a atenção dos juizes volta-se sempre mais para as circunstâncias do que para a causa principal. Por exemplo: no caso da minha vaca, quererão saber se é vermelha ou negra, se tem grandes cornos; em que campina costumava pastar; que quantidade de leite fornece por dia, e assim sucessivamente; isto feito, põem-se a consultar as antigas decisões. De tempos a tempos trata-se da questão; por muito feliz se deve dar o constituinte se for julgada ao fim de dez anos! É preciso observar ainda que os hom

ens de lei têm um a linguagem especial, um calão que lhes é próprio; um modo de se exprimir que os outros não entendem ; é nesta magnífica linguagem que são escritas as leis, leis multiplicadas ao infinito e acompanhadas de inúmeras exceções. Vossa honra vê perfeitamente que, neste labirinto, o justo direito se perde facilmente; que a melhor questão é difícil de ganhar-se; e que, se algum estrangeiro, nascido a trezentas léguas do meu país, tivesse a lembrança de vir disputar-me a herança que está na posse de minha família há trezentos anos, lhe seriam precisos talvez trinta anos para concluir e esgotar por completo este difícil pleito.

- É pena - atalhou meu amigo - que uma gente com tanto gênio e talento não encaminhe o espírito para outro lado, fazendo dele bom uso. Não seria melhor - acrescentou - que se ocupassem em dar aos outros lições de prudência e de virtude, e participassem com o público das suas luzes? Porque, indubitavelmente, essa hábil gente possui conhecimento de todas as ciências.

- Qual história! - repliquei - Sabem apenas do seu mistério e nada mais; são os maiores ignorantes do mundo sobre qualquer outra matéria; são inimigos da boa literatura, de todas as ciências,

e, nas relações vulgares da vida, parecem estúpidos, m azom
bos, enfadonhos, m alcriados. Falo na generalidade, porque se
encontram alguns espirituosos, agradáveis e galantes.

CAPÍTULO VI

Do luxo, da intem perança e das doenças que reinam na Europa -
Condição da nobreza.

Meu am o não podia com preender com o toda essa raça de
patrícios era tão m aevolente e tão terrível.

- Que m otivo - perguntava ele - os leva a causar detrim ento tão
considerável àqueles que carecem de auxílio? E que quer dizer
com essa recom pensa que se prom ete a um procurador, a quem
se entrega um a causa?

Respondi-lhe que era dinheiro. Tive algum trabalho em
fazer-lhe com preender o que significava essa palavra; expliquei-
lhe as nossas diferentes espécies de m oedas, e os m etais de que
eram constituídas; fiz-lhe conhecer a sua utilidade, dizendo-lhe
que quem possuísse m uitas era feliz; que então envergava boas
roupas; possuía boas casas, boas propriedades; que com ia
pratos finos; e que tinha boas fêm eas à disposição; que, por essa
razão, nunca acreditavam os ter m uito dinheiro e que, quanto m
ais tinham os, m ais queriam os ter; que o rico ocioso abusava do
trabalho do pobre, que, para achar com que m antivesse a sua m

iservável existênciã, suãvã de m anã à noitẽ, sem ter um m om
ento de descanso.

- P ois quẽ! - atalhou sua honra - Toda a terra nã pertence a
todos os anim ais e nã tẽm eles direito igual aos frutos que ela
produz para seu alim ento? P or que hã Yahus privilegiados, que
colhem esses frutos com exclusã dos seus sem elhantes? E, se
alguns pretendem um direito m ais especial, nã devem ser
principalm ente aqueles que, pelo seu trabalho, contribuĩram para
tornar a terra útil?

-Nada disso! - lhe respondi - Aqueles que fazem viver todos os
outros pela cultura da terra sã exatam ente os que m orrem de
fome.

-Mas - prosseguiu ele -, que entende pela expressã de pratos
finos, quando m e disse que com dinheiro se com iam pratos finos
no seu paĩs?

P us-m e entãõ a explicar-lhe as iguãrias m ais esquisitas que
vulgarm ente aparecem na m esa dos ricos e os diferentes m
odos por que se preparam as carnes; disse-lhe sobre isto tudo

quanto me acudiu ao espírito e informei-o de que, para bem temperar as carnes, e sobretudo para ter bons licores, armavam os navios e emprendiam as longas e perigosas viagens pelo mar; de maneira que, antes de poder dar uma esplêndida refeição a algum das fêmeas de distinção, era preciso me andar em muitos navios às quatro partes do mundo.

- O seu país - retorquiu ele - é muito miserável, pois não fornece alimento para os seus habitantes! Nem sequer há água e são obrigados a atravessar os ares para encontrar de beber!

Repliquei-lhe que a Inglaterra, minha pátria, produzia tanto alimento que era impossível aos habitantes consumi-lo e que, com respeito à bebida, fabricavam os um excelente licor com suco de certos frutos ou com o extrato de alguns cereais; que, numa palavra, nada faltava para as nossas necessidades naturais; mas, para manter o nosso luxo e a nossa intemperança, enviavam os países estrangeiros o que tinham os mais no nosso e recebiam os dos outros o que não tinham os e que, em troca, traziam os artigos que serviam para nos tirar a saúde e nos encher o corpo de vícios; que esse amor pelo luxo, pelos pratos exóticos, e pelo prazer, era o princípio de todos os movimentos dos nossos Yáhus; que, para atingi-lo, era preciso enriquecer; que era isso que produzia ratoneiros, ladrões, perjuros, patifes, lisonjeiros, subornadores, falsários, falsas testemunhas, mentirosos, j

ogadores, im postores, fanfarrões, m aus autores, envenenadores, im pudentes, pretensiosos, ridículos, espíritos fracos. Foi-m e necessário definir todos estes term os.

Acrescentei que o trabalho que tinham os em ir buscar vinho em países estrangeiros, não era por falta de água ou de outro licor bom para viver, m as porque o vinho era um a bebida que nos tornava alegres; que nos fazia de algum m odo sair fora de nós m esm os; que afugentava do nosso espírito todas as idéias tristes; que enchia a nossa cabeça de m il im aginações loucas; que excitava a coragem , bania o receio e nos libertava, por algum tem po, da tirania do raciocínio.

- É - continuei eu - fornecendo aos ricos todas as coisas de que eles têm necessidade, que vive o nosso pequeno povo. P or exem plo: quando estou em m inha casa, vestido com o devo estar, trago sobre o m eu corpo o trabalho de cem operários. Um m ilhão de m ãos contribuiu para construir e m obilar a m inha casa, e ainda são precisos cinco ou seis vezes m ais para vestir m inha m ulher.

Tinha chegado ao ponto de descrever-lhe certos Yahun, que passam a vida j unto dos que estão am eaçados de a perder, isto

é, dos nossos médicos. Dissera a sua honra que a maior parte dos meus com panheiros de viagem tinha horrível doença; ele, porém, tinha uma ideia muito imperfeita do que eu lhe dissera. Sobre o caso, porém, tinha ele opinião bem diferente.

Imaginava que morriam os com o todos os outros animais e que não tinham outra doença além de fraqueza e de pesadelo algum antes de morrer, a menos que fossem os feridos por qualquer acidente. Fui, pois, obrigado a explicar-lhe a natureza e a causa das nossas outras doenças. Disse-lhe que comiam os sem fome; que bebiam os sem sede; que passavam os as noites a tomar bebidas abrasadoras sem comer absolutamente nada, o que inflamava as nossas entranhas, arruinava o nosso estômago e espalhava em todos os membros uma fraqueza e uma languidez mortais; que muitas fêmeas da nossa espécie tinham um certo vírus que dividiam com os seus amantes; que essa doença funesta, assim com o muitas outras, nascia algumas vezes conosco e nos era transmitida pelo sangue; enfim, que nunca mais acabaria, se quisesse expor-lhe todas as doenças a que estavam os sujeitos: que havia pelo menos quinhentas a seiscentas em relação a cada membro, e que cada parte, fosse externa, fosse interna, tinha uma infinidade, que lhe era própria.

- Para curar todos esses males - acrescentei - tinham os Yabus que se consagravam unicamente ao estudo do corpo humano, e que pretendiam, com remédios eficazes, extirpar as nossas doenças, lutar contra a própria natureza e prolongar as nossas vidas.

Com o que se tratava da minha profissão, expliquei com prazer a sua honra o método dos nossos médicos e todos os mistérios da medicina.

- Em primeiro lugar - continuei - é preciso supor que todas as doenças provêm de repleção, concluindo, por isso, os médicos, sentam-se, que a evacuação é necessária, seja por baixo, seja por cima. Para isso, fazem uma escolha de ervas, de minerais, de gomas, de óleos, de escamas, de sais, de excrementos, de cascas de árvores, de serpentes, de sapos, de rãs, de aranhas, de peixes, e de tudo isto nos fabricam um licor de um cheiro e gosto abomináveis, que faz ânsias ao coração, horroriza e revolta todos os sentidos. É este licor que os nossos médicos nos mandam beber para produzir a evacuação por cima, que se chama vômito. Entretanto tiram do seu armazém outras drogas, que nos fazem tomar pelo orifício de cima, quer

pelo orifício de baixo, conforme a sua fantasia; é, então, ou um medicamento que purga as entranhas e causa horríveis cólicas, ou é um clister que lava e relaxa os intestinos. A natureza - dizem eles, muito engenhosamente - deu-nos o orifício superior e visível para ingerir, e o orifício inferior e secreto para expulsar; ora, a doença muda a disposição natural do corpo; é preciso, pois, que o remédio faça o mesmo e com bata a natureza, e para isso é necessário trocar o uso dos orifícios, isto é, ingerir pelo de baixo e evacuar pelo de cima. Tem os ainda outras doenças que nada têm de reais, senão a sua imaginação. Os que são atacados por esta espécie de mal, chamam-se doentes de cisma. Também há para as curar remédios para verdadeiras doenças. Geralmente, as fortes doenças de imaginação atacam as nossas fêmeas; mas nós conhecemos os certos específicos naturais para as curar sem dor.

Certo dia, meu amigo dirigiu-me um cumprimento que eu não merecia. Com o lhe falasse das pessoas de qualidade de Inglaterra, disse-me que me julgava fidalgo, porque era muito mais limpo e mais bem feito do que todos os Yagus que viviam no seu país, em bora eu lhes fosse muito inferior em força e agilidade; que isso provinha, decerto, da minha diferente maneira de viver e de que eu não tinha apenas a faculdade de falar, mas possuía ainda alguns lampejos de raciocínio que poderiam

aperfeiçoar-se com a continuação das relações que travasse com ele.

Ao mesmo tempo fez-me observar que entre os portugueses se notava que os brancos e os alazões cinzentos não eram tão bem feitos como os baços castanhos, os cinzentos ruços e os pretos; que aqueles não nasciam com os mesmos talentos e as mesmas disposições que estes; que, por isso, ficavam toda a vida no estado de servidão, que lhes convinha, e que nenhum deles pensava em sair dessa situação para se elevar à de senhor, o que no país pareceria uma coisa enorme e monstruosa.

- É preciso - dizia ele - ficar na situação em que a natureza nos fez desabrochar; é ofendê-la, é revoltar-se contra ela querer sair da situação em que nos deu o ser. Quanto a si, decerto nasceu consoante é, porque tem de seu a nobreza, isto é: o seu bom espírito e a sua boa índole.

Agradei a sua honra humilde a boa opinião que formava a meu respeito, mas assegurei ao mesmo tempo que a minha ascendência era modesta, pois descendia apenas de uma honesta família, que me havia dado uma regular instrução.

Disse-lhe que a nobreza entre nós nada tinha de comum com a idéia que ele concebera; que os nossos fidalgos eram educados

desde a infância na ociosidade e no luxo; que, logo que a idade lhes permitia, esgotavam-se com fêmeas devassas e corruptas, contraindo odiosas doenças; que, quando haviam exaurido toda a fortuna e se viam completamente arruinados, casavam, e com quem? Com uma fêmea de baixo nascimento, feia, mal feita, doente, mas rica; que semelhante casal não deixava de engendrar filhos mal constituídos, amarfanhados, escrofulosos, disformes, o que continuava até à terceira geração, salvo se a judiciosa fêmea não remediasse isso, implorando o auxílio de algum amigo caridoso. Acrescentei que, entre nós, um corpo seco, magro, descarnado, fraco, doente, se tornara um sinal quase infalível de nobreza: que mesmo uma criança com pleição robusta e um aspecto de saúde iam tão mal a um homem de qualidade, que logo se concluía que era filho de algum criado de casa, a quem a mãe fizera seus favores, principalmente se possuir um espírito elevado, justo e bem feito, e se não fosse rombo, nem afeminado, nem brutal, nem caprichoso, nem devasso, nem ignorante.

CAPÍTULO VII

Paralelo entre os Yachus e os humanos.

O leitor estará talvez escandalizado com os retratos fiéis que tracei, então, da espécie humana, e da sinceridade com que falei ante um soberbo animal que formava já uma tão má opinião acerca dos Yachus; confesso, porém, ingenuamente, que o caráter dos huynhnm e as excelentes qualidades desses virtuosos quadrúpedes tinham feito uma tal impressão sobre o meu espírito, que não podia com pará-los a nós outros, humanos, sem desprezar os meus semelhantes. Este desprezo fez-me vê-los como quase indignos de toda consideração. Além disso, meu amor tinha a inteligência muito penetrante e

notava todos os dias na minha pessoa defeitos enormes, de que me não percebera e que olhava simplesmente com ligeiras imperfeições. As suas judiciosas observações inspiraram-me um espírito crítico e misantropo, e o amor que tinha pela verdade me fez detestar a mentira e tirar todo o disfarce às minhas narrativas.

Confessarei, contudo, ainda outra ingenuidade, um outro princípio da minha sinceridade. Quando passei um ano entre os huynhnm, senti por eles tanta amizade, respeito, estima e

veneração, que resolvi então nunca mais pensar em voltar ao meu país, mas acabar os meus dias nesta feliz região, aonde o céu me conduziu para me ensinar a cultivar a virtude. Por muito feliz me daria, se a minha resolução tivesse sido eficaz! Mas o azar, que sempre me perseguiu, não me permitiu que eu gozasse dessa felicidade. Seja com o for, agora que estou em Inglaterra, sinto-me bem contente por não ter dito tudo e haver ocultado aos meus três quartos das nossas extravagâncias e vícios; em palidez até, de vez em quando, tanto quanto me era possível, os defeitos dos meus com patriotas. Em bora os revelasse, usava de restrições mentais e tentava dizer o falso sem me sentir. Não era eu digno de desculpa nisto? Quem não é um pouco parcial, quando se trata da própria pátria?

Relatei até aqui a sumula das conversas que tive com meu amo, durante o tempo em que me honrei de estar a seu serviço; mas, para evitar ser prolixo, passei em claro muitos outros assuntos.

Um dia, em que me andou chamando-me de madrugada e ordenou que me sentasse a alguma distância dele (honra que ainda me não havia dado), falou assim :

- P assei pelo m eu espírito tudo que m e tem dito, quer a seu respeito, quer a respeito do seu país. Vej o claram ente que o senhor e os seus com patriotas têm um a centelha de espírito, sem que possa adivinhar com o esse pequeno dom lhes

coube em partilha; m as vej o tam bém que o uso que fazem dele é apenas para aum entar todos os seus defeitos naturais e para adquirir outros, que a natureza lhes não deu. É certo que se parecem com os Yahus deste país pela configuração exterior e que só lhes falta, para serem perfeitam ente iguais a eles, força, agilidade e garras m ais com pridas. Mas, pelo lado dos costum es, a sem elhança é com pleta. Odeiam -se m ortalm ente e o m otivo que encontram os para isso é que vêem reciprocam ente a sua fealdade e a sua odiosa configuração, sem que nenhum olhe para si próprio. Com o os senhores possuem um átom o de raciocínio e com preendem que a vista recíproca da im pertinente figura dos seus corpos era igualm ente um a coisa insuportável e que os tornaria odiosos m utuam ente, têm o bom senso de os encobrir por prudência e am or-próprio; m as, apesar desta precaução, não se odeiam m enos, porque outros assuntos de divergência, que reinam entre os nossos Yahus, tam bém reinam entre os senhores. Se, por exem plo, atiram os carne a cinco Yahus, que bastaria para saciar cinqüenta, esses cinco anim ais, gulosos e vorazes, em vez de com erem em paz o que se lhes dá em abundância, lançam -se uns contra os outros,

m ordem -se, dilaceram -se e todos querem tudo para si, de maneira que tem os de os servir à parte e m esm o prender os que já estão saciados, com receio de que se lancem sobre os outros, que ainda não o estão. Se algum a vaca da vizinhança m orre de velhice ou de acidente, os nossos Yahus m al sabem da agradável notícia, entram todos em campo, rebanho contra rebanho, curral contra curral, a ver qual se apossará da vaca. Batem -se, arranham -se, dilaceram -se, até que a vitória penda para um lado e, se não há m orticínio, é porque não têm o raciocínio dos Yahus da Europa para inventar m áquinas de carnificina e outras espécies de armas assassinas. Tem os, em alguns pontos da região, certas pedras brilhantes de diversas cores, que os nossos Yahus m uito apreciam . Quando as encontram , fazem o possível para as desenterrar de onde estão ordinariamente metidas; trazem -nas para as suas habitações e fazem delas um montão, que ocultam cuidadosamente e que vigiam sem descanso com o um tesouro, tomando cuidado em que os com panheiros não o descubram . Não podem os ainda compreender de onde lhes provém tão forte tendência para estas pedras brilhantes e para que lhes podem ser úteis; m as suponho agora que essa avareza dos seus Yahus, a que aludiu, se encontram bém nos nossos, e que é isso que os torna apaixonados pelas pedras brilhantes.

Quis um a vez tirar a um dos nossos Yachus o seu querido tesouro; o anim al, vendo que lhe tinham arrebatado o obj eto da sua paixão, desatou a gritar com todas as forças dos seus pulm ões; enfureceu-se e depois caiu em grande fraqueza; tornou-se lãnguico, não com eu, não dorm iu, não trabalhou até que eu desse ordem a um dos meus criados para lhe restituir o tesouro, colocando-o no sítio de onde o havia tirado. Então o Yahu com eçou a voltar ao seu habitual bom hum or e nunca mais deixou de esconder os seus tesouros em outro ponto mais seguro. Quando um Yahu descobre, num cam po, uma dessas pedras, muitas vezes aparece um outro que lha disputa; enquanto se agri dem , vem um terceiro e arrebatada a pedra; assim finda a questão. Segundo o que me disse, as suas questões não acabam tão depressa no seu país, nem com tão pouca despesa. Aqui, os dois pleiteantes (se esse nome se lhes pode aplicar) ficam quites por nem um nem outro ficar com o obj eto disputado; em contrário do que acontece no seu país, onde, pleiteando-se, se perde o que se quer ter e o que não se tem . Muitas vezes os nossos Yachus são atacados por uma fantasia, cuja causa não podem os perceber. Gordos, bem alimentados, dorm indo em boas camas, tratados com meiguice pelos donos, cheios de saúde e de força, caem de repente num abatimento, num desgosto, numa negra melancolia, que os torna moles e estúpidos. Neste estado, fogem dos seus com panheiros, não com em , não saem ;

parecem sonhar com o canto das suas habitações e abismar-se nos seus lúgubres pensamentos. Para os curar dessa doença, encontram os apenas um remédio: é despertá-los por um tratamento um pouco rude e em pregá-los em trabalhos difíceis. A ocupação que lhes dá os põe em movimento todo o seu espírito e faz readquirir a sua natural vivacidade.

Quando me lembro e narrou este fato com pormenores, não pude deixar de pensar no meu país, em que muitas vezes acontece a mesma coisa e em que se vêem homens cumalados de bens e honras, cheios de saúde e de robustez, cercados de prazeres e livres de todas as inquietações, cair de repente em tristeza e languidez, tornar-se pesados a si próprios, consumir-se em quimeras reflexões, apouquentar-se, acabrunhar-se e não fazer uso algum da sua razão, entregues aos flatos hipocondríacos. Estou persuadido de que o remédio que convém a estas doenças é aquele que se dá aos Yagus, e que uma vida laboriosa e árdua é um excelente regime para a tristeza e a melancolia. É um remédio que eu próprio experimentei e aconselho ao leitor amigo para prevenir o mal, incito-o a nunca ser ocioso; e, posto que não tenha situação alguma definida, peço-lhe que observe que há diferença entre nada fazer e nada ter que fazer.

- Os nossos Yahun - prosseguiu m eu am o - têm um a violenta paixão por certa raiz que dá m uito sum o. Buscam -na com entusiasmo e sugam -na com extremo prazer e sem se cansar. Então se os vê ora a acariciar-se, ora a esgatanhar-se, ora a gritar e fazer caretas, ora a pairar, dançar, deitar-se no chão, rolar e adormecer na lama. As fêmeas dos Yahun parecem recear e fogem à aproximação dos machos; não consentem que as acariciem abertamente à vista de outrem; a menor liberdade em público fere-as, revolta-as e põem -nas zangadas; quando, porém, um a dessas castas fêmeas vê passar num ponto desviado algum Yahu novo e perfeito, oculta-se por detrás de uma árvore ou num silvado, mas de maneira que o Yahu possa vê-la ao passar e abordá-la. Logo ela foge, mas olhando muitas vezes para trás, e conduz tão bem o seu maneio que o apaixonado Yahu, que a persegue, atinge-a por fim num local favorável ao mistério e aos seus desejos. Aí, doravante ela aguardará o seu novo amante, que não deixará de com parecer à entrevista, salvo se alguma aventura idêntica se apresenta no seu caminho e lhe faz esquecer a primeira. Mas a fêmea é a própria que falha algumas vezes; a mudeança agrada aos dois sexos e a diversidade é tanto do gosto de um com o do outro. O prazer de uma fêmea consiste em ver os machos cair, morder-se, arranhar-se, dilacerar-se por sua causa; excita-os ao combate e torna-se o prêmio do vencedor, ao qual se entrega

para o agatilhar em seguida ou para se deixar agatilhar por ele próprio, e é assim que findam todos os amores. Amam loucamente os filhos; os machos, que se julgam os pais, querem-nos, ainda que lhes seja impossível assegurar-se de que tenham concorrido em parte para o seu nascimento.

Esperava que sua honra me fosse dizer-me a algum a coisa com respeito aos costumes dos Yahun e que nada lhe escaparia dos seus vícios. Corava de antemão pela honra da minha espécie e temi que me fosse descrever todos os gêneros de impudência que reinam entre os Yahun do seu país; teria sido terrível a imagem das nossas devassidões em moda, em que a natureza não basta para os nossos desenfreados desejos, em que esta natureza se procura sem se encontrar, e em que inventam os prazeres desconhecidos aos outros animais, vício odioso para o qual só os Yahun têm tendência, e que o raciocínio não pôde banir do nosso hemisfério.

CAPÍTULO VIII

Filosofia e costumes dos huy hnhms.

Algum as vezes solicitei do meu amigo que me deixasse ver os rebanhos dos Yachus da vizinhança, a fim de examinar-lhes pessoalmente as maneiras e propensões. Consciente da aversão que lhes tinha, não receei que a vista e o contato com eles me corrompessem; quis, porém, que um corpulento alazão tostado, um dos seus criados fiéis e muito mais velho, me acompanhasse, receoso que me acontecesse algum acidente.

Os Yachus olharam-me com o mesmo semblante seu, principalmente depois de me terem visto as mangas arregaçadas, com o peito e braços nus. Quiseram, então, aproximar-se de mim, e comeceram a arredar-me, pondo-se em pé nas patas traseiras, levantando a cabeça e colocando uma das patas na ilharga. A vista da minha configuração fazia-os soltar gargalhadas. No entanto, testem unham-me menos aversão e ódio, com o fazem sempre os macacos selvagens à vista de um macaco aprisionado, que usa um chapéu, enverga uma roupa e anda de meias.

Com eles apenas me aconteceu uma aventura. Certo dia em que fazia muito calor e em que eu me banhava, uma jovem Yahu acercou-se de mim e desatou a apertar-me e com quanta força tinha. Soltei grandes gritos e supus que as suas garras me dilacerariam ; mas apesar da fúria que a animava e da raiva que lhe brilhava nos olhos, não me fez a menor arranhadura. O alazão acudiu, ameaçou-a e ela fugiu logo. Esta ridícula história, referida depois em casa, foi motivo de grande galhofa para mim e para toda a família, enquanto para mim foi causa de vergonha e enleio. Não sei se devo observar que esta Yahu tinha cabelos pretos e a pele mais cinzenta do que todas as que tinha visto.

Com o me demorei três anos naquela região, decerto o leitor espera de mim, a exemplo de todos os outros viajantes, que faça uma narrativa ampla dos habitantes desse país, quero dizer, dos huy hnhms, e que exponha pormenorizadamente os seus usos, costumes, máximas e modos. É isso também o que vou fazer, mas em poucas palavras.

Com os huy hnhms, que são os senhores e os animais dominantes nesta região, nasceram com grande propensão para a virtude e nem sequer fazem a ideia do mal com relação a uma criatura racional, a principal máxima é cultivar e aperfeiçoar o

seu raciocínio e tom á-lo por guia em todos os seus atos. Entre eles, a razão não produz problemas com o entre nós e não forma argumentos igualmente verossímeis pró e contra. Ignoram o que seja suscitar dúvidas, de fazer sentimentos absurdos e máximas perniciosas ou indignas a favor da

probabilidade. Tudo o que eles dizem, convence, porque não afirmam coisa alguma obscura, duvidosa, desfigurada ou disfarçada pelas reflexões e pelo interesse. Recordo-me de que tive muito trabalho em fazer com preender a meu amigo o que entendia pela palavra opinião, e com o era possível que nós discutíssemos algumas vezes e que raramente fossem os do mesmo parecer.

- Não é inútil a razão? - perguntava ele - A verdade não é uma só? Devem os garantir com o certo o que é duvidoso? Devem os negar positivamente o que não vem os claramente que pode ser? Por que se debatem questões que a evidência não pode decidir, sobre as quais, fosse qual fosse o partido que tomassem, sempre encontrariam a dúvida e a incerteza? Para que servem todas essas conjecturas filosóficas, todos esses vãos raciocínios acerca de matérias incompreensíveis, todas essas indagações estéreis e essas eternas discussões? Quem tem boa vista não anda aos encontros: com uma razão pura e penetrante não se deve contestar e, se assim o fazem, é porque é preciso

que a sua razão esteja coberta de trevas ou que odeiem a verdade.

Era uma coisa admirável a sã filosofia deste cavalo; Sócrates nunca raciocinou com tanta sensatez. Se seguissem os estas máximas, haveria certamente na Europa menos erros de que os que existem. Mas, então, em que se tornariam as nossas bibliotecas? Que seria feito da reputação dos nossos sábios e do negócio dos nossos livreiros? A república das letras seria apenas a da razão e nas universidades só haveria aulas de bom senso.

Os homens se amam e se auxiliam mutuamente, auxiliam-se, amparam-se e consolam-se mutuamente: não se invejam, não são cielos da felicidade dos vizinhos; não atentam contra a liberdade e a vida dos seus semelhantes: julgariam-se infelizes, se algum dia o fizessem; dizem, a exemplo de um antigo: *Nihil caballorum a me alienum puto* (1). Não maldizem uns dos outros; a sátira não encontra neles nem princípio nem meio; os superiores não oprimem os inferiores com o peso do seu grau e da sua autoridade; o seu modo de proceder, justo, prudente e moderado nunca produz murmurações; a dependência é um laço e

não um jugo, e o poder, sem pre submetido às leis da equidade, é respeitado sem ser temido.

Os seus casamentos são melhor regulados do que os nossos. Os machos escolhem para esposas fêmeas da sua cor. Um ruço-malhado casa sempre com uma ruço-malhada, e assim consecutivamente. Por esta razão nunca se vê mudança, revolta ou má língua nas famílias. Os filhos são o vivo retrato dos pais; as armas e o título de nobreza consistem na conformação, estatura, cor e qualidades, que se perpetuam na descendência, de maneira que não se vê um cavalo magnífico e soberbo gerar um sendeiro, nem de uma sendeira nascer um bonito cavalo, com o muitas vezes acontece na Europa.

Entre esses animais não há desavenças caseiras. A esposa é fiel ao marido, e o marido paga-lhe na mesma moeda.

Um e outro, em bora envelheçam, não esfriam as suas relações, quando mais não sejam as do coração; apesar de permitidos, o divórcio e a separação nunca foram postos em prática; os esposos são sempre amantes e as esposas sempre queridas; eles não são imperiosos, elas não são rebeldes e nunca pensam em recusar aquilo a que os maridos têm direito e que quase sempre se encontram em estado de exigir.

A castidade mútua é o fruto da razão e nunca do receio, atenção ou preconceito. São castos e fiéis, porque, para conservar tanto a suavidade como a boa ordem da vida, assim é preciso e oportuno. É o único motivo que lhes faz considerar a castidade como uma virtude. Além disso, têm na conta de um vício condenado pela natureza a negligência de uma propagação legítima da sua espécie e aborrecem tudo quanto pode causar obstáculo ou demora no cumprimento desse dever.

Educam os filhos com extraordinário cuidado. Enquanto a mãe vela pelo corpo e pela saúde, o pai atende ao espírito e à razão. Reprimem-nos tanto quanto possível os ímpetos e os ardores fogosos da juventude e casam-nos cedo, em conformidade com os conselhos da razão e os desejos da natureza. Enquanto esses casamentos não se realizam, não consentem aos moços mais do que uma concubina, que mora na mesma casa e faz parte do número de criados, mas é sempre despedida nas vésperas do casamento.

As fêmeas recebem pouco mais ou menos a mesma educação dos machos, e aprendem o que me achava

desarrazoado e ridículo o nosso costum e sobre esse ponto. Dizia que m etade da nossa espécie só tinha talento para se m ultiplicar.

O m érito dos m achos consiste principalm ente na força e na ligeireza, e o das fêm eas na m eiguice e na docilidade. Se um a fêm ea possui as qualidades do m acho, procuram -lhe um m arido que tenha as qualidades da fêm ea; nesse caso tudo é com pensado e acontece, com o às vezes entre nós, que o m arido é a m ulher e a m ulher, o m arido. Assim , os filhos gerados por estes casais não degeneram e perpetuam felizm ente as qualidades dos autores dos seus dias.

CAPÍTULO IX

Parlamos então dos huy hnhms - Questão importante ventilada nesta assembleia de toda a nação - Porém enoques acerca de alguns usos do país.

Durante a minha permanência no país dos huy hnhms, quase três meses antes da minha partida, houve uma assembleia geral da nação, uma espécie de parlamento, em que meu amigo se apresentou com o deputado do seu cantão. Trataram de um assunto que já tinha sido posto cem vezes em discussão e que era o único assunto que nunca fora partilhado pelos espíritos dos huy hnhms. Meu amigo, no regresso, referiu-me tudo o que se passara a esse respeito.

Tratava-se de resolver se era absolutamente necessário acabar com a raça dos Yachus. Um dos membros sustentava e apoiava a sua opinião com diversas provas muito fortes e muito sólidas. Pretendia que o Yahu era o animal mais disforme e mais perigoso que a natureza até então tinha produzido; que era igualmente maldicioso e insubmissivo e que só pensava em prejudicar os outros animais. Recordou uma antiga tradição espalhada pelo país, segundo a qual se assegurava que os Yachus não tinham existido sem premissas, num certo século, haviam

aparecido dois no alto de uma montanha. Ou porque fossem formados de um limo gordo ou glutinoso, aquecido pelos raios do sol, ou porque tivesse saído da vasa de qualquer pântano, ou porque a espuma do mar os fizesse desabrochar, o caso é que esses dois Yahun geraram muitos outros e a sua espécie se tinha multiplicado de tal maneira, que o país estava cheio deles; que, para prevenir os inconvenientes de semelhante procriação, os Yahun tinham outrora ordenado uma caçada geral aos Yahun; que fora apanhada grande porção deles e que, depois de haverem destruído todos os velhos, haviam conservado os mais novos para os aprisionar o mais que lhes fosse possível com respeito a um animal tão mau e que os haviam destinado a serem domesticados. Acrescentou que o que havia de mais certo nesta lenda é que os Yahun não eram Yahuniam sky (isto é, aborígenes). Demonstrou que os habitantes da região tinham tido a imprudente fantasia de se servir dos Yahun em detrimento do uso dos burros, que eram excelentes animais, meigos, pacíficos, dóceis, submissos, que com qualquer coisa se alimentavam, infatigáveis, e que tinham o único defeito de possuir uma voz desagradável, embora muito menos do que a maior parte dos Yahun.

Logo que os outros deputados tinham discursado diversamente, porém com muita eloquência, a respeito do mesmo

assunto, meu amigo levantou-se e apresentou uma judiciosa proposta, cuja idéia eu lhe inspirara. A princípio confirmou a tradição popular pelo seu sufrágio e apoiou o que sabiam entre tinha dito sobre esse ponto de história o honrado membro que usara da palavra antes dele. Mas acrescentou que esses dois primeiros Yahus, de que se tratava, tinham vindo de qualquer país de além-mar, e haviam desembarcado e sido abandonados pelos seus companheiros; que primeiro entre si tinham retirado para as montanhas e para as florestas; que, na continuação, a sua índole se alterara; que se haviam tornado selvagens e ferozes e completamente diferentes dos da boa espécie, que habita em países afastados. Para estabelecer e apoiar solidamente esta proposta, disse que tinha em sua casa, desde algum tempo, um Yahu muito extraordinário, de quem certamente os membros da assembleia tinham ouvido falar e que até muitos o haviam visto. Contou, então, como me encontrara a princípio e como meu corpo era coberto de uma composição artificial de pêlos e de peles de animais; disse que possuía uma linguagem que me era própria e que, no entanto, aprendera perfeitamente a sua; que eu lhe referira o acidente que me trouxera a esta costa; que me vira despido e nu, e observara que eu era um verdadeiro e perfeito Yahu se não fora a pele branca ter pouco pêlo e garras curtas em demasia.

- Este Yahu estrangeiro - acrescentou - quis-me e persuadir de que, no seu país e em muitos outros que percorreu, os Yahus são os únicos animais senhores, dominantes e racionais, e que os huy hnhms vivem na escravidão e na miséria. Tem certamente todas as qualidades exteriores dos nossos Yahus, mas é preciso confessar que é mais bem educado e tem alguma tintura de razão. Não raciocina como um huy hnhm, mas ao menos possui conhecimentos e luzes muito superiores às dos nossos Yahus. Mas aqui está, senhores, o que vai surpreendê-los e para o que peço a máxima atenção; acreditá-lo-ão? Assegurou-me que, no seu país, os huy hnhms eram feitos eunucos desde a mais tenra idade; que isto os fazia mais meigos e dóceis, e que essa operação era feita muito bem e sem perigo algum. Será a primeira vez, senhores, que os animais nos terão dado alguma lição e que terem os seguido o seu exemplo? A formiga não nos ensinou a sermos industriais e previdentes? E não foi a andorinha que nos deu as primeiras luzes de arquitetura? Concluo, pois, que pode muito bem ser introduzido no nosso país, com respeito aos jovens Yahus, o uso da castração. A vantagem que daí resultará é que os Yahus, assim utilizados, serão mais meigos, mais submissos, mais tratáveis e, por esse meio, destruirão aos poucos e poucos essa maldita raça. Sou mesmo de opinião que se exortem todos os huy hnhms a educar com grande cuidado os burricos que são, na verdade, preferíveis aos Yahus a todos os respeito, principalmente os que são

capazes de trabalhar com a idade de cinco anos, enquanto os Yahus de nada são capazes, até aos doze.

Foi isto o que me eu am o referiu acerca das deliberações do parlamento. Não me disse, porém, uma outra particularidade que me interessava pessoalmente e de que cedo principiei a conhecer os funestos efeitos; é esta a principal época da minha vida infortunada! Mas, antes de explicar este assunto, preciso ainda dizer alguma coisa do carácter e usos dos huy hnhms.

Os huy hnhms não têm livros; não sabem ler nem escrever e, por conseguinte, toda a sua ciência consiste na tradição. Com o este povo é pacífico, unido, prudente, virtuoso, muito razoável e não tem comércio algum com os povos estrangeiros, são raríssimos os grandes acontecimentos no seu país, e todos os traços da sua história, que merecem ser conhecidos, podem muito bem ser conservados na memória que não a sobrecarregam.

Não têm doenças nem médicos. Confesso que não posso resolver se o defeito dos médicos provém do defeito das doenças, ou se o defeito das doenças provém dos defeitos dos

édicos; isto, porém, não quer dizer que, de vez em quando, não tenham algum as indisposições; mas sabem curá-las com facilidade pelo perfeito conhecimento que têm das plantas e das ervas medicinais, visto com o estudo incessante da botânica nos seus passeios e muitas vezes mesmo durante as refeições.

A sua poesia é muitíssimo bela e principalmente muito harmoniosa. Não consiste numa pieguice familiar e baixa, nem numa linguagem afetada, nem num precioso calão, nem em pontos epigramáticos, nem em subtilezas obscuras, nem em antíteses pueris, nem nas agudezas dos espanhóis, nem nos concetti dos italianos, nem nas figuras exageradas dos orientais. A agradabilidade e a justeza das comparações, a riqueza e a exatidão das descrições, a ligação e a vivacidade das imagens formam a essência e o carácter da sua poesia. Meu amigo recitava-me algumas vezes trechos admiráveis dos melhores poemas. Era um encanto! Persuadia-me de que estava ouvindo Homero, Virgílio ou Milton!

Quando um homem morre isto não aflige nem alegria ninguém. Os parentes mais chegados e os melhores amigos olham para o seu falecimento com olhos enxutos e indiferentes.

O próprio moribundo não demonstra o menor pesar por deixar o mundo; parece terminar uma visita e despedir-se de uma sociedade com quem se entreteve muito tempo. Recordo-me de que me chamou, tendo convidado certo dia um dos seus amigos e respectiva família para tratar com ele determinado assunto importante, combinaram de parte a parte o dia e a hora. Ficamos muito surpreendidos de não os ver chegar à hora marcada. Por fim, apareceu a mulher, acompanhada de dois filhos, mas um pouco mais tarde, e disse ao entrar que a desculpassem, porque o marido cometera essa manhã de um desastre inesperado. No entanto, não se serviu da palavra morrer, pois semelhante termo é considerado com a expressão descortês, mas da snuwnh, que literalmente significava ir ter com a avó! Durante todo o tempo que se demorou na casa, esteve muito alegre, e daí a três meses morreu também alegremente, após uma agradável agonia.

A maior parte dos huyhnims vive entre setenta e setenta e cinco anos, e poucos atingem os oitenta. Algumas semanas antes de morrer pressentem vulgarmente o seu fim e não ficam aterrados. Por então recebem as visitas e os cumprimentos dos amigos, que vêm desejar-lhes uma feliz viagem. Dez dias antes do passamento, o futuro morto, que quase nunca se engana nos seus cálculos, vai pagar as visitas que recebe, conduzido

num a liteira pelos seus Yahun; é nessa ocasião que se despede, usando as tradicionais formalidades, de todos os amigos e lhes diz o derradeiro adeus de cerimônia, com o se deixasse uma região para passar o resto da sua vida em outra.

Não quero esquecer de registrar aqui que os Tiuy hnhm s não possuem na sua língua termo para exprimir o que é mau, e servem-se de metáforas tiradas das deformidades e das más qualidades dos Yahun; dessa forma, quando querem exprimir a falta de jeito de um criado, a culpa de algum dos filhos, uma topada, um tempo chuvoso e outras coisas semelhantes, dizem o nome da coisa a que se querem referir, acrescentando-lhe apenas o epíteto de Yahu.

Por exemplo: para manifestar estas coisas, dirão : Hhnm -y ahu; whnaholm - y a hu; inbhm nawhnm a-y ahu; e para significar uma casa mal construída dirão: unholm h-um rohlnw-y ahu.

Se algum dos meus queridos leitores quiser ter mais alguns conhecimentos com respeito aos usos e costumes dos Tiuy hnhm s, é favor ter a bondade de esperar que um grosso in quarto, que preparo sobre este assunto, esteja concluído. Dentro em breve, publicarei o prospecto anunciador e tenho a certeza de que os assinantes não ficarão logrados nas suas

esperanças e nos seus direitos. Entretanto, peço ao público a fineza de se contentar com este resumo e que me dê licença para acabar de contar o resto das minhas aventuras.

CAPÍTULO X

Felicidade do autor no país dos huy hnhnm s - Os agradáveis prazeres que saboreia com as conversas entabuladas com eles - Modo de vida que leva naquela região - É banido desse país por ordem do parlam ento.

Fui sem pre am igo da ordem e da econom ia, e, em qualquer situação em que m e encontrasse, arranji sem pre de m odo a regularizar e a industrializar a m inha m aneira de viver. Meu am o, porém , m arcara terreno para m inha m oradia quase a seis passos da casa, e essa m oradia, que era um a cabana conform e o uso do país e m uito parecida com a dos Yahus, não era agradável nem côm oda. Fui buscar barro com que fiz quatro paredes e um sobrado e, com

um j unco, fabriquei um a esteira com a qual cobri a m oradia. Apanhei cânham o, que crescia à vontade pelo cam po. Lim pei-o, fiei-o e do fio m anufaturei um a espécie de pano, que enchi de penas de aves, para arranjar um a cam a m acia, onde dorm isse à vontade. Com a m inha faca e o auxílio do alazão fiz um a cadeira e um a m esa. Quando m inha roupa ficou com pletam ente esfarrapada, engendrei outra de peles de coelho a que j untei as de certos anim ais cham ados nnuhnoh, que são m uito bonitos

e quase do mesmo tamanho, e cuja pele é coberta de um finíssimo pêlo. Com esta pele arranhei também excelentes maneiras.

Talhei para solas dos sapatos pedaços de madeira muito adelgaçados e substituí o cabedal por pele de Yahu. Quanto à comida, além da que acima aludi, apanhava algumas vezes mel dos troncos das árvores e comia-o com o meu pão de aveia. Ninguém experimentou tanto com o eu que a natureza com pouco se contenta e que a necessidade é mãe do engenho.

Gozei de uma saúde perfeita e de um sossego de espírito inalterável. Não me via exposto nem à inconstância e traição dos amigos, nem às invisíveis ciladas ocultas dos inimigos. Não tinha tentações para vir vergonhosamente fazer corte a um fidalgo ou à dama ante, para me conceder honra da sua proteção e da sua benevolência. Não era obrigado a precaver-me contra a fraude e a opressão; não tinha aí espião ou denunciante pago, nem lord-meior crédulo, político e estouvado ou alfazejão. Aí não receava ter a minha honra menoscabada por absurdas acusações, e a minha liberdade vergonhosamente roubada por conspirações indignas nem ordens de prisão sacadas por alicantinas. Naquele país não havia médicos para me envenenarem, procuradores para me arruinarem, nem autores para me aborrecerem. Não me via rodeado de trocistas, de gracejadores, de maldizentes, de críticos, de caluniadores, de

ratoneiros, de espíritos fracos, de hipocondríacos, de tagarelas, de caturras, de facciosos, de sedutores, de falsos sábios.

Não havia por lá mercadores fraudulentos, peralvilhos, loquazes, desenxabidos, delicados, namoradores adanados, presumidos, espadas de arrasto, bêbados, invertidos e pedantes.

Os meus ouvidos não tinham sido enxovalhados por conversas licenciosas e ímpias; os meus olhos não eram impressionados nem pela presença de um maroto rico e educado nem pela de um honrado homem abandonado tanto à sua virtude como ao seu mau destino.

Tinha a honra de me entender muitas vezes com os senhores huylinismos, que visitavam meu amô, que consentia que eu, de vez em quando, entrasse na sala para me aproveitar da sua conversa. Aquela sociedade dirigia-me às vezes algumas perguntas, às quais eu tinha a honra de responder. Acompanhava tam bém meu amô nas suas visitas, mas permanecia sempre em silêncio, salvo se me interrogavam. Fazia de personagem auditor com infinito prazer: tudo o que ouvia era útil e agradável e sem

pre expresso em poucas palavras, porém com graça; o melhor bem-estar era observado sem cerimônia; cada um dizia o que lhe podia agradar. Nunca se interrompiam, nunca se davam as longas e fastidiosas narrativas, nunca havia discussões, nunca se chicanava.

Tinham por máximo que, numa sociedade, é bom que o silêncio reine de vez em quando, e parece-me que tinham razão. Neste intervalo, e durante esta espécie de tréguas, o espírito fornece-se de idéias novas e a conversa torna-se depois mais animada e viva. As conversas baseavam-se sempre sobre as vantagens e agrados da amizade, sobre os deveres da justiça, a bondade, a ordem, as admiráveis obras da natureza, as antigas tradições, as condições e limites da virtude, as invariáveis regras do raciocínio; algumas vezes sobre as deliberações da próxima reunião do parlamento e muitas outras sobre o mérito dos seus poetas e as qualidades da boa poesia.

Posso dizer, sem vaidade, que eu próprio fornecia, algumas vezes, conversa, isto é, dava ensejo a fortes raciocínios; porque me eu am o narrava-lhes, de vez em quando, as minhas aventuras e a história do meu país, o que lhes fazia ter reflexões muito pouco vantajosas para a raça humana e que, por essa razão,

não apontarei. Observarei apenas que me eu amo parecia conhecer melhor a natureza dos Yahunos que vivem nas outras partes do mundo que eu próprio conhecia. Descobria a fonte de todos os nossos desvairamentos, profundava a matéria dos nossos vícios e das nossas loucuras, e adivinhava uma infinidade de coisas de que eu nunca falara. Isto não deve parecer incrível, pois conhecia a fundo os Yahunos do seu país, de maneira que, supondo neles um pequeno grau de raciocínio, calculava o que seriam capazes com esse acréscimo, e o seu cálculo era sempre justo.

Confessarei aqui ingenuamente que as poucas luzes e filosofia que hoje possuo, apanhei-as nas sábias lições desse caro amigo e nas conversas de todos esses seus judiciosos amigos, conversas preferíveis às douradas conferências das academias de Inglaterra, Alemanha e Itália. Tinha por todos esses personagens uma inclinação mesclada de respeito e temor, e sentia-me penetrado de

reconhecimento pela bondade que tinham para comigo, não me confundindo com os seus Yahunos e de me crearem um pouco menos im perfeito do que os do meu país.

Quando me lembrei brava de minha família, dos meus amigos, dos meus compatriotas e de toda a raça humana em geral, representavam-se-me todos com os verdadeiros Yahu, pelo rosto e pelo carácter, contudo um pouco mais civilizados, com o dom da palavra e um pequeno grau de raciocínio. Quando vi o meu rosto na água pura de um límpido regato, desviei-me imediatamente, não podendo suportar a vista de um animal que me parecia tão disforme como um Yahu. Os meus olhos, acostumados à nobre figura dos huynhneses, só neles encontrava beleza animal. À força de os contemplar e de lhes falar, tomara um pouco das suas conveniências, dos seus gestos, das suas atitudes, dos seus passos e hoje, que estou na Inglaterra, os meus amigos dizem-me, algumas vezes, que troto como um cavalo. Quando falo ou rio parece-lhes que rincho. Vejo-me todos os dias assediado a este respeito sem sentir o menor desgosto.

Nesta feliz situação, enquanto saboreava as doçuras de um perfeito repouso, em que me julgava tranqüilo para todo o resto da minha vida, e que o meu estado era o mais agradável e o mais digno de inveja, um dia meu amigo mandou-me chamar mais cedo do que era costume. Quando me encontrei junto dele, reparei em que estava muito sério, com ar inquieto e perturbado,

querendo falar e não podendo abrir a boca. Depois de algum tempo de silêncio dirigiu-me estas palavras:

- Não sei com o hei-de principiar, meu querido filho, o que tenho a dizer-lhe. Ficará ciente de que na última assembleia do parlamento, na ocasião em que foi posto em discussão o caso dos Yachus, um deputado representou à assembleia que era indigno e vergonhoso para mim desse guarida em minha casa a um Yahu, a quem eu tratava como a um huynhnm ; que me havia visto conversar com ele e sentir prazer em ouvi-lo, como se fosse um semelhante a mim; que era um processo contrário à razão e à natureza e que nunca se ouviu falar de uma coisa semelhante. Sobre este ponto, a assembleia exortou-me a fazer, de duas coisas, uma: ou juntá-lo aos outros Yachus, que vão me utilizar num dia destes, ou a fazê-lo partir para o país de onde veio. A maioria dos membros que o conhece e que o viu em minha casa, rejeitou a escolha e sustentou que era muito injusto e contrário à benevolência colocá-lo entre os Yachus deste país, em vista de ter um pouco de raciocínio e que seria um esmolar para lastimar que lhes comunique algum que os tornaria piores ainda; que além disso, sendo misturado com os Yachus,, poderia armarmos uma conspiração, sublevá-los, conduzir todos a uma floresta ou ao cimo de uma montanha, em seguida pôr-se à testa deles e vir cair sobre todos os huynhnm s para os destroçar e destruir.

Esta opinião foi aprovada por unanimidade de votos e, enfim, fui exortado a fazê-lo sair o mais breve possível. Apresso-me a dar-lhe conta deste resultado e não posso adiar-lo. Aconselho-o, pois, a que se ponha a nado ou então construa um pequeno objeto semelhante àquele que o trouxe a estes lugares e de que me fez descrição e que

volte por mar, conforme veio. Todos os criados desta casa e até os dos meus vizinhos auxiliá-lo-ão nessa tarefa. Se fosse só por mim, conservá-lo-ia toda a vida para serviço, porque tem boas inclinações, se se corrigir de alguns defeitos que possui e também de alguns maus costumes, pois tem feito todo o possível para se conformar, tanto quanto a sua desgraçada natureza era capaz, com a dos humanos.

Notarei, de passagem, que os decretos da assembleia geral da nação dos humanos se exprimem sempre pela palavra *hnhnloy n*, que significa exortação. Não podem conceber que se possa obrigar e constranger uma criatura racional, com o se ela fosse capaz de desobedecer à razão.

Este discurso caiu-me aos pés como um raio; fiquei logo em grande prostração e desespero: e, não podendo resistir à im

pressão da dor, desmaiou junto do meu amigo, que me julgou morto.

Quando recuperei um pouco os sentidos, disse-lhe com voz fraca e ar tristonho que, em bora não pudesse insurgir-me e contra a exortação da assembleia geral, nem contra a solicitude de todos os seus amigos, que o apressavam a afastar-me, parecia-me, contudo, segundo o meu fraco entender, que poderiam deliberar contra mim um castigo rigoroso; que me era impossível pôr-me a nado, pois o mais que poderia nadar seria um aléguas e que, no entanto, a terra mais próxima ficava talvez afastada cem léguas; que, com respeito à construção de um barco, nunca encontraria no país o que seria necessário para semelhante trabalho; que, contudo, queria obedecer, apesar da impossibilidade de fazer o que se me aconselhava e me dizia respeito com o uma criatura que está para morrer; que a presença da morte não me aterrorizava e que a esperava com o mesmo enojo dos males de que estava ameaçado; que, posto que pudesse atravessar os mares e voltar ao meu país por qualquer aventura extraordinária, teria então a desgraça de me encontrar com os Yachus, com os quais seria obrigado a passar o resto da minha existência e cair, em breve, em todos os seus maus hábitos; que sabia bem que as razões que haviam levado os senhores huyhnhs a essa resolução, eram muito fortes para que lhes

pudesse opor as de um desgraçado Yahu com o eu; que, nessa conformidade, aceitava o cativante oferecimento que me fazia dos seus criados para me auxiliar a construir o barco; que lhe pedia apenas que tivesse a bondade de me conceder certo prazo de tempo suficiente para dedicar-me a uma tarefa tão difícil, que era destinada à conservação da minha miserável existência; que, se algum dia chegasse à Inglaterra, trataria de me tornar útil aos meus compatriotas, traçando-lhes o perfil e as virtudes dos ilustres portugueses e apresentando-os para exemplo a todo o gênero humano.

Sua honra replicou-me em poucas palavras, e disse que me concedia dois meses para a construção do barco e, ao mesmo tempo, ordenou ao alazão meu com panheiro (porque me é lícito dar-lhe este nome na Inglaterra) que seguisse as minhas instruções, porque dissera a meu amigo que só ele me bastaria e eu sabia que me era muito afeiçoado.

A primeira coisa que fiz foi ir com ele para o sítio da costa, onde aportara havia tempo. Subi a um outeiro e, estendendo a vista para todos os lados na solidão dos mares, julguei enxergar para o nordeste uma ilha. Com o meu telescópio vi-a nitidamente, e calculei que estivesse afastada cinco léguas. Quanto ao bom alazão, dissera apenas que era uma nuvem. Com o nunca vira outra terra além daquela em que nascera, não tinha

vista capaz para distinguir no mar objetos afastados, com o eu, que passara a vida sobre esse elemento. Foi para esta ilha que primeiramente me resolvi dirigir, quando o meu barco estivesse pronto.

Voltei à casa com o meu com panheiro, e, depois de termos conversado um pouco, fomos à floresta, que estava um tanto longe, onde eu, com uma faca, e ele, com uma pedra cortante, encabadas com muita perfeição, cortam os madeiros necessários para o trabalho. A fim de não enfastiar o leitor com os pormenores da minha tarefa, basta dizer que, dentro de seis semanas, fizemos uma espécie de canoa, à maneira dos índios, mas muito mais larga, que cobri com peles de Yahu, cosidas com fios de linho. Manufaturei uma vela com peles idênticas, tendo escolhido para isso as dos Yahus novos, porque as dos velhos teriam sido muito duras e muito espessas; forneci-me de quatro remos; fiz provisão de uma porção de carne cozida, de coelhos e aves, com duas vasilhas, uma cheia de água e outra cheia de leite. Fiz a experiência da minha canoa num grande lago e corrigi todos os defeitos que lhe pude notar, tapando todas as aberturas com sebo de Yahu e tentando pô-la em estado de me levar com a minha pequena carga. Coloquei-a, então, sobre uma pequena carroça e fi-la conduzir

à margem por Yahus, sob as ordens do alazão e de um outro criado.

Quando tudo estava pronto e chegou o dia da minha partida, despedi-me e de mim eu amo, da senhora sua esposa e de toda a família, tendo os olhos rasos de lágrimas e o coração trespassado de dor. Sua honra, fosse por amizade, fosse por curiosidade, quis ver-me na canoa e dirigiu-se para a costa com muitos amigos da vizinhança. Fui obrigado a esperar mais de uma hora em virtude da maré; então, notando que o vento estava de feição para me levar à ilha, fiz as últimas despedidas a mim eu amo. Ajoelhei-me a seus pés para lhes poder beijar e ele deu-me a honra de levantar o pé dianteiro até a minha boca. Se relato essa circunstância não é por vaidade; imito todos os viajantes, que não deixam de mencionar todas as honras extraordinárias com que foram recebidos. Fiz uma profunda reverência a toda a sociedade e, entrando na canoa, afastei-me da praia.

CAPÍTULO XI

O autor é atingido por uma flecha que lhe dirige um selvagem - É tomado por portugueses que o conduzem a Lisboa, de onde passa para a Inglaterra.

Com esta desgraçada viagem a 15 de Fevereiro no ano de 1715, pelas nove horas da manhã. Ainda que o vento fosse favorável, a princípio só me servi dos remos; considerando, porém, que depressa me fatigaria e que o vento poderia me udar, arrisquei-me a içar a vela e, por esta forma, com o concurso da maré, singrei quase pelo espaço de hora e meia. Meu amigo, com todos os seus companheiros da sua companhia, permaneceu na praia até me perder de vista e ouvi várias vezes o meu amigo alazão gritar: Hnuy illa ny ha m aj ah, que, traduzido em vulgar, significa: Tom a cautela contigo, gentil Yahu.

O meu desejo era descobrir, se pudesse, alguma ilha deserta e desabitada, onde apenas encontrasse com que me alimentar e vestir. Passaria, em tal situação, uma vida mil vezes mais feliz do que a de um primeiro ministro. Tinha um extremo horror em regressar à Europa e ser obrigado a viver na sociedade e sob o império dos Yahus. Na feliz solidão que procurava, esperava passar docemente o resto dos meus dias, envolvido na

meinha filosofia, usufruindo os meus pensamentos, não tendo outro fim além do soberano bem-estar, nem outro prazer que não fosse o testemunho da minha consciência, sem estar exposto ao contágio dos enormes vícios, que os hughenotes tinham feito entrever na minha detestável espécie.

O leitor, decerto, se recorda de que lhe disse que a tripulação do meu navio se revoltara contra mim e me aprisionara no camarote; que permanecera nessa situação durante muitas semanas, sem saber onde conduziam o meu navio e que, em suma, me haviam desembarcado sem me dizer onde me encontrava. Entretanto, julguei que estava a dez graus ao sul do Cabo da Boa Esperança e quase a quarenta e cinco de latitude meridional. Inferi de algumas conversas, que ouvira no navio, que tinham desejo de se dirigir a Madagascar. Embora isso não fosse senão uma conjectura, não deixei de tomar a resolução de singrar para leste, esperando refrescar-me ao sudoeste da Nova-Holanda, e daí dirigir-me a oeste para algumas das ilhotas que ficam nas proximidades. O vento estava diretamente para oeste, e, pelas seis horas da tarde, calculei que andara dezoito léguas para esse ponto.

Tendo, então, descoberto uma ilha afastada de seis léguas e meia, a ela aportei daí a pouco. Não passava de um verdadeiro rochedo, com uma pequena baía que as tempestades aí haviam formado. Amarei a canoa neste porto e, tendo trepado a um dos lados do rochedo, descobri para leste uma terra, que se estendia de norte a sul. Passei a noite na minha canoa e, no dia seguinte,

desatando a remar de madrugada e com grande coragem, cheguei às sete horas a um sítio da Nova-Holanda, que fica a sudoeste. Isto confirmou-me uma opinião que tinha já há tempo: que os mapas-úndi e as cartas geográficas colocavam este país emenos três graus para leste do que realmente está. Creio ter já, há muitos anos, comunicado o meu pensamento ao meu ilustre amigo, senhor Hermann Noll, e ter-lhe explicado as minhas razões; mas ele preferiu seguir a multidão dos autores.

Não avistei habitante algum no sítio onde desembarcava e, como não tinha armas, não quis aventurar-me nesse país. Apanhei na praia alguns mariscos que não me atrevi a cozer, com receio de que o fogo me fizesse descobrir aos habitantes da região. Durante os três dias que me demorei oculto naquele local, só me alimentei de ostras e outros mariscos, a fim de poupar as minhas provisões. Felizmente, encontrei um pequeno regato, cuja água era magnífica.

Ao quarto dia, aventurando-me a dar alguns passos nessa região, descobri talvez trinta habitantes, numa altura que ficava a uns quinhentos passos distante de mim. Estavam todos nus, homens, mulheres e crianças, e aqueciam-se em volta de uma fogueira. Um deles avistou-me e fez sinal aos outros. Então, destacaram-se cinco do grupo e puseram-se a caminhar, dirigindo-se para mim. Logo desatei a fugir para a praia, meti-me na canoa e remei com toda a força. Os selvagens seguiram-me ao longo da praia e arremessaram uma flecha que me atingiu o olho esquerdo, onde me fez uma larga ferida, de que ainda tenho cicatriz. Receei que o dardo estivesse envenenado; assim, tendo remado fortemen-te, pondo-me fora do alcance dos inimigos, tratei de espremer bem a ferida e depois liguei o olho conforme pude.

Estava seriamen-te em baraçado; não me atrevia a voltar ao sítio onde fora atacado e, como era obrigado a tomar o rumo norte, tornava-se-me preciso remar sempre, porque tinha o vento de nordeste. No momento em que lançava uma vista de olhos para todos os lados, a fim de descobrir alguma coisa, reparei, ao nordeste, numa vela que, momento a momento, crescia a olhos vistos. Não sabia se devia ou não caminhar para ela. Por fim, o horror que concebera por toda a raça dos Yachus fez-me tomar a

resolução de virar de bordo e rem ar para o sul, a fim de voltar a essa mesma baía de onde saíra de manhã, preferindo expor-me a toda a casta de perigo a viver com Yachus. Aproximei a canoa da praia o mais que me foi possível e, quanto a mim, ocultei-me a alguns passos, por trás de uma pequena rocha que estava perto do regato a que já me referi.

O navio avançou quase meia légua pela baía e mandou o escaler com tonéis para se fornecer de água. Este local era conhecido e visitado muitas vezes pelos viajantes, em virtude daquele regato. Os marinheiros, ao desembarcarem, viram primeiro a minha canoa e, principiando a examiná-la, sem grande trabalho notaram que aquele a quem pertencia não estava longe. Quatro deles, bem armados, procuraram por todos os lados e por fim encontraram-me escondido com a face voltada para o chão por trás da rocha. A princípio ficaram surpreendidos com o meu aspecto, minha roupa de peles de coelho, os meus sapatos de pau e as minhas meias forradas. Presumiram logo que não era daquele país, onde todos os habitantes andavam nus. Um deles ordenou que me levantasse e perguntou-me em língua portuguesa quem eu era. Fiz-lhe um grande cumprimento e nessa mesma língua, que entendia perfeitamente, respondi que era um pobre Yahu expulso do país dos huy hnhms e que lhe pedia que me

deixasse passar. Ficaram admirados de me ouvir falar a sua língua e calcularam, pela cor do meu rosto, que era europeu; não sabiam, porém, o que eu queria dizer com as palavras Yahu e Huy hnhnm; e, não puderam, simultaneamente, deixar de rir com a minha acentuação, que se assemelhava ao relincho de cavalo.

Percebi, pelo seu aspecto, meus olhos de tédio, e estava já na disposição de voltar-lhes as costas e dirigir-me para a canoa, quando puseram as mãos em mim e me obrigaram a dizer-lhes qual a minha naturalidade, de onde vinha e outras perguntas idênticas. Respondi-lhes que nascera na Inglaterra, de onde partira havia quase cinco anos e que, por então, reinava a paz entre aquele país e o meu; que, assim, esperava que tivessem a bondade de não me tratar com o inimigo, pois lhes não queria mal algum, e que era um pobre Yahu que buscava um a ilha deserta onde pudesse passar na solidão o resto da minha desafortunada existência.

Fiquei a princípio surpreendido, quando me falaram, e julguei ver um prodígio. Isto parecia-me tão extraordinário, como se ouvisse falar um cão ou uma vaca na Inglaterra.

Responderam-me com toda a humanidade e delicadeza possível

is, que me não apoquentasse, e que estavam certos de que o capitão queria em barcar-me e a bordo e levar-me e grátis para Lisboa, de onde poderia passar para a Inglaterra; que dois deles iriam naquele momento ter com o capitão para o informar do que tinham visto e receber as suas ordens; mas, ao mesmo tempo, salvo se lhes desse a minha palavra de não fugir, me ligariam. Disse-lhes que fizessem de mim tudo o que julgassem a propósito.

Tinham muita vontade de saber a minha vida e as minhas aventuras; mas dei-lhes poucas satisfações e todos concluíram que as minhas desgraças me haviam perturbado o espírito. Ao cabo de duas horas, a chalupa, que fora levar água doce ao navio, voltou com ordem de me conduzir imediatamente a bordo. Prostrei-me de joelhos para pedir que me deixassem à vontade e que não quisessem tolher-me a liberdade, mas foi em vão; fui ligado e metido no escaler, e nesse estado conduzido a bordo e ao camarote do capitão.

Chamava-se Pedro Mendes e era um homem muito generoso e delicado. Pedi-me, em primeiro lugar, que me dissesse quem era e depois perguntou-me se queria comer ou beber. Garantiu-me que seria tratado com o ele próprio e, enfim, disse-me coisas

tão obsequiosas, que fiquei admirado de encontrar tanta bondade num Yahu. Tinha, no entanto, um aspecto sombrio, sorum bático e rígido, e só respondi a todas as suas habilidades que a bordo da minha canoa

ainda tinha de comer. Ordenou, porém, que me servissem um frango e me fizessem beber excelente vinho; e, enquanto se esperava, mandou arranjar uma boa cama num quarto muito cômodo. Quando aí fui conduzido, não quis despir-me, e deitei-me na cama conforme estava. Ao fim de meia hora, enquanto toda a tripulação estava no jantar, fugi do quarto no desejo de me lançar a nado, a fim de não ser obrigado a viver com Yahus. Mas fui detido por um dos marinheiros, e o capitão, sendo informado da minha tentativa, ordenou que me encerrassem no quarto.

Depois do jantar, D. Pedro veio ter comigo e quis saber qual o motivo que me tinha levado a formar a empresa de um homem desesperado. Assegurou-me, ao mesmo tempo, que só tinha empenho em dar-me prazer, e falou-me de uma forma tão cativante e persuasiva que comeci a olhá-lo com o animo um pouco razoável. Referilhe, em poucas palavras, a história da minha viagem, a insurreição da tripulação do navio de que eu era o capitão, e a resolução que tinham tomado de me deixar sobre um ponto ignorado; declarei-lhe que passara três anos com os hinhnhms, que eram cavalos falantes e animais raciocinantes.

O capitão tomou tudo isso por visões e mentiras, o que me melindrou em extremo. Disse-lhe que esquecera a mentira desde que deixara os Yahus da Europa; que nos huynhnm não se mentia, nem mesmo às crianças ou criados; que, quanto ao mais, acreditaria o que lhe conviesse, mas estava pronto a responder a todas as dificuldades que poderia opor e me orgulhava de lhe poder fazer conhecer a verdade.

O capitão, homem sensato, depois de me haver dirigido outras perguntas, e ter visto que tudo o que dizia era justo, e que todas as partes da minha história se relacionavam umas com as outras, cometeu a formar melhor opinião da minha sinceridade, tanto mais que me confessou que havia tempo se encontrara com um marinheiro holandês que lhe disse que, com mais cinco camaradas, havia desembarcado numa certa ilha ou continente ao sul da Nova-Holanda, onde tinham tomado aguada; que haviam descortinado um cavalo levando diante de si um tropel de animais perfeitos semelhantes aos que lhe descrevera e a que eu dava o nome de Yahu com muitas outras particularidades, que disse ter esquecido, e de que não se dera o trabalho de guardar de memória, tomando-as com o mentiras.

Acrescentou que, em bora eu fizesse profissão de ter grande amor à verdade, quis que lhe desse a minha palavra de honra de ficar com ele durante toda a viagem, sem pensar em atentar contra a minha existência; que, em caso contrário, me encerrariam até que chegasse a Lisboa. Porém etilhe o que exigisse de mim, mas protestei, ao mesmo tempo, que preferia sofrer os mais desagradáveis tratamentos a consentir em voltar a viver com os Yachus do meu país.

Nada se passou de notável durante a nossa viagem. Para testem unhar ao capitão quanto estava sensibilizado pelas suas bondades, conversava com ele algumas vezes por gratidão, quando me pedia instantemente que lhe falasse, e tentava, então, ocultar a minha misantropia e a minha aversão por todo o gênero humano. No entanto, escaparam-me, por vezes, alguns ditos satíricos e mordentes, que escutava com o gentil-homem ou aos quais fingia não dar atenção. Passava, porém, a maior parte do tempo só e isolado no meu camarote, e não queria dar palavra a tripulante algum. Tal era o estado do meu cérebro, que a minha convivência com os huyhnhnms me enchera de idéias sublimes e filosóficas. Sentia-me dominado por uma extraordinária misantropia, semelhante a esses espíritos sombrios, a esses ferozes solitários, a esses mediativos censores que, sem terem freqüentado os huyhnhnms,

se me elindram por conhecer a fundo o carácter dos homens e por possuir um soberano desprezo pela humanidade.

O capitão pediu-me, várias vezes, que me despojasse das peles de coelho, e ofereceu-se para me em prestar tudo o que fosse necessário para me vestir dos pés à cabeça; agradeci-lhe, porém, os seus oferecimentos, sentindo horror em envolver o meu corpo com o que tinha sido usado por um Yahu. Consenti apenas em que me prestasse duas camisas brancas que, sendo muito bem lavadas, não me podiam sujar. Chegámos a Lisboa a 15 de Novembro de 1715. O capitão forçou-me então a vestir a sua roupa, para evitar que a escumalha nos apupasse pelas ruas. Levou-me para sua casa e quis que permanecesse com ele durante a minha estada nessa cidade. Pedi-lhe instantemente que me alojasse no quarto andar, num sítio afastado, onde não convivesse com pessoa alguma. Solicitei-lhe também o favor de não contar fosse a quem fosse o que eu lhe narrara acerca da minha permanência nos huyhnhms, porque, se a minha história fosse conhecida, seria em breve imortalizado com visitas, com uma infinidade de curiosos e, o que seria pior, talvez lançado às fogueiras pela Inquisição.

O capitão, que não era casado, só tinha três criados, um dos quais, o que me levava as refeições ao quarto, tinha boas maneiras comigo e parecia ter tão bom senso para um Yahu que a sua companhia não me desagradou, e conseguiu de mim que, de vez em quando, chegasse a uma fresta para tomar ar; em seguida persuadi-me a descer ao andar de baixo e a deitar-me em um quarto cuja janela dava para a rua; mas, a princípio, retirei tão depressa a cabeça quanto a deitara de fora; o povo feria-me e a vista. Contudo, fui-me paulatinamente habituando. Oito dias depois fiz-me descer para um andar mais baixo; por fim, triunfou tão bem da minha fraqueza, que me convidou a ir sentar-me à porta para ver os que passavam e, em seguida, acompanhá-lo algumas vezes pela rua.

D. Pedro, a quem explicara a situação da minha família e dos meus negócios, disse-me, um dia, que era obrigado por honra e consciência a voltar ao meu país e ir viver em minha casa com a mulher e os filhos. Ao mesmo tempo a visou-me de que estava no porto um navio pronto a fazer-se de vela para a Inglaterra e assegurou-me que forneceria tudo quanto eu carecesse para a minha viagem. Aleguei vários motivos, que me desviavam de voltar a viver no meu país e que me haviam feito tomar a resolução de buscar uma ilha deserta, onde pudesse findar os meus dias. Replicou que essa ilha, que eu desejava

procurar, era um a quem era, e que encontraria homens em toda a parte; que, pelo contrário, quando estivesse em minha casa, seria eu o dono e poderia permanecer solitário as vezes que me aprouvesse.

Por fim, rendi-me, não podendo fazer outra coisa; tinha-me, então, tornado um pouco menos selvagem. Deixei Lisboa em 24 de Novembro, e embarquei num navio mercante. D. Pedro acompanhou-me até ao porto e teve a amabilidade de me emprestar a soma de vinte libras esterlinas. Durante a viagem, não tive convivência com o capitão nem com os passageiros e pretextei uma doença para poder ficar sempre em meu camarote. A 5 de Dezembro de 1715 lançámos os ferros nas Dunas, quase às nove horas da manhã, e às cinco da tarde cheguei a Redriff de boa saúde e recolhi-me à casa. Minha mulher e toda a família, ao tornarem a ver-me, testem unham a sua surpresa e a sua alegria; com o que haviam julgado morto, entregaram-se a transportes que não posso exprimir. Beijei e abracei todos friamente, em virtude da ideia do Yahu, que não me saíra ainda do espírito, e por esse motivo não quis a princípio dormir com minha mulher.

O primeiro dinheiro que tive em preguei-o em comprar dois cavalos novos, para os quais mandei construir magnífica estabularia, que entreguei aos cuidados de um palafrenero de primeira ordem, a quem fiz meu confidente e favorito. O cheiro de estabularia encantava-me e eu passava aí quatro horas por dia a conversar com os meus cavalos, o que me fazia recordar os virtuosos húngaros.

No momento em que escrevo esta relação, há cinco anos que estou de volta da minha última viagem e vivo retirado em casa. No primeiro ano, foi a custo que suportei a presença de minha mulher e a de meus filhos, e quase que não pude comer em companhia deles. As minhas idéias mudaram com a continuação e hoje sou um homem comum, embora sempre um pouco misantropo.

CAPÍTULO XII

Invectivas do autor contra os viajantes antes que me entrem nas relações
- Justifica a sua - O que pensa da conquista, que se quisesse
fazer dos países que descobriu.

Dei-lhe, meu querido leitor, uma história com plena das minhas viagens durante o espaço de dezesseis anos e sete meses; e, nessa relação, busquei menos ser elegante e enfeitado do que verdadeiro e sincero. Talvez tenha na conta de fábulas e historietas tudo o que narrei e a que naturalmente não encontrou veros sem elhança; porém não me apliquei a procurar rodeios sedutores para dar força às minhas narrativas e torná-las críveis. Se me não acredita, queixe-se da sua própria incredulidade; quanto a mim, que não tenho gênio para ficções e possuo uma imaginação muito fria, relatei os fatos com tal simplicidade que devia curá-lo de todas as dúvidas.

É-nos dado a nós, viajantes que vamos aos países onde quase ninguém vai, fazer descrições surpreendentes de quadrúpedes, de serpentes, de aves e de peixes extraordinários e raros. Mas que serve isso? O principal fim de um viajante que publica a relação das suas viagens, não deve ser tornar os homens do seu país melhores e mais prudentes e citar-lhes exemplos

estrangeiros, seja para bem, seja para mal, para os excitar a praticar a virtude e a fugir do vício? Foi isso o que me propus neste trabalho e creio que me devem agradecer.

De todo o meu coração desejaria que fosse decretado por lei que, antes de qualquer viagem publicar a relação das suas viagens, jurasse em presença do lord grã-chanceler que tudo o que eu andasse a imprimir, fosse exatamente verdade, ou, pelo menos, que assim o julgasse. O mundo não seria talvez enganado com o que todos os dias. Dou antecipadamente o meu voto para essa lei e consinto em que a minha obra só seja impressa depois de que ela vigore.

Na minha mocidade percorri grande número de relações com infinito prazer; mas, desde que dei quase volta ao mundo, e vi coisas com os meus próprios olhos, perdi o gosto por essa espécie de literatura; prefiro ler romances. Desconfio de que o leitor pensa como eu.

Os meus amigos, julgando que a relação que escrevi das minhas viagens tinha um certo ar de verdade, que agradaria ao público, fizeram-me ceder aos seus conselhos e consenti na impressão. Sofri muitos desaires na minha vida, mas nunca tive

tendência para mentir, seguindo assim o preceito de Virgílio na Eneida.

Sei que não há muita honra em publicar narrações de viagens; que isto não demanda nem gênio nem ciência e que basta possuir uma boa memória ou ter

um diário exato; sei também que os fazedores de relações se assemelham aos dicionaristas e são, no fim de certo tempo, eclipsados, com o que aniquilados por uma multitude de escritores posteriores, que repetem tudo o que os outros disseram e acrescentam coisas novas. Talvez me aconteça o mesmo; viajantes irão aos países em que estive, inquirirão das minhas descrições, farão cair o meu livro e esquecer, talvez, o que nunca escrevi. Veria isso com o uma verdadeira mortificação, se escrevesse para a glória; com o, porém, escrevo para utilidade do público, nenhum cuidado me dá e estou preparado para todas as eventualidades.

Desejaria bem que o meu livro tivesse uma crítica severa; porém que se poderia dizer de um viajante que descreve países em que o nosso comércio não tem interesses e em que não se faz referência alguma às nossas manufaturas? Escrevi sem paixão, sem espírito de partido e sem querer ferir ninguém; escrevi para

um fim mais nobre, que é a instrução geral do gênero humano; escrevi sem ter em vista interesse algum ou vaidade, de maneira que os observadores, os examinadores, os críticos, os chicaneiros, os tímidos, os políticos e os pequenos gênios intrujões, os espíritos mais difíceis e mais injustos nada terão que dizer-me e não encontrarão ensejo para exercer o seu odioso talento.

Confesso que me fizeram com preceito que devia primeiro, com o bom súdito e bom inglês, apresentar ao secretário de Estado, no meu regresso, uma memória instrutiva concernente às minhas descobertas, visto com o todas as terras que um súdito descobre, pertencem, de direito, à coroa. Entretanto duvido que a conquista dos países de que se trata seja tão fácil como a que Fernando Cortez fez outrora de uma região da América, em que os espanhóis chacinaram tantos pobres índios nus e desarmados. Primeiro em ente, no que diz respeito ao país de Lilipute, é claro que a sua conquista não é coisa que valha a pena, pois não tiraríamos os lucros que pagassem as despesas feitas com uma esquadra e um exército. Pergunto se haverá prudência em ir atacar os Brodbingnagnianos. Seria muito interessante ver um exército inglês fazer ali uma descida! Ficaria contente, se fosse enviado a uma região onde se tem sempre sobre a cabeça uma ilha aérea, pronta a esmagar os rebeldes e com razão maior os inimigos de fora que quisessem se

apoderar desse império? É verdade que a conquista do país dos huy hnhms parece muito acertada. Esses povos ignoram o ofício da guerra; não sabem o que são armas de fogo e armas brancas.

Contudo, se eu fosse ministro de Estado, nunca estaria disposto a fazer semelhante conquista. A sua elevada prudência e a sua perfeita unanimidade são armas terríveis. Imagine-se, além disso, cem mil huy hnhms lançando-se furiosamente sobre um exército europeu. Que carnificina não fariam eles com os dentes e de quantas cabeças e estômagos não dariam cabo com as suas patas traseiras?

Mas, longe de pensar em conquistar o seu país, queria antes que o convidassem a enviar alguns da sua nação para civilizar a nossa, isto é, para a tornar virtuosa e mais sensata.

Uma outra razão evita que eu seja de parecer da conquista dessa região, e de crer que venha a propósito aumentar os domínios de Sua Majestade britânica com as minhas felizes descobertas; esta é a verdade: a maneira por que se tomou a posse

de um novo país descoberto causa- m e alguns ligeiros
escrúpulos. P or exem plo: um grupo de piratas é im pelido por um
a tem pestade para um a região desconhecida. Um m aruj o, do
alto da gávea, avista terra, e ei-los logo a singrar para lá.
Aportam , desem barcam na praia, vêm um povo desarm ado
que os acolhe bem ; logo dão um a nova denom inação à terra
e apossam -se dela em nom e do seu chefe. Erigem um m onum
ento que atesta à posteridade esta bela ação. Em seguida, põem
-se a m atar duas a três dúzias desses pobres índios e têm a
bondade de poupar- lhes outra dúzia, que m andam para as suas
cabanas. É este propriam ente o ato de posse que o direito divino
com eça a fundar.

Depois se m andam outros navios a esse m esm o país para
exterm inar m aior núm ero dos naturais; subm etem os chefes à
tortura para os obrigar a entregar os seus tesouros.

Confesso que o que aí fica não respeita à nação inglesa, que, na
fundação das colônias, faz sem pre brilhar a prudência e a j ustiça
e que, sob este ponto, pode servir de exem plo a toda a Europa.
Sabe-se qual o nosso zelo para fazer conhecer a religião cristã
nos países m odernam ente descobertos e felizm ente ocupados;
que, para aí fazer praticar as leis do cristianism o, tem os o

cuidado de m andar pastores m uito piedosos e m uito edificantes, hom ens de bons costum es e de bom exem plo, m ulheres e donzelas irrepreensíveis e de um a virtude bem dem onstrada, valentes oficiais, j uizes íntegros e, principalm ente, governadores de u m a reconhecida probidade, que fazem consistir a sua felicidade na dos habitantes do país, que não exercem tirania algum a, que não têm avareza, am bição, cupidez, m as unicam ente m uito zelo pela glória e pelos interesses do rei seu am o.

De resto, que interesse teriam os nós em querer nos apoderar dos países cuj a de sc riç ã o fiz? Que vantagens tirariam os do trabalho de acorrentar e m atar os naturais? Nesses países não há m inas de ouro ou de prata, nem açúcar, nem tabaco.

Se, no entanto, a corte for de parecer contrário, declaro que estou pronto a a te sta r, quando m e interrogarem j udicialm ente, que, antes de m im , europeu algum pusera os pés nestas m esm as regiões; tom o por testem unhas os naturais, cuj o depoim ento deve fazer fé. É verdade que se pode fazer chicana com relação a esses dois Yahus que citei, e que, conform e à tradição dos huy hnhnm s, apareceram sobre um a m ontanha e tornaram -se desde então a vergôntea de todos os Yahus que

infestam essa região. Não é difícil, porém, provar que esses dois antigos Yachus eram oriundos da Inglaterra; certos traços dos seus descendentes, certas tendências, certas maneiras o fazem pressupor. Quanto ao

mais, deixo aos doutores em matérias de colônias discutir este assunto e examinar se não se funda num título claro e incontestável pelo direito da Grã-Bretanha.

InfoLivros.org

